

# FRANCISCO NUNES DE MOURA

“O Caminho de Abraão” Como Contributo Para a Paz entre Judeus, Cristãos e Muçulmanos”

Disertação apresentado para obtenção do Grau de Mestre no Curso de Mestrado em Ciência das Religiões conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias com o Despacho de Nomeação de Júri nº 62/2019 de 28 de Fevereiro de 2019 com a seguinte composição de Júri:

Presidente: Professor Doutor João Almeida Santos

Arguente: Professor Doutor José Fialho Feliciano

Orientador: Professor Doutor José Manuel Brissos Lino

Vogal: Professora Doutora Mafalda Patuleia

Coorientador: Professor Dr. Paulo Mendes Pinto

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias  
Faculdade de Ciências Sociais Educação e Administração

Lisboa

2019

*Não há paz entre as nações*

*Sem paz entre religiões.*

*Não há paz entre as religiões*

*Sem diálogo entre as religiões.*

*Não há diálogo entre as religiões*

*Sem pesquisa de base nas religiões.*

*Não há paz mundial sem paz religiosa*

*Hans Kung*

## **Dedicatória**

Dedico este trabalho à minha filha Ana Rita, à memória do meu pai, e à minha querida mãe, que apesar das suas 95 primaveras, continua sorridente e grata à vida.

## **Agradecimentos**

Gostaria de agradecer em primeiro lugar a Deus companheiro fiel de todas as horas, que me deu saúde e força para chegar até aqui. Estou grato ao meu orientador Professor Doutor José Manuel Brissos, e em particular ao meu Coorientador e amigo Professor Doutor Paulo Mendes Pinto, que sem o seu suporte e apoio motivacional, teria sido muito mais difícil concluir este mestrado. Em boa hora me motivou a frequentar o Mestrado em Ciência das Religiões na Universidade Lusófona, cujas temáticas sempre foram parar mim uma paixão que me tem acompanhado ao longo da vida. Foi um deleite e um privilégio a frequência dessas aulas, não só pelo nível intelectual dos professores, mas, também, pela qualidade pessoal e intelectual dos meus colegas que embora de diferentes confissões religiosas, sempre houve espaço e abertura mental para mantermos um enriquecedor diálogo. Desse convívio, para alguns, ficou uma amizade que se perpetuará por toda a vida.

Também, quero manifestar o meu sincero agradecimento às diferentes entidades religiosas que responderam ao questionário, muitas das quais sempre me apoiaram ao longo da minha longa carreira profissional, e que pelo seu testemunho de vida me ajudaram a crescer enquanto pessoa. Também, não esqueço todas as outras pessoas que me apoiaram de diferentes formas para que fosse possível a conclusão deste mestrado.

## Resumo

O presente trabalho tem como objetivo apresentar um Relatório do Projeto “O Caminho de Abraão” como Contributo para a Paz entre Judeus, Cristãos e Muçulmanos, desenvolvido pelo autor, a partir de um trabalho prévio no terreno, de organização de duas peregrinações ecuménicas à Terra Santa, em 1995 e em 2005. Procurando sistematizar e tornar acessível ao público, sem perder o rigor e a profundidade histórica e antropológica, o projeto visa criar no futuro uma trilha de peregrinação ao Médio Oriente e ao Egito, seguindo os passos do profeta Abraão e do seu clã, pai na Fé para judeus, cristãos e muçulmanos, portanto, enquanto figura que une os três monoteísmos. Além do objetivo comercial, esta rota tem como principal finalidade dar um pequeno contributo, para o caminho da conciliação e pacificação do Médio Oriente, ao fortalecer pontes entre as culturas e as religiões abraâmicas, e fomentando o próprio desenvolvimento económico dessas regiões. Entre outros aspetos, o projeto materializa-se num roteiro descritivo dos locais que a tradição judaica acredita ter sido o itinerário percorrido há cerca de 3 800 anos pelo clã do Patriarca Abraão. Procurando fazer jus à classificação do Turismo como a “Indústria da Paz” este trabalho apresenta uma valiosa auscultação aos líderes religiosos sobre a pertinência da peregrinação, através de um questionário. O interesse demonstrado pelos representantes constitui uma garantia de viabilidade do projeto, a partir do momento em que esteja estabelecida a paz no Médio Oriente.

Palavras-chave: Turismo, Abraão, Médio Oriente, Diálogo para a Paz

## **Abstract**

The present study aims to present a Project Report "The Path of Abraham" as a Contribution to Peace among Jews, Christians and Muslims. This report was developed by the author, based on his previous work, when he organized two ecumenical pilgrimages to the Holy Land, in 1995 and 2005 respectively. In order to systematize and make it accessible to the public, without losing the historical accuracy and anthropological depth. The project intention is to create, in the future, a trail of pilgrimage to the Middle East and to Egypt, following the footsteps of the prophet Abraham and his clan. The iconic father in the Faith for Jews, Christians and Muslims. Therefore, as a holy figure that unites the three monotheisms.

In addition to the commercial income, the main purpose of this route, is to make a small contribution towards the conciliation and pacification of the Middle East, by strengthening bridges between the cultures and the Abrahamic religions, as well as promoting the economic development of these regions. Along with other matters, the project materializes in a descriptive itinerary based on the places, that the Jewish tradition believes to have been the itinerary travelled 3,800 years ago by the Patriarch Abraham and his clan. Justifying the Tourism designation as an "Industry of Peace". This work presents a valuable auscultation to religious leaders, through a survey, about the pertinence of the pilgrimage. The interest shown by the representatives, that share their positive opinions about this initiative, is a guarantee of the viability of the project, once the peace in the Middle East is established.

Keywords: Religious Tourism; Middle East; Abrahamic Religions; Dialogue for Peace

## **Abreviaturas dos Livros da Bíblia**

### **Antigo Testamento**

Pentateuco

Gn – Génesis

Ex- Êxodo

Nm- Números

Dt- Deuterónimo

### **Livros históricos**

Dn- Daniel

Ez- Ezequiel

Js- Josué

1 Rs- 1º Livro de Reis

2 Rs- 2º Livro dos Reis

1 Samuel

2 Samuel

## **Novo Testamento**

Act- Actos dos Apóstolos

Ap- Apocalipse

Heb- Carta aos Hebreus

Jo- João

Lc- Evangelho de Lucas

Mc- Evangelho de Marcos

Mt- Evangelho de Mateus



Índice

Epígrafe .....	2
Dedicatória .....	3
Agradecimentos.....	4
Resumo .....	5
Abstract .....	6
Abreviaturas dos Livros da Bíblia.....	7
Antigo Testamento .....	7
Livros históricos .....	7
Novo Testamento.....	8
Introdução.....	12
Apresentação e Objetivos.....	12
Motivações pessoais e o quadro profissional.....	12
Apresentação do Projeto .....	19
Organização do projeto.....	20
Organização do Relatório .....	20
Capítulo 1- Enquadramento: o Turismo Religioso, o Diálogo Inter-religioso Paz e Desenvolvimento, Sustentabilidade, Espiritualidade e a Prática Autêntica – um olhar pessoal .....	27
1.1. O turismo e o religioso.....	28
1.2. Um vislumbre histórico .....	29
1.2.1. Para uma definição.....	32
- Turismo:.....	32
- Turismo Religioso: .....	34
1.3. O turismo, o diálogo inter-religioso e paz.....	36
1.3.1. Paz e desenvolvimento .....	38
1.4. Sustentabilidade, Espiritualidade e a Prática Autêntica – um olhar pessoal .....	40
Capítulo 2 - Formação: materiais de contextualização a fornecer aos guias e profissionais.44	
Enquadramento Geográfico, Histórico e Antropológico da Mesopotâmia, Canaã e Egito. ...	44
2.1. Mesopotâmia.....	45
2.2. Canaã (Terra Prometida).....	45
2.3. Egito (território nordeste).....	45
2.4. Enquadramento histórico e antropológico da Mesopotâmia, Canaã e Egito. ....	46
2.5. Os Amoritas e a relação com a Bíblia.....	47
2.6. O Renascimento Sumério .....	51

2.7. O Império Babilónico e o Rei Hammurabi.....	51
2.8. Os códigos da Mesopotâmia: Ur Nammu, Lipit- Ishtar e de Hammurabi.....	52
2.9. Canaã .....	54
2.10. O Egito .....	55
2.11. Os Patriarcas: Abraão Isaac e Jacob .....	57
2.12. Abraão segundo a visão do Islão.....	65
2.13. A Caminho do Monoteísmo .....	74
2.14. O Antigo Testamento.....	80
Capítulo 3 - Projeto de Itinerário "O Caminho de Abraão" como contributo para a Paz entre judeus cristãos e muçulmanos".....	85
3.1. Itinerário Seguindo Os Passos De Abraão .....	87
3.2. Descrição Do Itinerário .....	93
Bagdade.....	93
<i>Babilónia</i> .....	95
UR.....	99
Mari (Hariri) .....	101
Dura Europos .....	103
Haran .....	104
Urfa (Cidade Dos Profetas) .....	106
Tell de Göbekli Tepe. ....	106
Alepo.....	108
Telnessin.....	109
Ebla.....	109
Ugarit (Ras Shamra) .....	110
<i>A Fortaleza De do Krak Dos Cavaleiros</i> .....	111
Maalula .....	112
Damasco.....	112
Bosra.....	119
Jerash (Antiga Gérasa) .....	120
Amã .....	125
Madaba.....	127
Monte Nebo.....	128
Betânia.....	130
Nablus (Shjem) .....	131
Jericó .....	134

Mar morto.....	137
Grutas de Qumran.....	140
Betel.....	141
Conclusão.....	192
Bibliografia.....	200
Anexos .....	I
Anexo 1- Inquerito.....	II
Anexo 2- Resposta ao Inquérito .....	III
Apêndices.....	IV
Apêndice I- Artigos de Imprensa.....	IV
Apêndice II- Fotografias.....	V
Apêndice III Mapas.....	VI

**Introdução**

**Apresentação e Objetivos**

**Motivações pessoais e o quadro profissional**

### O trabalho com a «Terra Santa»

Após a conclusão, em 1972, do curso de Turismo do I.N.P. (Instituto de Novas Profissões iniciámos a nossa vida profissional no "mundo das viagens". (Anos mais tarde após o reconhecimento do referido curso por parte do Ministério da Educação Nacional, em 15 de julho de 1999, obtivemos a equivalência ao grau académico de Bacharelato do Curso Superior de Turismo do mesmo Instituto, com a classificação final de 16 valores. Em 21 de Julho de 2000, no Instituto Superior Politécnico Internacional, concluímos a Licenciatura Bietápica, em Gestão Turística e Hoteleira, com a classificação final de 16 valores). Desde o início da carreira que tivemos como ambição conhecer o mundo, particularmente, o Médio Oriente, esse espaço geográfico, cultural, histórico e até mental que foi palco do devir das grandes civilizações de que hoje descendemos.

Nessa longa atividade profissional, já com mais de 40 anos, dedicada à organização de viagens, cedo desenvolvemos paixão pela temática do turismo religioso e cultural. Temos o orgulho de ter sido em Portugal dos pioneiros na promoção e divulgação, junto de muitas comunidades judias e particularmente cristãs, dos locais bíblicos ligados ao Antigo e ao Novo Testamento, que hoje se encontram espalhados pelos territórios do Líbano, da Síria, da Turquia, da Jordânia e, principalmente, de Israel.

Cumulando um trabalho sistemático e reconhecido pelos parceiros, como reconhecimento desse trabalho, continuado na promoção de viagens de carácter religioso para a chamada "Terra Santa", fomos agraciados pelo Ministério do Turismo de Israel, com a distinção Certificate of Appreciation, primeiro em 1990, por ocasião de 15 anos, e mais tarde em 2010, depois de 35 anos na divulgação e promoção de Israel, particularmente junto de comunidades cristãs. Ambas as cerimónias tiveram lugar em Jerusalém.

Já antes, em dezembro de 1995, fomos igualmente distinguidos pela companhia aérea El-Al como "*Cidadão El-Al*" tendo nessa data já levado a Israel mais de 50.000 turistas, religiosos na sua maior parte. A entrega desta distinção, teve lugar em Lisboa, e noticiada pelo jornal Correio da Manhã na sua edição de 2 de janeiro de 1996, aquando do já então tradicional almoço de Natal da Professional Tours, empresa por nós cofundada, e espelho da sua atividade profissional.

Esta cerimónia marca, aliás, mais que o reconhecimento de uma atividade profissional, a validação de uma postura, não só da "Professional Tours" e do seu gerente, mas também do próprio Estado de Israel perante o turismo. O Embaixador de Israel, no seu discurso, afirmava categoricamente que "*O Turismo é uma das estratégias do processo de*

*paz em Israel*" (Benjamin, 1996, <sup>1</sup> salientando que os contactos turísticos fomentam o "conhecimento mútuo que proporcionam entre os povos" (idem, p.14)<sup>2</sup>.

Esta afirmação não era proferida num momento qualquer; estávamos num ambiente internacional muito específico: por um lado, os Acordos de Oslo assinados em 1993, que implicariam a entrega do Prémio Nobel da Paz a Yasser Arafat (1929-2004), a Shimon Peres (1923-2016) e a Yitzhak Rabin (1922-1995), em 1994; mas, por outro, a pouco mais de um mês do assassinato do último. É neste contexto de sonho, mas também de dramaticidade, que o embaixador Benjamin Oron citava Yitzhak Rabin, o falecido obreiro da paz, para afirmar que "*um alto nível de vida para todos os povos é a melhor garantia de paz na região*" <sup>3</sup>

Desenvolvendo ainda mais a sua linha de pensamento baseada em Rabin, Oron afirmava na sessão de entrega deste prémio que a consolidação do esforço de paz na região deveria assentar "*na criação de um Mercado Comum similar ao que já existe na Europa*", que no "Médio Oriente pode começar com uma comunidade da Água e do Turismo"<sup>4</sup>. Acrescentava, ainda, "*o Turismo é um dos capítulos mais dedicados à construção da paz no novo Médio Oriente, pois estabelece a abertura de fronteiras e desenvolve todo um conjunto de infraestruturas básicas*". O turismo era, aqui, catapultado para uma importância próxima do bem mais precioso na região, a água, demonstrando o seu lugar na forma como o governo israelita de então o encarava.

Nessa cerimónia, afirmávamos como natureza do nosso trabalho:

A Professional Tours orgulha-se de aparecer como uma ponte entre o mundo católico e o mundo judaico de poder contar com os padres portugueses que, nas suas paróquias, organizam autênticas embaixadas de paz em honra dos povos que formam o Médio Oriente". *Contra o receio de muitos angariadores de grupos, a dimensão religiosa que transformava o turista em peregrino, ajudava a ultrapassar os receios criados pelo que os media veiculavam*"<sup>5</sup>

---

1 Oron, Benjamin, in N. G. [Novais Granada], "Estratégia de paz passa pelo turismo", *Correio da Manhã*, 2 de janeiro de 1996, p. 14, cl. 1.

2 Idem, p.14, cl.1

<sup>3</sup> Oron, Benjamim, in NG (Novais Granada) "Estrategia de Paz passa pelo Turismo" *Correio da Manhã*, 2 de janeiro de 1996, p. 14, cl. 1.

4 idem, p. 14, cl. 1.

5 ibid, p. 14, cl. 3.

### A primeira peregrinação inter-religiosa (1995)

Contudo, esse marcante momento, no final de 1995, era o corolário, não só de mais de duas dezenas de anos de trabalho no campo do turismo religioso, como de uma iniciativa mais recente que abraçáramos nesse ano de 1995. Numa organização conjunta entre a "Professional Tours", por nós gerida, e a revista paulista "Família Cristã", dirigida pelo Pe. Agostinho França, no dia 17 de fevereiro de 1995 era apresentada "a Peregrinação Interconfessional pela Paz e Tolerância". Para além dos dois já referidos elementos dinamizadores, contava a conferência de imprensa que apresentou o projeto com os seguintes oradores: Pe. Alexandre Bonito, Igreja Ortodoxa, Mahomed Abed, da Comunidade Islâmica de Lisboa, e Isaac Assor, da Comunidade Israelita de Lisboa.

O périplo era vasto e os líderes religiosos estavam francamente imbuídos de um espírito ecuménico, como podemos comprovar através de algumas das suas declarações.

O Pe. Agostinho França enfatizava a origem comum dos credos e a crença num mesmo Deus:

"Para trilharmos os caminhos de Abraão, nosso pai na fé, a quem Deus prometeu uma descendência mais numerosa que as areias das praias do mar. Enraizados na fé no mesmo Deus, Judeus, Cristãos e Muçulmanos são a descendência de Abraão" (França, 1995, p.13) <sup>6</sup>.

"A Oração ao mesmo Deus em que acreditamos pode avivar em nós maiores sentimentos de filiação e de fraternidade" (idem, p.13).<sup>7</sup>

O Pe. França enquadra-se, naturalmente, na ação ecuménica desenvolvida pelo Sumo Pontífice, afirmando:

"A ideia de preparar encontros históricos tanto em Belém, Jerusalém e no Sinai, lugares de grande valor simbólico, para intensificar o diálogo com os Hebreus e os fiéis do Islão, como encontros com representantes das grandes religiões do mundo noutras cidades".<sup>8</sup>

"Algumas centenas de portugueses de confissão judaica, cristã e muçulmana vão peregrinar em comunhão de fé para testemunhar ao mundo o jeito de ser português: na convivência pacífica, na tolerância e na amizade".<sup>9</sup>

Isaac Assor destacava a ideia de peregrinação como elo comum, dizendo que "a ideia de peregrinação o alegra, pois pode ser partilhada por todas as grandes religiões"<sup>10</sup>.

---

6 França, Agostinho, Pe., in Novais Granada, "Portugueses de várias religiões unem-se para rezar pela paz", in *Correio da Manhã*, id\_18 de Fevereiro de 1995, p. 13, cl. 5.

7 idem, p. 13, cl. 5.

8 Ibidem, p. 13, cl. 5.

9 Ibid., p. 13, cl. 5.

10 Ibid., p. 13, cl. 5.

Mohamed Abed ia mais longe na comunhão, sendo sua a frase mais ecuménica, de diálogo e de respeito que, aliás, é usada em destaque nesse artigo no jornal *Correio da Manhã*: "*Nós vamos às vossas orações e vocês vão às nossas*".

A viagem, que teria lugar entre os dias 21 e 29 de junho desse ano, teve um programa intenso, com visitas a um largo grupo de lugares religiosos das confissões presentes. Sigamos a reportagem:

"Monte Sinai e Mosteiro Ortodoxo de Santa Catarina (Egipto); travessia do Mar Vermelho até Aqaba (Jordânia), com visita à sua Mesquita; ainda na Jordânia, visitas e orações em Petra, Madaba, Monte Nebo, Amã e Jerash.

Entrada em Cafarnaum (Israel), com paragens na antiga Sinagoga e na casa onde se crê ter nascido o apóstolo Pedro, sem esquecer a Igreja da Multiplicação dos Pães e dos Peixes e a Igreja de Tabga.

Viagem em barco pelo Mar da Galileia, cenário dos primeiros prodígios e pregação de Cristo; continuação para Nazaré, com visita à Igreja Ortodoxa, Mesquita e Basílica da Anunciação.

Já no Monte Scopus, fronteiro às muralhas de Jerusalém, uma saudação especial à comovente cidade-santuário de grandes religiões que oram a um só Deus, conhecida desde tempos bíblicos por «Cidade Santa».

Em Israel, a peregrinação completa-se no Monte das Oliveiras, Igrejas da Ascensão e do Pater Noster, descida a pé pelo Cemitério Judaico, idas à Igreja Ortodoxa e Túmulo da Virgem, Monte Sião, Cenáculo, Túmulo do Rei David e Igreja da Dormição. E ainda: maqueta do Segundo Templo, Grande Sinagoga e Museu do Holocausto, que recorda os seis milhões de Judeus vítimas do Nazismo.

Os peregrinos plantarão uma árvore por intenção da Paz e Tolerância entre os Povos no bosque de Jerusalém.

A viagem prossegue em Jerusalém: passagens pelo Muro das Lamentações e pelas Mesquitas Muçulmanas de Omar e Al Aqsa, pelo Santo Sepulcro e Jardim do Túmulo, este pertencente à Igreja Evangélica.

Termina em Belém, na Igreja Ortodoxa de Justiniano e Igreja Católica de Santa Catarina".<sup>11</sup>

Participaram cerca de 200 cidadãos, na sua maioria católicos, mas a presença multirreligiosa foi patente, seja na constituição do grupo, seja nos locais visitados, assim como na forma como decorreram os momentos de oração.

---

11 Granada, Novais, "Portugueses de várias religiões unem-se para rezar pela paz", *Correio da Manhã*, 18 de Fevereiro de 1995, p. 13, cls. 2-5.



A este respeito, o jornalista que acompanhou esta peregrinação, afirmava:

“Momentos de muita intensidade religiosa foram vividos por todos os peregrinos nas orações coletivas pela paz e tolerância realizadas nas mesquitas árabes de Al-Aksa e de Omar e, ao lado, já no campo sagrado dos Judeus, junto ao «Muro das Lamentações» (Granada, 1995, p.23).<sup>12</sup>

#### A segunda peregrinação inter-religiosa (2005)

Finda esta primeira experiência, a avaliação realizada apresentava duas fragilidades. Por um lado a ainda escassa adesão de membros de outras confissões religiosas que não os católicos – de facto, para além das lideranças, que aderiram de imediato ao projeto, apenas crentes católicos se inscreveram; por outro lado, era necessário dar mais coerência temática ao circuito turístico apresentado: não bastava visitar, estar e orar em espaços religiosos de outras confissões – a narrativa presente no itinerário já deveria, ela mesma, sem necessidade de grandes explicações, mostrar uma dimensão de diálogo.

Foi neste momento que nos surgiu como natural a ligação da ideia de Paz à base comum religiosa de Judeus, Cristãos e Muçulmanos: a figura do Patriarca Abraão. Aliás, esta figura mítica a quem Deus fizera a primeira promessa, será o centro de parte muito significativa dos esforços mais inovadores de diálogo exatamente em torno de 2005.

A 3 de Julho de 2016 era apresentado em Lisboa o Fórum Abraâmico de Portugal, que juntava as comunidades judaica, cristã e islâmica. Segundo o comunicado difundido pelo próprio Fórum, *esta nova instituição tinha como objetivos, entre outros, “aprofundar os pontos de diálogo entre as tradições judaica, cristã e islâmica”<sup>13</sup>, “realçar as afinidades e semelhanças, ou seja, as pontes que unem as três religiões reveladas através da Torá, da pessoa de Jesus e do Corão”<sup>14</sup>.*

A afirmação do dever de construir a paz reflete-se nesse comunicado, afirmando as *“ideias de harmonia e concórdia que devem existir entre os praticantes das três religiões monoteístas”<sup>15</sup>*, salientando *“a vertente positiva das mesmas religiões”* e realçando a errada

---

<sup>12</sup> Granada, Novais, “Portugueses de quatro religiões oraram em comum pela paz”, *Correio da Manhã*, 16 de julho de 1995, p. 23, cls. 1-2.

<sup>13</sup> “Fórum Abraâmico de Portugal junta comunidades; judaica, cristãs e islâmica”, *Ecclesia*, 4 de Julho de 2006: <http://www.agencia.ecclesia.pt/portal/forum-abraamico-de-portugal-junta-comunidades-judaica-cristas-e-islamica/> - consultado a 28 de Maio de 2018.

<sup>14</sup> idem - consultado a 28 de maio de 2018.

<sup>15</sup> ibidem - consultado a 28 de maio de 2018.

e indevida utilização e invocação de valores religiosos para a prática de atos contrários à dignidade humana, à religião e às leis de Deus" <sup>16</sup>.

Esta instituição, apresentada ao Presidente da República, Jorge Sampaio, às 12h e publicamente às 18h.30 na Biblioteca João Paulo II, na Universidade Católica Portuguesa, em Lisboa, tinha como coordenadores Abdool Vakil, da Comunidade Islâmica de Lisboa, José Oulman Carp e Esther Mucznik, presidente e vice-presidente da Comunidade Israelita de Lisboa, e o Pe. Peter Stilwell, diretor da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa. Segundo este último, "*O objetivo é estimular o conhecimento das três religiões e respetivas comunidades, de modo a quebrar preconceitos*" <sup>17</sup>.

Contudo, a nossa proposta ia mais longe, não esquecendo a quarta religião abraâmica, a Fé Bahá'í. Mário Mota Marques, responsável pelas relações públicas desta religião monoteísta de tradição abraâmica, nascida em ambiente islâmico xiita, na Pérsia no século XIX, faria parte desta segunda peregrinação. Da mesma forma, nesta viagem que fora prevista para os dias de 5 a 12 de setembro de 2005, seria visitado, não apenas o Templo Bahá'í em Haifa, mas também o Jardim do Túmulo, entregue à Comunhão Anglicana. Infelizmente, este segundo projeto de peregrinação, apesar do sucesso de inscrições acabou por não se realizar, devido a problemas de segurança.

Seguindo o objetivo de continuarmos a querer um dia projetar uma viagem seguindo os passos de Abraão, envidámos todos os esforços junto da Embaixada do Iraque com vista a alargar a peregrinação aos lugares do Iraque ligados a Abraão, os únicos que ainda não tínhamos visitado. Após várias tentativas, finalmente, em 2004, o Ministério do Turismo do Iraque, do Governo do Presidente Sadam Hussein, conhecedor através da sua embaixada em Lisboa do interesse de querer visitar esses locais, especialmente Ur, para a elaboração do projeto do "*Caminho de Abraão*", convidou-nos para participar num Congresso Internacional de Turismo que iria ter lugar em Bagdade.

O convite foi de imediato aceite com muito entusiasmo pois era uma oportunidade única. Essa viagem viria a transformar-se numa autêntica aventura, pois as autoridades locais terão admitido a possibilidade de estarem perante um hipotético espião ao serviço dos EUA, o que nos obrigou a uma saída do Iraque antes da visita à histórica Nínive. Contudo, apesar do incómodo e do receio, tivemos oportunidade de visitar, quer as ruínas da antiga Babilónia, "*A Porta dos deuses*", quer a mítica Ur, onde se destacam o zigurate e as ruínas da chamada "*Casa de Abraão*", lugares fundamentais no projeto que agora apresentamos.

---

<sup>16</sup> Ibid. - consultado a 28 de maio de 2018.

<sup>17</sup> Marujo, António, "Fórum Abraâmico nasce hoje com crentes de três religiões", *Público*, 4 de Julho de 2006: <https://www.publico.pt/2006/07/04/jornal/forum-abraamico-nasce-hoje-com-crentes-de-tres-religioes-87258> - consultado a 27 de Maio de 2018.

## **Apresentação do Projeto**

O Projeto aqui apresentado resulta de dois pontos confluentes. Por um lado, o lastro criado aquando da organização anterior das duas peregrinações ecuménicas à Terra Santa (1995 e 2005) conduziu-nos naturalmente a uma terceira iniciativa, esta ainda mais centrada na figura e no trajeto que as tradições religiosas atribuem a Abraão. Por outro lado, a percepção de que urge as iniciativas que fomentem a paz e o respeito e ajudem ao desenvolvimento. Após tantos anos de guerras no Médio Oriente, é impossível ficar sem nada fazer. O lançamento desta iniciativa é, pois, um pequeno contributo.

Assim, temos como intenção primeira na proposta deste itinerário, a de que num futuro próximo, após o estabelecimento da paz na região, que todos esperamos seja rápido, se possa promover em Portugal a criação duma trilha de peregrinação ao Oriente Médio e ao Egito, seguindo os passos do profeta Abraão e do seu clã, pai na Fé para judeus, cristãos e muçulmanos. Abraão é a figura que une os três monoteísmos.

Além do objetivo comercial, esta rota tem como principal finalidade dar um pequeno contributo, para o caminho da conciliação e pacificação do Médio Oriente, ao fortalecer pontes entre as culturas e as religiões abraâmicas, fomentando o desenvolvimento.

Estamos, pois, convictos, de que em Portugal existem as condições sociológicas e culturais para a efetivação deste projeto, que engloba algumas das maravilhas do mundo e dos mais representativos e emblemáticos locais ligados à história da cultura ocidental.

Com a possível materialização deste projeto, os turistas/peregrinos irão contribuir para o desenvolvimento económico dessas regiões, nomeadamente, relacionado com a indústria turística (hotelaria, restauração, agências de viagens, guias de turismo e artesanato).

Julgamos ter as condições para o sucesso do projeto e para Portugal ser um exemplo para o mundo. Em Portugal estamos a iniciar uma fase de transição entre culturas e religiões. O caso da Mesquita Central de Lisboa é um bom exemplo de integração e de aceitação de pessoas que não pertencem ao Islão, com várias ações caritativas, nomeadamente pelo Natal, disponibilizando-se a ajudar os mais necessitados sem olhar à sua religião. Estamos, pois, com estes gestos, que também existem em muitas comunidades cristãs, a conseguir dialogar, e dessa forma a conhecer melhor o outro e a respeitá-lo. As guerras religiosas foram sempre fruto da ignorância.

Este pequeno gesto português de elaborar "*O Caminho Abraão*", poderá ser um pequeno passo, seguido por outros, a caminho da conciliação, da pacificação do Oriente Médio. Com a materialização desta proposta, de um itinerário de peregrinação que se inspire pela passagem dos locais que a tradição judaica acredita que foi o itinerário

percorrido há cerca de 3 800 anos pelo clã do Patriarca Abraão, faz-se jus à classificação do Turismo como a "Indústria da Paz".

### **Organização do projeto**

- Elaboração do percurso de Abraão (de Ur ao Egito);
  
- Redação dos materiais de suporte ao acompanhamento da peregrinação (roteiro descritivo dos locais a visitar);
  
- Auscultação aos líderes religiosos sobre a pertinência da peregrinação.

Os comentários, a auscultação a personalidades de várias religiões, ligadas ao Judaísmo, Cristianismo e Islão, sobre o interesse da materialização desta proposta, são a garantia da materialização deste projeto, a partir do momento em que esteja estabelecida a paz no Médio Oriente.

### **Organização do Relatório**

A organização deste relatório no sentido de ser apresentado para obter o grau de Mestre em Ciência das religiões não podia deixar de arrancar com uma reflexão sobre o objeto e sobre o objetivo. Se o Turismo de uma forma geral, é uma atividade que se cimentou na cultura ocidental, tendo um lastro de cultura e de negócio indiscutível, o Turismo Religioso é uma realidade mais recente na sua estruturação autónoma e com implicações culturais e religiosas muito mais profundas e melindrosas. É, pois, fundamental, começar este trabalho por perceber e definir o que entendemos por Turismo Religiosos e como nos posicionamos perante ele.

Desta forma, **o primeiro capítulo** que reflete essa necessidade de entender, definir e enquadrar o que nós próprios entendemos por Turismo Religioso, integrando a nossa reflexão na longa história das peregrinações, assim como das vontades e desafios que hoje se colocam no campo da paz e do diálogo. Sim, porque se viajar se sustenta como objetivo em si através da ideia e da prática da fruição, a dimensão religiosa tem implicações nos sujeitos, sejam os visitantes, sejam os visitados, muito mais profundas e não necessariamente inócuas.

Nesse primeiro capítulo, «**Enquadramento: o Turismo Religioso o Diálogo Inter-religioso e a Paz**», abordamos cinco dimensões complementares que nos clarificam o posicionamento deste trabalho: «O turismo e o religioso», «O turismo religioso – um vislumbre histórico», «O turismo, o diálogo inter-religioso e a paz» e *Paz e o Desenvolvimento e a Sustentabilidade*.

Na primeira dimensão vamos ao encontro do aspeto, porventura o mais importante das problemáticas em jogo: a natureza inevitavelmente religiosa dos destinos religiosos, partindo a noção e da prática da peregrinação. De facto, é-nos impossível compreender hoje, abarcar a total significância do Turismo Religioso, se não tivermos como base, como ponto de partida a ideia de peregrinação. E a peregrinação não surge nas tradições abraâmicas como um pequeno detalhe de uma qualquer piedade, mas sim como fundante do próprio fenómeno religioso. Se queremos dar um contributo para a paz através das viagens, então temos de ter sempre presente que a formulação religiosa onde que remos trabalhar pega na viagem aos locais sagrados como estruturante da crença e das práticas.

É neste sentido que partimos para a segunda dimensão: «O turismo religioso – um vislumbre histórico». A construção de um roteiro centrado em parte significativa dos locais de peregrinação das religiões abraâmicas necessitava de um olhar para a sua própria história no Mundo Mediterrânico. Não apenas nas tradições monoteístas, mas até nas politeístas que encontramos uma valorização da viagem e da peregrinação, levando esta ideia e prática para horizontes de mentalidades muito profundos. É esse o olhar, qual tomada de consciência, que fazemos neste segundo ponto, percorrendo o tempo com uma breve "história" do peregrinar.

Por uma questão de justificação do próprio projeto, fomos obrigados à mais premente reflexão nesta atividade profissional. No ponto «O turismo, o diálogo inter-religioso e a paz» equacionamos, na sua complexidade, a efetiva validade do Turismo Religioso como ferramenta, como "arma" para o diálogo, percebendo as suas mais-valias, mas também as suas limitações.

De facto, se o viajar não for apenas fruição, mas se tiver um objetivo mais profundo, mais vasto que não se esgote no indivíduo, há que verificar as suas implicações, seja nos sujeitos que viajem, seja nos que acolhem. Isto é, de que forma o ir a um local pode alterar positivamente quem vai e quem recebe? Esta equação é complexa e pode, facilmente, cair em visões e práticas de subalternização cultural, senão, mesmo, de novos colonialismos, em tudo destruídos de qualquer patamar de diálogo.

No ponto em que abordamos o Turismo Sustentável, Espiritualidade e Prática autêntica, ficou claro a necessidade de se caminhar urgentemente no sentido de adoção de políticas que vão ao encontro do turismo sustentável, com dois propósitos. Por um lado a

atividade turística tem de contribuir do ponto de vista económico, numa forma concreta e objetiva, para um melhor nível de vida das populações, particularmente, dos países mais pobres. Por outro lado, devem ser incentivadas ações que passem pela valorização humana das populações locais, não apenas como veículo de cultura, mas incentivando políticas que vão no sentido duma maior aproximação dos povos, de forma a esbater preconceitos, dando assim espaço uma maior sensibilidade de aceitação do diferente.

A política de massificação do turismo balnear desenvolvida, particularmente, entre as décadas de 60 a 80 do século, com a construção excessiva de estruturas destinadas ao ramo hoteleiro, que, hoje, podemos observar um pouco por todo o mundo, e que levou à destruição de muitos paraísos ecológicos, tem de ser substituída por políticas que respeitem e preservem o ambiente natural.

O turista do futuro próximo estará cada vez mais sensibilizado e preocupado com a problemática do ambiente do planeta, e por isso será muito mais criterioso na seleção dos destinos a visitar. Demos como um bom exemplo duma política de turismo sustentável, o trabalho desenvolvido entre as entidades oficiais e a população local, na cidade histórica de Mompox, na Colômbia.

É pelas razões antes apontadas que um projeto que pretenda pegar no Turismo Religioso, dando-lhe um cunho inequívoco de construtor de paz e criador de pontes, que o guia, o organizador de grupos de viajantes, tem de estar plenamente ciente, não apenas dos elementos histórico-patrimoniais, para "guiar" bem, como das implicações e choques que a sua atividade pode gerar. Da mesma forma que se podem estabelecer ligações que resultem em desenvolvimento e em diálogo, também se podem criar representações em tudo destruidoras da aproximação. Foi esta a reflexão a que não nos quisemos resguardar, por mais que ela possa ser potencialmente incómoda.

**O segundo capítulo** é composto por uma **descrição geográfica e histórica da zona da Mesopotâmia**, território hoje ocupado pelo Iraque, Kuwait, Síria, Turquia e ligeiramente do Irão, e dominada pelos grandes rios Tigres e Eufrates. Também descrevemos os territórios da antiga Canaã, a Terra Prometida, hoje ocupada pelo Estado de Israel (inclusive as Colinas de Golã), Faixa de Gaza, e da Cisjordânia, parte da Jordânia (uma faixa na margem oriental do Rio Jordão), do Líbano, a zona sul do litoral da Síria junto ao Mar Mediterrâneo, e da zona do nordeste Egípcio. É feito um enquadramento histórico e antropológico da Mesopotâmia e de Canaã. Iniciamos a descrição, da zona para melhor enquadramento, em períodos muito mais recuados, onde no 6º milénio a.C., fruto de condições favoráveis ao desenvolvimento humano, muito antes do período calcolítico, surgem as primeiras urbes, e se assiste a um florescimento gradual, conforme são comprovados pelos importantes centros urbanos de Eridu e Uruk com a gravitação em seu

redor de aldeias de menor importância, bem como grandes áreas de agricultura, onde se desenvolvem técnicas de irrigação, do comércio, e onde tem lugar a invenção da escrita. Outro ponto importante é que nesta zona vai desenvolver-se a 'função pública' assim como uma complexidade religiosa, que na época vai ser de crescente importância.

Cerca do ano 2300 a.C., durante o reinado de Sargão da Acádia, ocorre a sedimentação do Império Acadiano face aos reinos de Hurrian e do Império de Elam. Segundo os historiadores, este império estará na origem do império babilónico. É um período que ficou marcado pela organização da administração e pelo desenvolvimento da burocracia, vital para a organização do estado, particularmente na função pública, a que se segue notável incremento urbanístico com a construção de importantes obras de arquitetura, assim como um notável desenvolvimento na área da literatura profana e religiosa. Estamos numa época em que a escrita era transmitida por pequenas placas de argila e que, embora paulatinamente, se vai massificando.

Naturalmente que o objeto deste estudo recaiu mais sobre o período Calcolítico, séculos XX ou XIX a.C. – apontado como mais ou menos contemporâneo do Clã de Abraão –, época em que floresceram grandes civilizações como a Hitita, Mari, Babilónica, Ugarítica, e dos Sumérios, que na Bíblia surgem como sendo habitantes de Sinar, ("terra de reis civilizados" ou "terra nativa") cujo território hoje faz parte do sul do Iraque e do Kuwait. Falamos dos Amoritas, povo que ocupou o território de Canaã, antes dos israelitas e da sua relação com a Bíblia. Um dos temas fortes deste capítulo, prende-se com a importância dos códigos de leis das antigas civilizações da Mesopotâmia, como o Código de Ur-Nammu, atribuído ao fundador da terceira dinastia de Ur (2.112 - 2.095 a.C.) "pai de Amurru". Por volta de 2.100 a.C., Ur-Nammu, expulsou os gútios e reunificou a região da Mesopotâmia que estava sob o controlo dos acadianos. Foi um rei enérgico, que construiu os famosos zigurates e promoveu a compilação das leis do direito sumério. Tratou-se de um importante tratado de leis primitivas (o mais antigo, encontrado até à data), com carácter social, sem esquecer o campo religioso, onde constam as leis que regimentavam a vida na Suméria, que atribuía uma penalização a cada crime. Lei distinta do que ocorria na importante cidade vizinha da Babilónia, onde imperava a política de "Olho por olho; e Dente por dente", no Código de Ur-Nammu, o condenado passava a ter de pagar ao lesado uma coima (coima que dependia do dano). Porém para os casos mais graves para crimes como homicídio continuava a observar-se o cumprimento da pena capital.

Em período posterior aproximadamente em 1772 a.C., surge o Código de Hammurabi, cujas leis se iriam manter por muitas gerações. O seu corpus, é composto por 282 leis, que tiveram em conta múltiplos aspetos da vida social de então, estando organizadas essas por grupos em conformidade com o domínio diverso que se inserem. De

salientar a presença de uma forma jurídica, em que existiria a presunção de inocência, e a necessidade do acusador trazer a lume a prova do facto imputado. Questões acerca do casamento, comportamento sexual, paternidade, e o divórcio encontram-se presentes no código. Também mencionamos o Código Lipit Istar, datado dos finais do 3º milénio onde se salienta a passagem no epílogo quando refere que o código "fazia cumprir o encargo divino de aplicar a justiça e o bem-estar do País."

Aquando da presença do Clã de Abraão no Egito, segundo os especialistas, terá coincido quando o país era governado pelo faraó Amenemhat III, e que correspondeu a uma época pacífica, considerada do ponto de vista económico como o apogeu do crescimento económico do Império Médio, onde se destacou a construção de um grande templo funerário perto do oásis em Hawara, dedicado ao deus crocodilo local Sobek, em Kiman Faris e de duas pirâmides, uma em Dahchur e outra em Hauara, onde aliás foi sepultado.

O texto bíblico relata-nos a presença de Abrão e de Sara no Egito, onde nalguns episódios sobressai a fraqueza e a debilidade de carácter do patriarca Abrão, como no episódio que temendo pela sua vida, devido à beleza da sua mulher a fez passar por sua irmã, entregando-a ao rei.

Todas estas culturas e civilizações influenciaram numa maneira indelével a história da humanidade e estiveram na génese da chamada "civilização Ocidental.

Neste segundo capítulo, também, **abordamos a história dos Patriarcas e as origens do Judaísmo**, invocando as razões que levaram o clã de Abraão a abandonar a sua terra e partir em direção à Palestina. O velho patriarca incorpora as fragilidades humanas, cujos defeitos de carácter constitui um drama espiritual. Todavia acabaria por ser ator dum processo de transformação e de crescimento espiritual, até assumir na plenitude a verdadeira natureza das revelações e dos compromissos que Deus lhe prometeu, para si e para os seus descendentes, com destaque para a prova do seu amor e obediência a Deus, que termina no episódio do sacrificio de Isaac, ocorrido no Monte Moriath, que vai ser substituído por um cordeiro. Este episódio é considerado como um passo civilizacional pois põe termo aos sacrificios humanos, na zona de Canaã. Relatamos também vários episódios relacionados com a vida de Isaac passada em Canaã, assim como da atribulada vida de seu filho Jacob, pai de 12 filhos que estão na génese da fundação das 12 tribos de Israel, e que foi obrigado a abandonar a casa paterna e a permanecer cerca de 20 anos na casa da família em Haran, onde iria a desposar Lea.

Tratamos, ainda, a maneira como o Islão olha a figura de Abraão, onde no centro da polémica, está a depreciativa forma como a Bíblia Hebraica, trata Ismael, face a Isaac, onde na cultura, judaico/cristã, se apresenta como único filho de Abraão.



**O caminho do Monoteísmo e a noção de divindade**, é a temática desenvolvida em 2.2 cuja origem surge pela primeira vez durante o III milénio a.C., na Suméria, na Babilónia e no Egito, portanto bem antes do judaísmo. A partir de certa altura no mundo semita, alguns deuses passam a ser mais que divindades. Todavia, a noção de Deus nestas culturas, estava longe da ideia de Deus no contexto judaico. Mais tarde no mundo semita, irá surgir um novo paradigma que se relacionava com a transcendência do divino, onde se exprimem uma questão de elementos cada vez mais distantes dos homens e mais próximos dos deuses. Das grandes divindades do mundo sumério cultuadas em Ur, destacava-se Inana, enquanto na vizinha Babilónia é criada a ideia que os mecanismos do Cosmos foram criados por uma única divindade, Marduc. A temática da criação, também, já era tratada no mundo egípcio, onde o clero vai defender que o mundo foi criado pelo seu deus, nomeadamente pelo deus Atum e pelo deus Ptah, ou seja, encontramos uma miríade de divindades como criadoras do mundo. Deve-se ao faraó Akenaton, monarca da XVIII dinastia, que entre 1352 e 1335 a.C., a primeira tentativa de monoteísmo, que impôs Aton como deus único.

Finalmente, no mundo semita, vai surgir o monopólio da criação do mundo por parte duma única divindade, Deus único, responsável pela criação do mundo. Todavia o caminho do monoteísmo judaico, iniciado por Abraão no séc., XIX a.C., vai percorrer um longo caminho de cerca de 12 séculos, até à sua consolidação que só terá lugar no séc. VI a.C., durante o exílio dos judeus na Babilónia.

Este capítulo termina com uma breve análise da história do **Antigo Testamento**, que contém a revelação de Deus ao povo de Israel, explicada por autores sagrados, e entendida como a verdadeira palavra de Deus, e que são um dogma de fé para o povo judaico. Lembramos que os livros que compõem o A.T. foram compilados ao longo de vários séculos, cujas versões mais antigas datam apenas de entre os séculos VIII e VI a.C., pelo que não é possível haver rigor histórico, em episódios, que apenas passaram a escrito no mínimo mais de 1000 anos após os acontecimentos.

**O terceiro capítulo** do trabalho é dedicado ao **Relatório e Projeto de Itinerário "O Caminho de Abraão"** como contributo para a Paz entre judeus cristãos e muçulmanos", que tenta seguir os caminhos que segundo as fontes bíblicas, foram trilhados pelo Clã de Abraão, na partida de Ur para a Terra Prometida. O Itinerário percorre territórios, espalhados pelo Iraque, Turquia, Síria, Jordânia, Autoridade Palestiniana, Israel e Egito. Claro que este percurso, carece de rigor histórico face à falta de fontes, assim como dos cerca de 4000 anos, que nos separam dos acontecimentos tratados. Esta viagem histórica é apontada pelos historiadores como tendo ocorrido entre os séculos XX ou XIX a.C. O itinerário contempla os locais mencionados no Antigo Testamento, que são suportados por

antiquíssimas tradições locais, que se perdem nos confins da história, como percorridos pelo Clã de Abraão, nomeadamente; Ur, Haran, San Urfa, Betel, Monte Moriat (Jerusalém), Manbre, Hebron, e Tel Be'er Sheva. O itinerário completa-se com a visita a outros locais de incontestável valor arqueológico e cultural, assim como para o mundo das religiões cristã e islâmica, nomeadamente; a Babilónia, o Templo de Gobelky Tepe, as ruínas do antigo Palácio Real de Mari, Dura Europos, Alepo Ugarit, Damasco, Bosra, Jerash, Monte Nebo, Betânia, Nablus, Jericó, Mar Morto/ Kum Ram Belém, Monte Sinai, Mosteiro de St Catarina, Cairo, Necrópoles de Gizé, de Sacará, de Dashur e Mênfis.

A última parte do trabalho termina com a **recolha e tratamento dos testemunhos** de várias personalidades ligadas ao Judaísmo, ao Cristianismo e ao Islamismo, convidadas através de um questionário, a pronunciarem-se sobre a importância deste Projeto que segue os Passos de Abraão, como contribuição para a Paz no Médio Oriente.

Com esta recolha de testemunhos, quisemos validar este projeto através da auscultação das lideranças religiosas nacionais. Não foi nosso objetivo obter uma validação comercial, mas sim uma validação que resulta do conhecimento do nosso trabalho há várias dezenas de anos, assim como de um olhar centrado na temática fundamental deste projeto: o Turismo Religioso, especificamente, o «*Caminho de Abraão*», como uma possibilidade de desenvolvimento de uma cultura de e para a paz.

**Capítulo 1- Enquadramento: o Turismo Religioso, o Diálogo Inter-religioso Paz e Desenvolvimento, Sustentabilidade, Espiritualidade e a Prática Autêntica – um olhar pessoal**

### **1.1. O turismo e o religioso**

No território do Próximo Oriente, que é o objeto deste estudo, possuímo um maior conhecimento acerca das migrações, por existirem evidências arqueológicas e inclusivamente alguns documentos escritos. Nelas se inscrevem as que encontramos narradas nos textos bíblicos: a peregrinação de Abraão de Ur dos Caldeus, na Baixa Mesopotâmia, em direção a Harran, a sua descida a Canaã e ao Egito, para depois voltar em direção a norte e se fixar em Hebron; a peregrinação do povo Hebreu, do Egito em direção à Terra Prometida; muitas outras em direção a santuários e templos localizados em lugares que assumem um grande significado histórico, teológico e espiritual.

Os livros do Pentateuco, particularmente o Génesis, o Êxodo, Números e o Deuterónimo podem ser lidos como literatura de viagem por motivos de ordem religiosa. O fenómeno das peregrinações cristãs à Terra Santa, a Roma e a Santiago de Compostela, é universalmente reconhecido como elemento fundamental no desenvolvimento da unidade do Continente Europeu. A progressão geográfica no terreno simboliza sempre um caminho interior, religioso, espiritual, moral e mesmo cultural de alcance muito profundo na evolução de um povo ou da própria humanidade.

Podemos afirmar que as peregrinações, no sentido genérico, tiveram um papel decisivo na estruturação de pessoas e povos, pois contribuíram para ajudar a definir e a moldar a sua identidade religiosa e cultural, sem esquecer o forte contributo que deram na construção da organização social e económica das localidades.

O fenómeno da mobilidade humana por motivos religiosos, vem, pois, desde a mais remota antiguidade da peregrinação e está reforçada no mundo contemporâneo, onde a área do turismo religioso, a nível mundial, segundo a O.M.T., é um dos segmentos que mais tem crescido nas últimas décadas. Para uma importante parcela da sociedade humana, a procura in loco, de lugares ligados à sua fé religiosa, consubstancia a necessidade de sentir-se em caminho, e a peregrinação materializa esse desejo sob a forma de representação, desta sua condição de caminhante. Os locais, motivos de peregrinação, são etapas necessárias enquanto representações das metas que se perseguem na vida, enquanto sinais do ser humano de se ultrapassar a si mesmo, e são locais de encontro com a transcendência e um encontro com a Divindade.

## 1.2. Um vislumbre histórico

O gosto de viajar é inato ao próprio homem, pois sempre sentiu o desejo ou a necessidade de alargar os seus horizontes, de conhecer outros povos e poder estabelecer relações com outras culturas. As motivações para as deslocações de populações, foram ao longo dos séculos, das mais variadas, pois podiam ser de ordem religiosa, política, comercial, de expansão territorial, ou por simples curiosidade.

Alguns autores dividem a história do Turismo em três grandes etapas. A Época Clássica, que vai desde os primórdios da civilização até ao séc. XVIII; a Época Moderna, que ocupa o espaço do tempo, do séc. XVIII, até ao início da 2ª Grande Guerra e a Época Contemporânea, que medeia desde o início dos Anos 50, até aos nossos dias.

Porém, podemos dizer que o surgir desta atividade, só foi possível graças ao progresso económico e social operado no passado século, particularmente a partir dos anos 60, que permitiu o acesso às viagens a grandes massas populacionais, dando assim origem à criação de uma vasta rede de equipamentos destinados a produzir os bens e serviços para a satisfação das necessidades decorrentes dessas viagens.

Fazendo uma retrospectiva da história do Turismo, verificamos que, nesses tempos as principais motivações, que levavam os homens a movimentarem-se eram quase sempre de carácter religioso.

A história diz-nos que cerca de 5000 anos, os Antigos Egípcios, organizavam viagens de barco, para poderem visitar os vários santuários, que se estendiam ao longo do mítico rio Nilo. A história egípcia conta-nos ainda que a Rainha Hatshepsut, que viveu cerca de 1500 A.C., visitou como peregrina, o Templo de Der el Bahari, situado próximo do Vale dos Mortos, em Luxor.

Podemos também invocar o Antigo Testamento, lembrando êxodo dos Judeus, que sob a batuta de Moisés, saiu do Egito, e se dirige para Israel, a Terra Prometida, por Deus a Abraão. O povo hebreu, anualmente, por ocasião da Festa dos Tabernáculos, deslocava-se a Jerusalém para visitar o Templo, onde realizavam as diversas ofertas e sacrifícios conhecidos como korbanot.

Na Antiga Grécia, são também motivos de fé, o que leva os doentes para as Fontes Termiais, onde se manifestava a força dos deuses. Em Olímpia realizavam-se, de quatro em quatro anos, os Jogos Olímpicos, que eram efetuados em honra de Zeus, o pai do panteísmo grego, e que atraíam muitos milhares de pessoas. Ainda na Grécia, o Santuário de Delfos, edificado em honra do deus Apolo, era considerado o mais importante templo da Antiguidade Grega e era frequentado por milhares de peregrinos.

No séc. II, o filósofo sofista Pausânias, escreveu as "Peregrinações Helénicas". Este trabalho era composto por 10 volumes e pode ser considerado como o primeiro guia turístico, pois além de indicar os melhores caminhos para se chegar aos locais pretendidos, descrevia com detalhe: as estátuas, os túmulos, as ruas, os templos os estádios e os teatros. Em finais do séc. II há registos de que vários locais da Terra Santa, foram visitados por muitos peregrinos que pretendiam estar nos locais ligados à vida de Jesus e dos Apóstolos.

Quando no séc. IV d.C., o Imperador Constantino aceita o Cristianismo, como uma das muitas religiões do Império Romano, deu-se um grande incremento nas peregrinações, particularmente depois de ter mandado edificar a Igreja do Santo Sepulcro, considerado o lugar mais sagrado para a Cristandade.

Para a história das grandes peregrinações, é importante referenciarmos o ano 333, altura em que é elaborado o primeiro roteiro que descreve o caminho de Bordéus a Jerusalém, mencionando uma enorme lista de lugares visitados pelos peregrinos.

Com Roma convertida ao Cristianismo, em finais do séc. IV, multidões de cristãos chegavam a Roma com a finalidade de rezarem nos locais dos martírios, de Pedro e Paulo.

Durante a Idade Média verificam-se grandes deslocações humanas, em várias religiões do planeta e que tiveram, também, a motivação religiosa como principal objetivo.

A partir do séc. VI, com a fundação do Mosteiro de Santa Catarina, situado na base do Monte Sinai, (que conteve uma das mais importantes bibliotecas), iniciam-se grandes movimentos de peregrinos de confissão cristã e muçulmana, com a finalidade de poderem subir até ao lugar, onde, segundo uma antiga tradição, Moisés, recebeu os Dez Mandamentos. Dentro das muralhas do velho Mosteiro Cristão Ortodoxo, existe também uma Mesquita. Trata-se de um caso inédito de convivência e de tolerância religiosa, entre as duas comunidades.

Este facto tem sido possível, pois segundo um manuscrito, guardado no museu do Mosteiro, um dia o profeta Maomé, ao passar por aquele local, foi bem tratado pelos monges ortodoxos, e deixou escrito o pedido para que as duas comunidades sempre se respeitassem.

No Ocidente, a partir do séc. XI, surge o movimento das Cruzadas, considerado o braço armado da Igreja, e que se dirigem para a Terra Santa, a fim de libertarem, dos muçulmanos, os locais mais sagrados do Cristianismo, particularmente o Santo Sepulcro, a Igreja da Natividade e a Igreja de Ascensão.

Com a finalidade de apoiarem os peregrinos que se deslocavam nessa época para a Terra Santa, foi criada em 1113, a Ordem dos Hospitaleiros de S. João de Jerusalém, e em 1128 a Ordem dos Cavaleiros Teutónicos.

Outro destino que marcou a Baixa Idade Média foi Santiago de Compostela, onde os peregrinos se deslocavam para rezarem junto ao Túmulo do Apóstolo. O culto a este lugar, que de certa forma substituiu os lugares interditos da Terra Santa, teve enorme importância para toda a Europa, não apenas do ponto de vista espiritual e cultural, mas também económico e social.

Imensas localidades por onde passavam os peregrinos desenvolveram-se de uma maneira extraordinária, para poderem dar respostas às necessidades dos peregrinos passantes. Surgem assim, em França, Espanha e Portugal, os "Caminhos de Santiago". Do nosso país conhecem-se três Caminhos: um saindo da Estremadura outro da Beira Alta e outro de Trás os Montes

A Oriente na Arábia Saudita, em Meca, onde se encontra a célebre Caaba, é visitada anualmente, por milhões de peregrinos muçulmanos.

Na Índia, peregrinos da religião hindu, há milhares de anos que visitam a cidade Santa de Benares para se poderem banhar nas águas sagradas do rio Ganges, considerado como uma encarnação do deus Shiva.

Os budistas na Índia, no Nepal, em Ceilão e em Lassa no Tibete, os seus principais Santuários de devoção.

No século XVIII, iniciam-se as peregrinações, ao Santuário católico de S. Francisco Xavier, em Goa.

No continente Americano, destacam-se como grandes centros de peregrinações católicas, os santuários de Nossa Senhora de Guadalupe no México e de Nossa Senhora da Aparecida, no Brasil. Na Argentina o maior destaque vai para o Santuário de Lujan. O Santuário da Basílica Nacional da Imaculada Conceição em Washington tem as preferências dos católicos norte-americanos.

Voltando à Europa, em França, são edificados, os Santuários de Chartres, do Monte S. Michel, de la Sallete e de Lourdes. Os peregrinos em Espanha dirigiam-se para Saragoça, onde iam rezar ao Santuário de N. Senhora do Pilar, e à Basílica de Nossa Senhora de Guadalupe.

Os Santuários de Box Meer na Holanda, de Keveleer, na Alemanha e de Banneaux e Sherpenheuvel na Bélgica, continuam a atrair anualmente muitos milhares de peregrinos. No primeiro quartel do século passado, Fátima surge como um centro à escala mundial de peregrinação católica.

A Atividade Turística é hoje, considerada do ponto de vista económico, como a mais importante indústria do mundo, ultrapassando as indústrias do petróleo e automóvel, que até há poucos anos assumiam essa liderança.

A partir dos anos sessenta, assistiu-se na maioria dos países que compreendem a atual Europa Comunitária, os Estados Unidos da América, o Canadá, o Japão e a Coreia do Sul, a uma considerável melhoria do nível de vida da maioria das suas populações, cujas causas tiveram a ver, com um surto de desenvolvimento económico e a uma nova política de regalias de carácter social, que englobava maior segurança no emprego, melhor qualidade na saúde, reforma e férias pagas, que permitiu o acesso às viagens a grandes massas populacionais, dando assim origem à criação de uma vasta rede de equipamentos destinados a produzir os bens e serviços para a satisfação das necessidades decorrentes dessas viagens.

Como reflexo desse desenvolvimento, uma importante parte da população, passava a ter, além de maior capacidade económica, uma maior disponibilidade de tempo, para sair do seu habitat. Com o crescimento do mercado, a partir do início da década de 70, assiste-se a um crescimento do "Cluster do Turismo". Na atualidade, todas as atividades que fazem parte da Cadeia de Valor do Sector Turístico, fazem um esforço de atualização de forma a poderem responder às necessidades da procura.

No grupo da intermediação estão as Agências de Viagens e os Operadores Turísticos, que combinam os serviços prestados pelas diferentes empresas a montante para apresentar soluções que satisfaçam as necessidades dos consumidores.

O segmento do Turismo religioso, por muitos considerado o mais nobre do Turismo, tem sido nos últimos anos o que mais cresceu a nível Mundial. É nessa perspetiva que o sector de Agências de Viagens se especializou nos vários segmentos de mercado, entre eles, o do "Turismo Religioso e Cultural" cujo autor deste trabalho a ele se tem dedicado ao longo da sua já longa atividade profissional de 40 anos.

### **1.2.1. Para uma definição**

#### **- Turismo:**

Apesar de ser uma atividade cada vez mais comum, pelo menos nas chamadas sociedades ocidentais onde Portugal se enquadra, o Turismo é de uma complexa definição. De uma abrangência imensa e com diversas faces, implicações, agentes e objetos, o Turismo está longe de se apresentar perante o investigador ou o profissional como uma actividade perfeitamente padronizada.



Licínio Cunha, no seu livro *Introdução ao Turismo*, defende que o conceito de turismo pode ser definido como "*a atividade ou as atividades económicas decorrentes das deslocações e permanências dos visitantes*" (Cunha 2009, p. 29). Completando, o Turismo é:

"O movimento temporário de pessoas para destinos fora dos seus locais normais de trabalho e de residência, as atividades desenvolvidas durante a sua permanência nesses destinos e as facilidades criadas para satisfazer as suas necessidades" (Cunha, 2009, p. 30).

Assim, o Turismo é uma variada atividade que engloba as deslocações e todas as relações que se estabelecem nos locais visitados, especialmente os serviços desenvolvidos para responder às suas necessidades.

Helerson de Almeida Balderramas (2000, apud CARVALHO/VASCONCELOS, 2006) vai mais longe aproximando o conceito de Turismo da sociologia: "o Turismo é um fenómeno social que consiste na deslocação de pessoas, que fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultura e saúde, saem do seu local de residência habitual, e por conta dessa ação, gerem múltiplas e culturais acções com o destino".

Economicamente, a Organização Mundial do Turismo (OMT), numa definição de 1994, afirma que "*o turismo engloba as atividades das pessoas que viajam e permanecem em lugares fora do seu ambiente usual durante não mais do que um ano consecutivo, por prazer, negócios e outros fins*" ou "*o movimento temporário de pessoas para destinos fora dos seus locais normais de trabalho e de residência, as atividades desenvolvidas durante a sua permanência nesses destinos e as facilidades criadas para satisfazer as suas necessidades*". Esta definição foi reformulada em 1999:

"Atividades realizadas pelos visitantes durante as suas viagens e estadas em lugares distintos do seu ambiente habitual, por um período de tempo consecutivo inferior a 12 meses, com fins de lazer, negócios ou outros motivos não relacionados com o exercício de uma atividade remunerada no local visitado." (Decisão 1999/34/CE da Comissão, de 09-12-98).

Abrangendo uma gama imensa de serviços de suporte à deslocação e à estadia, o turismo centra-se, enquanto definição, na visita não profissional, inferior a uma mudança de cidade ou de país, e superior a um contacto que, por tão pequeno, não deixa marcas nem efeitos, especialmente a nível económico.

É neste quadro que o Turismo Religioso se desenvolve, apresentando motivações muito específicas, porque de fé, e que, por isso, implica serviços também eles diferenciados.

### - Turismo Religioso:

O olhar para o Turismo Religioso implica um cuidado ainda maior que a reflexão mais lata sobre o Turismo. O grau de complexidade que é a aportado é muitíssimo grande, seja pela diversidade de práticas que aqui se podem incluir, seja porque a própria noção de Religião implica uma complexidade muito grande. Sigamos uma definição clássica imensamente reproduzida a nível bibliográfico:

"Turismo religioso é aquele empreendido por pessoas que se deslocam por motivações religiosas ou para participação em eventos de caráter religioso. Compreendem romarias, peregrinações e visitação a espaços, festas, espetáculos e atividades religiosas" (Maio 2004, p. 53).

Alargando um pouco a noção, integrando a "*espiritualidade*" e não apenas o "*religioso*", que nas palavras de Maio pode parecer implicar apenas o universo das práticas enquadradas institucionalmente, Andrade abre os horizontes a um Turismo Religioso mais alargado na definição das suas motivações:

"conjunto de atividades com utilização parcial ou total de equipamentos e realização de visitas a recetivos que expressem sentimentos místicos ou suscitem fé, esperança e caridade aos crentes ou pessoas vinculadas a religiões." (Andrade 2000, p.77)

Atualizada, esta definição de Turismo Religioso abrange já todo um universo de práticas fora do horizonte mais tradicional das organizações religiosas monoteístas abraâmicas. O Dicionário de turismo de Montaner, Antiach e Arcarons assume este novo campo que marcou já o final do século XX, como a base de um Turismo Religioso, ao afirmar que o turismo religioso é:

"a atividade turística que consiste em realizar viagens (peregrinações) ou estadas em lugares religiosos (retiros espirituais, atividades culturais e liturgias religiosas, etc.), que, para os praticantes de uma religião determinada, supõe um fervor religioso por serem lugares sagrados de veneração ou preceituais segundo sua crença". (Montaner, Antiach e Arcarons 1998, p.380)

Seguindo esta linha de valorização do espiritual face ao religioso, dando espaço mental às práticas não abraâmicas, dando espaço à busca individual, é no mundo da análise ao Turismo Religioso oriental que mais se tem trabalhado e sistematizado esta temática. O último grande balanço bibliográfico, pela pena de Radhika Kapur, em outubro de 2018, sistematiza assim o Turismo Religioso:

"The religious tourism is often synonymous with cultural tourism, spiritual tourism, pilgrimage tourism, and cultural heritage tourism. The reason being, in most cases, the individuals get engaged into cultural activities, visit pilgrimages and implement spiritual functions as a part of religious tourism. (Kapur 2018)

A verdadeira constelação de objectvos com que se organiza o Turismo Religioso é sistematizado por Kapur na seguinte inventariação:

- Providing the Tourists with the Holistic Tourism Experience
- Marketing religious tourism destinations needs special training as quite a major part of the visitors is attracted to these destinations due to reasons like studying old culture, evolution of practices and research
- Developing Integrated Infrastructure for Religious Tourism Development
- Improved Focus upon the minimization of the Impact on the Environment and Maintaining the Ecological Balance
- Scrutiny of Religious Trusts
- Developing Appropriate Institutional Framework to Stimulate the Growth of Religious Tourism
- Costs of Religious Tourism Products
- Limiting the Influence of Globalization on Places with an Endemic Flavour of Being a Distinct Religious Tourism Attraction
- Improving Linkages to Specific Religious Tourism Circuits to Promote Them

Para esta autora, o Turismo Religioso tem as seguintes características ou particularidades:

- To Perform Pilgrimage as an Act of Worship
- To Express Gratitude, Confess Sin and to perform a Vow
- To Achieve Social and Spiritual Salvation
- To commemorate and celebrate certain Religious Events
- To enhance ones Knowledge
- Communication
- To Develop Special Interest in the Tourism Products
- To Generate Employment and Socio-economic Benefits
- To Ensure Authenticity and Original Character of the Religious Place
- To ensure Peace and Harmony

No campo das motivações que levam à deslocação, a autora sistematiza o que um turista religioso pretende ou deseja fazer:

- connect personally to a holy place
- better understand and appreciate a religion

- feel free from worry
- find peace and meaning in life

Numa análise também de 2018, Amber Gul Rashid acrescenta uma dimensão hoje fundamental, o crescimento deste mercado, especialmente o europeu, centrado na alteração já antes apontada: do religioso para o espiritual:

"Religious tourism is a growing market. Europeans are increasingly drifting from traditional religions towards a more spiritual way of practising their faith. In addition, an increasing number of people who do not consider themselves religious are interested in spirituality". (Rashid 2018)

Nesta abordagem, Rachid inventariou os artigos científicos publicados entre janeiro de 2006 e dezembro de 2017 sobre a temática do Turismo Religioso, tendo confirmado esta forte rotação antes descrita que veio dar um cunho muito mais forte à capacidade de opção por parte do viajante.

Assim, o Turismo Religioso apresenta-se hoje como uma atividade cada vez mais procurada pelos cidadãos como peça na sua caminhada espiritual, seja em fenómenos enquadrados por instituições religiosas, ou não. O grau de opção, de escolha e de fabrico de cada viagem entra, naturalmente, muito mais no campo de uma experiência individual, mesmo quando em grupo, que coletiva.

### **1.3. O turismo, o diálogo inter-religioso e paz**

É uma máxima universalmente reconhecida, afirmar que o "Turismo é a Indústria da Paz". Por exemplo, em 2016, foi esta a afirmação programática do WTM (World Travel Market – Latin America), pela voz do seu diretor, Lawrence Reinisch, a 29 de março de 2016 em São Paulo, Brasil (Alves, 2028, online).

Contudo é grande a complexidade e o risco que envolvem esta atividade, não sendo efetivamente linear a afirmação de que o "Turismo é a Indústria da Paz". Anna Farmaki, na Tourism Management, público o estudo "The tourism and peace nexus" (Farmaki, 2017), um balanço da complexidade em jogo nesta indústria, muitas vezes assente numa "simplistic notion that contact through travel contributes to social integration" (p. 528).

É fácil, e vendável, um produto que se implique nas modas e use a vontade de ajudar do cidadão como fator de negócio. No projeto «Tourism for Peace! », apresentado através da frase "*Love Nature, Love People, Love Yourself*", Buckminster Fuller afirma: "*You never change things by fighting the existing reality. To change something, build a new model that makes the existing model obsolete.*", desafiando o futuro cliente a mudar o mundo.... através da compra de pacotes de viagens. É oferecido um género de sêlo e, de marca, os «Peace

Master Plans!» que permitem a cada empresa apresentar-se como "an official "Place of Peace"!".

Como vemos pela situação antes apontada, uma entre muitas possíveis, a realidade do Turismo como Indústria de Paz é complexa e campo de muitos oportunismos.

Anna Farmaki lança e sistematiza algumas das problemáticas em questão:

"Tourism has been heralded as a contributor to peace, however, the inconclusive findings of empirical studies render the need for a consolidation of theory that has in so far relied on case studies and the adoption of the contact hypothesis. Informed by political science theory, this paper proposes a methodological framework that can guide future research and aims to serve as a benchmark for researchers interested in temporal issues pertaining to conflict, peace and tourism. Signalling a departure from the simplistic notion that contact through travel contributes to social integration, the paper adopts a holistic conceptualisation of the multi-faceted and complex system of actors, sectors and dimensions of tourism spanning at the social, economic, political and environmental levels" (Farmaki, 2017, pp. 528-540).

Centrando-se mais em palcos de recentes conflitos, Anna Farmaki sistematiza a epistemologia, a metodologia do turismo nesses quadros, através da necessidade de um efetivo compromisso com ações ativas e concretas, para a difusão de uma cultura de reconhecimento, e que as ações sejam continuadas e não ao ritmo de uma dinâmica comercial estranha ao fenómeno em si.

Com uma solidez totalmente distinta dos projetos puramente comerciais, que usam a paz como marca para gerir apenas vendas, o The Peres Center for Peace and Innovation, em Israel, apresenta-nos um projeto que sistematiza, com ações no terreno, a efetiva dimensão de um Turismo como ferramenta para a Paz.

O projeto «Tourism for Peace» é apresentado da seguinte forma:

"In both Jewish and Arab cultures, hospitality is an important value – welcoming strangers, getting to know people and developing friendships. Tourism as a concept knows no borders, no animosity; it offers positive experiences. The project sought to develop incoming tourism in the region, facilitate border crossings, ease freedom of movement of tourists and advance the professional skills and know-how of travel and hotel staff.

The project utilized the reciprocal relationship between tourism and peace. By strengthening dialogue and ties between the region's tourism industry, peace was promoted through tourism and tourism was promoted through peace".

A metodologia que é apresentada assenta em:

"The project comprised a forum of hotel and tourism association representatives from the region who met regularly to develop a regional tourism program. The four-country tour program developed

offers cultural experiences, religious pilgrimages to the 'Holy Land' and a wide variety of tourist sites and resorts, indicating respective uniqueness but also emphasizing the cultural similarities that exist between the destinations. By endorsing this vision all participants agree to: 1) work towards easing freedom of movement for easier access to tourists and Palestinian tourism professionals in the area, 2) gather efforts on joint marketing and promotion activities, and 3) facilitate joint professional workshops for top hotel and travel executives in the region".

É nesta postura que o projeto de itinerário aqui apresentado assenta, tendo em conta ainda um grupo de fatores que determinem, a longo prazo, uma postura que semeie a proximidade. Assim, sistematizo um grupo de fatores que devem ser cumpridos para que o turismo cultural e religiosos não seja, pelo contrário, criador de pontos de rutura, de criação de mal-entendidos e de representações que, no futuro, criem ressentimentos de natureza neocolonialista:

- Definir a rede de trabalho com a máxima participação de atores e entidades locais, dificultando o fluxo financeiro para grupos externos aos locais visitados;
- Criar momentos de efetivo contacto com as populações, recusando ao máximo a dinâmica autocarro-hotel-autocarro;
- Criar momentos de valorização das culturas locais, fugindo às dinâmicas "colonialistas" que procuram a visita ao exótico programado, a visita ao indígena profissional para grupos.

Como afirma, de forma categórica Nuwan Herath, "é urgente que este tipo de turismo não crie sentimentos de "Master/Servant" (Herath, 2018). A acontecer esta hierarquização, então o Turismo Religioso está a semear a discórdia e não a paz.

### **1.3.1. Paz e desenvolvimento**

O tema da Paz é recorrente desde o final da II Guerra Mundial. De tal forma é recorrente que abundam os dias festivos, os eventos, criando-se por vezes uma ilusão de abrangência que em nada corresponde aos desígnios políticos e económicos, ou não fosse o negócio do armamento a mais direta negação das vontades expressas nesses mesmos múltiplos eventos.

A 8 de Dezembro de 1967, em pleno ambiente do Concílio Vaticano II, o papa Paulo VI propunha a criação do Dia Mundial da Paz, a ser festejado no dia 1 de janeiro de

cada ano. Vinda a proposta do topo da hierarquia católica, o Sumo Pontífice não queria que a comemoração se restringisse a católicos. A sua proposta assim afirmava:

"A proposta de dedicar à paz o primeiro dia do novo ano não tem a pretensão de ser qualificada como exclusivamente nossa, religiosa ou católica. Antes, seria para desejar que ela encontrasse a adesão de todos os verdadeiros amigos da paz"

Acrescentava, pedindo um "caráter sincero e forte de uma humanidade consciente e liberta dos seus tristes e fatais conflitos bélicos, que quer dar à história do mundo um devir mais feliz, ordenado e civil", apelando aos "verdadeiros amigos da Paz".

Na sua primeira mensagem no seguinte dia 1 de janeiro, o mesmo Papa afirmava:

"Dirigimo-nos a todos os homens de boa vontade, para os exortar a celebrar o Dia da Paz, em todo o mundo [...] Desejaríamos que depois, cada ano, esta celebração se viesse a repetir, como augúrio e promessa, no início do calendário que mede e traça o caminho da vida humana no tempo que seja a Paz, com o seu justo e benéfico equilíbrio, a dominar o processar-se da história no futuro".

Extravasando a proposta do líder cristão, a ONU declarou, a 30 de novembro de 1981, o dia 21 de setembro como Dia Internacional da Paz, dando ao calendário coletivo das celebrações humanistas mais um momento de reflexão e de luta por esse desígnio que é a Paz. Contudo, a multiplicação de iniciativas é a imagem da incapacidade e da inoperatividade das instituições.

No que respeita ao objeto específico deste Relatório, centrado no Caminho de Abraão, é inevitável equacionar, mesmo que apenas como exemplo que demonstra a complexidade em causa, a relação tensa entre o Estado de Israel e alguns dos seus vizinhos. Aliás, como já referido, foi este conflito latente que impossibilitou que a segunda viagem por nós organizada em 2005 viesse a ter lugar, negando a guerra a vontade de paz expressa nessa organização multireligiosa.

Pelo trabalho intenso e inspirador, é de referir o Centro Peres para a Paz, localizado em Jaffa, Israel. Trata-se de uma organização independente, sem fins lucrativos, não governamental e não-política, fundada em 1996 pelo Prémio Nobel da Paz e ex-presidente de Israel, Shimon Peres.

O Centro Peres para a Paz descreve sua missão como "*promoção da paz duradoura e avanço no Oriente Médio através da promoção da tolerância, desenvolvimento económico e tecnológico, inovação, cooperação e bem-estar - tudo no espírito da visão do Presidente Peres*".

Os projetos deste centro incluem parcerias a vários níveis, sejam educativas, sejam económicas, e integram um projeto de turismo transfronteiriço, procurando criar uma forte rede transfronteiriça que gere canais de diálogo entre palestinianos e israelitas.

Contudo, os esforços de instituições como esta pela Paz, tal como as iniciativas como a que aqui propomos, são pequenos contributos num quadro onde a desilusão é cada vez mais forte e omnipresente. Muitos anos após os acordos de 1993 em Oslo, várias vezes a tensão latente se transformou em violência efetiva, criando mais feridas no já muito marcado campo de diálogo, anulando imensas iniciativas de turismo e de conhecimento que poderiam, ao contrário, ter trazido confiança, conhecimento e dinamismo económico muito positivos.

#### **1.4. Sustentabilidade, Espiritualidade e a Prática Autêntica – um olhar pessoal**

Em simultâneo com as medidas e ações propostas pelo estudo de Anna Farmaki, sobre a ligação da Paz com o turismo, com a finalidade de estabelecer um maior contacto para um melhor conhecimento entre visitados e visitantes é, também, fundamental que a presença dos turistas contribua de facto, duma maneira muito objetiva para o aumento da qualidade de vida das populações visitadas.

Estamos a falar duma política que dê lugar ao "*Turismo sustentável*", em detrimento de um turismo de capitalismo selvagem, onde os recursos provenientes do turismo devem ser dirigidos ao serviço das populações.

Lamentavelmente, pela nossa experiência de viajante do mundo ao longo de mais e 40 anos, são muitas as experiências negativas que devido à ganância do lucro a qualquer preço, políticos e empresários sem escrúpulos, acabaram por autorizar a criação de estruturas de betão, desenquadradas do enquadramento paisagístico em particular para a construção de hotéis. Se este paradigma não se alterar acabará com o desinteresse do destino por parte dos viajantes, que procurarão outros locais que correspondam às suas expectativas. O turista pós-moderno, está cada vez mais sensibilizado e preocupado com a problemática do ambiente do planeta.

São muitos os maus exemplos espalhados pelo mundo, onde a desenfreada construção, para responderem à procura, particularmente entre as décadas dos anos 60 a 80 do passado seculo, destruíram zonas de grande beleza, onde entre muitas outras citamos como exemplo a Costa del Sol no sul de Espanha, na Tailândia as praias de Pataya e de Puket.



A relação hoje, nas zonas históricas nas cidades europeias, relacionadas com a massificação do turismo segue infelizmente um caminho semelhante.

No passado mês de maio voltei a visitar Cancun o maior ícone das praias mexicanas, e tive o cuidado de observar que na frente mar que envolve a magnífica baía, com alguns quilómetros de extensão não havia um metro de terreno, ocupados por *resorts* hoteleiros ou por residências. Nas magníficas unidades hoteleiras que se estendem ao longo da baía, as camas no areal para apoio aos turistas estavam todas coladas, ou seja, quando os hotéis estão repletos os turistas não tem a mínima privacidade. Ora isto é matar o turismo.

Para além da poluição ambiental fruto da construção excessiva de estruturas de betão há, ainda, a submissão aos grupos internacionais que detêm o capital funcionando os países mais pobres recetores de turismo como plataformas do regresso financeiro aos países de origem. É importante, alterar este paradigma para que o Turismo realmente contribuía para um ambiente de Paz, conforme defendia em 1995 para o Medio Oriente o Nobel da Paz Yizhak Rabin, "um alto nível de vida para todos os povos da região é a melhor garantia de Paz na região". Porém isso obriga necessariamente, a uma alteração de mentalidades em todos atores que intervém no processo, (entidades do Estado e locais, populações locais, as diversas atividades ligadas à Indústria do Turismo, nomeadamente nos ramos da; hotelaria, restauração, operadores turísticos, guias e naturalmente os visitantes.

A cada um cabe um papel fundamental nesta filosofia, para que o turismo esteja realmente ao serviço do bem comum, com destaque para os dois principais atores, os visitados que usufruem da riqueza proporcionada pelo turismo que permite uma melhor qualidade de vida aos seus habitantes, e aos visitantes pela riqueza das experiências vividas, que muitas vezes os marcam para toda a vida.

Os ingressos financeiros provenientes do turismo são hoje para a maioria dos países do mundo um fator muito importante para o equilíbrio das suas balanças de pagamentos, pois em termos de economia os ingressos do turismo funcionam com sendo exportações. Todavia, esses ganhos económicos têm necessariamente de contribuir para a real criação de riqueza junto das populações locais.

Da mesma forma tem de haver por parte do Estado/autoridades locais entidades recetoras de turismo a preocupação de preservar o ambiente natural, que esteve na génese da procura do destino por parte dos turistas.

Para um turismo sustentável a dignificação das populações visitadas sem a criação de estereótipos e de pseudos exotismos artificialmente fabricados para um consumo

massificado, mais facilmente permite ao turista uma experiência autêntica e o desenvolvimento de uma espiritualidade assim como da relação com o sagrado.

Em artigo de opinião por nós escrito para a Revista "Ponto *Turismo*" em julho de 2017 por ocasião do Centenário das Aparições de Fátima que coincidiria com a proclamação nesse ano pela ONU, como o ano Internacional do Turismo Sustentável para o Desenvolvimento, nesse artigo escrevemos

"Em relação à temática do turismo religioso, a prioridade tem de ser o de preservar a originalidade, a autenticidade e o espírito dos locais religiosos. O património religioso faz parte integrante da idiosincrasia dos povos e por isso é parte da sua história. Hoje para muitos turistas a principal motivação das viagens são motivos ligados à temática religiosa e espiritual. Conhecer as motivações que levam milhões de peregrinos de vários credos religiosos a visitarem locais sagrados é condição fundamental para o desenvolvimento sustentável nos destinos. Uma importante característica deste segmento de negócio, é a relação de fidelidade que o turista/peregrino estabelece com os locais sagrados, o que torna os destinos religiosos menos afetados por tendências ou crises económicas. Por outro lado, as estratégias adequadas de promoção, o turismo religioso irá potencializar a visita dos turistas/peregrinos a outros locais de cariz cultural, nas zonas envolventes"

Há hoje já, felizmente, países que estão atentos a estas novas tendências de turistas que procuram ambientes cada vez mais naturais, e que estão a tratar deste tema com a importância que merece. Dou o exemplo da cidade de Santa Cruz de Mompox na Colômbia que visitei em abril passado, que faz parte da Lista da UNESCO como património da Humanidade. Esta cidade-patrimônio colonial, famosa como destino religioso nomeadamente nas celebrações da Semana Santa, vem despertando a atenção e o interesse dos turistas que buscam autenticidade. Mompox é um lugar que aparenta ter parado no tempo, preservando e protegendo os valores e a história de uma cidade que convida a ficar e a viver todo seu encanto. Aqui os turistas têm a oportunidade de fazer *workshops* e aprender a técnica de confeção. Este contacto com a população local (crianças e adultos) é fundamental para se esbaterem preconceitos e se criar um clima de diálogo, de compreensão, de reconhecimento, e de paz.

O seu rico património arquitetónico colonial, está totalmente, preservado pois toda a oferta turística hoteleira é composta pela readaptação de antigas casas adaptadas às exigências e conforto que hoje o turismo exige.

Nesta localidade praticamente todas as receitas que o turismo proporciona, ficam em benefício da cidade, e dos seus habitantes, ao contrário do que sucede com as grandes cadeias internacionais da hotelaria e da restauração. Infelizmente não são muitos os bons exemplos, pois a maioria das ofertas turísticas, têm como prioridade o lucro fácil, sem a preocupação da preservação do ambiente.

É fundamental saber incorporar corretamente "*marketing-mix*" em função das exigências dos mercados, que tem de ter no centro as populações locais e onde o turismo tem de ser entendido como uma bênção que contribui realmente para a melhoria de vida dos seus habitantes. Só assim o turismo poderá ser chamado de Indústria *da Paz*".

Turistas e população local podem gerar diversos graus de empatia, mas também pode ocorrer hostilidades

O que observamos na maioria das visitas a locais digamos mais "*exóticos*", praticamente não existe contato entre visitantes e visitados, a não ser com os prestadores de serviços, ou por vezes a simulação de "*autenticidade*" de gosto duvidoso, construído apenas "*para turista ver*".

Na verdade, embora o turismo, seja considerado como um fenómeno social, na prática na perspectiva dos núcleos recetores, é apenas um negócio, que embora venda lazer e prazer, está focado pela lógica da sociedade capitalista, cujo fim último é o lucro.

Talvez por experiências menos positivas com os visitantes muitas comunidades, apesar de beneficiarem economicamente da presença dos turistas, pela venda de artesanato, ou pelo pagamento de um ingresso, muitas vezes não estão interessadas em trocas de índole cultural, mas unicamente do benefício económico, dado que se sentem incomodados dada a postura de alguns turistas.

Ao mesmo tempo uma grande maioria dos visitantes de locais mais exóticos, vê o habitante local apenas como algo exótico, como um instrumento para seus fins e curiosidades. Na verdade, muitas vezes a única relação que prevalece é a dos visitados e visitantes, e a mera relação comercial onde uma parte é o consumidor e outra a mercadoria.

Turistas e população local podem e devem gerar diversos graus de empatia, pois isso trará benefícios para ambos. Com esta preocupação comum, visitados/visitantes, criarão afetos de tal forma que o turista acabará por ser visto não como um invasor, mas como um hóspede, um amigo.

**Capítulo 2 - Formação: materiais de contextualização a fornecer aos guias e profissionais.**

**Enquadramento Geográfico, Histórico e Antropológico da Mesopotâmia, Canaã e Egito.**

## 2.1. Mesopotâmia

O nome Mesopotâmia, que significa "*terra entre dois rios*" é o nome atribuído pelos gregos, ao território que se encontrava na área do sistema fluvial dos rios Tigre-Eufrates, o que nos dias modernos corresponde, aproximadamente, a maior parte dos territórios ocupados pelo atual Iraque e Kuwait, além de partes orientais da Síria e de regiões ao longo das fronteiras Turquia-Síria e Irão-Iraque.

Estes rios nascidos nas montanhas Tauros, no Leste da Anatólia, e que desaguam no Golfo Pérsico, compõem um vasto conjunto fluvial, sendo o centro desta importante região pelo menos desde o final da Idade do Gelo, engloba variados ecossistemas, compostos por uma rica fauna e flora. A riqueza dos solos é lendária, pois a Mesopotâmia fazia parte da zona oriental do dominado "*Crescente Fértil*". Todo este conjunto englobava ainda a Bacia do Nilo, e outras regiões muito férteis, propícias ao nascimento das primeiras civilizações humanas, que aqui se foram concentrando e desenvolvendo.

## 2.2. Canaã (Terra Prometida)

A antiga região de Canaã corresponde ao vasto território que hoje abarca, o sul do Líbano, a Síria, Israel, a Palestina a Jordânia e parte do nordeste do Egito.

Esta região fazia parte da área ocidental do Crescente Fértil, sendo que na área envolvente do vale do Rio Jordão foram encontrados variados indícios arqueológicos que atestam a sua ancestralidade, datando-a como local dos mais antigos burgos do mundo, e por isso, esta região é considerada como tendo sido um dos mais importantes polos da revolução do Neolítico<sup>18</sup>.

Esta região, durante o tempo Fenício, foi palco do nascimento de cidades que marcaram a história da civilização ocidental, onde se destacaram; Ugarit, Meggido, Baalbek e Hamat, entre outras cidades.

## 2.3. Egito (território nordeste)

A zona mais oriental do Egito também fazia parte do Crescente Fértil, nomeadamente, da porção meridional, onde as águas do rio Nilo permitiram num primeiro

---

<sup>18</sup> O Neolítico, ou Idade Nova da Pedra, tem por base a utilização da agricultura como base de subsistência, que permitiu um aumento substancial da população humana. Nesse sentido à medida que se domesticou caram as plantas, aumentou-se a sua rentabilidade alimentar. A abundância estabeleceu condições propícias ao desenvolvimento de vários campos da civilização humana.

momento a fixação do homem e que acabaria, alguns milhares de anos após, por surgir o início da fantástica civilização egípcia, que se iria desenvolver por mais de 5 000 anos. Esta civilização foi baseada, essencialmente, na agricultura de regadio. Graças à sua característica climática, os egípcios, dividiam o ano em três estações: Akhet (inundação), Peret (plantio) e Shemu (colheita). As cheias periódicas do rio Nilo, inundavam os campos com uma camada de lodo, nos meses de agosto e setembro cujas águas continham fertilizantes, tornando os solos férteis para as sementeiras, que ocorriam nos meses de fevereiro e março. Durante o trabalho das sementeiras, além do braço do homem com a ajuda da enxada, os antigos felás também, utilizavam a força de animais, como o gado bovino, ovino ou caprino para enterrar as sementes.

#### **2.4. Enquadramento histórico e antropológico da Mesopotâmia, Canaã e Egito.**

A região da Mesopotâmia teve uma importância vital para a história da Humanidade, sendo considerada o berço das primeiras civilizações. Essa classificação deve-se, principalmente, ao facto de ter sido o local da primordial domesticação de espécies cerealíferas e, subsequentemente, de espécies de animais, que exponenciaram esse desenvolvimento. O processo foi facilitado pelas condições propícias que toda esta região apresentava. O início da revolução da sociedade do Homo Sapiens Sapiens, denominada de "Idade Neolítica", que tem lugar com o desaparecimento da Idade do Gelo, quando o nível médio das águas subiu, modificando profundamente o clima desta zona e do planeta e que provocou uma fertilidade superior à que se verificava até então. Este facto surgiu neste território, de forma relevante a partir do X milénio a.C., e ocorreu até cerca de 4.500 a.C. (o período varia sensivelmente de região para região). Alguns cientistas defendem que antes da exploração agropecuária humana, toda a península Arábica detinha um grau de fertilidade assaz considerável. O Crescente Fértil estendia-se desde a foz dos rios Tigre e Eufrates, seguiria o seu curso até à nascente, descia desenhando uma curva no sentido do Mediterrâneo que incluiria o vale do rio Jordão, o rio Nilo, e seguia até à grande bacia do rio Nilo, e que se prolongava até próximo do Deserto Núbio.

A sedentarização foi iniciada, então, em duas distintas fases. A primeira, parcial com poucas variações no território, era baseada no aproveitamento da superabundância de alimentos. O local era rico em pastos e atraía caça, e as quantidades de espécies cerealíferas selvagens eram abundantes. Assiste-se ao desenvolvimento da agricultura, ainda de forma embrionária. Não se escolheriam sementes e as espécies cresceriam com poucos cuidados, em geral, graças às boas condições climáticas. Da mesma maneira,

exploravam-se rebanhos e manadas, de forma casual, e afastando os predadores. Neste período, nem a fauna ou a flora estariam, ainda, domesticadas, e apenas se teria dado atenção a certos pormenores da sua produtividade.

Numa segunda fase, a sedentarização seria total, com o cultivo de cereais a desempenhar uma das principais fontes de alimentos, altura em que se domesticaram variados cereais, iniciando pelo trigo, cevada, posteriormente, grão-de-bico, lentilhas, e por fim fruta e legumes. As melhores sementes eram selecionadas, e ocorre uma transformação da morfologia tendo em vista a sua robustez e índice de qualidade alimentar.

O passo seguinte ocorre com a domesticação dos animais, seguindo igualmente o apuramento das espécies: maior capacidade de produção de leite, de lã, etc. Em primeiro lugar, ter-se-á domesticado o lobo, dando origem a uma espécie que até aí não existia, o cão<sup>19</sup>. Segue-se a domesticação das vacas, cabras, ovelhas, tendo em grande parte a escolha recaído sobre o animal mais adaptado ao local. O outro passo ocorre quando uma única mutação genética levou os antigos a incluírem na sua dieta, o leite animal, e no passo seguinte os seus derivados, nomeadamente, a manteiga e o queijo.

O desenvolvimento proto civilizacional inicia-se, colocando o Crescente Fértil, como a zona tradicionalmente associada ao "*Jardim do Éden*", segundo as religiões abraâmicas. A história da Suméria, começa devido às condições favoráveis ao desenvolvimento humano, que ocorre cerca de 5000 a.C., em pleno período neolítico. Já era notório algum florescimento, em centros urbanos como, Eridu, Uruk, gravitando à sua volta aldeias de menor importância, assim como grandes áreas de agricultura e onde é notória a latente organização urbana. Entretanto, desenvolvem-se técnicas de irrigação, da exploração e transformação da lã, e na atividade comercial. Em simultâneo, desenvolve-se uma complexidade religiosa, tendo a função pública assumido neste período uma grande importância. Durante o período do Calcolítico e do início da Idade do Bronze, por volta de 3.000 a.C., assiste-se à instituição da escrita (cuneiforme)

## 2.5. Os Amoritas e a relação com a Bíblia

Este povo emergiu no Ocidente da Mesopotâmia, que corresponde ao atual território da Síria, nos primeiros séculos do 3º milénio a.C. Grande parte da sua religião parece ter por base a divindade Amurru e a sua consorte Belit-Seri. A sua língua seria uma forma de Cananeu antigo. Primitivamente, pensa-se que a matriz da sua civilização era,

---

<sup>19</sup> Uma das mais antigas provas da domesticação animal chega-nos de uma sepultura em Ain Mahalla, onde junto de um humano encontra-se um esqueleto de um cachorro longe da morfologia do lobo, e mais próximo do cão.

fundamentalmente, de origem semítica, havendo uma ideia dos sumérios, face aos amoritas, de que estes seriam bárbaros de alguma forma "*grotescos*" (entre as várias á acusações, os sumérios-acadianos atestavam que estes utilizavam unicamente peles de animais como vestuário, comiam carne crua, não faziam ofertas aos deuses e viveriam em tendas ao sol e à chuva). De qualquer modo, não se conhece a totalidade das razões que levaram os amoritas a tornarem-se mais sedentários, e a desenvolver uma plausível civilidade.

Grande parte do território da Mesopotâmia terá sido invadido por este povo, cerca de 2200 a.C., altura que coincide com fortes mudanças climáticas, que correspondem a uma diminuição da fertilidade da zona.

Embora numa primeira etapa, os amoritas, não tivessem tido uma significativa importância, mais tarde viriam a dar lugar à poderosa Babilónia, que vai ter início com a anexação de várias cidades-estado acadianas, nomeadamente, de Isin ou Larsa, entre outras. Durante a 3ª dinastia de Ur, a sua importância e domínio tornaram-se de tal forma relevantes, que obrigaram os reis de Ur, a terem de construir uma grande muralha defensiva para os proteger das sucessivas campanhas amoritas.

Em 2050 a.C. os amoritas são já uma declarada potência regional. O sistema das cidades-estado, vai ser gradualmente substituído por pequenos reinos babilónicos. Entretanto, novas classes de grandes latifundiários começam a emergir, porque os primeiros libertaram inúmeras terras pertencentes ao rei e ao clero, arrendando-as. Ao mesmo tempo, libertaram as populações de trabalhos forçados e do pagamento de pesados impostos. Estes fatores terão dinamizado a sociedade, assistindo-se ao aparecimento de uma burguesia, protagonizada por mercadores que estavam a emergir e a prosperar. Nesse sentido, supõe-se que os grandes avanços sociais, científicos, tecnológicos e artísticos não sofreram grandemente com a hegemonia amorita, tendo inclusive conseguido uma nova dinâmica. O apogeu da civilização amorita chegaria ao seu término, quando em 1720 a.C., o rei Assírio Adasi conduziu uma guerra contra eles, que resultou na expulsão do povo amorita do território. Os amoritas são considerados os primeiros habitantes de Canaã e estão interligados com os antepassados dos israelitas. Eram descendentes de Noé e do seu filho Cam, que gerou Sídón. O texto bíblico fala-nos dessa descendência<sup>20</sup>:

---

20 Difusora Bíblica Capuchinhos, Franciscanos, Bíblia Sagrada Para o Terceiro Milénio da Encarnação, Fátima 2008) Gn 10: 1- 19, pág 36,37



"Lista de povos (1 Cr 1,4-24) –

1- Esta é a descendência dos filhos de Noé: Sem, Cam e Jafet. Nasceram-lhes filhos após o dilúvio.

2- Filhos de Jafet: Gómer, Magog, Madai, Javan, Tubal, Méchec e Tirás.

3- Filhos de Gomer: Asquenaz, Rifat e Togarma.

4- Filhos de Javan: Elicha, Társis, Kitim e Rodanim.

5- Deles nasceram os povos que se dispersaram por países e línguas, por famílias e nações.

6-Filhos de Cam: Cuche, Misraim, Put e Canaã.

7- Filhos de Cuche: Seba, Havilá, Sabta, Rama e Sabteca. Filhos de Rama: Sabá e Dedan.

8-Cuche gerou também Nimerod, o primeiro homem poderoso na terra.

9-Foi um valente caçador diante do SENHOR, e daí a expressão: «Como Nimerod, valente caçador diante do SENHOR.»

10-O ponto de partida do seu império foi Babel, Érec, Acad e Calné, na terra de Chinear.

11-Desta terra foi para Assur, e edificou Nínive, Reobot-Ir, Calá,

12-E Réssen, entre Nínive e Calá. Esta foi a grande cidade.

13-Misraim gerou os de Lud, os de Aném, os de Leab, os de Naftú,

14-Os de Patros, os de Caslú, dos quais provieram os filisteus, e os de Caftor.

15-Canaã gerou Sídon, o seu primogénito, e Het,

16-Assim como o jebuseu, o amorreu, o guirgaseu,

17-O heveu, o araqueu, o sineu,

18-O arvadeu, o cemareu e o hamateu. Seguidamente, as famílias cananeias dispersaram-se".<sup>27</sup>

Numa passagem do Livro de Deuterónimo, Deus refere além da infidelidade de Israel da luta contra os amoritas:<sup>21</sup>

1."Escuta, Israel! Tu passarás hoje o Jordão, para entrares na posse de povos maiores e mais fortes do que tu e de cidades grandes com muralhas até ao céu,

2- Gente grande e alta, filhos de Anac, que conheces e de quem, muitas vezes, ouviste dizer: 'Quem poderá enfrentar os filhos de Anac?'

---

21 Idem Dt 9:1-.2 pág 273

3- Saberás, hoje, que o SENHOR, teu Deus, caminha diante de ti como um fogo devorador; Ele os destruirá e os esmagará diante de ti, de tal forma que os desalojarás e destruirás rapidamente, como o SENHOR te prometeu.

4- Quando o SENHOR, teu Deus, os tiver expulsado da tua presença, não digas no teu coração: 'Foi pelo meu mérito que o SENHOR me introduziu na posse deste país'. De facto, foi pela maldade desses povos que o SENHOR os desalojou diante de ti.

5- Não é pelo teu mérito, nem pela rectidão do teu coração que entrarás na posse das suas terras, mas devido à maldade desses povos é que o SENHOR, teu Deus, os desalojará diante de ti, para cumprir a palavra que jurou aos teus pais, Abraão, Isaac e Jacob.

6- Fica, pois, a saber que não é pelo teu mérito que o SENHOR, teu Deus, te dará a posse dessa terra óptima, porque sois um povo de dura cerviz.

7- Lembra-te, não esqueças que desgostaste o SENHOR, teu Deus, no deserto, desde o dia em que saíste da terra do Egito até chegares a este lugar, revoltando-te contra o SENHOR!

8- Até no Horeb, desgostaste o SENHOR, e o SENHOR irritou-se contra ti, a ponto de te querer destruir."

Também no Livro de Josué surgem como os inimigos viscerais dos israelitas, e assinala a vitória Josué, sobre os amoritas <sup>22</sup>

"Batalha e cântico de vitória –

12- No dia em que o Senhor entregou os amorreus nas mãos dos filhos de Israel, Josué falou ao Senhor e disse, na presença dos israelitas:

"Detém-te, ó Sol, sobre Guibeon; e tu, ó Lua, sobre o vale de Aia-lon."

13- E o Sol deteve-se, e a Lua parou até o povo se ter vingado dos seus inimigos.

Isto está escrito no Livro do Justo. O Sol parou no meio do céu e não se apressou a pôr-se durante quase um dia inteiro.

14 -Nem antes nem depois houve um dia tão longo como aquele em que o Senhor obedeceu à voz de um homem, pois o Senhor combatia ao lado de Israel.

15 Depois disto, Josué voltou para o acampamento de Guilgal, com todo o Israel"

Poderá haver uma ligação mais íntima (supõe-se que os amoritas têm mais vínculos ancestrais aos israelitas), mas a ideia de que Abraão terá trazido a sua própria

---

<sup>22</sup> Ibidem Js10:12-15 pág 322

matriz identitária, inviolável, face a qualquer mistura ou introdução estrangeira, parece ser muitíssimo importante no cânone religioso hebreu. Assim, Abraão sairia da sua terra, em Ur, com essa matriz sagrada, transmitindo-a sucessivamente a Isaac, a Jacob, e aos seus descendentes.

## **2.6. O Renascimento Sumério**

De 2047 a 1750 a.C., a situação da Suméria sofreu uma marcante transformação, cujo período é largamente conhecido e é denominado de “Renascimento Sumério” (corresponde à III dinastia, ou Terceiro Período de Ur), época em que atravessou um importante desenvolvimento cultural, em virtude dos seus reis terem proporcionado um longo período de paz, que esteve na origem dum florescimento das artes e tecnologias de vários campos.

A solidificação daquilo que se apelida de cultura humana, só foi possível através, da conjuntura favorável proporcionada por essa fase, sendo que aqui floresceu a civilização humana tal como a conhecemos. A vontade e predisposição natural do homem em querer controlar o mundo, o seu habitat, foi aqui primordialmente estabelecida, seguindo um processo de sedimentação civilizacional que, por sua vez, iniciou uma massiva regulação do modo de viver e do seu progresso. O Código de Ur-Nammu é um marco civilizacional que data deste período. Com o final deste apogeu, principiou uma era de gradual declínio deste império, ou, se preferirmos, um período de profunda transformação, pois vários povos, vulgarmente denominados de bárbaros, nomeadamente, do povo semita das amoritas, que dão início à invasão do território, acabando por dominá-lo. Cerca do ano 1750 a.C. o poderoso reino de Elam invadiu e saqueou Ur. De entre essas tribos, supõe-se que terá vindo o clã de Abraão, que se estabeleceu em Canaã depois da queda de Ur. Após esse período, sucedem-se várias migrações, todas em direção ao norte. Ao mesmo tempo a língua suméria ia deixando de ser utilizada e iam-se perdendo outros aspetos da sua rica cultura.

## **2.7. O Império Babilónico e o Rei Hammurabi**

O rei amorita, Hammurabi, foi um dos mais importantes da primeira dinastia. Provavelmente, reinou entre 1810 – 1750 a.C. Foi o sexto monarca dessa mesma dinastia e foi o responsável por sucessivas batalhas vitoriosas, que permitiram que os babilónios estendessem os seus domínios pela Mesopotâmia.

As várias cidades-estado amoritas lutaram continuamente entre si para a anexação dos territórios com as melhores zonas de cultivo, e para que possuíssem a maior quantidade de recursos hídricos. A cidade da Babilónia, na época, apesar de ser uma das mais poderosas, não detinha a hegemonia do território. O rei Hammurabi concentrou-se em edificar obras de construção civil, nomeadamente, o aumento dos templos, o levantamento de poderosas muralhas, assim como a abertura de canais de irrigação, para tornar a terra mais produtiva.

Entretanto, a partir de 1801 a.C., o reino de Elam começou a introduzir-se nas planícies aráveis, e num segundo momento, após derrotar o reino de Eshnunna, começou a virar-se contra os reinos, da Babilónia e de Larsa. Porém fruto de alianças militares, os babilónios em 1763 a.C., conseguiram alcançar a vitória, e Hammurabi vai acabar por conquistar a importante cidade de Larsa, da antiga Suméria, centro de culto ao deus sol Utu. A partir dessa época, o Império da Babilónia irá criar um domínio latente em toda a planície da Baixa Mesopotâmia, altura em que vai iniciar uma campanha para norte, contra outros reinos, inclusive contra alguns que haviam sido seus aliados. Após novo conflito com a Assíria, acabou por conquistar esse território, embora nunca o administrasse diretamente. Com a morte de Hammurabi, o poder vai ser entregue ao seu filho, Samsu-Iluna, que não demonstrou estar à altura do anterior soberano, acabando por conduzir o Império a um forte declínio.

## **2.8. Os códigos da Mesopotâmia: Ur Nammu, Lipit- Ishtar e de Hammurabi**

A lei e a justiça eram conceitos de extraordinária importância para a vida social da antiga Suméria, tanto na prática como no plano teórico, tese que veio a ser comprovada pelas descobertas arqueológicas desde o século XIX.

### O Código de Ur-Nammu

Ur-Nammu foi um dos reis fundadores da 3ª dinastia de Ur. O seu conhecido código é considerado um importante tratado de primitivas leis (e o mais remoto encontrado até à data) com carácter social e tendo em conta a vontade do campo religioso, pois segundo as palavras inscritas, o código era a vontade dos deuses, exercida através dos homens. Encontra-se escrito em língua suméria (cuneiforme), e data de entre 2100 e 2040 a.C. Neste documento, estão legisladas as leis que regimentavam a vida na região, atribuindo a cada crime, a sua penalização de uma forma objetiva. Este código apresentava um avanço

civilizacional nunca antes observado, relevando o ressarcimento da vítima aquando de qualquer dano físico casual: se a vítima sofresse a perda de uma vista ou, por exemplo a perda de mobilidade de um membro, o infrator não sofreria dano semelhante (como mais tarde viria acontecer na Babilónia com a política [ de "Olho por olho; e Dente por dente", mas, teria de pagar ao lesado uma coima (dependia do dano). Ainda que se observasse a pena capital para crimes tradicionalmente tidos por mais graves, como o homicídio, a regra tendia a beneficiar quem sofresse na sua autonomia de cidadania.

O código contemplava inúmeras observações extremamente avançadas, e consagrava termos para os estados civis da vida, como o casamento, a viuvez, segundos casamentos, etc. No mesmo sentido, legislava por exemplo sobre o casamento entre escravos, para os casos de um cidadão casar com um escravo, e se dessa união resultasse um filho e a quem este pertenceria. Muitas outras situações estão contempladas neste código.

Para a história da Justiça, ficou registada a primeira sentença judicial, que teve lugar na Suméria e data 1850 a.C. Conta a história de três homens; um barbeiro, um jardineiro e um outro individuo não identificado, que mataram um dignatário de um templo chamado de Lu-Inanna. Os assassinos informaram a mulher da vítima do ocorrido, mas esta, não informou as autoridades. Porém o rei Ur-Ninurta, ao ter conhecimento do crime, convocou uma assembleia, para julgarem os assassinos, que acabaram por ser condenados.

#### O Código Lipit-Ishtar

O monarca Lipt-Ishtar foi o quinto rei da primeira dinastia de Isin e reinou aproximadamente cerca de 1934 a 1924 a.C., e é-lhe atribuído o código que leva o seu nome. Foi escrito, numa placa de argila seca ao sol, em caracteres cuneiformes e na língua suméria não semita. O código era composto por um prólogo, um epílogo e por um enorme conjunto de leis, das quais se conservaram 37. Os temas contemplados tratavam diversos assuntos do quotidiano social, e eram abordados temas como; a propriedade, o aluguer, heranças, danos causados aos animais, ou o tratamento dado aos\_escravos, entre muitos outros. No epílogo o rei diz que o Código fazia cumprir o encargo divino de aplicar a justiça e o bem-estar do país.

## O Código de Hammurabi

É um dos códigos de conduta civil mais antigos, e terá sido composto por altura de 1754 a.C. durante o Império Babilónico. É tido também como uma das primeiras formas de constituição de um Estado. Ainda que o texto tenha sido produzido num tempo tão recuado, já incluía a lei denominada de Lex Talionis, (Talião) (reciprocidade equitativa do dano infligido em primeira mão). Continuou a ser utilizado por múltiplas gerações. A totalidade das suas 282 leis estão inscritas tendo em conta múltiplos aspetos da vida civil de então, estando organizadas por grupos em conformidade com o domínio diverso em que se inseriam. Existe a hipótese de o código não ter sido introduzido com o objetivo de criar uma sociedade de direito, mas sim pela memória da justiça e bom juízo que o rei pretensamente deteria, e que as leis do rei fariam justiça. Em boa medida, teremos de levar em conta a evolução da sociedade em causa que, em pouco tempo, poderá ter produzido este texto de relevante importância.

Da mesma forma, como acontece com o Código de Ur-Nammu, pode ser observada a prevalência de direito do cidadão livre, face ao escravo. Um facto de relevo é a presença de uma forma jurídica, em que existiria a presunção da inocência e a necessidade do acusador trazer a lume a prova do facto imputado, como, aliás, também acontecia no Código de Ur Nammu. Questões relacionadas com o casamento, o comportamento sexual, a paternidade, os divórcios, entre outras, estão contidos nesse código. Outros aspetos menores, como a padronização de salários a receber por cada atividade exercida, qual o salário de um condutor de carro de bois, quanto deve receber um cirurgião pelo seu serviço. O código, também, aborda as responsabilidades dos construtores de edifícios, que devem realizar adequadamente o trabalho, contratado.

## 2.9. Canaã

Não se conhece ao certo a origem do nome de Canaã, mas segundo alguns linguistas ou etimologistas, significa "*púrpura*", um corante produzido na região, extraído numa espécie de molusco e muitíssimo apreciado na época. Os antigos gregos denominavam o povo desta região de Cananeus. A Fenícia fazia parte da Canaã, tinham uma religião politeísta, cujas principais divindades eram; Astarte e Baal, ambas associadas à fecundidade da natureza ou fertilidade. Das atividades a que o reino mais se dedicava, importa destacar, o comércio de madeira de cedro e o fabrico de folhas de papiro. Segundo os historiadores, o alfabeto foi estabelecido pelos fenícios, mais propriamente na cidade de

Ugarite, que, hoje, faz parte do território sírio. O aperfeiçoamento e desenvolvimento da matemática, a construção naval e arte de marear são de destacar, pois os fenícios navegaram de forma sucessiva e contínua por todo o mediterrâneo, tendo mesmo chegado ao Atlântico e aportado no que é hoje a cidade de Lisboa, tendo alcançado, muito provavelmente, a Costa de Inglaterra, nomeadamente a Cornualha.

## 2.10. O Egito

A presença do clã de Abraão no Egito, insere-se no quadro da Aliança, pois a Terra Prometida por Deus a Abraão, era Canaã e não o Egito. Durante a permanência dos judeus no Egito podemos observar duas fases. Segundo os relatos bíblicos, num primeiro momento, que se estende de Abraão até Moisés, o povo hebreu, sempre que havia fome em Canaã, recorria ao Egito em busca de alimento, onde eram bem acolhidos. Podemos afirmar que a comunidade israelita estava inserida na sociedade egípcia, e dedicavam-se, essencialmente, à agricultura e à criação de animais. O episódio relacionado com José, filho de Jacob, que terá trazido as suas gentes para o Egito, e que terá ocupado o alto cargo de Vizir, durante o Segundo Período Intermediário, quando o Egito foi governado pelo Hicsos, um povo de origem semita, é prova da inserção dos israelitas em terras egípcias. Durante estes cerca de 500 anos, que separam Abraão de Moisés, os judeus ocupavam-se das mesmas tarefas dos egípcios, e dedicavam-se essencialmente à agricultura e à criação de animais. Durante estes 5 séculos os judeus mantiveram-se debaixo de um quadro tribal, de cariz patriarcal, sem grande consciência identitária. Esta situação irá alterar-se a partir do Êxodo de Moisés, altura em que os judeus surgem já como um povo, cuja identidade se restabelece ao recuperarem a ideia de Aliança da Promessa da "*Terra Prometida*" que Deus fez a Abraão. O Êxodo Judeu ocorre numa época em que o Egito se encontrava debaixo de uma crise política e económica, e o povo de Israel estava escravizado, mas apesar desta situação, é de registar no episódio do Monte Sinai, onde vemos o povo a revoltar-se e a questionar Moisés, porque os tinha tirado do Egito, onde apesar de tudo não passavam fome. Na época de Moisés os hebreus já não aparecem num quadro de tribo, mas surgem já como um povo à procura de cumprir o seu compromisso da promessa com Deus de regressarem à Terra Prometida, contra a vontade dos egípcios, que os tinham escravizado. Este episódio vai dar corpo à imagem negativa, que irá marcar para sempre as relações de Israel e Egito, que vai passar para a história como o grande inimigo dos hebreus.

Abraão, do ponto de vista da história egípcia, viveu durante o Período do Médio Império, que teve lugar entre os anos 2040 a 1785 a.C. (ainda que certos egiptólogos o

coloquem entre 2055 e 1650 a.C.) e correspondeu ao período entre as dinastias XI até à XIV. Durante a XI dinastia o Egito foi reunificado por descendentes dos monarcas da capital Tebana, conforme é atestado pelo facto dos faraós desta época ostentarem o título de Rei do Alto e do Baixo Egito. Estes, além de reforçarem o poder central nas suas figuras, expandiram o seu território para a zona da Núbia e do Sinai (Sul e Leste do seu primitivo território), ainda que neste período, o reino tenha sido assolado por diversas tentativas de invasões de povos nómadas.

O primeiro rei deste período foi Mentuhotep II, que exerceu a sua soberania durante o extenso período de 51 anos, e que foi responsável pela consolidação da união em todo o território. Este monarca restabeleceu o culto divino na pessoa do faraó, fazendo-se representar como personificação da divindade Amón (mais tarde Ámon-Rá; Deus sol e símbolo da complacência para com o povo) e Min (Criador de todas as coisas). Seguindo esta fase de fortalecimento territorial e da simbólica real, sucederem-lhe vários faraós que sedimentaram esses aspetos. Entretanto, cerca do ano 2000 a.C., pensa-se que terá ocorrido uma usurpação por parte de um novo rei: Amenemés I, que irá assumir o poder, dando início à XII Dinastia. Uma das primeiras medidas do novo rei, foi transferir a residência real de Tebas-Uaset, situada a Sul do país, para a cidade de Lisht, a 25 km a Sul de Mênfis, junto à zona do Lago Faiun, e que viria a receber o nome de Iti-Taui, cujo significado era: O Senhor das Duas Terras. Com esta mudança assiste-se a uma deslocação do poder para Norte, de forma a manter-se no centro do País, como já tinha ocorrido séculos antes, quando Mênfis era a capital. Este monarca foi um dos reis mais importantes da história do Egito, sempre próximo do povo, tendo como prioridade as preocupações sociais. Orgulhava-se de percorrer o país e ocupar-se dos problemas de carácter público, por isso teve como lema "Destruir injustiças e brilhando como o próprio deus Aton". O soberano Amenemés I afirmava que era necessário restabelecer o que tinha sido arruinado, e o que uma cidade tinha roubado a outra, durante as diversas convulsões políticas, deveria ser devolvido<sup>23</sup>. Os faraós que usaram o nome Amenemés, ou de Sesóstris, irão distinguir-se enquanto organizadores nas áreas administrativas e económicas, de resto, bem patentes no nível económico florescente, e de que são testemunhos os templos e os túmulos construídos durante esse período.

O seguinte faraó, Sesóstris I, assumiu o poder depois de ter destronado o próprio pai Amenemés I, e teve como prioridade apoderar-se das minas de ouro da Núbia. Seguiram-se no governo do reino, os faraós Amenemés II e Sesóstris II, que se limitaram a

---

<sup>23</sup> A. Erman, Ranke, *La Civilisation Égyptienne*, Payot Paris, 1976, pág. 56



gerir as riquezas herdadas dos seus antecessores. O seguinte faraó Sesóstris III, vai ficar para a história devido às campanhas militares na Núbia e na Palestina.

Segundo a maioria dos especialistas, a presença de Abraão e de Sara no Egito, terá correspondido ao período do faraó Amenemhat III, relatado no texto bíblico que menciona os acontecimentos que tiveram lugar aquando da chegada dos hebreus ao Egito.

O faraó Amenemhat III, (1860-1815 a.C.), sucedeu ao seu pai, o faraó Senuseret, governou o país durante 45 anos, e foi considerado como um dos maiores faraós do Império Médio. O seu reinado correspondeu a uma época pacífica e coincidiu com o apogeu do crescimento económico do Império Médio. Foi durante o seu governo que se efetuaram grandes trabalhos na área do oásis de Faium. Este faraó mandou construir um grande reservatório, que tinha o nome de Lago Moéris, que tinha 1.700km<sup>2</sup> de área distribuindo a água por meio de uma série de canais. Graças a estas obras, o oásis seria transformado num dos mais importantes centros agrícolas, fazendo aumentar o bem-estar económico da população. Este rei, também, procedeu à exploração das pedreiras do Egito e das minas de turquesa no Sinai. Ainda, hoje podemos testemunhar, mais de 50 inscrições em rochas que registaram explorações mineiras, desenvolvidas entre os anos 2 e 45, que corresponderam ao seu longo reinado.

Como grandes obras, do seu reinado destacam-se as seguintes: um grande templo funerário em Kiman Farisv, perto do oásis em Hawara, dedicado ao deus crocodilo local Sobek, e a construção de duas pirâmides, uma em Dahchur e outra em Hauara, onde aliás foi sepultado.

Como síntese, podemos afirmar que, durante a XII dinastia do Egito, foi restaurado o poder real, e foi um período que deu lugar a grandes construções de templos, de túmulos e de variadas fortificações de Norte a Sul do país. Foi, também, um período de expansão, fruto das várias campanhas militares, especialmente frente à Núbia como a Palestina ou a Líbia. Outras das características desta dinastia, foram as relações internacionais, através da diplomacia e o desenvolvimento comercial com a região de Pun e com a ilha de Creta.

## **2.11. Os Patriarcas: Abraão Isaac e Jacob**

O profeta terá vivido durante o primeiro quartel do II milénio a.C. Seu pai chamava-se Tera, e segundo a tradição, era fabricante de ídolos, pelo que Abrão viveu neste

ambiente idólatra até que Deus se lhe revelou. Seu pai decidiu sair da cidade de Ur, e foi para Haran, talvez devido a uma possível invasão dos amoritas<sup>24</sup>

"Tera tomou seu filho Abrão, seu neto Lot, filho de Haran, e sua nora Sarai, mulher de Abrão, seu filho e partiu com eles de Ur na Caldeia, e dirigiram-se para a terra de Canaã. Chegados a Haran, aí se fixaram. Tera viveu 205 anos e morreu em Haran".

Sabemos o quão difícil é hoje poder elaborar com algum rigor uma biografia do patriarca "*Abraham Avinu*", nascido provavelmente há cerca de 4000 anos, na Mesopotâmia, e que foi o primeiro grande patriarca do povo hebreu. A origem do seu nome, embora não consensual, tem sido tomada como "*pai de muitos povos*".

O que foi escrito sobre Abraão encontra-se inserido no livro do Génesis que foi, definitivamente, compilada cerca do V séc. a.C., sem outras fontes históricas, que comprovem esses relatos.

Abraão é a figura central na história do povo judeu, mas é, também, venerado por cristãos e muçulmanos. Representante fulcral do monoteísmo o arquétipo das religiões proféticas, é considerado como o primeiro homem de fé perante Deus.

Deus estabeleceu com Abraão uma aliança <sup>25</sup>

A Aliança –

1-Abrão tinha noventa e nove anos, quando o SENHOR lhe apareceu e lhe disse: «Eu sou o Deus supremo. Anda na minha presença e sê perfeito.

2-Quero fazer uma aliança contigo e multiplicarei a tua descendência até ao infinito.»

3-Abrão prostrou-se com o rosto por terra e Deus disse-lhe:

4-«A aliança que faço contigo é esta: serás pai de inúmeros povos.

5- Já não te chamarás Abrão, mas sim Abraão, porque Eu farei de ti o pai de inúmeros povos.

6- Tornar-te-ei extremamente fecundo, farei que de ti nasçam povos e terás reis por descendentes.

7- Estabeleço a minha aliança contigo e com a tua posteridade, de geração em geração; será uma aliança perpétua, em virtude da qual Eu serei o teu Deus e da tua descendência.

---

<sup>24</sup> Difusora Bíblica Capuchinhos, Franciscanos, Bíblia Sagrada Para o Terceiro Milénio da Encarnação, Difusora Bíblica Fátima 2008) Gn 12, 31-32 pág 38

<sup>25</sup> " Idem Gn 17,1-8 pág 44

8- Dar-te-ei, a ti e à tua descendência depois de ti, o país em que resides como estrangeiro, toda a terra de Canaã, em possessão perpétua, e serei Deus para eles.»

Entretanto já instalado em Haran, Abraão, com cerca de 75 anos de idade, a fé de Abraão é pela primeira vez posta á prova quando Deus lhe aparece e lhe ordenou<sup>26</sup>;

#### “Vocação de Abraão”

1- O SENHOR disse a Abrão: «Deixa a tua terra, a tua família e a casa do teu pai, e vai para a terra que Eu te indicar.

2- Farei de ti um grande povo, abençoar-te-ei, engrandecerei o teu nome e serás uma fonte de bênçãos.

3- Abençoarei aqueles que te abençoarem, e amaldiçoarei aqueles que te amaldiçoarem. E todas as famílias da Terra serão em ti abençoadas.»

4- Abrão partiu, como o SENHOR lhe dissera, levando consigo Lot. Quando saiu de Haran, Abrão tinha setenta e cinco anos.

5- Tomou Sarai, sua mulher, e Lot, filho do seu irmão, assim como todos os bens que possuíam e os escravos que tinham adquirido em Haran, e partiram todos para a terra de Canaã, e chegaram à terra de Canaã.

6- Abrão percorreu-a até ao lugar de Siquém, até aos Carvalhos de Moré. Os cananeus viviam, então, naquela terra.

7- O SENHOR apareceu a Abrão e disse-lhe: «Darei esta terra à tua descendência.» E Abrão construiu ali um altar ao SENHOR, que lhe tinha aparecido.

8- Deixando esta região, prosseguiu até ao monte situado ao oriente de Betel, e montou ali as suas tendas, ficando Betel ao ocidente e Ai ao oriente. Construiu também um altar ao SENHOR e invocou o seu nome.

9- Abrão continuou a sua viagem, acampando aqui e ali, em direção ao Négueb”.

A história que nos é relatada no livro do Génesis, apenas nos revela, motivos de fé, no cumprimento da ordem que Deus, para que Abraão e o seu clã, abandonassem Haran e partissem em direção a Canaã, situada a mais de 800 km, numa perigosa viagem, dado que as caravanas eram, frequentemente, atacadas por bandos de nómadas. Após prolongadas etapas, acabaram por se instalar na terra de Canaã, (mais tarde os romanos haveriam de rebatizá-la de Palestina). Esta região há muito estava colonizada, pois a Bíblia menciona sete povos distintos que ali habitavam. Já em Canaã, Deus voltou a aparecer a Abraão, para

---

26 Ibidem Gn 17,1-8 pág 44

lhe anunciar<sup>27</sup> "Darei esta terra à tua descendência". Abraão construiu ali um altar dedicado ao Senhor, que lhe havia aparecido".

Esta figura imponente, para as religiões abraâmicas, é, todavia, retratada na Bíblia, por vezes como um homem contraditório, impaciente, enganador, covarde, ou seja, com muitos defeitos, o que constitui um drama espiritual. Um testemunho dessas fragilidades de caráter do patriarca Abraão é-nos relatado na Bíblia, aquando da sua chegada ao Egito, temendo pela sua vida, devido à beleza da sua mulher, fê-la passar por sua irmã, entregando-a ao rei<sup>28</sup>

10- "Houve fome naquela terra, e Abraão desceu ao Egito para ali viver algum tempo, pois a fome era rigorosa".

11- "Quando chegou ao Egito, disse a Sarai, sua mulher: "Bem sei que és bonita",

12- Quando os egípcios te virem, dirão: 'Esta é a mulher dele'. E me matarão, mas poupar-te-ão.

13- "Diz que és minha irmã, para que me tratem bem e assim a minha vida seja poupada " .

14- "Quando Abraão chegou ao Egito, viram os egípcios que Sarai era uma mulher muito bonita.

15- "Vendo-a, os homens da corte do faraó elogiaram-na diante do faraó, e ela foi levada ao seu palácio,

16- "O faraó, tratou bem a Abraão devido a Sara e deu-lhe ovelhas, bois, jumentos e jumentas, servos e servas, e camelos".

17- "Mas o Senhor puniu o faraó e sua corte com graves doenças, por causa de Sarai, mulher de Abraão".

18- "Por isso o faraó mandou chamar Abraão e disse: O que fizeste comigo? Por que não me disseste que ela era tua mulher?

19- Por que disseste que era tua irmã? Foi por isso que eu a tomei para ser minha mulher. Tens de volta a tua mulher. Tome-a e parte"

20- "A seguir o faraó deu ordens para que providenciassem o necessário para que Abraão partisse com sua mulher assim como tudo o que possuía".

Foi, pois, um longo percurso feito por Abraão, até se compenetrar da verdadeira natureza das revelações e dos compromissos que Deus lhe prometeu para ele e para os

---

27 Ibid. Gn:12-7 pág. 39

28 Ibid. Gn 12,10-20, pág. 38,39

seus descendentes. O seu percurso espiritual vai ocorrendo em simultâneo com o seu crescimento enquanto pessoa, na medida em que vai estreitando a sua relação com Deus, baseado na obediência. O ponto máximo desse amor a Deus, teve lugar no episódio relacionado com o sacrifício de Isaac que depois de por à prova, o amor de Abraão, acabará por substituir o seu filho Isaac, por um cordeiro: <sup>29</sup>

Sacrifício de Isaac (Jz 11,29-40) –

1- Após estas ocorrências, Deus pôs Abraão à prova e chamou-o: «Abraão!» Ele respondeu: «Aqui estou.»

2- Deus disse: «Pega no teu filho, no teu único filho, a quem tanto amas, Isaac, e vai à região de Moriá, onde o oferecerás em holocausto, num dos montes que Eu te indicar.»

3- No dia seguinte de manhã, Abraão aparelhou o jumento, tomou consigo dois servos e o seu filho Isaac, partiu lenha para o holocausto e pôs-se a caminho para o lugar que Deus lhe tinha indicado.

4- Ao terceiro dia, erguendo os olhos, viu à distância aquele lugar.

5- Disse então aos servos: «Ficai aqui com o jumento; eu e o menino vamos até além, para adorarmos; depois, voltaremos para junto de vós.»

6- Abraão apanhou a lenha destinada ao holocausto, entregou-a ao seu filho Isaac e, levando na mão o fogo e o cutelo, seguiram os dois juntos.

7- Isaac disse a Abraão, seu pai: «*Meu pai!*» E ele respondeu: «Que queres, meu filho?» Isaac prosseguiu: «Levamos fogo e lenha, mas onde está a vítima para o holocausto?»

8- Abraão respondeu: «Deus proverá quanto à vítima para o holocausto, meu filho.» E os dois prosseguiram juntos.

9- Chegados ao sítio que Deus indicara, Abraão construiu um altar, dispôs a lenha, atou Isaac, seu filho, e colocou-o sobre o altar, por cima da lenha.

10- Depois, estendendo a mão, agarrou no cutelo, para degolar o filho.

11- Mas o mensageiro do SENHOR gritou-lhe do céu: «Abraão! Abraão!» Ele respondeu: «*Aqui estou.*»

12- O mensageiro disse: «*Não levantes a tua mão sobre o menino e não lhe faças mal algum, porque sei agora que, na verdade, temes a Deus, visto não me teres recusado o teu único filho.*»

---

29 Ibid. Gn: 22, 1-19 p pág 51,52

13- Erguendo Abraão os olhos, viu então um carneiro preso pelos chifres a um silvado. Foi buscá-lo e ofereceu-o em holocausto, em substituição do seu filho.

14- Abraão chamou a este lugar: «*O SENHOR providenciará*»; e dele ainda hoje se diz: «*Na montanha, o SENHOR providenciará.*»

15- O mensageiro do SENHOR chamou Abraão do céu, pela segunda vez,

16- Disse-lhe: «*Juro por mim mesmo, declara o SENHOR, que, por teres procedido dessa forma e por não me teres recusado o teu filho, o teu único filho*»

17- Abençoar-te-ei e multiplicarei a tua descendência como as estrelas do céu e como a areia das praias do mar. Os teus descendentes apoderar-se-ão das cidades dos seus inimigos.

18- E todas as nações da Terra se sentirão abençoadas na tua descendência, porque obedeceste à minha voz.

19- Abraão voltou para junto dos servos, e regressaram juntos a Bercheba, onde Abraão fixou residência.”

Este episódio pode ser considerado como um passo civilizacional pois, simbolicamente, põe termo aos sacrifícios humanos, na zona de Canaã. É importante, porém, lembrar que muitas centenas de anos antes, os egípcios tinham terminado com os sacrifícios humanos, ao substituírem por pinturas, nos túmulos dos faraós, os servidores que o iriam servir no além.

A Bíblia fala-nos de Abraão como sendo um rico proprietário de rebanhos e outros animais, que percorria de norte a sul a terra de Canaã, na procura de terras de pastoreio. No lugar onde levantasse a sua tenda, em simultâneo levantava um altar para poder render culto a Deus. Sempre que em Canaã não havia pastagens para o seu rebanho, Abraão descia até ao Egito, e regressava a Canaã logo que a situação melhorava;<sup>30</sup>

“Lot separa-se de Abraão –

1 Abrão saiu do Egito, em direcção ao Négueb, com a sua mulher e tudo o que lhe pertencia. Lot acompanhava-o.

2 Abrão era muito rico em rebanhos, prata e ouro.

3 Regressou, depois, do Négueb a Betel, até ao lugar do seu primeiro acampamento, entre Betel e Ai,

---

30 Ibid Gn 13:3,4 pág 40

4 No sítio em que erigira um altar pela primeira vez e onde invocara o nome do SENHOR.

5 Lot, que acompanhava Abrão, possuía, igualmente, ovelhas, bois e tendas;

6 A terra não era bastante grande para nela se estabelecerem os dois, porque os bens de ambos eram avultados.

7 Houve questões entre os pastores dos rebanhos de Abrão e os pastores dos rebanhos de Lot.”

Provavelmente, Abraão deveria ser considerado para a época um homem com certa cultura, tendo em conta que Ur era nesse tempo um importante centro cultural. O território de Canaã, foi, também, um dos berços da civilização humana, conforme se constata pelas descobertas arqueológicas encontradas na zona sul do território, com destaque para Jericó, que se destacou na época como um importante centro urbano. Os territórios da Mesopotâmia assim como de Canaã, a partir do período neolítico, foram importantes centros urbanos, onde se destacavam; Ur (terra natal de Abraão) e Beersheba a nova pátria de Abraão. Sem dúvida que Abraão mantinha alianças e relações amistosas com reis do centro e sul do país, como foi o caso de Melquisedech rei de Salém e do rei de Sodoma<sup>31</sup>

“Abraão e Melquisedech –

17- Quando Abrão regressava vencedor de Cadorlaomer e dos reis seus aliados, o rei de Sodoma saiu-lhe ao encontro no vale de Chavé, que é o vale do Rei.

18- Melquisedec, rei de Salém, trouxe pão e vinho e, como era sacerdote do Deus Altíssimo,

19- Abençoou Abrão, dizendo:

«Bendito seja Abrão pelo Deus Altíssimo que criou os céus e a Terra!

20- Bendito seja o Deus Altíssimo, que entregou os teus inimigos nas tuas mãos. E Abrão deu-lhe o dízimo de tudo”.

Os habitantes da antiga Kiriath Arba, mais tarde chamada de Hebron, também tinham por Abraão, um grande respeito, pois ao dirigir-se a ele, chamavam-no do “Senhor ungido de Deus. Abraão adquiriu de Éfron, Bem Zohar, um pequeno território onde se encontrava a Gruta de Macpela, na altura pertença dos hititas, e que mais tarde haveria de servir para o sepultar, assim como a sua mulher Sara, seu filho Isaac e mulher Rebeca e Jacob, filho de Isaac, com sua mulher Lea. Por essa ocasião o Profeta, era considerado junto dos hititas como um “*príncipe divino*”. Desde essa altura até aos dias de hoje, esta

---

31 Ibid Gn:13: 17-20 pág. 41-42

gruta haveria de ser sempre considerada como um lugar santo, primeiro para o judaísmo e depois para as restantes religiões abraâmicas.

**Ao filho de Abraão Isaac**, vai caber um papel de menor importância no relato bíblico. Ocorre que é na época de Isaac, que na região se vai dar uma grande transformação da vida nómada para uma vida mais sedentária, cada vez mais dependente do sustento do trabalho da terra. A Bíblia relata-nos que muito do trabalho de Isaac, se prendia com a abertura de poços de água, e com a plantação de cereais. Apesar de alguns conflitos com os seus vizinhos, em geral a sua existência foi tranquila e pacífica, pois, nas suas relações com homens importantes do território, Isaac era visto como um igual entre iguais, embora o vissem, também, como um homem abençoado por Deus. Isaac sentiu-se sempre muito ligado a Canaã, pois mesmo nos anos de fome nunca abandonou o território.

**A atribulada vida de Jacob**, filho de Isaac, está amplamente relatada no Génesis, assim como os seus 12 filhos que estão na origem da fundação das 12 tribos de Israel. Na sequência das desavenças com seu irmão Esaú, foi obrigado a abandonar a casa paterna e a permanecer cerca de 20 anos na casa da família, local onde iria desposar Lea, que lhe deu 6 filhos e uma filha, e Raquel a irmã de Lea, que foi o seu grande amor, mas era estéril. Todavia anos mais tarde iria dar-lhe o seu filho José. Jacob, também, teve filhos de Bilha e Zilpa, que eram servas das suas mulheres. Por último decidiu sair de Haran na Mesopotâmia e regressar a Canaã, acabando por se reconciliar com o seu irmão Esaú. A Bíblia relata-nos a misteriosa luta de Jacob com um Homem, que se negou a dar-lhe o Seu nome, durante a noite que atravessou o rio Yabuc,<sup>32</sup>

“A luta com Deus –

25- Jacob tendo ficado só, alguém lutou com ele até ao romper da aurora.

26- Vendo que não podia vencer Jacob, bateu-lhe na coxa, e a coxa de Jacob deslocou-se, quando lutava com ele.

27- E disse-lhe: «Deixa-me partir, porque já rompe a aurora.»

Jacob respondeu: «Não te deixarei partir enquanto não me abençoares.»

28- Perguntou-lhe então: «Qual é o teu nome?» Ao que ele respondeu: «Jacob.»

29- E o outro continuou: «O teu nome não será mais Jacob, mas Israel; porque combateste contra Deus e contra os homens e conseguiste resistir.»

30- Jacob interrogou-o, dizendo: «Peço-te que me digas o teu nome.» «Porque me perguntas o meu nome?» – respondeu ele. E então abençoou-o.

31- Jacob chamou àquele lugar Peniel; «porque vi um ser divino, face a face, e conservei a vida» – disse ele.”

---

32 Ibid Gn 32, 25 -31 , pág. 70



A sua amada Raquel morreu a caminho de Hebron ao dar à luz o seu segundo filho Benjamim, mais propriamente no caminho de Efrat, entre Belém e Jerusalém. Raquel que é também conhecida como a "Mãe de Israel", quis ali ser sepultada para um dia poder ver voltar vitoriosos os soldados a Israel. Esse seu sonho só recentemente, foi completado com a independência do Estado de Israel, que ocorreu em 1947. Atualmente o seu túmulo, está integrado no muro de separação entre Israel e a Autoridade Palestina, e foi recentemente transformado numa sinagoga.

## 2.12. Abraão segundo a visão do Islão

Segundo Hans Kung, mesmo muito antes do profeta Maomé, já existia entre o povo árabe, politeísta por excelência, um movimento de reforma monoteísta, que se referia à "religião de Abraão. Para o Islão, Abraão é considerado como o primeiro muçulmano, o patriarca dos árabes, aquele que se submete incondicionalmente à vontade e à fé em Alá, e que dessa forma alcança a justiça, através do cumprimento dos mandamentos de Alá. Também é considerado como "o Pai", e é, também, chamado de "Senhor". Para o Islão, seu filho Ismael é o verdadeiro primogénito, pois foi circuncidado e viveu em casa de seu pai até à idade de 13 anos, quando foi expulso. Para o Islão, Ismael foi o único profeta da Arábia, até ao momento em que surge Maomé em 570 d.C.,

Para os muçulmanos o livro sagrado Alcorão é a palavra literal de Alá que foi revelada ao profeta Maomé (Muhammad) ao longo de um período de vinte e três anos. O livro é composto por 114 suras, que por sua vez são subdivididas em versículos (ayat). As suras não se encontram ordenadas por uma ordem cronológica de revelação. Abraão é depois de Moisés a figura bíblica mais mencionada no Alcorão, pois surge em 245 versículos distribuídos por 25 suras, em versículos que incluem vários episódios relacionados com a revelação, a sua luta inglória com o clã de seu pai, para deixarem o politeísmo e aceitarem o monoteísmo. O Alcorão relata-nos a sua vida em Meca, a criação da Caaba, a oração, e as muitas dificuldades que Abraão encontrou no caminho de afirmação na crença dum Deus único.

Assim abre o Alcorão:

"Em nome de Deus o Clemente, o Misericordioso

Deus disse, o Altíssimo:

*Se tivéssemos feito descer este Alcorão sobre uma montanha, tê-la-ias visto humilhar-se e fender-se, por temor a Deus. Tais exemplos propomos aos homens, para que raciocinem"*

Sura Al Haxr 59.21 <sup>33</sup>

A 6ª Sura foi revelada em Meca e o seu nome em árabe é An'Am, cuja tradução é "O Gado". Esta sura fala-nos de Abraão ("Ibrahim" ou "Ibrahim"), que na sua juventude, segundo o costume de seu pai, cultuava os astros entre eles; a Lua, e o Sol que eram considerados como deuses. Num segundo momento surge Abraão, já tocado pela crença num Deus único, a rejeitar e a lutar contra a idolatria praticada pelo seu pai (que no Islão toma o nome de Ezra)"

74- Quando Abraão disse a Ezra, seu pai: "Tomas ídolos por deuses! Eis que te vejo a ti e ao teu povo em evidente erro"

75- E foi como mostramos a Abraão os reinos dos céus e da terra, para que se contasse entre os persuadidos"

76- Quando a noite o envolveu, viu uma estrela e disse: Eis aqui meu Senhor!

77- Quando viu despontar a lua, disse: Eis aqui meu Senhor! Porém quando esta desapareceu disse: se meu Senhor não me iluminar contar-me-ei entre os extraviados.

78- E quando viu despontar o sol exclamou: Eis aqui meu Senhor! Este é o maior! Porém, quando este se pôs disse: Ó povo meu, não faço parte da vossa idolatria".

79- Eu me consagro a Quem criou os céus e a terra; sou monoteísta e não me conto entre os idólatras".

80- Seu povo o refutou e ele disse (às pessoas): Pretendeis refutar-me acerca de Alá, se é Ele que me tem iluminado? Sabei que não temerei os parceiros que lhe atribuis, salvo se, meu Senhor, quiser que algo me suceda, porque a onisciência do meu Senhor abrange tudo. Não meditais?"

81- E como hei-de temer o que idolatráis, uma vez que vós não temeis atribuir parceiros a Alá, sem que Ele vos tenha concedido autoridade para isso? Qual dos dois partidos é mais digno de ser tomado? Dizei-o, se o sabeis. <sup>34</sup>

A 19ª Sura foi revelada em Meca e tem o nome em árabe de Mariam, cuja tradução é Maria. Entre outros episódios Abraão, continua a sua luta, no propósito de tentar persuadir

---

33 O Alcorão Sagrado, versão RockEdition.LCE Publicações Eletrónicas e BooksBrasil.com, 1994, 6ª Sura: 74-81, pág 155-156

34Ibidem, 19ª Sura: 41-49 pág 334-335

o seu pai, a abandonar a idolatria e assim parar de adorar a Satanás. Num segundo momento temos seu pai Ezra, a ameaçar Abraão com o apedrejamento se continuar a rejeitar as suas divindades. Entretanto, Abraão faz um último apelo ao pai para deixar de adorar a Satanás e a seguir Alá. Por fim dá-se a rutura entre Abraão e seu pai, onde Abraão, depois de ameaçado, se vê obrigado a abandonar o clã, e a proclamar a fé inabalável no seu Senhor, sem deixar de declarar que implorará pelo pai, o perdão de Alá.

No versículo final desta sura, é-nos apresentado Isaac e Jacob com a designação de profetas.

41- "E menciona, no Livro, (a história de) Abraão; ele foi um homem da verdade e um profeta".

42- "Ele disse ao seu pai: Ó meu pai, por que adoras quem não ouve, nem vê, ou que em nada pode valer-te?"

43- "Ó meu pai tenho recebido algo da ciência, que tu não recebeste. Segue-me, pois, que eu te conduzirei pela senda reta!". "

44- "Ó meu pai não adores a Satanás, porque Satanás foi rebelde para com o Clemente!".

45- "Ó meu pai, em verdade temo que te açoite um castigo do Clemente, tornando-te assim, amigo de Satanás"

46- "Disse-lhe: Ó Abraão, porventura, detestas as minhas divindades? Se não desistires, apedrejar-te-ei. Afasta-te de mim!".

47- " Disse-lhe que a paz esteja contigo! Implorarei por ti, o perdão de meu Senhor, porque é bom para comigo".

48- "Abandonar-vos-ei, então, com tudo quando adorais, em vez de Alá. Só invocarei o meu Senhor; espero, com a invocação de meu senhor, não ser desventurado".

49- "E quando os abandonou com tudo quanto adoravam em vez de Alá, agraciamo-lo com Isaac e Jacó e designamos ambos como profetas"<sup>35</sup>.

A 21ª Sura foi revelada em Meca tem o nome de Al Na Biya, que significa "Profetas", Relata-nos o esforço de Abraão na tentativa de persuadir o seu pai, para o erro de continuar como idólatra. Abraão acaba secretamente por destruir os ídolos exceto o maior deles. Entretanto o povo questionou-o se tinha sido ele a destruir as estátuas dos deuses, ao que respondeu que não e que terá sido o maior deles, desafiando-os a perguntarem aos ídolos a própria resposta. Os últimos capítulos desta sura, vemos o povo revoltado com Abraão e planeiam queimá-lo, sem, todavia, o terem conseguido.

---

35 Ibid. 21ª Sura, versículos: 51-70- pág 356-358

51- Anteriormente concedemos a Abraão a sua integridade, porque o sabíamos digno disso”.

52- Ao perguntar ao seu pai e ao seu povo: que significam esses vossos ídolos, aos quais vos devotais?”.

53- Responderam: encontrámos os nossos pais a adorá-los”.

54- Disse-lhes (Abraão): Sem dúvida que vós e os vossos pais estais em evidente erro”.

55- Inquiriram-no: trouxeste-nos a verdade, ou tu és um dos tantos brincalhões?”.

56- Respondeu-lhes: Não! Vosso Senhor é o Senhor dos céus e da terra, os quais criou, e eu sou um dos testemunhos disso”.

57-” Por Alá que tenho um plano para os vossos ídolos, logo que tiverdes partido...”.

58- “E os reduziu a fragmentos, menos o maior deles, para que, quando voltassem, se recordassem dele”.

59 -” Perguntaram, então: Quem fez isto com os nossos deuses? Ele deve ser um dos injustos!

60 -” Disseram: temos conhecimento de um jovem que falava deles. É chamado de Abraão”.

61- Disseram: trouxe-o à presença do povo, para que testemunhe”.

62- Perguntaram: foste tu, ó Abraão, que fizeste isso com os nossos deuses?

63 - Respondeu: Não! Foi o maior deles. Interrogai-os, pois, se é que podem falar inteligivelmente”.

64- E confabularam, dizendo entre si: em verdade, vós estais em erro.”

65- Logo voltaram a cair em confusão e disseram: Tu bem sabes que eles não falam”

66- Então Abraão lhes disse: Porventura adorais, em vez de Alá, quem não pode beneficiar-vos ou prejudicar-vos em nada?”

67- Que vergonha para vós e para os que adorais, em vez de Alá! Não raciocinais?”.

68- Disseram: Queimai-o e protegei os vossos deuses, se o puderdes (de algum modo)”.

69- Porém, ordenamos: Ó fogo, sê fresco e poupa Abraão! “.

70- “Inventaram conspirar contra ele, porém, fizemo-los perdedores”<sup>36</sup>

---

<sup>36</sup> ibíd, 11ª Sura, versículos : 69-76 pág 247-248

A 11ª Sura, tem o nome de Hud e tem a mesma tradução. Esta mensagem foi revelada em Meca e reforça a crença dos muçulmanos de que a correta revelação de Deus a Abraão só se encontra registada no Alcorão, e que a Caaba, a verdadeira Casa de Alá, foi construída em Meca por Abraão e Ismael, como o santuário central do Deus único.

A derivação da árvore genealógica dos árabes consta dos textos bíblicos. Tudo tem início quando Deus tinha prometido a Sara, apesar da sua avançada idade, de fazer dela uma "mãe de muitas nações", e por isso conceberia um filho. Alguns versículos desta Surata relatam o episódio do anúncio dos mensageiros de Alá a Abraão e Sara, de que irão ter um filho. Porém ficam incrédulos que tal possa acontecer, devido à sua avançada idade. O Alcorão relata assim os acontecimentos:

69- E eis que os Nossos mensageiros trouxeram a Abraão o anúncio de boas-novas, dizendo: Paz! E ele respondeu: Paz! E não tardou em obsequiá-los com um vitelo assado".

70- Porém, quando observou que as suas mãos hesitavam em tocar o vitelo, desconfiou deles, sentindo-lhes temor. Disseram: não temas, porque somos enviados contra o povo de Lot!"

71- E sua mulher, que estava presente, pôs-se a rir, por lhe anunciarmos o nascimento de Isaac e, depois deste, o de Jacob".

72- "Ela exclamou: ai de mim! Conceber eu, que já sou anciã, deste meu marido, um ancião? Isto é algo assombroso!"

73- Disseram: Assombras-te, acaso, dos desígnios de Alá? Pois sabeis que a misericórdia de Alá e as Suas bênçãos vos amparam, ó descendentes da casa (profética); Ele é Louvável, Gloriosíssimo".

74- Mas quando o temor de Abraão se dissipou e lhe chegaram anúncios de boas-novas, começou a interceder junto a Nós pelo povo de Lot".

75- Ó Abraão, não insistas mais nisso, porque a sentença de teu Senhor foi pronunciada, e em breve os fustigará um castigo irrevogável.

76- Sabei que Abraão era tolerante, sentimental, contrito ".

Porém com o decorrer do tempo, Sara já de avançada idade, desesperada por não conseguir gerar o filho prometido, seguiu o costume local, segundo o qual a esposa que não conseguisse gerar teria de oferecer ao marido uma criada para servir no lugar dela, de forma a dar continuidade à sua descendência. Este consentimento por parte de Sara, seguramente, também, foi suportado com o desejo de poder realizar a promessa que Deus tinha estabelecido com ela e com o seu marido. Os problemas relacionados com a chegada

de Ismael, têm lugar logo após o seu nascimento pela rivalidade entre Sara e Hagar a sua escrava egípcia, que segundo o ponto de vista do islão era considerada como a 2ª esposa. Com a idade de cerca de 13 anos Ismael, vai ser circuncidado. Após os nascimentos de Isaac acentuam-se os desentendimentos entre as duas mulheres, pois ambas lutavam para que o seu filho fosse primogénito<sup>37</sup>.

Na 2ª Sura revelada em Medina, tem o nome árabe de Albácará, cuja tradução é "A Vaca" Todos os versículos compreendidos entre os números 124 e 132 são dedicados inteiramente a Abraão e aos seus filhos particularmente a Ismael. Entre muitos acontecimentos relatados destaque para os versículos onde a Fé de Abraão é posta à prova, e onde ele e a sua descendência serão designados como íman dos homens (leaders religiosos).

Para os crentes muçulmanos, Abraão, ainda antes do nascimento de Isaac, devido às suas convicções religiosas vai ter de enfrentar o povo, e por isso abandona o local (Jerusalém) e vai para Meca, com Hagar a sua 2ª esposa e o seu filho Ismael, onde aí recebe uma ordem de Deus para construir a casa sagrada de Deus, a Caaba, uma pequena casa, onde encrostaram a "*Pedra Sagrada*", uma pedra escura, que segundo a uma lenda ficou assim por causa dos pecados. É uma das relíquias mais sagradas do Islã e, segundo a tradição muçulmana, remonta ao tempo de Adão e Eva. Outra tradição, defende que a pedra foi um presente de Alá para Abraão. O versículo seguinte do Alcorão refere-se ao pacto estabelecido em Meca por Alá, com Abraão e Ismael, onde surgem como os verdadeiros construtores da Caaba.

124 - E quando o seu Senhor pôs à prova Abraão, com certos mandamentos, que ele observou e disse-lhe: Designar-te-ei Imã dos homens, (Abraão) perguntou: E também o serão os meus descendentes? Respondeu-lhe: Minha promessa não alcançara á os injustos".

125- Lembrai-vos que estabelecemos a Casa, para congresso e local de segurança para a humanidade; e adotai a Estância de Abraão por oratório. E estipulemos um pacto com Abraão e Ismael dizendo-lhes: Purificai a Minha Casa, para os circundantes (da Caaba), os retraídos, os que se inclinam e se prostram.

126- E quando Abraão implorou Ó Senhor meu, faze com que esta cidade seja de paz, e agracia com frutos os seus habitantes que creem em Alá e no dia do Juízo Final! Alá respondeu: Quanto aos incrédulos dar-lhes-ei um desfrutar transitório e depois os

---

37 lbíd, 2ª Sura, versículos: 124-132- pág. 44-45

condenarei ao tormento infernal. Que triste destino!" Esta sura termina com o legado de Abraão, na crença dum Deus único, passada para os seus filhos, assim como para Jacob

127- E quando Abraão e Ismael levantaram os alicerces da Casa, exclamaram: Ó Senhor nosso, aceita-a de nós pois Tu és Sapiientíssimo.

128 - Ó Senhor nosso, permite que nos submetamos a Ti e que surja, da nossa descendência, uma nação submissa à Tua vontade. Ensina-nos os nossos ritos e absolve-nos, pois Tu és o Remissório, o Misericordiosíssimo.

129 - Ó Senhor nosso, faze surgir, dentre eles, um Mensageiro, que lhes transmita as Tuas leis e lhes ensine o Livro, e a sabedoria, e os purifique, pois Tu és o Poderoso, o Prudentíssimo.

130 - E quem rejeitaria o credo de Abraão, a não ser o insensato? Já o escolhemos (Abraão), neste mundo e, no outro, contar-se-á entre os virtuosos.

131 - E quando o seu Senhor lhe disse: Submete-te a Mim! respondeu: eis que me submeto ao Senhor do Universo!

O versículo seguinte refere-se ao pacto estabelecido em Meca por Alá, com Abraão e Ismael, que surgem como os verdadeiros construtores da Caaba. Num outro versículo, surge Abraão a implorar ao Senhor Paz para a cidade, e refere o triste fim para todos aqueles que não acreditarem. Mais adiante, o Alcorão fala-nos no legado de Abraão na crença num Deus único aos seus filhos, a Jacob e aos seus.

132- Abraão legou essa crença aos seus filhos, e Jacob aos seus dizendo-lhes: Ó filhos meus, Alá vos legou esta religião, apegai-vos a ela, e não morrais sem serdes submissos"<sup>38</sup>.

A 3ª Sura do Alcorão chama-se Áal Imran, significa "A Família de Imran" foi revelada em Medina. Esta sura contém várias referências a Abraão, considerado como monoteísta, onde está legitimada a obrigação da peregrinação a Meca como um dever para com Alá:

95- Diz: Alá diz a verdade. Segui, pois, a religião de Abraão, o monoteísta, que jamais se contou entre os idólatras".

96- A primeira Casa (Sagrada) erigida para o género humano, é a Bakka, onde reside a bênção, servindo de orientação para a humanidade."

97- Encerra sinais evidentes. Lá está a Estância de Abraão e quem quer que nela se refugie estará em segurança. A Peregrinação à Casa é um dever para com Alá por parte

---

38 lbíd, 3ª Sura, versículos: 95-97- pág 84-85

de todos os seres humanos, que estejam em condições de empreendê-la; entretanto, quem se negar a isso saiba que Alá pode prescindir de todas as criaturas”<sup>39</sup>.

A 37ª Sura foi revelada em Massa, o seu nome é As Sáfat e traduz-se por “Enfiladeiros” e é em todo Alcorão a que dedica mais versículos à figura de Abraão, exatamente 29. Em todos os versículos, o profeta mostra-se desgostoso, pelo facto do seu povo e seu pai, continuarem a adorar os ídolos. Nesta sura Abraão põe à prova essas divindades, desafiando-as a comer as ofertas, sempre na tentativa que o povo aceitasse a crença em Deus, única entidade que os poderia proteger. Sem conseguir convencê-los da sua verdade, os idólatras, pensam em eliminá-lo, sacrificando-o pelo fogo, mas Abraão retira-se, ao mesmo tempo que pede ao Senhor que lhe dê um filho, que figure entre os virtuosos. Na sequência de um sonho de Abraão o seu filho Ismael, na altura em que atinge a adolescência, vê o seu amor por Deus em conjunto com o seu pai Abraão ser posto à maior prova de amor perante Deus, pois ambos, ficaram dispostos ao sacrifício de Ismael, segundo o desígnio de Alá. Foi após esta prova de amor, ao entregar o seu próprio filho que Abraão passou para a posteridade. Nos dois últimos versículos, desta Sutra é anunciada a vinda de Isaac, o 2º filho de Abraão, abençoado por Alá, considerado pelo Islão como um profeta, entre os virtuosos;

83 - Sabei que entre aqueles que seguiram o seu exemplo estava Abraão,

84 - Que se consagrou ao seu Senhor de coração sincero.

85 E disse ao seu pai e ao seu povo: que é isso que adorais?

86 Preferis as falsas divindades, em vez de Deus?

87 Que pensais do Senhor do Universo?

88 E elevou seu olhar às estrelas,

89 Dizendo: Em verdade, sinto-me enfermo!

90 Então eles se afastaram dele.

91 Ele virou-se para os ídolos deles e lhes perguntou: Não comeis?

92 Por que não falais?

93 E pôs-se a destruí-los com a mão direita.

94 E (os idólatras) regressaram, apressados, junto a ele.

95 Disse-lhes: Adorais o que esculpis,

96 Apesar de Deus vos ter criado, bem como o que elaborais?

97 Dissera: Preparai para ele uma fogueira e arrojai-o no fogo!

---

39Ibíd, 37ª Sura, versículos: 83-113- pág 495-497



98 E intentaram conspirar contra ele; porém, fizemo-los os mais humilhados.

99 E disse (Abraão): vou para o meu Senhor (1364), Que me encaminhará.

100 Ó Senhor meu, agracia-me com um filho que figure entre os virtuosos!

101 E lhe anunciamos (1365) o nascimento de uma criança (que seria) dócil.

102 E quando chegou à adolescência, seu pai lhe disse: Ó filho meu, sonhei que te oferecia em sacrifício; que opinas? Respondeu-lhe: Ó meu pai, faze o que te foi ordenado! Encontrar-me-ás, se Deus quiser, entre os perseverantes!

103 E quando ambos aceitaram o desígnio (Allah) e (Abraão) preparava (seu filho) para o sacrifício.

104 Então o chamamos: Ó Abraão,

105 Já realizaste a visão! Em verdade, assim recompensamos os benfeitores.

106 Certamente que esta foi a verdadeira prova.

107 E o resgatamos com outro sacrifício importante (1368).

108 E o fizemos (Abraão) passar para a posteridade.

109 Que a paz esteja com Abraão.

110 Assim, recompensamos os benfeitores

111 Porque foi um dos Nossos servos fiéis.

112 E lhe anunciamos, ainda, a vinda d) Isaac, o qual seria um profeta, entre os virtuosos.

113 E o abençoamos, a ele e a Isaac. Mas entre os seus descendentes há benfeitores, e outros que são verdadeiros iníquos para consigo mesmos

Para os muçulmanos a verdadeira prova de amor a Deus, é materializado com a disponibilidade de Abraão de sacrificar o seu filho Ismael. Abraão estando em Mina com Ismael que se encontra a cerca de 7 km de Meca, teve um sonho, onde é posto à prova por Deus, que lhe ordena o sacrifício do seu próprio filho. Abraão está decidido a cumprir a ordem, quando, entretanto, é tentado pelo demónio por todos os meios, para que Abraão não cumprisse a ordem de Deus. É nessa altura que Abraão, atira 7 pedras em direcção ao demónio, pois nada o podia impedir de provar o seu amor a Deus, com o sacrifício do seu filho. Quando estava prestes a executar a ordem, um anjo impede o sacrifício de Ismael, ao substituí-lo por um carneiro.

Noutro momento Hagar e Ismael quase morreram de sede no deserto, e a certa altura Ismael desmaia nos braços da mãe. Desesperada Hagar deitou o filho na areia, e gritou aos céus, implorando água, correndo em todas as direcções. Este episódio teve lugar próximo de Meca nos montes de Safa e de Marwa. Então, o Arcanjo Gabriel cumpriu as ordens de Deus, pois fez uma cova no chão e de imediato surgiu a água. Mais tarde disse-

se que o trajeto em ziguezague de Hagar, entre os dois montes, na ânsia de encontrar água, fora três vezes numa direção e quatro na direção oposta. Como lembrança destes acontecimentos, os peregrinos que se dirigem a Meca, desde o surgimento do Islão, fazem o mesmo ritual que Abraão executou há cerca de 2 800 anos, ou seja; dão 7 voltas à Caaba; vão percorrer o caminho por 7 vezes até aos montes Safa e de Marwa, lembrando o episódio ó de Hagar na procura de água para matar a sede ao seu filho Ismael, atiram 7 pedras aos pilares em Mina, e terminam com o sacrifício de um animal que é degolado, o mais rápido possível para sofrer o mínimo possível.

Este ritual hoje é feito num matadouro, e a carne dos milhares de animais é distribuída por várias instituições de solidariedade para os mais necessitados. A única exceção dos peregrinos de hoje, aos rituais praticados por Abraão, é o sermão.

Entretanto Ismael acabaria por ficar com a mãe Hagar em Meca, enquanto Abraão vivia em Jerusalém com Sara e o outro filho Isaac. Logo após a morte de Ismael, a Caaba, vai tornar-se um templo politeísta, onde aquando do surgimento do Islão, eram cultuados 368 ídolos, entre os quais se encontravam Abraão e Jesus. No texto bíblico Ismael é tratado duma forma depreciativa e até desumana, particularmente a partir do nascimento de Isaac.

Perante as narrativas bíblicas e do Alcorão, é pertinente colocar-se a questão: quem foi realmente o filho primogénito de Abraão? A resposta tem de recair em Ismael, que foi o primeiro filho, aliás, consentido pela sua esposa Sara. Efetivamente, Ismael, antes de Isaac, recebeu o sinal da união com Deus, através da circuncisão. A salvação de Ismael o filho do deserto, corresponde à salvação de Isaac do sacrifício que segundo a Bíblia ocorreu no Monte Moriath em Jerusalém.

### **2.13. A Caminho do Monoteísmo**

A análise historiográfica desta temática, não nos dá muita segurança, dado que a ideia da conceção de divindade vai surgir, somente durante o III milénio a.C., portanto, bem antes do surgir do judaísmo. Todavia, é hoje bem patente entre os historiadores, a ligação entre a religião suméria e alguns aspetos da religião dos hebreus, cuja conceção religiosa foi durante muitos séculos passada oralmente a outros povos. Os sumérios com a invenção da escrita, além de facilitarem a consolidação da sua conceção religiosa, reforçaram, também, a influência com outras culturas, entre as quais a hebraica, a acadiana, a babilónica e a assíria. O seu panteão de divindades era múltiplo, dado o seu cariz politeísta. A morfologia física dos deuses tendia a ser, antropomórfica, e mostrava as forças superiores cósmicas e terrenas.

A partir do III milénio a.C., as divindades sumérias, tornaram-se antropocêntricas, substituindo a questão antiga de que o Homem era parte menor da natureza e desempenhava um papel igualitário ao nível de outros animais ou com outros elementos da natureza, pelo novo paradigma da elevação da ideia que o Homem fazia de si e das suas capacidades, e que o colocava numa posição de destaque no universo e na terra. De resto esta questão, prende-se com a crescente urbanidade destas culturas (resultado direto do Neolítico), que ganharam um certo distanciamento e desunião com a natureza (isto comparando com a sua posição anterior, de caçador recolector, situação que criava uma dependência direta da natureza. Enlil era a entidade religiosa que presidia ao panteão sumério, de quem derivavam as divindades Enki ou Inanna.

Certos mitos sumérios devem ter estado presentes noutras culturas posteriores, situadas na sua área geográfica, e que embora não fossem réplicas exatas, podem ser considerados derivações ou interpretações dos seus mitos. Um dos melhores exemplos, é o relato bíblico do grande dilúvio de Noé<sup>40</sup>,

"Dilúvio –

1- Aconteceu que os homens começaram a multiplicar-se sobre a Terra, e deles nasceram filhas.

2- Os filhos de Deus, vendo que as filhas dos homens eram belas, escolheram entre elas as que bem quiseram, para mulheres.

3- Então, o SENHOR disse: «O meu espírito não permanecerá indefinidamente no homem, pois o homem é carne, e os seus dias não ultrapassarão os cento e vinte anos.»

4- Naquele tempo, havia gigantes na Terra e também depois quando os filhos de Deus se uniram às filhas dos homens e delas tiveram filhos. Eram esses os famosos heróis dos tempos remotos".

Na verdade, as semelhanças com a outra narrativa do dilúvio mais antigo, atribuído ao rei de Uruk, Gilgamesh, considerada como "O Primeiro Noé"<sup>41</sup>. Esse texto foi publicado por Arno Poebel em 1914 e que muito se assemelha ao relato bíblico.

No mesmo sentido, alguns historiadores defendem que no Livro Hebreu dos Provérbios, também, existe uma relevante semelhança com os remotos provérbios sumérios-acadianos.

Porém, apesar destas similitudes, é de registar que tanto no mundo sumério, como no egípcio, como, ainda, na Babilónia, não existia uma palavra que designasse Deus, ou seja a noção de divindade, que fosse próxima da ideia de Deus, que encontramos no

---

<sup>40</sup> Difusora Bíblica Capuchinhos, Franciscanos, Bíblia Sagrada Para o Terceiro Milénio da Encarnação, Difusora Bíblica Fátima 2008) Gn 6,1-4 pág 32

<sup>41</sup> Kramer, Samuel Noah, A história começa na Suméria, Publicações Europa América Mem Martins 1997, pág 171

contexto judaico. Na verdade, no mundo semita, a partir de certa altura certos deuses passam a ser mais que divindades, que irão dar lugar a um léxico que pode ser usado, quer como nome próprio quer como categoria de pensamento. Só recentemente e não mais longínquo que na última metade do passado séc. XX, esta temática começou a ser debatida, pois até essa altura, nunca se tinha posto o dilema de saber se essas categorias de pensamento estavam já presentes ou não há 4 ou 5 000 anos atrás. Na verdade, na Suméria no III milénio a.C., os investigadores não conseguiram encontrar uma palavra sinónima da palavra Deus. As escritas quer pictográficas quer ideográficas, quer seja na Suméria ou no Egito, desenvolveram aquilo a que chamavam "o que não é humano". No mundo sumério os antigos para quererem dizer algo que não era deste mundo, mas sim pertença a outro mundo, usavam a seguir ao nome uma estrelinha de oito pontas. Em momento, a estrelinha vai acabar por desaparecer. Na época compreendida entre 2 300 e 2 200 a.C., primeiro em Acad, ou "Terra de Acádia", região situada a norte de Caldeia, ou seja, na Baixa Mesopotâmia, e mais tarde na Babilónia, a língua suméria, (que não é uma língua semita) vai ganhar preponderância. Também, até aqui não encontramos ainda qualquer vocábulo que no transporte para a ideia de Deus. Era, porém, o início de um novo paradigma que se relacionava com a transcendência do divino, e onde se exprimem elementos cada vez mais distantes dos homens e mais próximos dos deuses.

As grandes divindades da época como já referimos, por exemplo Inanna, deusa do amor, do erotismo, da fecundidade e da fertilidade, estava associada ao planeta Vénus e era cultuada especialmente em UR, que na mitologia suméria era irmã do deus sol UTV, casada com o pastor Dumuzi.

Os investigadores defendem que foi no mundo semita e em primeiro lugar na Babilónia, onde se pode encontrar a génese de algumas palavras para podermos entender a conceção do monoteísmo que mais tarde irá surgir em Israel. Na verdade, foi na antiga Babilónia, o local onde pela primeira vez vamos encontrar o início da estrutura do horizonte divino. Entretanto, na mitologia mais antiga da Suméria podemos observar a função dos deuses estavam mais ligados a elementos naturais, nomeadamente, à terra. Já, porém, no mundo egípcio, surgem muitas conceções em torno das questões ligadas à criação, numa cultura de sincretismos religiosos onde cada clero vai dizer que o mundo foi criado pelo seu deus, e vão defender que foram as suas divindades os verdadeiros criadores do Mundo. Para o Egito Antigo, havia já no III milénio a.C., em Heliópolis, a crença de que o mundo foi criado pelas divindades Atum e Ptah. No «*Livro dos Mortos*» a divindade Atum (Etemu nome egípcio) resulta na mudança de Nun, enquanto ser subjetivo. No ser objetivo Num, surge em forma humana, usando na cabeça a coroa branca do alto Egito e a vermelha do baixo Egito. Esta divindade era cultuada em Heliópolis sobretudo entre os anos 2 828 e 2 498 a.C.,

época que corresponde à 4<sup>a</sup>, 5<sup>a</sup> e 6<sup>a</sup> dinastia. Aparece desde cedo como deus primordial e criador pois deu origem a uma explosão que gerou os demais corpos celestes do universo, mas sendo, todavia, um evento pré-planeado. Atum foi o criador do sol, do céu e da terra separando-os. Porém em certo momento "une-se a Rá, e transforma-se num único ser, que seria chamado de Atum-Rá. Não tendo parceiro, Atum vai realizar o primeiro ato de criação através da masturbação, portanto sem relação sexual. Ao ejacular, nasceram os gêmeos Shu e Tefnut". Com a separação dos deuses irmãos surge a origem do mundo dos humanos. Os primeiros filhos de Rá, são Shu (deus do ar) e Tefnut (deusa da humidade). Como é normal nesta mitologia, os irmãos formaram um casal e tiveram como filhos Geb (deus da terra) e Nut (deusa dos céus). Ao nascer, os netos de Rá juntaram-se, dando origem a outro casal. Porém, Rá não gostou dessa união e ordenou a Shu que separasse os filhos. Então Shu, empurrou Nut para cima e pressionou Geb para baixo. Desta forma Nut tornava-se o céu que cobre o mundo, enquanto Geb deu origem à terra em que vivemos.

A ideia de equilíbrio, como a deusa Maet, cultuada no antigo Egito, vai ter grande importância a partir do séc. XVIII a.C. Para a mitologia egípcia era a constante manutenção da deusa Maet ou Maat<sup>42</sup> no mundo terreno que garantia a conservação de um elo entre os três planos da mundividência egípcia; o céu, onde habitavam os deuses celestes; a terra onde se desenrolava a vida humana, e o mundo inferior o mundo de Osíris, dos defuntos e das divindades ctónicas. É nessa época que surge a divindade babilónica Marduc, que integra o novo panteão da Mesopotâmia ancestral, e que vai apresentar o mundo como se tudo tivesse sido criado. Essa criação tem de ter estabilidade. Entre os sumérios Marduc é fruto de um relacionamento incestuoso entre Enki (mais tarde Ea ou Aya na mitologia acádica e babilónica) deus das águas doces, e Ninursag, deusa das montanhas entre os sumérios, que gerou Damuzi, conhecido no Egito como "Osíris" e na Bíblia como "Tamuz"<sup>43</sup> "E disse-me. Ainda tornarás a ver maiores abominações que estes fazem. *"E levou-me à entrada da porta da casa do senhor que está do lado norte e eis que estavam mulheres assentadas chorando Tamuz"*.

É a partir da altura em que o equilíbrio do mundo deixa de ser um dado adquirido, que vão surgir constantes rituais, destinados à manutenção da ordem cósmica, praticados, nomeadamente pelos monarcas, seguidos pela população.

A primeira tentativa de monoteísmo vai ter lugar no Egito, quando Amenófis IV, faraó da dinastia XVIII, que governou entre 1352 e 1335 a.C., transferiu a capital de Tebas

---

42 Sousa, Rogério Em Busca da Imortalidade do Antigo Egito, Esquilo, 2012, Pág. 31

43 Ibid Ez 8: 14 pág 1357

para Amarna, e mudou o seu nome para Akenaton<sup>44</sup>, (amado pelo Sol) e impôs Áton, como o Deus único, tendo declarado como falsos as restantes divindades do panteão egípcio. Apesar de não se poder, ainda, considerar puro monoteísmo, pois no Egito continuavam-se a cultuar outras divindades, foi a primeira tentativa de adorar uma só divindade. As famosas Cartas de Amarna, compostas por 382 tábuas de argila, escritas em cuneiforme e acádico, "língua franca" desta época, foram trocadas entre os faraós Amenófis III, seu filho Amenófis IV (Akenaton), e os governadores de Canaã, seus vassallos, que na altura, já há muito tinham perdido a culto a Jeová, pois na época as principais divindades sobre o espaço geográfico de Canaã, eram Astarte e Baal.

Uma das vantagens de uma cultura ter apenas um único Deus responsável pela criação do mundo, passa a ter uma dimensão que vai para lá da sua comunidade, da sua cultura, mas para uma outra dimensão, com uma filosofia de ordenação do Mundo.

Com o mundo semita, vai finalmente surgir o monopólio da criação do mundo, que passa por ter uma única Divindade. Nesta fase não estamos ainda perante uma noção pura de monoteísmo, mas perante uma conceção não de Deus, mas do Cosmos, que irá implicar apenas um único Deus. Estava criada a ideia de que os mecanismos do Cosmos foram criados por um só Deus <sup>45</sup>"Marduc" a principal divindade da Babilónia, filho do deus da Terra e da Água.

Na antiga Suméria o homem não tem qualquer função de continuar a acrescentar à criação divina. É o momento em que só há um Deus que legitima a criação do mundo. Nessa altura o homem passa a desempenhar um papel mais importante do que quando coexistiam várias divindades, que explicavam essa Criação do Mundo. O deus Marduc vai afirmar-se como o Gestor do Mundo, mas era fundamental que os homens participassem em rituais para que o equilíbrio do mundo se mantivesse, pois sem esses rituais, haveria o regresso ao caos, à desordem. Alguns desses rituais vão exigir sacrifícios, para que a ordem seja mantida pela divindade. O arqueólogo britânico, Michael Roaf no seu livro *Mesopotâmia* escreveu "*Os soberanos da região consideravam-se todos representantes dos deuses e uma parte importante dos seus deveres consistia em realizar cerimónias destinadas a prevenir o mal e a ganhar a boa vontade das divindades*"<sup>46</sup>.

Marduc, embora pertença ao hemisfério babilónico, vai acabar por consolidar-se na palavra semita judaica "El", que significa Deus e que é sobretudo um conceito de Deus, donde iria derivar a palavra Elohim que significa "deuses".

---

44 Araújo Luís Manuel, *O Clero do deus Amón no Antigo Egito*, Edições Cosmos Lisboa 1999, pág 60

45 Roaf Michael, *Mesopotâmia*, Ediciones Folio, S.A Barcelona 2006 Pág. 74

<sup>46</sup> Ibid pág 72

Segundo a metáfora do livro do Génesis, aquando da criação, no Jardim do Éden Deus vai estar face a face com Adão e Eva «Depois, Deus disse: *«Façamos o ser humano à nossa imagem, à nossa semelhança, para que domine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos e sobre todos os répteis que rastejam pela terra»*<sup>47</sup>. Podemos constatar que até Noé, é possível olhar Deus de frente, embora se vai já perdendo a intimidade com Deus. A partir dos filhos de Noé "Com a idade de quinhentos anos, Noé gerou Sem, Cam e Jafet."<sup>48</sup>.

A partir desta altura deixa de haver um olhar olhos nos olhos com Deus, excetuando, durante a era patriarcal, nos episódios relacionados com Abraão"; quando se encontra face a face aquando da Aliança e Ihe disse<sup>49</sup> " Eu sou o Deus supremo anda na minha presença e sê perfeito " *Quero fazer uma aliança contigo e multiplicarei a tua descendência até ao infinito*“.

O mesmo ocorre no episódio junto aos carvalhos de Mambré<sup>50</sup>. O Senhor apareceu a Abraão perto dos carvalhos de Manre, quando ele estava sentado à entrada de sua tenda, na hora mais quente do dia” e quando Deus aparece a Jacob para o abençoar, depois do regresso de Padan-Aram, e Ihe alterou o nome para Israel <sup>51</sup> “ E disse-Ihe Deus: O teu nome é Jacob; não te chamarás mais Jacob, mas Israel será o teu nome. E chamou-Ihe Israel”.

A partir deste episódio a situação altera-se, pois com o passar de gerações, vamos assistir cada vez mais a um maior afastamento de Deus para com o Homem, e que tem o seu zénite, no Monte Sinai, com o episódio de Moisés, quando Deus se manifesta por hierofanias, e Ihe dá ordens para ir ter com o faraó. <sup>52</sup> “

“13- Moisés disse a Deus: *«Eis que eu vou ter com os filhos de Israel e lhes digo: ‘O Deus dos vossos pais enviou-me a vós’. Eles dir-me-ão: ‘Qual é o nome dele?’ Que lhes direi eu?»*

14- Deus disse a Moisés: *«EU SOU AQUELE QUE SOU.»* Ele disse: *«Assim dirás aos filhos de Israel: ‘Eu sou’ enviou-me a vós!»*

15- Deus disse ainda a Moisés: *«Assim dirás aos filhos de Israel: ‘O SENHOR, Deus dos vossos pais, Deus de Abraão, Deus de Isaac e Deus de Jacob, enviou-me a vós:*

---

<sup>47</sup> Difusora Bíblica Capuchinhos Franciscanos Gen 1- 27??

<sup>48</sup> Ibid Gen 5 pag 31

<sup>49</sup> Ibid. Gn 17-1,2, pág. 44

<sup>50</sup> Ibid. Gn 18-1 pág.45

<sup>51</sup> Ibidem Gn 35- 10 pág. 73

<sup>52</sup> Ibidem Ex, 13-15, 3 pág.104

*este é o meu nome para sempre, o meu memorial de geração em geração*". Então Moisés pergunta-Lhe qual é o Seu nome, a que responde Eu sou aquele que sou".

Estamos perante uma divindade, que é indestrutível, pois não tem nem forma nem nome. Devemos ter em conta que para o mundo semita o nome das pessoas, era de primordial importância. Os textos bíblicos têm uma série é de personalidades que mudaram de nome, e que foram renomeados, como os casos de Abrão, para Abraão e Sarai para Sara.

Podemos dizer que o judaísmo sai fora do paradigma de outras religiões, pois foi sendo construído ao longo da história e não foi produto de uma única revelação, num determinado espaço. Embora o profeta Abraão, esteja na génese do pensamento monoteísta, na sequência da revelação de Deus, o Judaísmo só muito mais tarde se iria consolidar e ser aceite pelo povo escolhido. Foi, pois um longo caminho onde além de Abraão, se destacaram figuras incontornáveis na construção do monoteísmo, como Jacob, Moisés, os reis David e Salomão, e naturalmente, os profetas. Para muitos estudiosos o monoteísmo judaico só se irá consolidar na plenitude junto do povo eleito, durante o exílio na Babilónia, após a destruição do Templo de Jerusalém em 587 a.C., por Nabucodonosor. Este processo da conversão do povo judaico ao monoteísmo demorou mais de 1200 anos, e podem identificar-se duas vertentes, uma mais geográfica e outro mais de cariz espiritual.

Para os judeus este processo levou Abraão e o seu clã, originário da Mesopotâmia a percorrer todo o percurso desde Haran até Canaã, depois foi escravizado na Babilónia. Mais tarde, espalharam-se pelo mundo, numa diáspora, situação que se mantém até aos nossos dias. A vertente mais de cariz espiritual, foi a transmissão da ideia de um Deus Universal Uno e Único. Por tudo isto podemos dizer que o Judaísmo é uma religião de memórias.

## **2.14. O Antigo Testamento**

As descobertas arqueológicas que se desenvolveram no último século nos territórios do Próximo Oriente como, também, do Egipto, relacionadas com a decifração <sup>53</sup>de línguas mortas, assim como a recuperação de literaturas há milénios desconhecidas, trouxeram-nos mais luz, sobre as origens da Bíblia, assim como, também, do meio antropológico em que surgiu. Para além da revelação divina, é incontestável que alguns textos bíblicos, na sua génese assentam em muitas literaturas que foram elaboradas por povos de passado mais longínquo, bem anteriores às civilizações do Próximo Oriente,

---

53 Ibim Kramer, Samuel Noah, A história começa na Suméria, Mem Martins 1997, pág. 153



contemporâneas com os relatos bíblicos, como observamos no capítulo anterior. É hoje inquestionável a influência que os sumérios tiveram sobre os Cananeus, que ocupavam o território da denominada "Canaã", aquando da chegada do povo hebreu. Outros povos como Assírios, Babilónios, Hititas, Hurritas e Arameus, deixaram também as suas marcas na construção literária da Bíblia.

São vários os textos bíblicos onde se sentem influências diretas doutras culturas, pois as semelhanças, são por demais evidentes, nomeadamente, no mito do "Paraíso bíblico"<sup>54</sup> e as semelhanças com o mito sumério Enki e Ninhursag, preservado em placas de argila, datadas de 2.500 a.C., particularmente no episódio da modelação de Eva, de uma costela de Adão. No poema sumério de Dilmun, um dos órgãos doentes de Enki era exatamente a costela. No mito sumério a deusa criada para curar a costela era Nin-ti "a senhora da costela", que também significava "a senhora que cria a vida". As semelhanças entre os relatos do Dilúvio de Gilgamesh e de Noé, como já falamos, são indesmentíveis. Esse trecho da Epopeia de Gilgamesh, é datado do séc. XXVII a.C., e é um dos mais conhecidos que influenciou várias lendas na Antiguidade oriental, onde se inclui um conto, muito idêntica à passagem bíblica do Dilúvio hebreu, da Arca de Noé, cuja datação é apontada para o séc. XXIV a.C., ou seja posterior em cerca de 3 séculos à produção do mito anterior. Este facto, entre outros é prova da influência que a cultura suméria exerceu sobre os hebreus, como também sobre outros povos da Mesopotâmia e do Médio Oriente. A influência egípcia está, também, presente, na semelhança entre os versículos do Salmo Bíblico 104 e o do Hino de Áton, atribuído ao faraó Akenaton.

A maioria dos exegetas bíblicos dividem o A.T. em três partes; uma primeira de cariz simbólico, que vai desde a Criação até ao final da época dos Patriarcas; uma segunda fase épica, que abrange o período que vai desde a presença do povo hebraico no Egito até à época da construção do Templo com Salomão, e uma terceira de cariz histórico, posterior ao cisma político que ocorreu com a divisão do território, após a morte de Salomão, que deu origem ao nascimento dos reinos de Judá e de Israel.

Até ao início da segunda metade do séc. XVIII, os cristãos acreditavam que Moisés tivesse sido o autor do Livro Pentateuco. Todavia muitos judeus, não seguiam esta tese pois no 8º Princípio da Fé Judaica, de Maimónides (séc. XII), está explícito que acreditam que "*toda a Torah foi entregue a Moisés no Monte Sina*".

Por outro lado, pelo menos no Devarim (Deuteronómio), é evidente que Moisés não poderia ter escrito a sua própria morte.

Porém em 1753, o incrédulo Jean Astruc<sup>55</sup>, médico de Luís XV (rei da França), constatou que Deus era nomeado algumas vezes por "Jahweh" ( Jahweh em hebraico não existe, existe sim o tetragrama que é sempre lido como Adonai) , e noutras passagens por "Elohim", tendo admitido a hipótese de que isso se devesse a narrativas paralelas. Jean Astruc na altura publicou o livro "Conjeturas sobre as memórias originais, que parece terem sido usadas por Moisés na composição do Génesis". Com esta publicação Astruc pôs em causa a origem mosaica dos primeiros 5 livros do A.T., pois admitia a possibilidade de existirem 2 fontes literárias a jeovista e a eloísta, dado que estes dois nomes eram usados quando se referiam a Deus. Era o início da hipótese documentária, que passou por estudos e reformulações, a que se juntaram descobertas arqueológicas, que restituíram antigos documentos assírio-babilónicos. Hoje, há consenso entre os especialistas em considerar o Pentateuco – composto pelos cinco livros; Génesis, Êxodo, Números, Levítico e Deuterónimo –, como constituído por quatro documentos, provenientes de **quatro tradições de que se compõe; a Javista, a Eloísta, a Sacerdotal e a Deuterotónica:**

- **A tradição Javista**, designada pela letra J é assim chamada porque desde o começo dá a Deus o nome de Jahweh. Acredita-se que esta tradição teve origem, provavelmente, no tempo de Salomão, cerca do ano 950 a.C., nos meios reais de Jerusalém e no sul de Judá.

- **A tradição Eloísta**, é designada pela letra E, e atribui a Deus o nome de Elohim. Esta tradição terá surgido por volta do ano 750 a.C., no reino do Norte e está muito marcada pela importância dada aos profetas, nomeadamente de Elias e de Oseias.

- **A tradição Deuterotónica** designada pela letra D está contida principalmente no livro do Deuterónimo, mas influenciou outros livros. Esta tradição teve o seu início no reino do Norte, mas foi concluída em Jerusalém. Associada ao Rei Josias

- **A tradição Sacerdotal**, designada pela letra P, terá sido originada durante o exílio na Babilónia, de 587 a 538 a.C., tendo continuado após o exílio. Durante o exílio, os sacerdotes relembram as suas tradições para manterem a fé e a esperança do povo. Durante o cativeiro da Babilónia de 587 a 538 a.C., os sacerdotes perderam poder porque não existia o Templo que era a razão da sua existência. É no contexto de cativeiro que vão surgir as sinagogas e os rabinos que procuram unir o povo em torno da palavra de Deus. Com isso, surge a "*importância do livro*", nova mentalidade que mudará os rumos de Israel.

---

<sup>55</sup> Jean Astruc, Conjectures sur la Genèse, critical edition with introduction and notes by Pierre Gibert, 2003  
accedido em internet [https://en.wikipedia.org/wiki/Jean\\_Astruc](https://en.wikipedia.org/wiki/Jean_Astruc)

No Antigo Testamento reconhecem-se os seguintes géneros literários

- **Histórico:** engloba todos os textos escritos em forma de relato e inclui histórias reais, relatos populares como mitos, lendas, contos populares, sagas, dados informativos, e biográficos; assim como relatos que anunciam a vinda do Messias.

- **Lei:** Compila coleções de normas e preceitos pelos quais se regia o povo hebreu tanto do ponto de vista civil como religioso.

- **Profecia:** refere os ditos e discursos pronunciados pelos profetas que falavam em nome de Deus, e que também incluía oráculos, relatos biográficos, visões assim como ações simbólicas.

- **Lírica:** Textos poéticos, geralmente escritos em verso, que expressavam sentimentos e vivências profundos, e que incluem cantos de amor, de sofrimento, e poemas de oração.

- **Sabedoria:** Coletânea de sentenças, provérbios e alegorias que expressam de forma popular a experiência de vida própria de sábio.

A composição da Sagrada Escritura no Antigo Testamento, foi, além de lenta bastante complexa, obra de muitos autores, sendo que alguns textos levaram séculos a tomarem a sua forma definitiva. Há muitas teorias sobre quando ela foi escrita, em especial as Escrituras Hebraicas originais.

Segundo os investigadores, os livros que compõem o A.T. foram escritos entre os séculos VIII e VI a.C., ou seja, no período em que viveram os profetas Isaías e Jeremias. Já em relação ao livro de Génesis, o último a ser escrito, não existe consenso entre os investigadores, sobre a data da construção dos primeiros textos. Alguns anacronismos colocam a redação final deste texto em torno do século V a.C., durante o período pós-exílio quando a comunidade judia se adaptava à vida debaixo do império persa. Porém outros eruditos bíblicos alongam este período para um tempo posterior, nomeadamente, entre V e o II séc. a.C. Há, contudo, um consenso de que os textos nas formas atuais, terão sido escritos durante a era helenística, entre o II e o I séc. a.C. Por tudo isto é impossível haver rigor em episódios, que apenas passaram a escrito no mínimo mais de 1000 anos após os acontecimentos.

A crítica literária moderna considera o Livro do Génesis um compilado de material escrito por diversos autores que assimilaram diversos mitos da Suméria, da Babilónia e de Ugarite, especialmente relacionados com os poemas da Criação, Enuma Elish e Atrahasis.

Para as religiões abraâmicas e em particular para os judeus, a Torah é a revelação de Deus à humanidade e, particularmente, ao povo de Israel, explicada por autores

sagrados, entendida como a verdadeira palavra de Deus. A inspiração da Sagrada Escritura foi desde sempre considerado um dogma de fé para o povo judaico.

A eleição de Israel como povo e propriedade de Iahweh, é uma temática estruturante e por isso muito frequente no Antigo Testamento, consubstanciada, particularmente, no livro do Deuterónimo<sup>56</sup>

7- «Tu és um povo consagrado ao Senhor, teu Deus. Na verdade, O SENHOR, teu Deus, escolheu-te para seres para Ele um povo particular entre todos os povos que há sobre a face da terra. Não foi por serdes mais numerosos que outros povos que o SENHOR se agradou de vós e vos escolheu; vós éreis o mais pequeno de todos os povos»

8-» Porque o SENHOR vos ama e é fiel ao juramento que fez a vossos pais, por isso, é que com mão forte, vos fez sair e vos salvou da casa da servidão, da mão do faraó, rei do Egito»

9- Reconhece, pois, que o Senhor, teu Deus, é que é Deus, o Deus fiel, que mantém a aliança e a bondade para com os que o amam e observam os seus mandamentos até à milésima geração».

A fé no Antigo Testamento é sempre um encontro entre Deus e o homem. A iniciativa parte sempre de Deus que se apresenta como um Deus revelador e de amor, a quem o homem deve responder com todo o seu empenho, obediência, amor, confiança, fidelidade e esperança. Deus estabelece com o homem uma aliança através das gerações, sendo por isso um compromisso, assente na responsabilidade, respeito e livre arbítrio responsável porque somos não só filhos, mas os continuadores da Obra da Criação Divina.

---

<sup>56</sup> Difusora Bíblica Capuchinhos, Franciscanos, Bíblia Sagrada Para o Terceiro Milénio da Encarnação, Difusora Bíblica Fátima 2008 Dt: 7,6-9 pág. 271

### **Capítulo 3 - Projeto de Itinerário “O Caminho de Abraão” como contributo para a Paz entre judeus cristãos e muçulmanos”**

A proposta do itinerário "Caminho de Abraão" liga a cidade de Ur no Iraque ao Cairo no Egito, uma distância de 3800 km, percorrido em 19 dias. O percurso atravessa paisagens de rara beleza, alguns trechos emoldurados pelos míticos rios Tigre, Eufrates e Nilo, e contempla além dos locais bíblicos ligados à peregrinação de Abraão, relatados no A.T., como, Ur, Babilónia, Harran, San Urfa, Betel, Siquem, Mont Moriat, Mambre, Hebron e Beersheba). São muitas as visitas contempladas neste projeto/itinerário, que fazem parte da história universal, dos quais destacamos; o templo Göbekli Tepe, datado de há 11 000 anos é considerado como o mais antigo do Mundo, Aleppo, as "cidades mortas" de Dier Mar Musa, Ugarite, Damasco, Bosra, no atual território da Síria. Na Jordânia, além da visita da capital Amman, contempla também, a cidade museu de Madaba, e o mítico, Monte Nebo. Já nos territórios de Israel e da Autoridade da Palestina, visitaremos Shechem, Jericó, Jerusalém, Belém, Hebron, Bershava e o Mar Morto. No Egito as visitas começam pelo Monte Sinai, onde se encontra o Mosteiro de Santa Catarina, um dos mais icónicos do mundo. Esta viagem/peregrinação termina no Cairo, com as visitas ao museu egípcio, ao Bairro Copta, às pirâmides de Gizé, e às ruínas da antiga capital Mênfis. As necrópoles de Sacara e de Dashur, completam o itinerário pleno de locais que são marcos da história da humanidade.

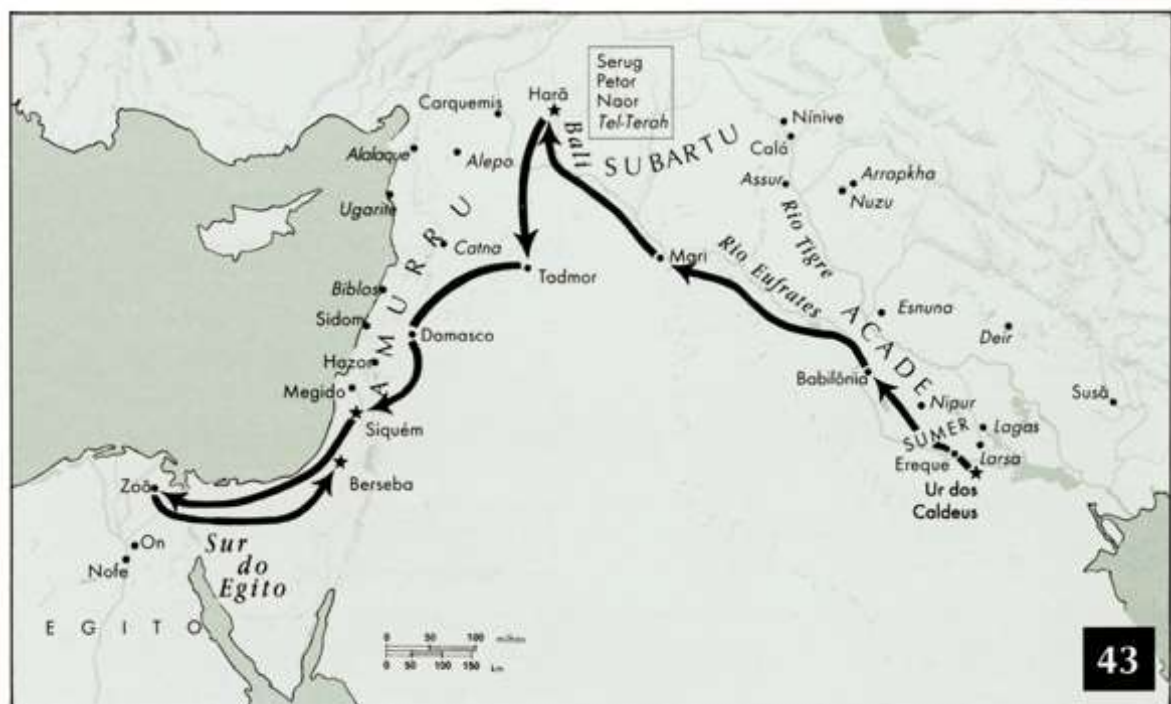


Figura 1: O itinerário "Caminho de Abraão"; Escala gráfica.

### 3.1. Itinerário Seguindo Os Passos De Abraão

1º Dia - Lisboa/Bagdade (via cidade europeia)

Partida do aeroporto de Lisboa via uma cidade europeia. Chegada a Bagdade. Visita panorâmica da cidade e visita ao museu Nacional do Iraque, reaberto em 2015, onde se encontram peças de grande valor museológico referente aos 7000 anos da longa história da Mesopotâmia. Alojamento no hotel.

2º Dia - Bagdade / Babilónia (Al –Hillah) – Ur (340 km - 4 H)

Partida em direção a Babilónia. Visita das ruínas da antiga capital do Império Babilónico de Hammurabi e o do Império Neo-babilónico, onde se destacam as antigas muralhas, e a Porta de Ishtar, mandada edificar por Nabucodonosor. A visita inclui as ruínas dos palácios do Norte e do Sul, onde no centro da praça, se destaca uma escultura com um leão, única relíquia que resta do Império babilónico, fundado por Hammurabi. Continuação para Ur a cidade natal de Abraão. Alojamento

3º Dia - Ur/ Mari (744 km - 8h40)

Pela manhã visita das ruínas da antiga cidade com destaque para o Zigurate e para as ruínas da casa que a tradição diz ter pertencido ao clã de Abraão. Partida para antiga Mari, situada em território Sírio junto ao rio Eufrates, na fronteira com o Iraque. Alojamento.

4º Dia - Mari / Dura Europos / Haran (406 km - 6h00)

Visita das ruínas do antigo Palácio Real e dos templos com o recinto sagrado dedicados às deusas Ishtar, Ninni-zazá e Shamash, assim como da Porta Monumental, a cisterna e o Terraço Alto. Partida. Continuação em direção a Dura Europos, uma das mais importantes cidades da antiguidade, para visitar as ruínas da antiga cidade, sobranceira ao Rio Eufrates, onde se destacam os inúmeros templos dedicados a diversas divindades. Continuação para Haran. Alojamento

5º Dia - Harran /San Urfa /Tell Gobekli / Alepo (380 km - 5h)

Visita de Harran onde segundo a tradição habitou Abraão quando saiu de Ur, antes de ir para a Terra Prometida. Continuação para San Urfa, onde se destaca a piscina repleta de peixes de carpa que os muçulmanos consideram sagrados, pois acreditam ser o lugar onde Abraham foi jogado no fogo por Nimrod. Continuação para a visita de um dos maiores tesouros da arqueologia mundial, recentemente descoberta o templo de Tell Gobekli,

considerado o mais antigo do mundo, datado de há cerca de 11 000 anos a.C. Continuação para Alepo. Alojamento

6º Dia - Alepo / Tellnessin/ Alepo (40km - 50m)

Visita da histórica cidade, que faz parte da Lista da UNESCO, como Património da Humanidade, e que outrora chegou a ser considerada como o mais importante centro de comércio entre a Europa e a Ásia. Visita da Cidadela, onde se encontra o antigo palácio Mediável. De tarde visita ao lugar arqueológico de Tellnessin famoso por ali se encontrar a basílica cristã de S. Simeão, o estilista, datada do primeiro quartel do séc. V. Regresso a Alepo. Alojamento.

7º Dia - Alepo /Ebla / Ugarite (Ras Shamra) (200 km - 3 h)

Partida em direção a Ebla, para visita da antiga cidade estado, que ficou famosa para o mundo da arqueologia por ali terem sido encontradas em 1964, cerca de 20 0000 tabuinhas, datadas de 2 250 a.C. Visita das muralhas da cidadela e da acrópole. Continuação para Ugarite, antiga cidade fenícia, onde durante o séc. XV a.C., foi inventado o alfabeto composto por 22 consoantes, que permitiu democratizar a escrita. Podemos observar as ruínas do Palácio Real, onde se destacam a Biblioteca do Palácio e a Biblioteca do Templo, a Acrópole e o Bairro Residencial. Alojamento.

8º Dia - Ugarit/Krack Chevalier/ Maalula / Damas (350 km - 4h)

Partida com destino a Krack Chevalier, onde se ergue a mais imponente fortaleza de todo o Médio Oriente, mandada construir em 1 100 pelo Emir de Alepo, e mais tarde capturado durante a 1ª Cruzada pelo famoso cruzado Tancredo da Galileia. Posteriormente passou para a Ordem dos Cavaleiros Hospitalários. O imponente castelo fica situado num promontório a 650 metros de altitude. Na década de 30 do séc. passado teve importantes obras de restauro. Continuação para Maalula para visitar as antigas igrejas cristãs ortodoxas, cuja população ainda conserva a antiga língua aramaica. A viagem prossegue para Damasco. Alojamento.

9º Dia - Damasco

Dia inteiramente dedicado à descoberta da capital da Síria, a mais antiga cidade do mundo sempre habitável. Esta mítica cidade está ligada ao lendário Monte Cássio, mencionado no Antigo testamento, como o lugar onde se deu a tragédia que envolveu Abel e Caim. Com uma história ímpar a cidade está ligada a S. Paulo. Visita da muralha, da Igreja de S. Paulo, Rua Direita, do histórico Mercado de Al Hamidiyya, do Museu Arqueológico e



da Mesquita Omíada, construída sobre uma antiga igreja cristã, onde o grupo terá uma cerimónia religiosa, rezando pela paz das religiões.

10º Dia - Damasco / Bosra / Jerash/ Amã (300 km - 5h)

Pequeno-almoço e partida para Bosra, considerado como o mais importante local do período romano do país, depois de Palmira. Visita da zona arqueológica, onde se destaca o famoso Teatro romano, um dos mais bem preservados do mundo. A história de Bosra está também ligada ao profeta Maomé. Continuação para a Jordânia, para visita de uma das jóias arqueológicas: a antiga cidade de Jerash, (antiga Gérasa), que fazia parte da Decápole romana. Visita do arco de Adriano, do Fórum, de planta elíptica, dos vários teatros, do templo de Zeus, do cardo e dos decumanos, e das ruínas de antigas igrejas datadas do séc. V d.C. Continuação para a capital da Jordânia, Amã. Alojamento

11º Dia - Amam / Madaba / Mt Nebo / Betânia/ Nablus (Siquém) / Betel /Ai /Jericó / Mar Morto/ Kum Ram / Betel /Ai/ Jerusalém (160 km - 2h)

Partida para uma visita panorâmica da cidade de Amam, observando o teatro romano e o centro da cidade. Visita da cidadela, o núcleo mais antigo da cidade, situada numa colina a 840 metros de altitude. As mais antigas ruínas deste espaço estão datadas do III milénio a.C.

A viagem prossegue para Madaba, cidade bíblica. Visita da Igreja ortodoxa de S. Jorge, para se observar o famoso mapa bizantino, do séc. VI d.C., constituído por cerca de 2 milhões de tesselas, que media cerca de 94 m<sup>2</sup>, onde surge a cidade bizantina de Jerusalém. A poucos quilómetros de distância surge o Monte Nebo, ligado à história de Moisés. Aqui celebraremos uma cerimónia religiosa. Visita do museu e da Igreja de Moisés, onde se encontram magníficos mosaicos, datados da 2ª metade do séc. IV d.C. Após alguns quilómetros, chegaremos até a localidade de Betânia, junto ao rio Jordão, lugar onde recentemente foram descobertas ruínas de várias igrejas cristãs, datadas dos séculos IV e V d.C. que a tradição aponta como o lugar onde Jesus foi batizado por João Batista. Passagem de fronteira para Israel. Continuação para Nablus, (Shjem), situada na Samaria, entre os montes Garizin e Ebal.

Visita do mosteiro ortodoxo onde no interior se encontra o poço que se acredita ser o famoso "Poço de Jacob. A cerca de 2km de distância situa-se a atual aldeia de Askar lugar da bíblica Siquém, descoberta pelo arqueólogo alemão Ernst Sellin, o local onde o patriarca Abraão ergueu o 1º altar na Terra Prometida de Canaã, junto ao carvalho de Moré. Continuação para junto do local onde vestígios arqueológicos nos remontam para as bíblicas cidades Betel e Ai, onde segundo o Génesis Abraão edificou o segundo altar a Deus

na Terra Prometida. Mais tarde o Profeta revisitou o lugar depois da sua peregrinação no Egito.

A próxima paragem será em Jericó, considerada como a cidade amuralhada mais antiga do mundo. O seu tell está datado de há cerca de 9000 anos. Jericó a cidade das Palmeiras, está também ligada à conquista dos Israelitas por Josué, assim como a vários acontecimentos bíblicos ligados à figura de Jesus. Continuação para visitar as Grutas de Kum Ram, descobertas em 1948, onde se encontravam os famosos Manuscritos do Mar Morto, ligados aos Essénios e que se encontram expostos no museu de Jerusalém.

Continuação com destino ao bíblico lugar de Betel que em hebraico, significa "*Casa de Deus*" antiga cidade cananea. Esta localidade é a mais mencionada na Bíblia, depois da cidade de Jerusalém. A cidade assinala o local onde Abraão armou a sua tenda e edificou outro altar. Continuação para Jerusalém. Chegada ao Monte Scopus, onde se obtém uma magnífica panorâmica da cidade santa, para as três religiões abraâmicas. Aqui terá lugar uma cerimónia de saudação a Jerusalém. Alojamento

#### 12º dia - Jerusalém

Iniciamos o dia com a visita do Monte das Oliveiras, onde se observa a mais bela vista panorâmica da Cidade Santa, com destaque para as muralhas e para cemitério judaico, considerado o maior e o mais antigo do mundo, com mais de 150 mil sepulturas e 3000 anos de utilização, que se estende até ao Vale do Cédron. Descida a pé do Monte das Oliveiras, com paragens no miradouro da Igreja do Dominus Fleuit, onde se obtém a mais bela vista das mesquitas de Omar e de Al Aksa, e no cemitério judaico. No final da descida, os participantes cristãos terão a oportunidade de visitar a Igreja das Nações. Continuação para a visita da Grande Sinagoga de Jerusalém, onde haverá uma cerimónia pela Paz no Médio Oriente.

De tarde visita do Bairro Judeu, Cardo Romano e a Casa Queimada de Katros, Sacerdote do Templo, testemunho da destruição de Jerusalém, no ano 70 a.C. pelo general romano Tito. A visita termina no "Kotel", o Muro das Lamentações, onde haverá tempo livre para os participantes judeus e cristãos. Os participantes muçulmanos terão a oportunidade de visitar as mesquitas de Al Aksa e de Omar, o terceiro lugar mais sagrado para a Fé Islâmica, depois de Meca e de Medina. Em hora a indicar partida para o hotel Alojamento

#### 13º dia - Jerusalém

Após o pequeno-almoço, visita ao Memorial do Holocausto, onde plantaremos uma árvore em memória desta peregrinação interconfessional. No mesmo local prestaremos uma homenagem ao português Aristides Sousa Mendes, cônsul de Bordéus, que durante a II

Grande Guerra Mundial, evitou que mais de 10 000 judeus tivessem sido mortos. Ainda no Monte Herzl, visitaremos o cemitério nacional, para prestarmos uma homenagem a Shimon Peres, antigo presidente de Israel, que defendia que o estabelecimento da paz com os vizinhos árabes e palestinos passava pela subida da qualidade de vida de todos os habitantes de toda a região. Continuação para a visita do Museu do Livro, onde se encontram os Manuscritos do Mar Morto descobertos em Qumran, em 1947. De seguida faremos uma visita ao Bairro Ortodoxo de Mea Shearim, onde vive a maioria da comunidade ultraortodoxa haredi de Jerusalém. De tarde os cristãos terão oportunidade de percorrer a Via Sacra e de visitar a Igreja do Santo Sepulcro. Os participantes judeus e muçulmanos irão efetuar a visita da Cidadela e da Torre de David, um espaço museológico que abriga alguns museus que relatam a história da cidade.

Em hora a indicar, todo o grupo visita do Monte Sião, sagrado para judeus cristãos e muçulmanos, local onde se encontra o Cenáculo, local da Última Ceia de Jesus, que está à guarda dos muçulmanos, e o Cenotáfio de David. Regresso ao hotel. Alojamento.

14º dia Jerusalém / Belém/ Mambré/ Hebron / Bersheva / Mar Morto / Eilat (350 km-4,5h)

Partida para visitar o Túmulo de Raquel, que hoje está integrado no muro de separação entre Israel e a Autoridade Palestina. Para os crentes cristãos segue-se a visita à Igreja da Natividade, a mais antiga construção cristã na Terra Santa, onde se encontra a gruta onde nasceu Jesus. Neste espaço além da Igreja Católica, também visitaremos a Igreja Ortodoxa.

Continuação para Mambré, que passou para a história como sendo um lugar importante para a sucessão dos patriarcas da fé. Junto a um velho carvalho lembramos o encontro de Abraão com Deus. A manhã termina com a visita do Túmulo dos Patriarcas em Hebron onde, segundo a tradição, repousam Adão e Eva, Abraão e Sara, Isaac e Rebeca e Jacob e Leah. Continuação em direção a Bersheva situada no meio do deserto, e que remonta à história dos Patriarcas relacionado com o conflito por causa de um poço de água entre Abraão e o rei filisteu de Gerar Abimelec, assim como outros episódios bíblicos passados com seu filho Isaac e Jacob. Visita do Tel Be'er Sheva, local arqueológico classificado como Património Mundial da UNESCO, e cujas ruínas nos indicam que o lugar foi habitado deste o IV milénio a.C. Durante o percurso até Eilat vamos poder observar o Mar Morto, o local mais baixo da terra. Chegada. Alojamento.

15º dia - Eilat / Monte Sinai / Mosteiro Santa Catarina (3 horas - 195km)

Formalidades de fronteira com o Egito e partida em direção ao Monte Sinai. Chegada e visita ao Mosteiro de Santa Catarina, situado no interior duma fortaleza, onde se encontra uma evocação à Sarça-ardente, ligada a Moisés. Visita da Igreja ortodoxa onde se encontram expostos magníficos ícones. Alojamento. Durante a noite possibilidade de efetuar a subida a pé ao pico de granito com 2285 metros de altitude situado no local do Monte Sinai, que segundo a tradição judaica foi o local da Aliança onde Moisés recebeu de Deus os 10 Mandamentos, as "Tabuas da Lei", que durante séculos ficaram guardados na desaparecida Arca da Aliança. Alojamento no hotel.

16º dia - Monte Sinai / Cairo / Cidadela Pirâmides de Gizé (405 km - 5 h)

Partida em direção ao Cairo. Chegada e início da visita da cidade, com a Cidadela, onde se destaca a mesquita de Mahomed Ali, considerada a mais bela da cidade. Alojamento

17º dia - Cairo

Iniciamos a visita ao Museu do Cairo, que contém a maior e a mais bela coleção egípcia, com destaque para as salas consagradas aos tesouros encontrados no Túmulo de Tutankamon, do faraó Akenaton e da visita da sala das múmias. Visitaremos o Bairro Copta, um dos mais históricos da cidade, onde se destacam as Igrejas de S. Jorge e de S. Sérgio, onde segundo a tradição pernitoou a Sagrada Família, aquando da sua Fuga para o Egito, a Sinagoga de Bem Ezra, e o Museu Copta, que conserva tesouros, onde se destaca a denominada "Biblioteca de Nag Hammadi" uma coleção de textos gnósticos do cristianismo primitivo. O dia termina na vista à Necrópole de Gize, para podermos contemplar as famosas Pirâmides de Quéops, Quéfren e Mikerinos. Regresso ao hotel. Alojamento

18º Cairo / Memphis / Sacara / Dashur / Cairo (80 km -1,30h)

Partida para visitar as ruínas da mítica cidade de Mennufer antiga capital do Egito, e que os gregos chamaram de Mênfis, fundada pelo Rei Menes 1º, soberano da 1ª Dinastia. Podemos admirar uma esfinge em alabastro que se encontra na grande esplanada, e uma estátua jacente gigantesca de Ramsés II. Continuação em direção à necrópole menfita de Sacará, ponto obrigatório da visita onde se admiram as primeiras colunas embebidas do antigo templo, mandado construir pelo genial Himhotep, médico e arquiteto, vizir do faraó. As duas pirâmides de Snoufrou e de Djoser, a famosa pirâmide em degraus, são dois marcos para a história da arquitetura. Após a visita continuação para Dashur, situada um pouco a sul de Sakara, e que também foi usada como necrópole durante os Impérios Antigo

e Médio. Podemos contemplar a Pirâmide Arqueada, considerada como a primeira pirâmide perfeita. Regresso ao Cairo. À noite assistência ao espetáculo de Luz e Som junto à Pirâmide de Quéfren em Gize. Alojamento

19º Dia - Cairo Lisboa

Regresso a Lisboa via uma cidade europeia.

Fim do itinerário

### **3.2. Descrição Do Itinerário**

Esta descrição do itinerário será o suporte ao trabalho dos guias, agentes de viagens, operadores turísticos, que implementem este roteiro no terreno.

Conforme decisão do operador turístico, este guia poderá ser facultado aos viajantes como material de suporte e apoio cultural. No final de cada localidade consta a Bibliografia Aconselhada, para que o turista possa aprofundar a temática dos conteúdos culturais.

#### **Bagdade**

Todos os caminhos levam a Bagdade, capital do Iraque, que foi o centro do mundo islâmico. O próprio nome de Bagdade invoca imagens de cúpulas douradas, minaretes imponentes, bazares exóticos e contos de Ali Baba, de Sinbad e das Mil e Uma Noites. A capital do Iraque está localizada nas margens do rio Tigre, a cerca de 530 km da cabeceira do golfo Pérsico, no coração da antiga Mesopotâmia. Bagdade é a maior cidade do Iraque e uma das aglomerações urbanas mais populosas do Médio Oriente. Foi um dos mais importantes centros de aprendizagem e um fórum de cientistas e estudiosos durante vários séculos. A cidade foi fundada em 762 d.C. como capital da dinastia abássida, e durante cinco séculos foi o centro cultural mais importante da civilização árabe e islâmica, e uma das maiores cidades do mundo. Após ser conquistada pelo líder mongol Hulagu Khan (1218-1265) em 1258, vê a sua importância diminuir. Sob o Império Otomano, Bagdade torna-se uma capital provincial, recuperando novamente o seu destaque quando se tornou a capital do Iraque, em 1920. Em 1958 o exército iraquiano depôs o monarca Faisal II, formando um Governo, altura em que surge na cena política Saddam Hussein. Durante a década de 1970,

Bagdade viveu um período de prosperidade e crescimento, motivado por um forte aumento do preço do petróleo. Foram feitas infraestruturas modernas, incluindo redes para abastecimento de água e eletricidade, e ruas alcatroadas.

Porém a Guerra Irão-Iraque de 1980-1988 foi um momento difícil para a cidade, pois o Irão lançou uma série de ataques com mísseis contra Bagdade. A cidade também sofreu bombardeamentos na Guerra do Golfo de 1991 e durante a invasão e ocupação do Iraque pelos Estados Unidos e países aliados em 2003.

Com a deposição do regime de Saddam Hussein, a cidade foi ocupada pelas tropas americanas. A Autoridade Provisória da Coligação cedeu o poder ao Governo provisório no final de junho de 2004 e, posteriormente, foi dissolvida. Esta fase do conflito foi encerrada a 18 de dezembro de 2011 com a retirada das tropas americanas do território iraquiano após oito anos de ocupação. Nos últimos anos, parte do território iraquiano tem estado sujeita a uma terrível guerra civil, com metade do país sob o controlo do grupo terrorista ISIS.

#### Principais Atrações:

**Museu Nacional do Iraque** – O Museu reabriu em 2015, após 12 anos de intenso trabalho e a recuperação de 4300 das 15.000 peças roubadas. Em 2003, após a queda do Presidente Saddam Hussein, o mundo assistiu incrédulo à passividade dos militares ocidentais que controlavam Bagdade, que não se opuseram à destruição e pilhagem, por grupos de pessoas desesperadas, de peças de arte que continham a chave da decifração do nosso mundo. O Museu, dedicado à recolha e interpretação da história e do património do Iraque e seus arredores, tinha uma coleção distribuída por 28 galerias e composta por peças dos sumérios, dos acádios, dos assírios, dos babilónios e das culturas islâmicas, constituída por materiais em vidro, cerâmica, metal e marfim, bem como por milhares de manuscritos antigos em pergaminho da Biblioteca e Arquivo Nacional do Iraque. Estas coleções eram consideradas das mais importantes do mundo e documentavam 7000 anos da longa história da Mesopotâmia, em peças de incalculável valor museológico.

**Mesquita de Zumurrud Khatu** – Está situada no centro de Bagdade nas proximidades da madraça de Mustansiriya. Foi construída por Zumurrud Khatun, que era a mãe do califa Al Nasr li-Dinillah e mulher de Al Mustathea Bi-amrilallah. O seu túmulo encontra-se na área de Al Karkh, localizada na zona Oeste de Bagdade. O minarete da mesquita, que foi construído pelas selêucidas no séc. XII, é considerado o mais antigo em Bagdade. Erguido entre o Shafai Masjid e a entrada da mesquita, tem um único balcão, edificado sobre um suporte de abóbadas em estalactite. A varanda foi decorada com tijolos

vidrados azul-turquesa. O túmulo é construído em tijolo e tem nove camadas de abóbadas em estalactite, em forma de cone encimado por uma pequena cúpula.

**Santuário de Al Kadhimain** – Quem se aproximar de Bagdade pelo Norte ou pelo Oeste fica impressionado com a visão dos quatro minaretes de ouro de Al Kadhimain, o santuário dos dois imãs, o imã Musa Al Kathim e Imã Mohammed Al Jawad, O edifício atual remonta ao início do séc. XVI e está em bom estado de conservação. A mesquita é um dos mais importantes santuários do mundo islâmico.

**Palácio Abássida** – O único palácio abássida deixado em Bagdade encontra-se localizado perto do Portão do Norte, com vista para o rio Tigre. Acredita-se ter sido construído pelo califa Al Naser Ledinillah (1179-1225 d.C.). O edifício de dois andares tem um pátio central, com belos arcos em estilo local; algumas partes foram reconstruídas pelo Departamento de Antiquidades e Património do Estado, que o utilizou para exibir um conjunto de vestígios representativos de certas fases da história islâmica do país.

**Torre de Bagdade** – Anteriormente apelidada de Torre Internacional Saddam, é na atualidade a Torre da TV de Bagdade e eleva-se a 205 m de altura. Foi inaugurada em 1994, para substituir uma torre de comunicações destruída na Guerra do Golfo. No piso superior, além de um posto de observação, estava instalado um restaurante giratório. Após a invasão do Iraque em 2003, a Torre foi ocupada pelos soldados americanos e renomeada.

**Sinagoga Shaf ve'Yativ** – Segundo a tradição, a Grande Sinagoga de Bagdade, foi edificada no local onde o Rei Joaquim, de Judá, que tinha sido exilado de Israel para a Babilónia em 597 a.C., tinha construído uma sinagoga. Diz-se que o material utilizado na sua construção viera das ruínas do Templo de Jerusalém. O edifício serve atualmente como um museu.

### **Babilónia (Al Hillah) – A Porta Dos Deuses**

Vinda desde o longínquo IV milénio a.C., a cidade de Babilónia, situada nas margens do Eufrates, deixou uma profunda marca na dimensão religiosa de toda a Antiguidade e de todo o horizonte cultural atual. Antes de mais, esta cidade, sede de impérios, foi para o mundo hebreu a metáfora de tudo o que de mau a humanidade conseguiu fazer; foi nomeadamente o local onde o Homem tentou alcançar Deus fazendo a

Torre de Babel<sup>57</sup> "Depois disseram: "Vamos construir uma cidade, com uma torre que alcance os céus. Assim nosso nome será famoso -e não seremos espalhados pela face da terra".

A partir do início do segundo milénio a.C., a cidade, até então pouco importante, tornou-se a capital de um reino que estendeu progressivamente o seu domínio a toda a Baixa Mesopotâmia e até para além dessa região. Conheceu o seu apogeu no séc. VI a.C., durante o reinado de Nabucodonosor II, que governou um império que dominou grande parte do Médio Oriente.

Nessa época foi uma das maiores cidades do mundo, cujas ruínas ocupam atualmente vários tals, numa área de cerca de 10 km<sup>2</sup>. O centro da Babilónia era a parte ocidental do interior da cidade, situada na margem esquerda do Eufrates, que cobria perto de 500 hectares. Ali se encontravam todos os monumentos que tornaram famosa a cidade. O rio Eufrates, que limitava essa parte da cidade, muito provavelmente esteve na origem da implantação de um povoado no local, pois trata-se de um importante eixo de comunicação à escala regional e internacional, facilitando o trânsito de mercadorias e pessoas. O prestígio da cidade estendia-se para além da Mesopotâmia, nomeadamente devido aos monumentos célebres que nela foram construídos, como as suas grandes muralhas, o zigurate (Etemenanki), que possivelmente inspirou o mito da Torre de Babel, e os Jardins Suspensos, uma das Sete Maravilhas do mundo antigo, cuja localização ainda não foi identificada. Babilónia comunga da idílica imagem de paraíso comum ao horizonte bíblico. A nível da nossa herança legal, foi nesta cidade que foi compilado um dos primeiros corpos legais da humanidade, o chamado Código de Hammurabi<sup>58</sup>.

A Babilónia ocupa um lugar especial na história por se ter tornado gradualmente um mito após o seu declínio e o seu abandono, que teve lugar nos primeiros séculos da nossa era. O mito chegou até nós através de várias passagens bíblicas e de relatos de autores greco-romanos que descreveram a cidade e asseguraram a longa posteridade da sua fama, frequentemente de cariz negativo, pois era conhecida como "a Grande Prostituta"<sup>59</sup>

"Julgamento da Grande Prostituta.

---

<sup>57</sup> Difusora Bíblica Capuchinhos, Franciscanos, Bíblia Sagrada Para o Terceiro Milénio da Encarnação, Difusora Bíblica Fátima 2008) Gn 11:4. pág. 38

<sup>58</sup> O Código de Hammurabi é um conjunto de leis escritas e um dos exemplos mais bem preservados desse tipo de texto oriundo da Mesopotâmia. Acredita-se que foi escrito pelo Rei Hammurabi, aproximadamente em 1772 a.C. Foi encontrado por uma expedição francesa em 1901 na região da antiga Mesopotâmia, correspondente à cidade de Susa, no Sudoeste do Irão. É um monumento monolítico talhado em rocha de diorito, sobre o qual se dispõem 46 colunas de escrita cuneiforme acádica, com 282 leis em 3600 linhas. A numeração vai até 282, mas a cláusula 13 foi excluída, por superstições da época. A peça tem 2,25 m de altura, 1,50 m de circunferência na parte superior e 1,90 na base. Principais pontos do código de Hammurabi: contratos, lei de talião (olho por olho, dente por dente), falsos testemunhos, roubos e recetação, estupro, família, escravos, ajuda a fugitivos.

<sup>59</sup> Ibidem Ap, 17, 1-2 pág. 2049



- 1-Depois veio um dos 7 anjos que tinha as sete taças e falou comigo assim: "Vem cá. Vou mostrar-te a sentença contra a grande prostituta que habita na orla dos mares".
- 2-" Com ela se prostituíram os reis da terra, e os habitantes do mundo embriagaram-se com o vinho da sua prostituição"

A Bíblia menciona o termo "Babilónia" mais de 280 vezes, e muitas dessas referências dizem respeito à cidade que será edificada na areia fina do deserto. Na verdade, depois de Jerusalém, Babilónia é a cidade mais citada em toda a Bíblia, principalmente no livro do Apocalipse. Apesar de a sua localização nunca ter sido esquecida, só no início do séc. XX se realizaram as primeiras escavações importantes, que desenterraram os principais monumentos. A importante documentação arqueológica e epigráfica descoberta na cidade, completada por informações provenientes de outros sítios arqueológicos antigos que tiveram relações com a Babilónia, permitiram formar uma representação mais precisa da cidade, para além dos mitos. Uma parte significativa das ruínas visíveis da Babilónia fazia parte do Império Neo-babilónico do séc. VII a.C. Como memória da antiga capital do Império Babilónico 1894-1595 a.C., resta apenas uma escultura gigante de um leão matando um inimigo, que está exposta num pedestal no centro do recinto principal.

Principais atrações:

**Antigas Muralhas** – A cidade era protegida por uma muralha exterior, que a rodeava na margem oriental (esquerda) do Eufrates, seguida de um fosso cheio de água do Eufrates, com mais de 50 m de largura, e de uma muralha interior. O conjunto constituído pela muralha dupla e o fosso formava um sistema defensivo com mais de 100 m de largura, complementado por torres defensivas a intervalos regulares, com oito portas. O registo bíblico do profeta Jeremias iria eternizar a memória das muralhas<sup>60</sup>

"Assim fala o Senhor:

11- Aguçai as setas, preparai os escudos! O Senhor instigou os reis da Média, porque Ele quer destruir a Babilónia. É a vingança do Senhor, a vingança do seu templo.

12- Levantai o estandarte contra as muralhas da Babilónia! Reforçai a guarda, colocai sentinelas. Preparai emboscadas. Porque o Senhor idealizou um plano e vai cumprir tudo quanto dissera contra os habitantes da Babilónia".

**Porta de Ishtar** – Das oito portas que se abriam nas muralhas maciças, cada uma consagrada a um deus diferente, a mais imponente era a enorme Porta de Ishtar, deusa do

---

60 Difusora Bíblica Capuchinhos, Franciscanos, Bíblia Sagrada Para o Terceiro Milénio da Encarnação, Difusora Bíblica Fátima 2008) Jr 51:12 pág. 1319

amor e da guerra, com uma altura de 15 m e uma extensão de 30 m, no alto de um caminho processional sagrado de acesso à Babilónia. A Porta foi construída no lado norte da cidade por volta de 575 a.C., por ordem do Rei Nabucodonosor II. O Museu do Próximo Oriente Antigo, que é uma secção do Museu de Pérgamo, em Berlim, procedeu a uma reconstrução desta Porta, assim como da Via Processional, utilizando o material escavado por Robert Koldewey; a reconstrução ficou concluída em 1930 e inclui também a placa de inscrição. As escavações tiveram lugar entre 1902 e 1914, período durante o qual foram escavados cerca de 15 m, até às fundações do portal. Esta porta, consagrada a Ishtar, constituía, só por si, uma espécie de fortaleza, e era dupla, para corresponder às duas muralhas sucessivas do recinto murado da Babilónia. Uma vez passada a primeira porta da sala de guarda interior, aberta na primeira muralha, encontrava-se uma segunda porta, que abria para a segunda muralha. Com o aumento da cidade, Nabucodonosor (604-562 a.C.) mandou reconstruir o edifício, conforme relatou numa inscrição:

“Como as entradas se tivessem tornado demasiado baixas na sequência da elevação da rua, mandei cavar o solo desta porta, consolidar as fundações do lado do rio com betume e tijolos esmaltados em azul, com representações de touros selvagens e dragões. Mandei colocar por cima, para tapar, vigas de cedro. Coloquei nas portas batentes de cedro revestidos de cobre, gonzos e suportes de bronze. Dispus na entrada orgulhosos touros de bronze e dragões em fúria.”

Uma vez por ano, durante a celebração do Ano Novo, as estátuas de divindades eram passadas pela Porta em procissão. O portal foi considerado uma das Sete Maravilhas do mundo antigo, mas perdeu esse estatuto em favor do Farol de Alexandria

**Palácio do Sul** – Trata-se de um grande edifício de planta trapezoidal adossado à muralha interior, que media 322 por 190 metros. Era acessível através de uma porta monumental situada no lado oriental, que dava para a Via Processional, perto da Porta de Ishtar. O edifício, que tinha um andar superior, apresenta uma planta original. Organizava-se em redor de cinco unidades arquitetónicas, que se sucediam de leste para oeste, dispostas em volta de grandes pátios que asseguravam a comunicação. Os pátios separavam cada uma das unidades em dois espaços distintos, um a norte e outro a sul, que por sua vez eram organizados em pequenas divisões em torno de espaços centrais. As divisões da parte norte teriam uma função administrativa, enquanto as da parte sul constituíam os apartamentos reais. O terceiro pátio, localizado no centro do edifício, é o maior de todos e dele pode aceder-se, por três portas situadas no lado sul, à sala do trono. As suas paredes estavam decoradas com tijolos vidrados representando leões, palmeiras estilizadas e motivos florais.

**Palácio do Norte** – Foi edificado na época de Nabucodonosor II numa zona alta, localizada imediatamente a norte do Palácio Sul. Estava assente sobre um terraço, e formava uma espécie de cidadela de planta retangular. Era mais pequeno do que o Palácio Sul e nele foram identificados dois grandes pátios para os quais abriam vários corpos, com divisões mal identificadas durante as escavações devido à erosão. As inscrições de Nabucodonosor parecem indicar que o edifício foi concebido como um espaço de lazer, ou seja, um verdadeiro palácio, que servia de residência real. Possivelmente tratava-se mesmo da residência real principal, enquanto o Palácio do Sul teria funções mais administrativas.

**Bairro Residencial** – Situa-se a leste do complexo sagrado, entre os antigos bairros de Ka-dingirra, Eridu e Shuanna. O trabalho dos arqueólogos trouxe à luz o traçado urbanístico desta antiga zona residencial, com os seus arruamentos caracterizados por ruas estreitas e direitas, que se cruzavam praticamente em ângulo reto. Nas antigas residências da Babilónia foram encontradas tábuas de argila escritas em cuneiforme, que nos deram algumas indicações sobre o *modus vivendi* dos seus habitantes, particularmente das classes mais abastadas. Sabemos que a Babilónia era uma cidade muito cosmopolita, onde se falavam várias línguas (conforme relato bíblico), onde residiam muitos deportados, mercadores, militares e administradores da Síria e do Levante e, mais tarde, persas e gregos.

## UR

No terceiro milénio a.C., nas margens do rio Eufrates, prosperava uma cidade-Estado rica e poderosa, fundada por um povo de agricultores. Ur é mencionada na Bíblia como "Ur dos Caldeus", é conhecida como uma antiga cidade da civilização suméria e pátria de Abraão. Esta antiga cidade foi identificada por Taylor, cônsul inglês em Bassorá, em 1853, até então era um enorme monte de aparentes detritos onde os beduínos descansavam. Para as tradições islâmicas, Abraão não nasceu judeu, pois tem em Ur a sua pátria. Nos finais do terceiro milénio a. C., o aspeto da região que circundava Ur diferia grandemente do atual. Ao aproximar-se de Ur, a primeira imagem que se impunha ao viajante era a massa altaneira do zigurate recortando-se em um céu frequentemente fustigado por tempestades de areia. O Eufrates, que tantas vezes mudou de curso, banhava então as muralhas da cidade. Pensou-se durante muito tempo que a antiga linha de costa do golfo Pérsico passava à latitude de Ur; contudo, parece mais aceitável que o acesso ao

mar se fizesse por uma serie de lagoas ou, simplesmente, descendo o Eufrates. Ur dispunha, por conseguinte, de docas, armazéns e cais. A cidade ocupava uma superfície de cerca de 60 hectares. Protegida por grossas muralhas de tijolo cru, aí se aglomerava uma população que se estima ter atingido os 24.000 habitantes. Embora este número possa parecer modesto para a capital de um Império, há que ter em mente que se estava então nos primórdios das civilizações urbanas. As ruas de Ur eram estreitas e estendiam-se em linha reta ou serpenteavam por entre os quarteirões de casas comprimidas umas contra as outras. A cidade também era constituída por amplas avenidas e até dispunha de um grande jardim público.

As origens de Ur perdem-se nas brumas das mais distantes noites. Cidade com importante vida cultural e comercial já no quarto milénio a.C., terá sido dentro das suas portas que se deram alguns dos maiores avanços da Humanidade, nomeadamente a escrita (séc. XXXIV a.C.). O seu monumento mais emblemático é o grande zigurate que ostentava no seu topo o santuário ao deus Sin, a Lua. Os rios Tigre e Eufrates são referidos no Génesis bíblico como dois dos três rios do paraíso. Há muito que esta área é considerada pelos estudiosos como berço da raça humana, sendo Ur uma das cidades importantes da região. Para os crentes na Bíblia, Ur é importante porque o patriarca Abrão passou por lá<sup>61</sup>

“Tera tomou seu filho Abrão, seu neto Lot, filho de Haran, e sua nora Sarai, mulher de Abrão, seu filho, e partiu com eles de Ur, na Caldeia, e dirigiram-se para a terra de Canaã”.

Foi também em Ur que Deus renomeia Abrão <sup>62</sup> “Já não te chamarás Abrão, mas sim Abraão porque Eu farei de ti o pai de inúmeros povos”.

Principais atrações:

**Zigurate de Ur** – Construído entre os anos de 2113 e 2096 a.C. em alvenaria de tijolos secos ao sol e cozidos, erguia-se sobre uma plataforma rodeada por um muro. O acesso fazia-se por um vasto pátio e tal como o zigurate era dedicado ao deus lunar Sin. De facto, neste santuário devem ter ocorrido algumas das primeiras e mais importantes observações dos astros, nomeadamente da Lua. O templo, que tinha 21 m de altura e 62,5 x 43 m na base, era constituído por sete patamares, sendo o acesso feito por escadarias estreitas que rodeavam os muros. O seu bom estado de conservação deve-se a Nabucodonosor II, cujo reinado durou entre 605 e 562 a.C., que ordenou sua reconstrução depois de os acádios o terem quase destruído.

---

<sup>61</sup> Ibidem Gn 11,31 pág. 38

<sup>62</sup> Ibidem Gn 17,5 pág. 44

**Casa de Abraão** – Quem tinha o raro privilégio de visitar a antiga cidade de Ur não pode deixar de visitar as ruínas apontadas pela tradição como pertencentes à casa de Abraão. Porém, foram recentemente descobertas por dois arqueólogos britânicos, a cerca de 20 km de Ur, as ruínas de um antigo complexo datado de cerca de 2000 a.C., que consideram tratar-se da verdadeira casa de Abraão, ou de um edifício usado por ele antes de se deslocar para Qana (Canaã). Esta estrutura tem cerca de 80 m e parece um edifício público ou administrativo, ou com ligações religiosas. Tem um complexo de salas que circundam um pátio. Uma das descobertas aqui feitas é uma placa de argila de 9 cm, com a imagem de um adorador vestindo um longo manto de franjas, que se aproxima de um local sagrado.

#### Bibliografia Aconselhada

Humphreys, Andreys, Middle East on shoestring, Lonely Planet-1997

Difusora Bíblica Capuchinhos, Franciscanos. Bíblia Sagrada Para o Terceiro Milénio da Encarnação, Difusora Bíblica Fátima 2008

Moura, Francisco. Viajar pelo Mundo. Lisboa: edição autor (2016).

Pinto, P. & Moura Francisco. Itinerários de Fé. Lisboa: Media Livros, Atividades Editoriais SA. 2005

#### **Mari (Hariri)**

Foi descoberta em 1933 e está situada no flanco oriental da Síria, perto da fronteira com o Iraque; outrora foi uma grande cidade semita. Para alguns investigadores a origem de Mari, relaciona-se com a bíblica cidade de Henoc. Mari floresceu como um grande centro de comércio e foi um Estado soberano entre 2900 e 1759 a.C. Tal como com a vizinha Dura Europos, o seu progresso deu-se graças à situação geográfica privilegiada, que está no centro das rotas comerciais do Eufrates, nas ligações entre a Suméria, no Sul, e o Levante, no Ocidente. A tradição mesopotâmica faz de Mari a sede da décima dinastia depois do Dilúvio. O que hoje sabemos desta importante cidade é que teve o seu período áureo nos séculos XXIX-XXVIII a.C., período que terminou no início do séc. XXVII a.C., altura em que a cidade deverá ter sido reocupada por outra população. É desta época que data o palácio, com o seu recinto sagrado, e os templos dedicados às deusas Ishtar, Ninni-zaza, e Shamash. Graças às estátuas encontradas nos templos foi possível conhecer alguns dos reis de Mari, como Lamgi-Mari, que teve uma longa guerra com seu rival de Ebla. Mari tinha

uma forte afinidade com a cultura suméria. Foi destruída pelos acádios no séc. XXIII a.C. Mais tarde, foi reconstruída por um governador militar da dinastia dos Shakkanakku, e tornou-se num centro regional no contexto do vale do Eufrates. Este governo durou até à segunda metade do séc. XIX a.C., altura em que a dinastia desaparece por razões que ainda hoje se desconhecem.

Principais atrações:

**Terraço Alto (Maciço Vermelho)** – A sua construção remonta ao terceiro milénio a.C., e do cimo obtém-se uma magnífica vista sobre o vale do Eufrates. Foram identificadas ruínas de edifícios religiosos, onde se destaca o Templo dos Leões, e várias dependências do Templo de Dagan, datado do terceiro milénio a.C.

**Cisterna** – É datada do terceiro milénio a.C. e tinha por função armazenar a água das chuvas para abastecer o palácio real. Foi encontrado um texto que fala de carregadores de água, que recuperavam água do rio para abastecer o palácio. Na zona, são visíveis restos de grandes canalizações em tijolo cozido, que tinham a função de conduzir a água da chuva coletada nos terraços para um reservatório de água que alimentava o palácio.

**Porta Monumental** – Foi encontrada entre 1990 e 1993. A porta data do terceiro milénio a.C. tem uma espécie de três tenazes, e é a maior de todas as portas até agora descobertas em toda a Mesopotâmia.

**Palácio Real** – Trata-se de uma estrutura do terceiro milénio a.C. A parede Sul está ornamentada com grandes pinturas, que retratam a inauguração do palácio e a procissão sacrificial. A sala do trono, cujas dimensões são de 25 m de comprimento e 11,50 m de largura, era a maior sala do palácio, e servia como sala de audiências e banquetes. Ainda se pode ver a base do trono. No topo das escadas, num lugar de destaque, encontrava-se a estátua da divindade Ishtup-Ilum, ligada à água, datada do séc. XXI a.C. Esta estátua, feita de pedra-sabão, foi encontrada sem cabeça, e ostenta uma inscrição dedicada à deusa Ishtar ou Inanna. A estátua está agora em exposição no Museu do Louvre. As ruínas do palácio real revestem-se de fundamental interesse para a arqueologia, pois são as únicas que chegaram até nós. Mari foi uma cidade culturalmente riquíssima, revelou os mais importantes núcleos de tabuinhas de argila de todo o Médio Oriente Antigo.

**Palácio de Shakkanakku** – As ruínas deste palácio estão em piores condições de conservação que as do palácio real. O palácio foi construído pelo governador militar

Shakkanakku para alojar o rei. Destaque para a sala abobadada onde se encontravam os túmulos reais.

## **Dura Europos**

Este termo babilónico significa fortaleza ou palácio. Situa-se na atual localidade de Salihiye, a meio caminho entre Alepo e Bagdade, na fronteira com o Iraque, países separados pelo mítico rio Eufrates. A cidade foi construída numa meseta rochosa, rodeada por profundos vales que facilitam a sua defesa. Esta autêntica fortaleza natural é de origem greco macedónica e a sua construção assentou sobre os restos de uma antiga localidade semita.

Desde a Antiguidade que Dura Europos foi um ponto estratégico, uma vez que era local de passagem de várias importantes rotas comerciais da Antiguidade. Segundo a lenda, a fundação da cidade é atribuída a Seleuco I Nicator, imperador selêucida, no séc. IV a.C., e teria sido este o local do seu nascimento. A sua vida urbana apenas começou aquando da ocupação dos colonos macedónicos, entre os anos 313 e 280 a.C. As escavações arqueológicas indicam que na época de Filipe, o Macedónio, o plano urbanístico da cidade era de tipo militar quadricular, ao estilo das cidades helenísticas. A cidade foi palco de muitas lutas e conquistas ao longo da sua história. Em 247 a.C. os partos ocuparam a cidade. Em 64 a.C., os romanos ocupam parte do território sírio, mas só conseguem ocupar Dura Europos no ano de 116 d.C. Durante a ocupação romana foram fortalecidos os contactos comerciais. No início do séc. III da nossa era, a cidade vai estar sob a influência de Palmira, que tinha adquirido o título de colónia Romana, sob o reinado do Imperador Caracala.

Em 256 d.C., a cidade de Dura Europos, incluindo as suas muralhas, foi destruída; as suas ruínas acabaram por ficar cobertas por areia. A sua descoberta teve lugar em 1920, em consequência do trabalho realizado pela Academia Francesa de Inscrições e Belas artes. Em 1923, as escavações foram continuadas por arqueólogos da Universidade americana de Yale, que puseram a descoberto um autêntico tesouro, onde se distinguiram pinturas de cariz religioso. Várias das pinturas que se encontravam nas sinagogas, um batistério cristão, assim como outros materiais arqueológicos de outros templos, encontram-se, felizmente, por enquanto, protegidas à guarda do Museu de Damasco.

Principais atrações:

**Templos** – São os principais motivos de interesse dentro das várias ruínas em exposição; encontram-se espalhados por todo o território da cidade e representam todas as religiões conhecidas na época. Havia uma sinagoga, com excepcionais e únicos frescos, e uma igreja cristã. As divindades representadas, entre outras, eram; Militar, Zeus Teos, Zeus Megisto, deuses palmirenos, Adónis, Tique, Zeus, Kyrios, Júpiter, Atargatis e Artemisa.

Bibliografia Aconselhada:

Mhd. Ali Al- Souky, Dura Europos Al-Salhieh P.O. Box 6573 Damascus 2001

Xavier Richer, Syrie, Editions Delroisse Boulogne – France 1975

Difusora Bíblica Capuchinhos, Franciscanos. Bíblia Sagrada Para o Terceiro Milénio da Encarnação, Difusora Bíblica Fátima (2008).

Moura, Francisco. Viajar pelo Mundo. Lisboa: edição autor (2016).

Pinto, P. & Moura Francisco. Itinerários de Fé. Lisboa: Media Livros, Atividades Editoriais SA. 2005.

## Haran

A cidade de Haran deve ter sido fundada por altura da passagem do quarto milénio para o terceiro milénio a.C., como um entreposto comercial integrado na rota das caravanas do Norte da Mesopotâmia, que ligava o mundo do Mediterrâneo ao do vale do Indo. A cidade que também era conhecida como "Cidade da Lua e de Abraão", foi um grande centro filosófico e teológico para várias religiões. Na Antiguidade era conhecida como Carrhes, mas no Genesis é mencionada como Haran

" Tera tomou seu filho Abrão, seu neto Lot, filho de Haran, e sua nora Sarai, mulher de Abrão, seu filho e partiu com eles de Ur, na Caldeia, e dirigiram-se para a terra de Canaã. Chegados a Haran, aí se fixaram" <sup>63</sup>.

O nome da cidade deve derivar do sumério, podendo traduzir-se por jornada, caravana ou caminho; e é referido num texto de Mari, um tratado firmado em Haran, no Templo de Sin, no ano 2000 a.C. Durante séculos foi uma importante cidade assíria, conhecida pelo seu imponente Templo dedicado a Sin, o deus da Lua. Até à chegada do cristianismo, Sin terá sido a principal divindade cultuada na cidade e na região. Foi neste lugar que segundo o livro do Génesis, Deus disse a Abrãao:

---

<sup>63</sup> Ibid. Gn 11, 31 pág. 38



"1- O SENHOR disse a Abraão: "Deixa a tua terra, a tua família e a casa do teu pai, e vai para a terra que Eu te indicar"

2- Farei de ti um grande povo, abençoar-te-ei, engrandecerei o teu nome e serás uma fonte de bênçãos.

3- Abençoarei aqueles que abençoares, e amaldiçoarei aqueles que te amaldiçoarem. E todas as famílias da terra serão em ti abençoadas" <sup>64</sup>.

O nome Abraão foi encontrado na documentação cuneiforme, quer na forma Abirão, quer na forma Abraão. Após as conquistas de Alexandre Magno, Haran tornou-se numa metrópole intelectual, um dos centros de desenvolvimento do pensamento filosófico e religioso, em especial, ligado às tradições de Hermes Trismegisto, "três vezes grande". No fim do Mundo Antigo, Haran seria sede de escolas de Medicina e de Filosofia vindas de Alexandria. Em 217 d.C., o Imperador romano Caracala foi assassinado quando regressava da cidade depois duma visita ao famoso Templo de Sin. A época romana foi ainda marcada por um desastre militar que fez passar para a história a expressão "erro crasso". No ano de 53 a.C., Crasso, o general de Augusto, sitiou os Partos em Haran. Dos seus cerca de 39.000 homens, terão sobrevivido não mais de 5000, após terem caído numa cilada. Seguiram as tropas inimigas que os conduziram a serem dizimados pela cavalaria asiática. A partir de 639 d.C., Haran passou para o controlo islâmico. Na atualidade, Haran é um local de peregrinações muçulmanas.

Principais atrações:

**Ruínas** – Concentram-se em dois locais: no castelo, localizado no extremo Este da cidade, e nas muralhas, com algumas portas ainda visíveis.

**Mesquita e Minarete de Haran** – São duas das estruturas históricas mais antigas de Anatólia.

**Casas Colmeia** – Estas casas típicas encontram-se em algumas aldeias do Sul da Turquia e do Norte da Síria. Aqui, em Haran, existem algumas que se podem visitar por dentro e funcionam mesmo como hotéis e bares, embora a decoração tenha pouco a ver com a tradicional.

**Mercado de Haran** – Merece uma visita. É um local onde se pode tomar chá de maçã e descansar um pouco. O mercado, como outros da Turquia, é cheio de lojas que

---

<sup>64</sup> Ibidem Gn: 12, 1-5 pág..38

vendem todo o tipo de produtos, aqui nunca faltam as especiarias e os característicos artigos de seda

### **Urfa (Cidade Dos Profetas)**

Situa-se no Sul da Turquia e está intimamente relacionado com Haran, na medida em que as tradições islâmicas, herdadas das judaicas, colocam Abraão a residir nesta cidade, e a viver um fatal conflito com Nemrod, monarca babilónio, devido ao facto de Abraão ter destruído imagens de deuses politeístas. Abraão foi por isso condenado e lançado às chamas, mas miraculosamente as chamas transformaram-se em água e as madeiras em peixes. A cidade é visitada por muitos peregrinos que querem ver o lago sagrado. A cidade foi habitada pelo povo hurri no quarto milénio a.C., e depois foi ocupada por uma sucessão de povos, entre os quais: hititas, assírios, gregos e romanos. Alexandre, o Grande, chamou-a Edessa, e os otomanos chamaram-lhe Urfa. Entre 1097 e 1144, tornou-se a capital de um Estado Cruzado. No passado século, em 1920, a cidade ganhou o prefixo "sanli", que a caracterizava como gloriosa (anliurfa), pela ação desempenhada contra os invasores franceses.

Principais atrações:

**Cidade Antiga** – Está rodeada por um fosso profundo em três dos seus quatro lados; o outro lado está protegido por um alto penhasco. Podemos observar que antigas igrejas foram transformadas em mesquitas. Destaque para a Mesquita Eyyubi, outrora Igreja de S. João.

**Piscina de Abraão (Lago Sagrado)** – Encontra-se integrada num jardim, que segundo a tradição corresponde ao local onde o profeta foi perseguido pelo rei babilónico. Os peregrinos seguem uma longa tradição ao darem de comer aos milhares de peixes que lá se encontram. Segundo o Corão, estes também são sagrados (sura II, 260-262 e sura XXI).

**Gruta de Abraão** – Fica ao lado do jardim, perto do lago. É um local considerado santo e muito visitado pelos muçulmanos, que acreditam que o profeta Abraão viveu aqui.

**Caverna de Halil Ibrahim** – Encontra-se na parte inferior, onde há uma fonte cuja água os muçulmanos consideram sagrada.

**Bazar Coberto (Kapalıçarşı)** – É uma estrutura otomana, com filas de ruas dedicadas a negócios específicos, onde podemos admirar e comprar artesanato local.

**Tell de Göbekli Tepe.**

Fica situado cerca de 10 km a nordeste de Şanlıurfa (Urfa), no ponto mais alto de um encadeamento montanhoso, no topo de uma colina, junto aos montes Tauro. Esta fabulosa relíquia só recentemente foi divulgada. Trata-se da descoberta do templo mais antigo do mundo. O templo foi descoberto num tell, com 15 m de altura e com cerca de 300 m de diâmetro. Os trabalhos de escavações, que ainda continuam, estão a cargo de arqueólogos Alemães e Turcos. O templo pode ter sido construído por caçadores-coletores no décimo primeiro milénio a.C., ou seja, antes, do advento do sedentarismo. A descoberta desta estrutura religiosa construída cerca de 2000 anos antes do início do período Neolítico e da primeira cidade conhecida de Çatalhöyük, vem revolucionar o conhecimento do Neolítico e as teorias sobre a história das religiões defendidas pelos historiadores, o segundo as quais as religiões só teriam surgido com o advento do período Neolítico.

Principais atrações:

**Tell** – A camada mais antiga contém pilares monolíticos ligados por paredes construídas grosseiramente para formar estruturas circulares ou ovais. Até ao momento foram desenterradas quatro construções com diâmetros entre os 10 e os 30 m. Pesquisas geofísicas indicam a existência de mais 16 estruturas. Os investigadores estão a tentar indagar se as estruturas eram casas ou templos, porque os dois pilares centrais de todas as estruturas encontradas estão virados para Oeste.

**Estrato II** – Datado do Neolítico pré-cerâmico B (7500-6000 a.C.), revela várias câmaras retangulares adjacentes com pisos de cal polida. Os monólitos que se observam estão decorados com relevos esculpidos de animais e pictogramas abstratos. Esses sinais embora não sejam considerados como escrita, que só muito milénio mais tarde vai surgir, devem representar símbolos sagrados. Os relevos retratam leões, touros, raposas, gazelas, burros, serpentes e outros répteis, insetos, aracnídeos e pássaros, particularmente abutres e aves aquáticas. São raras as formas humanoides desenterradas em Göbekli Tepe, mas estas incluem relevos de uma Vénus sexualmente provocativa e um cadáver decapitado cercado de abutres. Alguns dos pilares têm a forma de T e têm braços esculpidos, o que pode indicar que representam humanos estilizados. Outro pilar é decorado com mãos humanas, o que poderia ser interpretado como um gesto de oração, e com uma estola ou com uma sobrepeliz gravada acima, o que pode representar um sacerdote.

### Bibliografia Aconselhada - Turquia

Turhan Can, Turquia Puerta de Oriente, Orient Turistik Yayinlar ve Hizmetler, Ita, STI, Istambul 1991

Enric Balasch, Turquia, Rumbo Laertes S.A. de Ediciones Barcelona 1987

Carro, Donald, Turquia, Guia del Buen Viajero, Naturart S.A. Barcelona 1992

Difusora Bíblica Capuchinhos, Franciscanos Bíblia Sagrada Para o Terceiro Milénio da Encarnação, Difusora Bíblica Fátima, 2008

Moura, Francisco. Viajar pelo Mundo. Lisboa: edição autor (2016).

### Alepo

Situada a Norte da Síria, é designada em árabe por Halab. É uma das cidades comerciais mais antigas do Oriente. Quando as caravanas, em tempos antigos, vislumbravam no horizonte as muralhas avermelhadas da Fortaleza de Alepo, sabiam que estavam próximas do seu destino.

A parte antiga da cidade está rodeada por ruínas de uma muralha muçulmana. Outrora, a cidade foi o principal centro de comércio entre a Europa e a Ásia, por onde passavam tecidos de seda, algodão e lã, e ricos panos bordados a ouro e prata. Monumentos egípcios, datados do ano 2000 a.C., atestam que a cidade é bastante antiga, tendo sido palco da batalha entre egípcios e hititas. Na história da cidade entram muitos Impérios. Em 300 a.C., a cidade foi conquistada por Seleuco I Nicator. Mais tarde, no séc. VII d.C. foi ocupada pelos muçulmanos, depois, foi conquistada por Bizâncio, tendo, em 1516, feito parte do Império Turco. Finalmente, desde 1920, passou a fazer parte integrante da Síria. A cidade antiga está classificada como Património da Humanidade pela UNESCO desde 1986.

Principais atrações:

**Cidadela** – É um grande palácio medieval fortificado e é considerado como um dos maiores e mais antigos castelos do mundo, pois há referências da colina onde a cidadela se situa que datam de há pelo menos 3000 anos a.C.

**Grande Mesquita de Alepo (Mesquita Omíada de Alepo)** – É a maior e mais antiga mesquita do Norte da Síria. A presente mesquita data do séc. XIII, do período mameluco; o minarete selêucida é de 1090. Na mesquita crê-se estar sepultado Zacarias, pai de S. João Baptista.

### **Telnessin**

Fica situada nos arredores de Alepo e é o lugar onde se encontra a Basílica dedicada a S. Simeão Estilita, o Antigo (389-459 d.C.), santo da Igreja Católica Romana e da Igreja Ortodoxa. Em 412 d.C., S. Simeão mudou-se para Telnessin e ali viveu como eremita numa cela. Depois passou a viver no topo de uma coluna, preso por uma corrente, razão pela qual é chamado estilita. Foi adotando colunas cada vez mais elevadas, onde viveu durante 30 anos (entre 429-459), tendo a última 17 m de altura. Nesse espaço foi construída uma magnífica basílica cruciforme, cujas ruínas até há poucos anos subsistiam em bom estado. O complexo completa-se com um edifício do batistério, que estava ligado à igreja por uma pequena alameda.

### **Ebla**

Foi no ano de 1964 d.C. que um grupo de arqueólogos italianos da Universidade de Roma La Sapienza, sob a direção de Paolo Matthiae, deu início às escavações em Tel Mardikh. Quatro anos após o início dos trabalhos, foi descoberta uma estátua dedicada à deusa Ishtar, que trazia o nome de Ibbit-Lim, Rei de Ebla, o que permitiu identificar Ebla como uma antiga cidade-Estado em dois períodos: primeiro em inícios do terceiro milénio a.C., e depois entre 1800 e 1650 a.C. Ebla, deve em parte a sua fama às 20.000 tabuinhas ali encontradas, datadas por volta de 2250 a.C., em escrita suméria e representando a língua eblaíta, que hoje é conhecida como a mais antiga língua semítica, com exceção da língua acádica.

Principais atrações:

**Muralhas** – Tinham dimensões únicas para a sua época; mediam 30 m de largura e cerca de 20 m de altura. Nas muralhas estavam incorporados vários bastiões e quatro portas que davam acesso ao interior, datadas da Idade do Bronze.

**Cidadela** – Encontra-se no interior das muralhas e era composta por duas zonas residenciais, onde se encontravam os palácios. Os vestígios melhores preservados são os do palácio real, que nos transmitem uma ideia do esplendor da cidade no seu auge.

**Acrópole** – É formada a partir das ruínas dos edifícios públicos mais importantes, como palácios e templos. A acrópole estava cercada pela Cidade Baixa, numa área plana, que ocupava uma superfície de cerca de 45 ha.

### **Ugarit (Ras Shamra)**

Foi descoberta em 1929. Esta antiga cidade fenícia situava-se entre dois pequenos rios e próxima da baía calma e segura de Minet El Beida. Nas escavações trabalharam arqueólogos franceses que puseram a descoberto uma cidade datada do período Neolítico, do sétimo milénio a.C. Com cerca de 500 por 600 m, ainda só foi explorado pouco mais de 1/10 da área total do tel. Nessa área, a profundidade dos estratos arqueológicos chega a atingir os 17 m. Durante o terceiro milénio o local foi ocupado pelos cananeus. Na Síria do Norte, Ugarit é considerada por alguns autores uma das três cidades mais importantes de Canaã na Idade do Bronze Médio (1900-1550 a.C.), conjuntamente com Biblos e Meggido, mantendo o seu estatuto no Bronze Recente (1550- 1200 a.C.), ao lado de Biblos e Tiro.

Além das naturais estruturas clássicas de uma cidade-Estado, como palácios e templos, em Ugarit encontraram-se grande número de placas de argila escritas. Aqui usavam-se cinco sistemas de escrita que transmitiam línguas diferentes, sendo uma delas nova aos olhos dos especialistas. Tratava-se da língua local, o ugarítico, escrito segundo uma forma alfabética, mas através do uso de caracteres cuneiformes e de um suporte em argila.

A cidade foi destruída aquando da passagem dos chamados povos do mar, mas deixou-nos um enorme manancial de textos, nomeadamente mitológicos. Ugarit era a única cidade no panorama de Canaã a usar habitualmente a escrita sobre papiro. A sua "Idade de Ouro" terá sido durante o segundo milénio, mais particularmente entre os séculos XV e XIII a.C. Nessa época, a sua população era composta por um povo de marinheiros e de comerciantes. As suas principais cidades, além de Ugarite, foram Biblo, Siro e Tiro, que se tornarão em grandes centros comerciais que comercializavam os seus produtos com vários povos mediterrânicos. Fundaram, na altura, várias colónias, com destaque para Cartago, estando, pois, na origem dos cartagineses. No séc. XV a.C., criaram o alfabeto que era composto por 22 consoantes. Esta ferramenta permitiu-nos comunicar numa forma simples e democratizar a escrita. Até aí, a escrita que tinha sido inventada na Suméria, possuía mais de 200 caracteres, tal e qual como sucedia com os hieróglifos egípcios, escrita que era utilizada apenas nos templos e nos palácios reais, dada a dificuldade de aprendizagem pelo povo. É com esta nova ferramenta, que facilita o pensamento e as relações pessoais e comerciais, que a humanidade progride bastante. Está na génese dos alfabetos Hebreu antigo, Arameu, Árabe e Latino. Ugarit, Ebla e Mari, são os locais arqueológicos mais importantes em território Sírio.

Principais atrações:

**Palácio Real** – As escavações descobriram um palácio real com cerca de 90 quartos distribuídos ao longo de oito pátios fechados, assim como muitas moradias privadas, onde foram encontradas várias placas de argila de escrita cuneiforme, todos datados da última fase de Ugarit, em torno de 1200 a.C. O espaço das moradias, que pertencia a um diplomata de nome Rapanu, representava duas bibliotecas: a Biblioteca do Palácio e a Biblioteca do Templo, situação considerada única na época. As bibliotecas continham textos relacionados com a vida social e política do seu tempo, nomeadamente com a diplomacia, a justiça, a economia, a administração, a escolástica, a literatura e a religião.

Os documentos foram escritos em sumério, hurrian, acadiano (a língua da diplomacia no Próximo Oriente desta altura), e ugarítico (uma língua até então desconhecida). Foram encontrados documentos em sete idiomas, ou dialetos: egípcio, luvita em hieróglifos, silabário cipro-minoico, sumério, acádio, hurrita, e cuneiforme ugarítico. A obra de literatura mais importante descoberta em Ugarit é o Ciclo de Baal, que descreve a base da religião e do culto de Baal.

**Bairro Residencial** – Ficava situado a leste do palácio real e era habitado pela da aristocracia local.

**Acrópole** – Fica situada no topo do morro, local onde se encontravam os dois templos principais: um dedicado a Baal, filho de El, e outro dedicado a Dagon, o deus ctónico da fertilidade e do trigo. Baal era o nome do deus supremo adorado na antiga Canaã e na Fenícia. A prática do culto a Baal infiltrou a vida religiosa judaica durante o tempo dos juízes (Jz, 3, 7), e tornou-se comum em Israel durante o reinado de Acabe (1Rs, 16, 31-33). Na área da acrópole, destaque para as ruínas da casa do diplomata Rapanu.

**A Fortaleza de Krak Dos Cavaleiros** foi um ponto estratégico para realizar os desígnios dos cruzados; a partir daqui controlava-se o vale entre os montes An-Nusayriyah, no lado Norte, e os montes libaneses por onde passava o caminho que ligava o interior da Síria à costa. O magnífico e imponente castelo dos cruzados situa-se 650 m acima do nível do mar e 65 km a Oeste de Homs. Durante quase duzentos anos desempenhou um importante papel nas guerras entre os cruzados e os muçulmanos. A fortaleza foi construída em 1110 pelo Emir de Alepo, tendo nesse ano sido capturada por Tancredo, príncipe da Galileia, um dos mais famosos cruzados. A fortaleza foi intervencionada mais tarde, quando passou para a posse de cavaleiros Hospitalários, uma das mais poderosas ordens

religiosas-militares das cruzadas. Na década de 1930 começaram a realizara-se importantes obras de restauro. As vastas e evocativas ruínas das muralhas, torres e salas, não deixam de impressionar o visitante.

### **Maalula**

É uma localidade situada no interior da zona rural de Damasco, que além das magníficas paisagens tem a particularidade de o povo ter como língua principal o aramaico, a língua em que se expressava Jesus. É uma pequena vila, instalada numa rocha íngreme, com casas pintadas de areia azul e prata. A maior parte da população local pertence à Igreja Greco-Católica Melquita. A cidade é conhecida no Médio Oriente por aqui ter lugar a celebração da Festa da Exaltação da Santa Cruz, que tem lugar a 14 de setembro. De realçar o facto de o local ser objeto de devoção, quer para peregrinos cristãos quer para muçulmanos.

Principais atrações:

**Mosteiro de Mar Sarkis (Mosteiro de São Sérgio)** – Foi construído no séc. IV sobre as ruínas dum templo pagão. De estilo bizantino, contem um dos primeiros altares cristãos assírios. O mosteiro tem sido usado como um local de culto desde a sua construção até hoje. O mosteiro possui uma coleção de ícones religiosos compreendidos entre o séc. XVI e o séc. XVIII. Destaque para dois ícones, um da Virgem Maria e outro dos mártires Sérgio e Baco, que viveram no tempo do Imperador Maximiliano, entre o último quartel do séc. III e o início do séc. IV. De realçar o facto de os monges terem gravado em língua assírio a ocidental algumas orações nas paredes.

**Convento de Mar Takla (Convento de Santa Tecla)** – Este convento de rito siríaco foi construído com vários andares, pelo que tem uma presença sumptuosa, no local onde a jovem Tecla, após a sua conversão ao cristianismo, encontrou proteção e refúgio da perseguição pagã. Diz a lenda que a montanha se abriu milagrosamente, criando uma estreita garganta que lhe permitiu escapar dos seus perseguidores. O seu corpo repousa no mosteiro.

### **Damasco**

É a capital da Síria e está situada junto nos sopés orientais da cordilheira do Antilíbano, na margem do rio Barada, do qual sempre dependeu a sua prosperidade. A água



foi preponderante e explica a razão por que desde há cerca de 8000 anos e duma forma contínua a cidade foi sempre ocupada, pelo que tem o estatuto de ser a cidade mais antiga do mundo continuamente habitada. Inicialmente construída à volta de uma colina, esta cidade foi palco de vários acontecimentos bíblicos.

Do ponto de vista cronológico, foi na colina que domina a cidade que teve lugar o primeiro crime da história do ser humano, com o assassinato de Abel por seu irmão Caim. O nome da cidade já aparece atestado na documentação cuneiforme de Ebla, grafado como "Dimaski" (2500 a.C.). Para os crentes do Islão, Damasco também foi o lugar do nascimento do Patriarca Abraão. A cidade esteve submetida ao domínio egípcio entre os séculos XIV e XII a.C., exceto durante o período da invasão hitita. Parece ter sido a base de um Reino Arameu a partir do séc. XII a.C. Mais tarde, ainda segundo a tradição bíblica, David terá conquistado a cidade aos arameus, no início do último milénio a.C., mas com Salomão a cidade terá sido perdida. O reino autónomo que aí se desenvolve será em certas alturas árbitro entre os reinos irmãos, mas beligerantes, de Israel e de Judá. Em 732 a.C., Damasco passa para mãos assírias, e depois para a órbita do mundo persa. Jerusalém passa a depender de Damasco.

Mais tarde, depois da conquista de Alexandre, em 332 a.C., a cidade foi campo de lutas entre os generais sucessores do jovem conquistador. A conquista romana deu-se com Pompeu, em 64 a.C.; Roma dominou até à queda do Império Romano. Na época de Jesus, Damasco era sede de uma importante colónia hebreia. Local cosmopolita, Damasco rapidamente desenvolveu uma comunidade cristã de judeus que acreditavam na Boa Nova, fugidos de Jerusalém. Foi na estrada Jerusalém-Damasco que o perseguidor Saulo de Tarso, que se deu a hierofania que está na génese da conversão de Paulo e alterará para sempre a sua vida, dando origem ao apóstolo Paulo. Foi, também, neste local que S.to Ananias curou Saulo (S. Paulo) da sua cegueira <sup>65</sup>.

"1- Saulo, entretanto, respirando sempre ameaças e mortes contra os discípulos do Senhor, foi ter com o Sumo-sacerdote

2- E pediu-lhe cartas para as sinagogas de Damasco, a fim de que, se encontrasse homens e mulheres que fossem desta Via, os trouxesse algemados para Jerusalém.

3- Estava a caminho e já próximo de Damasco, quando se viu subitamente envolvido por uma intensa luz vinda do Céu.

4- Caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: «Saulo, Saulo, porque me persegues?»

---

<sup>65</sup> Difusora Bíblica Capuchinhos, Franciscanos Bíblia Sagrada Para o Terceiro Milénio da Encarnação, Difusora Bíblica Fátima, 2008 Act 9-1,18 pág. 1792/3

5 -Ele perguntou: «Quem és Tu, Senhor?» Respondeu: «Eu sou Jesus, a quem tu persegues.

6- Ergue-te, entra na cidade e dir-te-ão o que tens a fazer.»

7- Os seus companheiros de viagem tinham-se detido, emudecidos, ouvindo a voz, mas sem verem ninguém.

8- Saulo ergueu-se do chão, mas, embora tivesse os olhos abertos, não via nada. Foi necessário levá-lo pela mão e, assim, entrou em Damasco,

9- Onde passou três dias sem ver, sem comer nem beber.

10- Havia em Damasco um discípulo chamado Ananias. O Senhor disse-lhe numa visão: «Ananias!» Respondeu: «Aqui estou, Senhor.»

11- O Senhor prosseguiu: «Levanta-te, vai à casa de Judas, na rua Direita, e pergunta por um homem chamado Saulo de Tarso, que está a orar neste momento.»

12- Saulo, entretanto, viu numa visão um homem, de nome Ananias, entrar e impor-lhe as mãos para recobrar a vista.

13- Ananias respondeu: «Senhor, tenho ouvido muita gente falar desse homem e a contar todo o mal que ele tem feito aos teus santos, em Jerusalém.

14- E agora está aqui com plenos poderes dos sumos-sacerdotes, para prender todos quantos invocam o teu nome.»

15- Mas o Senhor disse-lhe: «Vai, pois, esse homem é instrumento da minha escolha, para levar o meu nome perante os pagãos, os reis e os filhos de Israel.

16- Eu mesmo lhe hei-de mostrar quanto ele tem de sofrer pelo meu nome.»

17- Então, Ananias partiu, entrou na dita casa, impôs as mãos sobre ele e disse: «Saulo, meu irmão, foi o Senhor que me enviou, esse Jesus que te apareceu no caminho em que vinhas, para recobrades a vista e fiques cheio do Espírito Santo.

18- Nesse instante, caíram-lhe dos olhos uma espécie de escamas e recuperou a vista. Depois, levantou-se e recebeu o batismo.»

Como reflexo da sua importância económica, em 117 d.C., o Imperador romano Adriano elevou-a à categoria de metrópole. Manteve-se como uma cidade de primeira referência até ao séc. VII, quando é saqueada pelos persas. Para muitos muçulmanos árabes, Damasco é o paraíso na terra, pois dizem que o profeta Maomé, que se recusava a entrar na cidade, considerava que esta não pertencia a este mundo. Mais tarde, já sob o domínio de Constantinopla, foi capital de uma província bizantina. Em 635 d.C., é conquistada por Khalid ibn al Walid, após seis meses de cerco.

Durante mais um século, terá um novo apogeu, uma nova época de glória. Em 750 d.C., os abássidas transferiram a capital do Califado para Bagdade, e serão as cidades de Bagdade, Cairo e Mossul que marcarão o ritmo do devir. Damasco começou em decadência

e caiu sob o domínio egípcio no séc. IX. Em 1076, foi tomada pelos turcos selêucidas e, em 1260, pelos mongóis.

Durante o período das cruzadas a cidade converte-se num símbolo da resistência islâmica na região, recebendo muitos refugiados que fogem às atrocidades dos conquistadores cristãos. São reforçadas as muralhas e as portas, mas a cidade é atacada pelos cruzados por duas vezes, uma em 1129 e outra em 1140. Com Saladino, Damasco afirma-se novamente como o grande centro islâmico da região. Com muitas escolas corânicas e madraças a funcionar, a cidade afirma o sunismo. No ano de 1400 foi atacada e saqueada por Tamerlão, o último dos grandes conquistadores nómades da Ásia Central de origem turco-mongol. Em 1516, é ocupada pelos otomanos, e o domínio turco iria prolongar-se até ao séc. XX, em parte, graças ao facto de os turcos terem respeitado a língua árabe como o idioma do Alcorão.

Em 1918, caiu em poder dos britânicos, que estabeleceram um governo sírio independente. A cidade está rodeada de jardins, hortas e campos. Possui uma arquitetura essencialmente oriental, onde se contam mais de 1000 edifícios de valor artístico, em que não faltam restos de outros estilos implantados pelos sucessivos invasores da cidade. Damasco é famosa desde a Antiguidade pelas espadas e armaduras que fabricou até começos do séc. XV, assim como por outros artigos de tradição secular, como artigos de madeira trabalhada, tecidos de seda e algodão, tapetes, filigrana de ouro e prata, espadas, armaduras, perfumes, essências de rosas e brocados.

Principais atrações:

**Monte Cássio** – É o monte que domina a cidade e donde se obtém a melhor vista de Damasco. Desde tempos imemoráveis, os povos que dominaram a cidade, como fenícios e gregos, consideraram sempre que este monte era sagrado.

É também este o lugar onde, segundo a metáfora bíblica, Caim impelido por seus ciúmes, sucumbiu ao pecado e assassinou o seu irmão Abel.

“Caim e Abel –

1- Adão conheceu Eva, sua mulher. Ela concebeu e deu à luz Caim, e disse: «Gerei um homem com o auxílio do SENHOR.»

2- Depois, deu também à luz Abel, irmão de Caim. Abel foi pastor, e Caim, lavrador.

3- Ao fim de algum tempo, Caim apresentou ao SENHOR uma oferta de frutos da terra.

4- Por seu lado, Abel ofereceu primogénitos do seu rebanho e as suas gorduras. O SENHOR olhou com agrado para Abel e para a sua oferta,

5- Mas não olhou com agrado para Caim nem para a sua oferta. Caim ficou muito irritado e andava de rosto abatido.

6- O SENHOR disse a Caim: «Porque estás zangado e de rosto abatido?»

7- Se procederes bem, certamente voltarás a erguer o rosto; se procederes mal, o pecado deitar-se-á à tua porta e andará a espreitar-te. Cuidado, pois ele tem muita inclinação para ti, mas deves dominá-lo.»

8- Entretanto, Caim disse a Abel, seu irmão: «Vamos ao campo.» Porém, logo que chegaram ao campo, Caim lançou-se sobre o irmão e matou-o.

9- O SENHOR disse a Caim: «Onde está o teu irmão Abel?» Caim respondeu: «Não sei dele. Sou, porventura, guarda do meu irmão?»

10- O SENHOR replicou: «Que fizeste? A voz do sangue do teu irmão clama da terra até mim.

11- De futuro, serás amaldiçoado pela terra, que, por causa de ti, abriu a boca para beber o sangue do teu irmão.

12- Quando a cultivares, não voltará a dar-te os seus frutos. Serás vagabundo e fugitivo sobre a terra.»

13- Caim disse ao SENHOR: «A minha culpa é excessivamente grande para ser suportada.

14- Expulsas-me hoje desta terra; obrigado a ocultar-me longe da tua face, terei de andar fugitivo e vagabundo pela terra, e o primeiro a encontrar-me matar-me-á.»

15- O SENHOR respondeu: «Não! Se alguém matar Caim, será castigado sete vezes mais.» E o SENHOR marcou-o com um sinal, a fim de nunca ser morto por quem o viesse a encontrar.

16- Caim afastou-se da presença do SENHOR e foi residir na região de Nod, ao oriente do Éden <sup>66</sup>.

**Mercado de Al Hamidiyya** – É o mais importante e histórico mercado tradicional. Está situado em frente da Mesquita dos Omíadas e é uma das grandes atrações de Damasco. Consiste numa avenida coberta, com centenas de pequenos comércios, cuja entrada é ornamentada pelas ruínas de um antigo templo romano na Praça da Mesquita dos Omíadas, numa mistura única de culturas. Neste mercado, que cheira a cominhos e a outras especiarias, pode encontrar-se secções dedicadas a tudo, desde roupa de couro e produtos de cobre a lenços de seda e caixas marchetadas.

**Cidadela** – A construção da fortaleza foi iniciada em 1076 pelo Turkman warlord Atsiz bin Uvak e finalizada pelos selêucidas quando governados por Tutush I. A cidadela foi modificada várias vezes por emires das dinastias Burid e Zengid durante os séculos XI e XII. O grande palácio fortificado está localizado no canto Noroeste das muralhas e é

---

<sup>66</sup> idem Gn 4:8-10 pág. 29, 30

composto por uma parede mais ou menos retangular que abrange uma área de 160 por 240 m. As paredes são ladeadas por 13 torres e há 3 portas que dão acesso ao pátio. Durante aquele período, a cidadela e a cidade também foram sitiadas por diversas vezes, tanto pelos cruzados como pelos exércitos muçulmanos. Em 1174, a cidadela foi tomada por Saladino, o Ayyubid, Sultão do Egito, que fez do palácio a sua residência e modificou as suas defesas e os edifícios residenciais. Os mongóis comandados pelo general Kitbuqa, capturaram Damasco em 1260, acabando assim com a dinastia muçulmana de Ayyubid na Síria; fundada por Saladino e centrada no Egito. A cidadela é a parte mais antiga da cidade de Damasco e, em 1979, foi classificada como Património Mundial da Humanidade pela UNESCO. As escavações e restauros realizados na cidadela desde 1986 perlongaram-se até 2011, quando soldados desertores e civis armados da oposição formaram o chamado Exército Livre Sírio e instauraram uma guerra civil, dando início a uma luta convencional contra o Estado, o que lamentavelmente se tem prolongado até à atualidade.

**Palácio de Azem** – Encontra-se perto da Mesquita dos Omíadas e é um dos mais belos palácios da cidade. Foi edificado no séc. XVIII por Assad Pasha al Azem, um governador otomano. Neste palácio-museu admiram-se várias salas decoradas com artesanato tradicional.

**Mesquita Omíada** – É o edifício mais notável da cidade. Está rodeada por uma muralha romana que se estende desde o antigo Templo de Júpiter. O início da construção teve lugar em 636 d.C., logo após a conquista de Damasco, quando o Califa omíada Al Walid I mandou demolir parte da Basílica de S. João Batista, erguida em 375 d.C., para construir uma grande mesquita. Inicialmente, a conquista muçulmana não afetou o templo cristão, pois o edifício era compartilhado por fiéis cristãos e muçulmanos. Com o tempo, estes construíram uma estrutura de tijolos de barro encostada à parede Sul da igreja, separando assim os dois locais de culto. De acordo com a lenda, o próprio Al Walid I iniciou a demolição, cravando um prego de ouro na estrutura. No ano de 705 d.C. a mesquita foi inaugurada, mas depois sofreu várias destruições devido a incêndios, nomeadamente nos anos de 1164 e 1893. Ainda hoje, o interior do templo abriga um santuário onde os crentes acreditam estar preservada parte do crânio de João Batista, que é considerado um profeta do islão chamado Yahya. Supostamente, a cabeça foi encontrada durante as escavações para a construção da mesquita. Acredita-se que é aqui que Isa (Jesus) voltará no Fim dos Tempos. A grande mesquita está classificada como Património Mundial pela UNESCO e disputa com a Mesquita de Kairoan, na Tunísia, o quarto lugar mais sagrado para os muçulmanos, depois de Meca, Medina e Jerusalém.

**Rua Direita** – Delimitada nos seus extremos por arcos romanos, encontra-se na cidade antiga e está ladeada por bazares (mercados). No tempo romano era chamada Via Reta, e tem sido a principal artéria Este-Oeste da cidade, desde a era helenística/romana. Próximo encontra-se o Bairro Cristão, onde muitas casas foram transformadas em bares e restaurantes. No fim da rua encontra-se o portão romano de Bab Sharqi e, lá perto, a Capela subterrânea de S.to Ananias, onde se acredita que Ananias escondeu S. Paulo depois da sua conversão ao cristianismo.

**Igreja de São Paulo** – Fica anexada às muralhas, onde há uma janela por onde, segundo a tradição, o apóstolo Paulo, com a ajuda dos discípulos de Jesus, desceu num cesto para fugir aos seus perseguidores” Então os discípulos, tomando-o de noite, fizeram-no descer pela muralha abaixo, dentro de um cesto <sup>67</sup>”.

**Museu Arqueológico Nacional** – Foi fundado em 1919. No exterior, podemos observar um conjunto de esculturas, um autêntico museu ao ar livre, que expõe peças de diferentes períodos. A porta Monumental de entrada, era a fachada do antigo Castelo omíada Qasr Al Hayr Al Gharbi, mandado edificar pelo Califa Hisham, entre os anos 727 e 729 d.C. As duas torres semicilíndricas, enquadradas na porta Monumental, estão revestidas com estuques com motivos estilizados geométricos e florais. De realçar são também os baixos-relevos que ornamentam o marco da porta, com sementes de fruta, que várias espécies de aves comem. O interior do museu abriga um acervo com peças provenientes do terceiro milénio a.C., que se completa com obras que vão desde o período clássico à época contemporânea. O museu está organizado em seis secções: Pré-história, Antiguidades sírias, Antiguidades clássicas, Arte islâmica, Arte árabe-síria e a secção exposta no jardim. São muitos os tesouros arqueológicos do museu, destaque para um conjunto de peças que datam do terceiro e segundo milénio a.C., procedentes da Mari e de Ugarit, assim como para as esculturas e pinturas descobertas na cidade antiga de Palmira, cujas ruínas foram barbaramente destruídas em 2015. O espólio completa-se com várias obras do período clássico greco-romano e dos primeiros séculos da era cristã. A não perder a fabulosa coleção de cerâmicas, de cristais e de objetos de metal e de madeira talhada que remontam a períodos de distintas épocas da Síria muçulmana.

---

<sup>67</sup> ibidem Act 9-25 pág. 1724

## **Bosra**

Depois de Palmira, é o mais importante local do período romano na Síria, e, por isso, fazia parte da Decápole, ou seja, era uma das 10 cidades mais importantes no tempo do Império Romano. A cidade encontrava-se no percurso da famosa via Trajana Nova, uma importante estrada romana por onde circulavam caravanas com comércio, que ligava Damasco ao mar Vermelho. Em virtude da sua situação geográfica privilegiada, a cidade floresceu e tornou-se uma grande metrópole, com um grande centro de produção de milho. A sua importância é comprovada pelo facto de durante o reinado do Imperador Filipe, o Árabe, Bosra ter começado a cunhar a sua própria moeda. A atestar essa importância, no ano de 106 d.C., chegou a ser a capital da Província Romana da Arábia. Já no período bizantino, durante o séc. V d.C., o cristianismo tornou-se a religião dominante em Bosra, que foi sede de um Arcebispado metropolitano, tendo ali sido construída uma grande catedral no séc. VI. Bosra também ficou ligada a Maomé<sup>68</sup>, quando este, enquanto jovem caravaneiro, ao passar pela cidade um monge cristão, lhe vaticinou que seria um grande profeta. Mais tarde, no início do séc. VII d.C., Bosra foi conquistada pelos persas sassânidas, tendo, todavia, sido recapturada durante a reconquista bizantina. Durante a conquista otomana foi perdendo importância. As antigas ruínas romanas e, particularmente, o seu teatro, considerado um dos mais bem preservados do mundo, estão classificados como Património da Humanidade pela UNESCO.

Principais atrações:

**Teatro romano** – É a principal atração da cidade, foi construído no séc. II d.C. e restaurado em 1947; tinha capacidade para mais de 15.000 pessoas. É considerado um dos mais bem preservados teatros romanos de todo o mundo. Deve esse facto, por um lado, à zona nunca ter sido afetada por terremotos, e, por outro lado, ao facto de ao longo dos séculos não ter sido afetado por outro tipo de construções.

**Cidade Antiga** – Na visita ao interior das muralhas da cidade antiga podemos observar várias ruínas de igrejas cristãs e de mesquitas. A cidade ainda conserva um grande número de estruturas romanas, como termas, colunas, portas monumentais, etc.

---

<sup>68</sup> Uma lenda antiga relata que um dia, numa dessas caravanas, Abu Talibe e o seu jovem sobrinho Maomé, pararam na cidade de Bosra, que na época era um importante centro cristão, onde havia uma bela catedral, sede de um bispado. A caravana deteve-se junto a uma ermida, hoje um mosteiro cristão, onde vivia um monge de nome Bahira, que convidou os caravaneiros a partilhar a sua refeição. O monge tinha tido um sonho em que um homem aparecia com uma auréola rodeado por uma nuvem e, ao olhar para o jovem Maomé, reconheceu que era a pessoa do seu sonho, pelo que afirmou: "Tu és o Enviado de Deus, o Profeta que anuncia o meu Livro Santo, a Bíblia". Ao despedir-se da caravana, o monge Bahira disse ao tio de Maomé: "Volta com ele para o teu país e vigia os judeus, pois se eles virem nele aquilo que eu reconheci, quererão fazer-lhe mal".

#### Bibliografia Aconselhada - Síria

Difusora Bíblica Capuchinhos, Franciscanos. Bíblia Sagrada Para o Terceiro Milénio da Encarnação, Difusora Bíblica Fátima (2008).

Xavier Richer, Syrie, Editions Delroisse Boulogne – France 1975

Hamdan Makarem, Tourist Guide of Syria, Agency (SANA) Damascus 1998

Haydar, Jamal Hassan, Ugarit, history and Archaeology, Damascus 2002

Francesca Casule, Arte e História Síria, Casa Editrice Bonechi- Florença 2004

Ross Burns, Monuments de Syrie\_- Guide Historique, Edicion Dummar, B.P. 490 Damas, 1998

Moura, Francisco. Viajar pelo Mundo. Lisboa: edição autor (2016).

#### **Jerash (Antiga Gérasa)**

Fica situada 48 km ao norte de Amã. Esta antiga cidade romana também fazia parte da Decápole, e é hoje considerada uma das cidades romanas mais bem preservadas. Apesar de este espaço geográfico ter sido ocupado desde o Neolítico, a sua fundação atribui-se a Alexandre, o Grande, no séc. IV a.C. O primeiro nome de que há registo é Garshu. Mais tarde é conhecida como Antioquia, nome frequente no Médio Oriente (recorde-se Antioquia da Pisídia e Antioquia da Síria), mas viria a ficar famosa com o nome de Jerash. Tratava-se de uma cidade com uma situação geográfica de grande importância, atravessada pelas rotas que ligavam a África, a Europa e a Ásia. A partir do reinado de Alexandre Magno Jerash começou a prosperar. Depois de ter caído sob o domínio do Rei selêucida Antíoco, no séc. II a.C., foi conquistada em 63 a.C. pelo imperador romano Pompeu. Durante o período do governo romano a cidade, conhecido a então como Gérasa, desfrutou de sua época de ouro. Os romanos incorporaram Jerash dentro da província da Síria, e mais tarde designaram-na como uma das cidades maiores da Decápole.

Do ponto de vista arquitetónico, as ruínas são essencialmente obras dos romanos, em particular pertencentes à época do Imperador Adriano, séc. II d.C. Com a queda do Império Romano, o domínio passou para Império Bizantino, e foi o início do seu declínio, embora no séc. VI d.C. tivesse havido um período de algum desenvolvimento, altura em que se construíram igrejas com materiais retirados de antigos templos pagãos. Seguiu-se, em 614 d.C., a invasão dos persas que saquearam a cidade. Depois vieram os árabes que contribuíram, com novos saques, para o declínio da cidade. No ano de 746 d.C., a cidade é parcialmente arrasada, desta vez por vários terremotos, mas os governantes de Damasco



reergueram-na, tendo inclusivamente levantado muralhas para a protegerem. Com a chegada, no séc. XII, dos soldados da 4.<sup>a</sup> Cruzada, comandados por Balduino, alguns dos mais emblemáticos monumentos foram transformados em fortalezas, incluindo o Templo de Artemisa.

Com a saída dos Cruzados, a cidade é esquecida, tendo sido descrita como um local inabitado. Foi sendo coberta por terra e areia, e assim permaneceu até voltar a ser descoberta, em 1806, pelo orientalista alemão Ulrich Jasper Seetzen, que descobriu uma parte das ruínas; as escavações intensificaram-se a partir de 1925 e foram pondo a descoberto os tesouros que hoje admiramos. Tendo ficado coberta de areia, a antiga cidade estava notavelmente preservada.

Principais atrações:

**Arco de Adriano** – Foi construído em 129 d.C., para comemorar a visita do Imperador Adriano à cidade. Este esplêndido arco de triunfo foi projetado para ser a principal porta meridional da cidade, e tem uma particularidade invulgar, uma grinalda de folhas de acanto em cima das bases dos seus pilares.

**Fórum de Planta Elíptica (Praça Oval)** – Esta praça espaçosa mede 90 m x 80 m e é cercada por uma larga calçada e uma majestosa colunata da ordem jónica, do séc. I d.C. No centro há dois altares, e uma fonte construída no séc. VII d.C. A coluna que atualmente se encontra no meio da praça foi erguida recentemente como porta-estandarte para o moderno Festival de Jerash, que tem lugar no mês de julho.

**Templo de Zeus** – Antes da construção do atual Templo, havia outro santuário construído entre os anos 100 e 80 a.C., que foi modificado entre 69 e 70 a.C. As atuais ruínas do Templo de Zeus datam do ano 162 d.C., provavelmente, mandado construir pelo imperador Adriano. O acesso ao Templo era feito através duma escadaria, originalmente ladeada por colunas coríntias de 15 m de altura.

**Cardo Máximo (Rua da Colunata)** – Foi inicialmente construído durante o séc. I d.C., com colunas jónicas, mas no séc. II d.C. foi alterado com colunas de ordem coríntica. O seu comprimento era de cerca de 1000 m, atravessava toda a cidade, e ligava o Fórum à Porta Nova. Na atualidade a principal via da cidade está flanqueada por 260 colunas coríntias, de ambos os lados da estrada, que na época sustinham majestosos pórticos, com lojas de comércio. É emocionante passear pelo pavimento original do Cardo, onde ainda são

notórias as marcas na pedra das rodas dos carros romanos. Podemos também observar as infraestruturas do sistema subterrâneo de esgotos, que se estendia ao longo de todo o comprimento do Cardo. Os buracos que vemos nos lados da rua serviam de bueiros que canalizavam as águas da chuva para os esgotos.

**Tetrápilo Meridional** – Estrutura de tipo piramidal, apoiada em colunas, com quatro pedestais, que assinala o cruzamento do Cardo com a primeira rua que o atravessava, a Decumana Sul.

**Porta Setentrional** – Fica situada no fim do Cardo e foi edificada em 115 d.C. em forma de cunha, provavelmente necessária para alinhar a porta no seu lado interior com o Cardo e no lado exterior com a estrada romana que se dirigia para a cidade de Péla.

**Ponte Meridional** – Ficava na via Decumana Sul, tinha 73 m e ia dar à muralha da cidade e ao bairro residencial de Gérasa. A maior parte desta área encontra-se enterrada debaixo da cidade moderna de Jerash, com a exceção dos Banhos Orientais.

**Ninfeu** – Esta famosa fonte dedicada às ninfas foi construída em 191 d.C., e é um dos monumentos mais interessantes da cidade. Tais fontes eram comuns nas cidades romanas e constituíam pontos centrais refrescantes. A fonte estava originalmente decorada, no nível inferior, com revestimentos de mármore, e com gesso pintado no nível superior; era coroada pelas cabeças de sete leões, das quais jorrava a água para dentro de pequenas bacias existentes na calçada, de onde corria para o sistema de esgotos subterrâneos.

**Teatro Meridional** – Fica na parte oposta do Fórum, na colina consagrada a Zeus, e foi construído entre 90 e 92 d.C. pelo Imperador Domiciano (51-96 d.C.). Na época tinha capacidade para 5000 espetadores, embora na atualidade só acomode 3000 espetadores. Era o maior teatro da cidade, mas não o único, pois havia também o Teatro Setentrional. Há um ninfário com duas passagens com arcadas que dão acesso à orquestra, e quatro passagens nas traseiras do teatro que dão acesso às fileiras de assentos superiores. Alguns assentos podiam ser reservados, conforme é comprovado pelo facto de neles se encontrarem inscrições em grego com nomes de pessoas. Na atualidade serve como principal sede do Festival de Cultura e Artes de Jerash. O primeiro nível do palco ornamentado, originalmente de dois pisos, foi reconstruído e hoje usado.

**Tetrápilo Setentrional** – Edificado no séc. II d.C., é o segundo tetrápilo, localizado onde a Decumano norte cruza o Cardo, provavelmente como entrada do Teatro Setentrional. Mais tarde esta estrutura foi dedicada a Júlia Dona, a esposa síria do Imperador Septímio Severo (145-211 d.C.). Este Tetrápilo tinha uma cúpula, e era ricamente decorado.

**Teatro Setentrional** – Hoje em ruínas, foi construído no séc. II d.C., com cerca de 800 lugares e 14 filas de assentos, sendo usado tanto como palco de representações, mas também para outras atividades da cidade. No ano de 235 d.C. foi ampliado para o dobro de seu tamanho original, alcançando a sua capacidade atual de 1600 lugares. Os nomes das tribos representadas no conselho estão inscritos, em grego, em alguns dos assentos, juntamente com os de várias divindades. Duas passagens arcadas davam acesso à orquestra, e os espetadores entravam por passagens abertas entre as fileiras superiores. O Teatro entrou em desuso no séc. V d.C., com o advento do cristianismo, e durante vários séculos as pedras deste teatro foram usadas na construção de outros edifícios.

**Hipódromo** – Construído entre os séculos II e III d.C., tinha 245 m de comprimento e 52 m de largura, e destinava-se à prática de competições atléticas, corridas de cavalos e de carros, tendo capacidade para 1500 espetadores.

**Muralha da Cidade** – Foi construída no começo do séc. IV d.C., provavelmente pelo Imperador Diocleciano, mas foi sendo expandida ao longo de vários séculos. A muralha atual é bizantina e tinha um comprimento total de cerca de 3500 m.

**Porta Meridional** – É a porta pela qual se entra na cidade hoje em dia, e data de 130 d.C. Distingue-se pela decoração característica de folhas de acanto. A área aberta no interior da porta foi usada como praça, e nela está atualmente exposta uma prensa de azeitonas do séc. II d.C.

**Catedral (igreja bizantina)** – Ostenta o monumental portal do antigo templo romano dedicado a Dionísio, que no séc. IV foi convertido em igreja cristã. No cimo dos degraus, no exterior da parede oriental da Catedral, encontra-se o Santuário de Santa Maria, com uma inscrição dedicada a Maria e aos arcanjos Miguel e Gabriel.

**Igreja de São Teodoro** – Foi construída no último quartel do séc. V d.C. As ruínas desta grande igreja ficam por detrás da Catedral.

**Templo de Artemis** – Filha de Zeus e irmã de Apolo, era a deusa patrona de Jerash. O templo, onde se ofereciam sacrifícios dedicados a Ártemis, foi construído no ano de 150 d.C. Podemos ainda hoje admirar 11 das 12 magníficas colunas de estilo coríntio. A câmara interior do templo estava originalmente revestida com lajes de mármore e servia de santuário, abrigando provavelmente uma estátua da deusa.

**Igreja do Bispo Isaías** – É uma construção bizantina datada de 559 d.C., que foi destruída por um terramoto em 749 d.C.

**Igreja de São Genésio** – Nesta igreja, podemos admirar um belo mosaico de chão, que provém da sua dedicação, em 611 d.C., apenas três anos antes da invasão persa, que a irá arrasar.

**Esplanada do Templo** – A escadaria monumental, que estava originalmente cercada por muros altos, conduz a um terraço em forma de U, onde ficava um altar ao ar livre cujos fundamentos ainda são visíveis. Uma segunda escadaria conduz, através de uma colonata de 22 colunas coríntias, ao interior do recinto sagrado, que tem 162 m x 121 m, e que era delimitado nos seus quatro lados por colunas coríntias.

**Mesquita dos Omíadas** – Foi construída com materiais provenientes do átrio colonado de uma casa romana, na passagem do séc. VII para o VIII d.C. É a única mesquita omíada de Jerash. O facto de se ter construído uma mesquita é prova da tolerância religiosa naquele tempo, prova da coexistência pacífica, na cidade, entre muçulmanos e cristãos.

**Banhos Ocidentais** – Cobriam uma área de 50 m x 70 m, e foram construídos durante o séc. II d.C., mas foram destruídos pelo terramoto de 749 d.C. Como era comum, esta estrutura era composta por imponentes salas de águas quentes, tépidas e frias, além de outras instalações.

**Museu Arqueológico** – Abriga uma importante coleção de achados do período Paleolítico Médio de há cerca de 100.000 anos. Tem uma boa coleção de joias de ouro, moedas, vidros antigos, e uns quantos objetos invulgares: os ingressos, em cerâmica, para entrada no teatro para assistir a espetáculos.

## **Amã**

É a capital e a maior cidade do Reino Haxemita da Jordânia, e é uma das mais antigas cidades continuamente habitadas do mundo. Durante a sua longa história, foi habitada por diversas civilizações. A primeira civilização de que se tem registo data do Neolítico, por volta de 8500 a.C.; as descobertas arqueológicas feitas em Ain Ghazal, na zona leste de Amã, mostraram sinais de presença humana, com trabalho artístico neste período, o que sugere uma civilização bem desenvolvida. Durante o séc. XIII a.C. foi a capital do reino dos amonitas sob o nome de Amã Rabat Ámon ou Ámon Rabat. Na Bíblia hebraica, é conhecida como Rabat. No tempo do Rei do Egito Ptolomeu II (281-246 a.C.) o Filadelfo, governante do Egito helénico, a cidade foi rebatizada de Filadélfia. Em 106 d.C., tornou-se parte do Reino Nabateu, altura em que passou para o controlo romano e lhe coube a honra de ser integrada na lista das cidades da Decápole. Foi um dos mais brilhantes períodos da cidade, muito graças à sua situação geográfica, situada na via que vinha de Bosra (Sul da Síria) e que descia até Petra, na chamada Estrada dos Reis.

Quando no início da era bizantina em 326 d.C., o cristianismo se tornou a religião oficial do Império, a antiga Filadélfia foi sede de bispado. São ainda visíveis alguns vestígios de igrejas deste período no núcleo museológico da Cidadela de Amã. Entre 633 e 636 d.C., o território foi conquistado pelos árabes, e Filadélfia foi rebatizada de Amã. A cidade foi massacrada por vários terremotos, e foi perdendo a sua importância, que quase termina com a liquidação pelos circassianos em 1887. Quando, porém, o sultão otomano decidiu construir um novo caminho-de-ferro, ligando Damasco à cidade santa de Medina, na Arábia Saudita, para facilitar a peregrinação anual do hajj, Amã voltou a ser um ponto estratégico nas peregrinações a Meca e a Medina.

Principais atrações:

**Centro de Amã** – Distribui-se por um vale que se estende entre colinas. É o local mais animado da cidade, a área comercial, mais tradicional, onde se encontra o principal mercado, assim como os mais importantes edifícios públicos.

**Mesquita de Al Hussein** – Fica localizada no centro da cidade e foi mandada construir em 1924, durante o reinado de Abdullah I, sob os alicerces de uma antiga mesquita omíada, onde se acredita que Omar, o segundo profeta do Islão, terá, em 640 d.C., mandado construir uma das primeiras mesquitas.

**Fórum** – Pouco resta da monumentalidade do antigo fórum romano. Apenas algumas colunas de estilo coríntio, que se encontram junto ao teatro, e que faziam parte duma estrutura que delimitava a praça do fórum em três lados, pois a quarta parte era delimitada por um pequeno rio.

**Odéon Romano** – É muito mais pequeno que o Teatro Romano. Foi construído no séc. II d.C., em princípio, no tempo do Imperador Antonino Pio, e tinha capacidade para 500 espetadores. Encontra-se em bom estado de preservação e continua a ser utilizado para a realização de espetáculos.

**Mesquita de Al Malik Abdullah** – É um dos monumentos que marca a silhueta da cidade com a sua bela cúpula azul e os altos minaretes. Fica situada na zona moderna, e foi terminada em 1990.

**Teatro Romano** – Foi construído pelo Imperador Antonino Pio na encosta de uma colina, entre 138 e 161 d.C., e ficava situado junto ao fórum. Tinha capacidade para 6000 lugares para espetadores e ainda é usado para vários espetáculos e concertos. Os cidadãos mais notáveis tinham assento na parte inferior, os militares no meio do teatro, enquanto ao povo era reservado a parte superior do teatro. No interior há um pequeno museu, que exhibe peças da época. Anexo ao Teatro, encontra-se o Museu de Folclore, que exhibe várias peças de vestuário e de tradições populares. Numa sala adjacente há uma secção sobre arte e cultura, onde se destaca a coleção de mosaicos de vários períodos da história da cidade.

**Cidadela de Amã** – Fica situada numa colina com cerca de 840 m de altura que domina toda uma vasta região. No cimo os viajantes são contemplados com uma vista soberba sobre as 18 colinas que constituem a grande Amã. A cidadela é o núcleo mais antigo da cidade. Está dividida em três terraços, rodeados por canais profundos em todos os lados, exceto no lado norte. As construções mais antigas que aqui se encontram datam do terceiro milénio a.C. Cerca de 1800 a.C., a cidadela foi fortificada. Cerca de 1200 a.C., era o principal centro do Reino Amonita. Há registos de construções mandadas edificar pelo Rei David no séc. X, assim como vestígios da presença de assírios, babilónios e persas. Porém, a maioria das ruínas que hoje podemos observar pertence aos períodos romano, bizantino e omíada, onde se destacam a ruínas de uma igreja bizantina, do Palácio Omíada e de uma mesquita otomana datada do séc. VIII d.C., que tinha a particularidade de ser coberta por uma espécie de telhado.

**Museu Nacional de Arqueologia** – Situa-se dentro da cidadela e apresenta uma coleção de objetos que contam boa parte da história da região e da Jordânia. As estrelas do museu são três estátuas que estão entre as mais antigas do mundo, datadas de 6500 a.C. Há ainda obras de arte omíada, objetos provenientes das cidades de Petra e Jerash, a cabeça de uma estátua da deusa grega Tique, bem como alguns manuscritos do mar Morto descobertos em Qumram em 1947 e referentes aos essénios.

**Mesquita do Rei Hussein bin Talal** – Encontra-se localizada numa colina a 1013 m acima do nível do mar, na área de Khalda. Foi construída em 2004 durante o reinado do atual Rei Abdullah II para perpetuar a memória de seu pai Hussein bin Talal. A cúpula e os minaretes marcam a paisagem da cidade. A sala de oração tem capacidade para cerca de 500 fiéis. Em maio de 2009 a mesquita foi visitada pelo Papa Bento XVI durante a sua visita ao Médio Oriente.

### **Madaba**

A cidade é mencionada pela primeira vez na Bíblia, na época do Êxodo dos judeus. Hoje, podemos admirar a rua pavimentada e as ruínas da antiga cidade romana. A cidade ficou famosa devido à arte dos mosaicos, provenientes da chamada "Escola de Madaba", que ainda hoje forma artesãos na arte do fabrico, da reparação e do restauro de mosaicos. Atualmente esta escola opera sob os auspícios do Ministério do Turismo jordano, e é única no género no Médio Oriente. Madaba é considerada a Rainha do Mosaico, e aqui podemos admirar mosaicos desde o séc. IV d.C., expostos em várias igrejas, inseridas no Parque Arqueológico de Madaba.

Principais atrações:

**Igreja da Virgem** – É particularmente famosa pelos magníficos mosaicos datados do séc. VI d.C. Os mosaicos distribuem-se pela zona central da igreja, assim como na sala de Hipólito, e são considerados uma obra-prima de desenho geométrico. Destaque para os mosaicos da Cabeça de Cristo e dos santos e mártires da Igreja.

**Igreja ortodoxa de São Jorge** – Foi construída em 1896 sobre as ruínas de uma igreja bizantina do séc. VI. A grande atração deste templo é um mapa em mosaico bizantino do séc. VI d.C., que decora parte do chão. Constituído por cerca de dois milhões de tesselas de cores vivas em pedra local, tinha originalmente 94 m<sup>2</sup> (15,6 m x 6 m), dos quais

sobreviveu apenas um quarto. O painel de mosaicos, que ilustra uma série de territórios da região na época, com cerca de 190 localidades, tem ao centro uma representação da cidade de Jerusalém com diversos edifícios, nomeadamente a Igreja do Santo Sepulcro, que foi consagrada em 20 de novembro de 542 d.C.; estão ausentes do mapa edifícios construídos após 570, que será o ano da construção do mosaico. O mapa foi feito por artistas anónimos, provavelmente membros da comunidade cristã de Madaba, onde na época havia um bispo. Foi graças à descoberta deste mosaico que os arqueólogos fizeram as escavações e encontraram o Cardo de Jerusalém.

**Igreja dos Apóstolos** – Tem um notável mosaico dedicado aos 12 apóstolos.

**Palácio Burnt e Igreja dos Mártires** – Outros dois locais que vale a pena visitar, para se admirarem os mosaicos, que podem ser observados das passarelas.

**Museu de Madaba** – Também é uma atração pois contém uma notável coleção de joias antigas, assim como muitas peças provenientes de residências da região.

**Colina de Madaba** – Contém restos de uma bela vivenda bizantina que se destaca como uma prova da beleza da época, e partes duma parede, datada da idade do ferro.

**Aldeia de Shaqiq** – Fica situada perto de Madaba, e proporciona uma vista espetacular sobre o Wadi Mujib, onde fica o túmulo de Abu Dharr Al Ghifari, companheiro do Profeta Maomé.

### **Monte Nebo**

Fica situado a uma altitude de 838 m. Segundo se refere na Bíblia foi o local de onde Moisés viu a Terra Prometida depois da longa travessia de 40 anos pelo Sinai; foi-lhe dado o privilégio de avistar a terra de Canaã, mas não lhe foi permitido entrar na Terra Prometida, nem a ele nem à geração que o acompanhara desde a saída do Egito. Para a tradição judaica e cristã, o seu corpo terá ali sido enterrado; a tradição islâmica defende que Moisés não foi enterrado na montanha, mas a alguns quilómetros para ocidente. Caberia depois a Josué liderar o povo hebreu na luta pela instalação em Canaã. De acordo com o 2.º livro dos Macabeus, o profeta Jeremias (séc. VII a.C.) subiu a esta montanha, e guardou numa caverna os símbolos mais sagrados do judaísmo: a Arca da Aliança, o Tabernáculo e o Altar dos Perfumes. Os que o seguiam voltaram para marcar o local, mas não o



encontraram. Quando Jeremias soube disto repreendeu-os, profetizando o tempo em que o lugar reapareceria. Portanto, este é o lugar onde alguns acreditam estar a Arca da Aliança. As visitas papais de S. João Paulo II em 2000 – tendo plantado uma oliveira junto da capela bizantina como símbolo de paz e de Bento XVI em 2009 projetaram este local, que é visitado por muitos católicos de todo o mundo.

Principais atrações:

**Vista do Monte Nebo** – Sobre o oásis de Jericó, o mar Morto e o rio Jordão em dias claros é possível observar os edifícios mais altos de Jerusalém. No cimo do monte destaque para um monumento constituído por uma cruz em forma de serpente, que simboliza a serpente de bronze criada por Moisés no deserto.<sup>69</sup> (Jo 3,14-15)

“8 - O SENHOR disse a Moisés: «Faz para ti uma serpente abrasadora e coloca-a num poste. Sucederá que todo aquele que tiver sido mordido, se olhar para ela, ficará vivo.»

9- Moisés fez, pois, uma serpente de bronze e fixou-a sobre um poste. Quando alguém era mordido por uma serpente e olhava para a serpente de bronze, vivia.

Neste espaço podemos também observar um memorial de Moisés, construído pelos cristãos para recordar os acontecimentos que aqui tiveram lugar.<sup>70</sup>

“Morte de Moisés –

1 - Moisés subiu das planícies de Moab ao monte Nebo, ao cimo do Pisga, que está em frente de Jericó. O SENHOR mostrou-lhe toda a terra, desde Guilead até Dan,

2 - Todo o Neftali, o território de Efraim e de Manassés, todo o território de Judá até ao mar ocidental,

3 - O Négueb, o Quicar, no vale de Jericó, cidade das Palmeiras, até Soar.

4 - «O SENHOR disse-lhe: «Esta é a terra que jurei dar a Abraão, Isaac e Jacob. Dá-la-ei à vossa descendência. Viste-a com os teus olhos, mas não entrarás nela.»

5 - E Moisés, o servo de Deus, morreu ali, na terra de Moab, por determinação do SENHOR.

6 - Foi sepultado num vale da terra de Moab, defronte de Bet-Peor, mas ninguém até hoje soube do lugar da sua sepultura.

7 - Moisés tinha cento e vinte anos quando morreu; a sua vista nunca enfraqueceu e o seu vigor nunca se esgotou.

---

<sup>69</sup> Ibid. Nm, 21, 8-9 pág 238

<sup>70</sup> Ibid. Dt 34 :1-8 pág 306

8 - Os filhos de Israel choraram Moisés, nas planícies de Moab, durante trinta dias até se completarem os dias de pranto por Moisés.

9 - Josué, filho de Nun, ficou cheio do espírito de sabedoria, porque Moisés lhe tinha imposto as mãos; os filhos de Israel obedeceram-lhe e procederam como o SENHOR tinha ordenado a Moisés”<sup>71</sup>.

**Igreja de Moisés** – Foi construída na segunda metade do século IV d.C., em memória da morte de Moisés, sob os restos de uma igreja e de um mosteiro primitivos, que foram descobertos em 1933. A primeira referência a esta igreja surge no relato da peregrina Etérea, datado de 394 d.C. Este templo foi alterado no séc. V, e reconstruído em 597 d.C. Mais tarde seria elevado à dignidade de basílica pelos bizantinos. Atualmente pouco resta das ruínas do local. Foram, entretanto, descobertos seis túmulos escavados na rocha debaixo do chão de mosaicos da igreja. No presbitério atual, podemos ver os vestígios de chãos de mosaicos de vários períodos. O primeiro é um painel com uma cruz entrançada, atualmente colocado na parte leste da parede sul.

### **Betânia**

Este recente lugar arqueológico, posto a descoberto no último quartel do séc. XX, fica situado na margem oriental do rio Jordão, na fronteira com Israel, a cerca de 9 km do mar Morto. Compreende duas áreas distintas: Al Kharrar, também conhecida como Jabal Mar-Elias (colina de Elias) e a área onde foram descobertas ruínas de igrejas bizantinas, algumas datadas dos séculos. V e VI d.C., que se acredita ser o local onde Jesus foi batizado por João Batista. Os vestígios arqueológicos são referentes a igrejas, a um mosteiro, a cavernas e a piscinas que foram usadas por eremitas na celebração do batismo, provas que atestam o carácter religioso do lugar.<sup>72</sup>

Batismo de Jesus (Mt 3,13-17; Mc 1,9-11; Lc 3,21-22) –

31 - Eu não o conhecia bem; mas foi para Ele se manifestar a Israel que eu vim baptizar com água.»

32 - E João testemunhou: «Vi o Espírito que descia do céu como uma pomba e permanecia sobre Ele.

33 - E eu não o conhecia, mas quem me enviou a baptizar com água é que me disse: 'Aquele sobre quem vires descer o Espírito e pisar sobre Ele, é o que baptiza com o Espírito Santo'.

34 - Pois bem: eu vi e dou testemunho de que este é o Filho de Deus.»

---

<sup>72</sup> ibidem Jo 1,31-34 pág. 1732

O local, recebeu as visitas dos Papas João Paulo II e Bento XVI, foram recentemente construídas igrejas de diferentes comunidades cristãs (anglicana, copta e arménia e católica). Desde 2015 que o local faz parte da lista do Património Mundial da UNESCO. Hoje é um local de peregrinação para os cristãos de todo o mundo que visitam a Jordânia.

#### Bibliografia Aconselhada Jordânia

Difusora Bíblica Capuchinhos, Franciscanos Bíblia Sagrada Para o Terceiro Milénio da Encarnação, Difusora Bíblica Fátima (2008).

Harding, G. Lankester, The Antiquities of Jordan, Jordan Distribution Agency, Great Britain, 1990

Ministère de Jordanie, Jordanie, Hachette Guides bleus, Vanves , 1986

Nazmieh Rida Tawfiq Darwish, Jordanie, Edizioni Plurigraf Narni –Terni, 1987

Moura, Francisco Viajar pelo Mundo. Lisboa: edição autor (2016)

#### **Nablus (Shjem)**

Está situada a cerca de 50 km de Jerusalém, a norte da Cisjordânia, na zona da Samaria, nas montanhas de Gerizim e Ebal. A maioria da sua população é árabe muçulmana, e coexiste com uma pequena comunidade de samaritanos. Josué também visitou o local. Alguns Patriarcas viveram nesta zona, nomeadamente Jacob, que segundo o relato bíblico acompanhou aqui. Em 1517, a cidade foi conquistada pelo Império Otomano. Em 1657, clãs árabes do Norte e do Leste do Levante foram enviados à cidade para reafirmar à autoridade otomana lealdade. Após vários episódios, em 1841, a cidade ficou sob domínio otomano e prosperou como um centro de comércio.

Principal atração:

**Mosteiro Ortodoxo** – Segundo uma antiga tradição o poço profundo escavado na rocha que se encontra no interior do Mosteiro, corresponde ao Poço de Jacob, também conhecido como Fonte de Jacob e Poço de Sicar.<sup>73</sup>

“Estava ainda a conversar com eles, quando apareceu Raquel com o rebanho do seu pai, pois ela era pastora. Logo que Jacob viu Raquel, filha de Labão, irmão de sua mãe,

---

<sup>73</sup>Difusora Bíblica Capuchinhos, Franciscanos Bíblia Sagrada Para o Terceiro Milénio da Encarnação, Difusora Bíblica Fátima (2008). Gn 29- 9,10 pág. 63

e o rebanho de seu tio Labão, aproximou-se, removeu a pedra que estava sobre a abertura do poço e deu de beber às ovelhas de Labão, seu tio."

O Novo Testamento também refere o famoso diálogo entre Jesus e uma mulher samaritana<sup>74</sup>

" Diálogo com a Samaritana

1- Quando Jesus soube que chegara aos ouvidos dos fariseus que Ele conseguia mais discípulos e baptizava mais do que João

2- Embora não fosse o próprio Jesus a baptizar, mas sim os seus discípulos

3- Deixou a Judeia e voltou para a Galileia.

4- Tinha de atravessar a Samaria.

5- Chegou, pois, a uma cidade da Samaria, chamada Sicar, perto do terreno que Jacob tinha dado ao seu filho José. Ficava ali o poço de Jacob.

6- Então Jesus, cansado da caminhada, sentou-se, sem mais, na borda do poço. Era por volta do meio-dia.

7- Entretanto, chegou certa mulher samaritana para tirar água. Disse-lhe Jesus: «Dá-me de beber.»

8- Os seus discípulos tinham ido à cidade comprar alimentos.

9- Disse-lhe então a samaritana: «Como é que Tu, sendo judeu, me pedes de beber a mim que sou samaritana?» É que os judeus não se dão bem com os samaritanos.

10- Respondeu-lhe Jesus: «Se conhecesses o dom que Deus tem para dar e quem é que te diz: 'dá-me de beber', tu é que lhe pedirias, e Ele havia de dar-te água viva!»

11- Disse-lhe a mulher: «Senhor, não tens sequer um balde e o poço é fundo...

12- Onde consegues, então, a água viva? Porventura és mais do que o nosso patriarca Jacob, que nos deu este poço donde beberam ele, os seus filhos e os seus rebanhos?»

13- Replicou-lhe Jesus: «Todo aquele que bebe desta água voltará a ter sede;

14- Mas, quem beber da água que Eu lhe der, nunca mais terá sede: a água que Eu lhe der há-de tornar-se nele em fonte de água que dá a vida eterna.»

15- Disse-lhe a mulher: «Senhor, dá-me dessa água, para eu não ter sede, nem ter de vir cá tirá-la.»

16- Respondeu-lhe Jesus: «Vai, chama o teu marido e volta cá.»

17- A mulher retorquiu-lhe: «Eu não tenho marido.» Declarou-lhe Jesus: «Disseste bem: 'não tenho marido',

18- Pois tiveste cinco e o que tens agora não é teu marido. Nisto falaste verdade.»

19- Disse-lhe a mulher: «Senhor, vejo que és um profeta!

---

<sup>74</sup> Jo 4,1-42 pág 1736/7/8

20- Os nossos antepassados adoraram a Deus neste monte, e vós dizeis que o lugar onde se deve adorar está em Jerusalém.»

21- Jesus declarou-lhe: «Mulher, acredita em mim: chegou a hora em que, nem neste monte, nem em Jerusalém, haveis de adorar o Pai.

22- Vós adorais o que não conheceis; nós adoramos o que conhecemos, pois a salvação vem dos judeus.

23- Mas chega a hora - e é já - em que os verdadeiros adoradores hão-de adorar o Pai em espírito e verdade, pois são assim os adoradores que o Pai pretende.

24- Deus é espírito; por isso, os que o adoram devem adorá-lo em espírito e verdade.»

25- Disse-lhe a mulher: «Eu sei que o Messias, que é chamado Cristo, está para vir. Quando vier, há-de fazer-nos saber todas as coisas.»

26- Jesus respondeu-lhe: «Sou Eu, que estou a falar contigo.»

27- Nisto chegaram os seus discípulos e ficaram admirados de Ele estar a falar com uma mulher. Mas nenhum perguntou: 'Que procuras?', ou: 'De que estás a falar com ela?'

28- Então a mulher deixou o seu cântaro, foi à cidade e disse àquela gente:

29- «Eia! Vinde ver um homem que me disse tudo o que eu fiz! Não será Ele o Messias?»

30- Eles saíram da cidade e foram ter com Jesus.

31- Entretanto, os discípulos insistiam com Ele, dizendo: «Rabi, come.»

32- Mas Ele disse-lhes: «Eu tenho um alimento para comer, que vós não conheceis.»

33- Então os discípulos começaram a dizer entre si: «Será que alguém lhe trouxe de comer?»

34- Declarou-lhes Jesus: «O meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e consumir a sua obra.

35- Não dizeis vós: 'Mais quatro meses e vem a ceifa'? Pois Eu digo-vos: Levantai os olhos e vede os campos que estão doirados para a ceifa.

36- Já o ceifeiro recebe o seu salário e recolhe o fruto em ordem à vida eterna, de modo que se alegram ao mesmo tempo aquele que semeia e o que ceifa.

37- Nisto, porém, é verdadeiro o ditado: 'um é o que semeia e outro o que ceifa'.

38- Porque Eu enviei-vos a ceifar o que não trabalhastes; outros se cansaram a trabalhar, e vós ficastes com o proveito da sua fadiga.»

39- Muitos samaritanos daquela cidade acreditaram nele devido às palavras da mulher, que testemunhava: «Ele disse-me tudo o que eu fiz.»

40- Por isso, quando os samaritanos foram ter com Jesus, começaram a pedir-lhe que ficasse com eles.

41- E ficou lá dois dias. Então muitos mais acreditaram nele por causa da sua pregação, e diziam à mulher:

42- Já não é pelas tuas palavras que acreditamos; nós próprios ouvimos e sabemos que Ele é verdadeiramente o Salvador do mundo.»

## Jerico

Fica situada num oásis, num amplo e espaçoso vale onde predominam as plantações de palmeiras, pelo que também é conhecida como a cidade das Palmeiras. Está no meio do deserto, próxima do mar Morto, donde se observam as bíblicas montanhas de Moab e do monte Nebo, situadas no lado jordano. Na realidade, podemos considerar que há três cidades sobrepostas em Jerico, tendo em conta três acontecimentos que a marcaram indelevelmente e que transportaram o nome da província para a história da humanidade. A primeira Jerico ostenta o título da mais antiga cidade amuralhada, com cerca de 9000 anos, A segunda Jerico relaciona-se com o relato bíblico da conquista de Josué, que teve lugar há cerca de 3300 anos abrindo assim caminho à conquista de Canaã.<sup>75</sup>

"A conquista de Jerico.

1- Jerico tinha fechado e aferrolhado as suas portas por medo dos israelitas, e ninguém ousava sair nem entrar na cidade.

2- O Senhor disse a Josué: «Vê! Entrego-te Jerico, o seu rei e os seus valorosos guerreiros.

3- Dai uma volta em torno da cidade, vós e todos os homens de guerra. Fareis isso durante seis dias.

5- À medida que o som do corno for crescendo e o toque das trombetas se tornar mais forte, todo o povo irrom-perá em grande clamor; a muralha da cidade há-de desabar e o povo su-birá à cidade, cada um para o lugar que lhe fica em frente.»

6- Josué, filho de Nun, reuniu os sacerdotes e disse-lhes: «Levai a Arca da aliança, e sete sacerdotes estejam diante dela com trombetas.»

7- Depois, disse ao povo: «Em frente! Dai a volta à cidade com os guerreiros a marchar à frente da Arca do Senhor.»

8- Mal Josué acabou de fa-lar, os sete sacerdotes que levavam as sete trombetas puseram-se em marcha diante do Senhor, tocando os seus instrumentos. A Arca do Senhor seguiu-os.

9- Os guerreiros marchavam à frente dos sacerdotes que tocavam a trombeta. A Arca seguia na retaguarda. Durante toda a marcha, ouvia-se o troar das trombetas.

10- Josué tinha dado esta ordem ao povo: «Não griteis nem façais ouvir a vossa voz, nem saia da vossa boca palavra alguma até ao dia em que eu disser: 'Gritai!' Então gritareis com força.»

11- A Arca do Senhor deu uma volta à cidade, e voltaram ao acampamento, a fim de ali passa-rem a noite.

Procissão dos guerreiros –

12- Josué levantou-se muito cedo, e os sacerdotes transportaram a Arca do Senhor.

---

<sup>75</sup> ibidem Js 6 ,1-21 pág. 316

13- Os sete sacerdotes, com as sete trombetas, diante da Arca do Senhor, puseram-se em marcha, tocando as trombetas. Os guerreiros precediam-nos. Os restantes seguiam atrás da Arca do Senhor. Durante a marcha ouvia-se o ressoar das trombetas.

14- No segundo dia, deram uma volta à cidade, e voltaram ao acampamento; o mesmo fizeram durante seis dias.

15- No sétimo dia, levantando-se de madrugada, deram sete vezes a volta à cidade, como nos dias precedentes. Foi o único dia em que deram a volta à cidade por sete vezes.

16- Quando os sacerdotes, à sétima volta, tocavam as trombetas, Josué disse ao povo: «Gritai, porque o Senhor vos entrega a cidade.

17- A cidade será votada à destruição em honra do Senhor, com tudo o que nela se encontra. Só Raab, a prostituta, terá a vida salva, com todos os que se encontrarem em sua casa, porque ela escondeu os exploradores que havíamos enviado.

18- Mas tende cautela com o que é votado ao anátema: se tomardes alguma coisa do que foi declarado anátema, atraireis o anátema sobre o acampamento de Israel, e será uma catástrofe.

19- A prata, o ouro e todos os objetos de bronze e de ferro serão consagrados ao Senhor, e ficarão a pertencer ao seu tesouro.»

20- O povo gritou e os sacerdotes tocaram as trombetas. Mal o povo escutou o som das trombetas, fez ouvir um grande clamor e as muralhas da cidade desabaram; os filhos de Israel subiram à cidade, cada um pela brecha que tinha na sua frente e tomaram a cidade.

21- Votaram-na ao anátema, passando ao fio da espada quanto nela encontraram, homens e mulheres, crianças e velhos, e os bois, as ovelhas e os jumentos”.

A literatura bíblica diz-nos que perto de Jericó também se deram vários episódios significativos, como quando o profeta Elias foi elevado ao céu num carro de fogo puxado por cavalos.<sup>76</sup>

“Elias arrebatado ao céu –

1- Aconteceu que, quando o Senhor quis arrebatá-lo ao céu, num redemoinho, Elias e Eliseu par-tiram de Guilgal.

2- Elias disse a Eliseu: «Fica aqui porque o Senhor envia-me a Betel.» Mas Eliseu respondeu-lhe: «Pelo Deus vivo e pela tua vida, juro que não te deixarei.» E desceram ambos a Betel.

3- Os filhos dos profetas que estavam em Betel saíram ao encontro de Eliseu e disseram-lhe: «Não sabes que o Senhor vai levar hoje o teu amo por sobre a tua cabeça?» Ele respondeu: «Sim, eu sei. Calai-vos!»

4- Elias disse a Eliseu: «Fica aqui porque o Senhor envia-me a Jericó.» Ele respondeu: «Pelo Deus vivo e pela tua vida, juro que não te deixarei.» E, assim, chegaram a Jericó.

---

<sup>76</sup> ibidem 2Rs 2,1-11 pág. 507

5- Os filhos dos profetas que estavam em Jericó saíram ao encontro de Eliseu e disseram-lhe: «Não sabes que o Senhor vai levar hoje o teu amo por cima da tua cabeça?» Respondeu: «Sim, eu sei. Calai-vos!»

6- Elias disse a Eliseu: «Fica aqui porque o Senhor envia-me ao Jordão.» Mas Eliseu respondeu: «Pelo Deus vivo e pela tua vida, juro que não te deixarei» E partiram juntos.

7- Seguiram-nos cinquenta filhos dos profetas, que pararam ao longe, voltados para eles, enquanto Elias e Eliseu se detinham na margem do Jordão.

8- Elias tomou o seu manto, dobrou-o e bateu com ele nas águas, que se separaram de um e de outro lado, de modo que passaram os dois a pé enxutos.

9- Tendo passado, Elias disse a Eliseu: «Pede o que quiseres, antes que eu seja separado de ti. Que posso fazer por ti?» Eliseu respondeu: «Seja-me concedida uma porção dupla do teu espírito.»

10- Elias replicou: «Pedes uma coisa difícil. No entanto, se me vires quando estiver a ser arrebatado de junto de ti, terás aquilo que pedes; mas, se não me vires, não o terás.»

11- Continuando o seu caminho, entretidos a conversar, eis que, de repente, um carro de fogo e uns cavalos de fogo os separaram um do outro, e Elias subiu ao céu num redemoinho.

12- Eliseu viu tudo isto e exclamou: «Meu pai, meu pai! Carro e condutor de Israel!» E não o voltou a ver mais. Tomando, então, as suas vestes, rasgou-as em duas partes”.

No séc. VIII a.C., os assírios invadiram a cidade. Por ocasião do desterro dos judeus para a Babilónia, entre 586 e 538 a.C., Jericó ficou despovoada, tendo Ciro, o Grande, Rei persa, libertador dos judeus, refundado a cidade com o retorno dos judeus exilados. A terceira memória de Jericó corresponde a vários episódios ligados a Jesus e aos seus apóstolos quando estiveram na província, altura em que “Zaqueu, o cobrador de impostos, subiu a um sicómoro para ver bem Jesus, o que haveria de mudar a sua vida” e o cego Bartimeu, filho de Timeu foi curado.<sup>77</sup>

#### Cura do cego de Jericó

“46- Chegaram a Jericó. Quando ia a sair de Jericó com os seus discípulos e uma grande multidão, um mendigo cego, Bartimeu, o filho de Timeu, estava sentado à beira do caminho.

47- E ouvindo dizer que se tratava de Jesus de Nazaré, começou a gritar e a dizer: «Jesus, filho de David, tem misericórdia de mim!»

48- Muitos repreendiam-no para o fazer calar, mas ele gritava cada vez mais: «Filho de David, tem misericórdia de mim!»

49- Jesus parou e disse: «Chamai-o.» Chamaram o cego, dizendo-lhe: «Coragem, levanta-te que Ele chama-te.»

50- E ele, atirando fora a capa, deu um salto e veio ter com Jesus.

---

<sup>77</sup> ibidem Mc 10: 46-52 pág. 1648



51- Jesus perguntou-lhe: «Que queres que te faça?» «Mestre, que eu veja!» - respondeu o cego.

52- Jesus disse-lhe: «Vai, a tua fé te salvou!» E logo ele recuperou a vista e seguiu Jesus pelo caminho”

Principal atração:

**Tell de Jericó** – Os arqueólogos fizeram um corte transversal no tell de Jericó, que lhes permitiu descobrir nas várias camadas que se foram acumulando ao longo dos séculos, através do teste do carbono 14, os vários períodos históricos. A camada mais antiga, a que naturalmente se encontrava ao nível do solo, tinha cerca de 9000 anos, pelo que correspondia ao primeiro assentamento permanente aí construído. Desta época mais antiga, destaca-se uma grande torre de pedra do Neolítico, com grandes e espessas paredes, que terá sido habitada por um povo desconhecido.

Bibliografia Aconselhada nos territórios Autoridade Nacional Palestiniana/ Palestina( Franja de Gaza e parte de Cisjordania

Difusora Bíblica Capuchinhos, Franciscanos Bíblia Sagrada Para o Terceiro Milénio da Encarnação, Difusora Bíblica Fátima (2008).

Moura, Francisco. Viajar pelo Mundo. Lisboa: edição autor (2016).

Pinto, P. & Moura Francisco. Itinerários de Fé. Lisboa: Media Livros, Atividades Editoriais SA. 2005

### **Mar morto**

É o lugar mais baixo da terra e é alimentado pela água do rio Jordão, que corre ao longo da fronteira entre a Jordânia e Israel, até terminar aí. Entre 1930, altura em que teve início a monitorização das suas águas, e 2014, a superfície do lago passou de 1050 km<sup>2</sup> para 650 km<sup>2</sup>. Em 1930, o seu comprimento era 80 km e a sua largura era 18 km; em 2014, o seu comprimento máximo não ia além dos 50 km, e mantinha a mesma largura. A sua água engloba vários tipos de sais, alguns dos quais só se encontram aqui. A concentração de sal na água é cerca de 10 vezes superior à dos oceanos: 30 a 35 g de sal por 100 ml de água, contra os 3 g por 100 ml de água que há nos outros mares. A designação “mar Morto” só aparece a partir do séc. II d.C., até essa altura é referido como “mar do Sal” ou “mar

Salgado". São inúmeras as referências bíblicas no Antigo Testamento que relacionam Abraão e o mar Salgado<sup>78</sup>.

"Abraão e Lot –

1- No tempo de Amerafel, rei de Chinear, de Arioc, rei de Elassar, de Cadorlaomer, rei de Elam e de Tidal, rei de Goim,

2- aliaram-se todos estes reis e declararam guerra a Bera, rei de Sodoma; a Birchá, rei de Gomorra; a Chinab, rei de Adma; a Cheméber, rei de Seboim, e ao rei de Bela, que é Soar.

3- Concentraram-se todos no vale de Sidim, que é o Mar do Sal".

O livro do Génesis diz-nos que as cidades de Sodoma e Gomorra se situavam nas margens do lago na época de Abrão, e relata-nos a sua destruição: <sup>79</sup>

Destruição de Sodoma –

"1- Os dois mensageiros chegaram a Sodoma já tarde, e Lot estava sentado à porta da cidade. Ao vê-los, ergueu-se, foi ao encontro deles e, prostrado com o rosto por terra"

2- Disse-lhes: «Peço-vos, meus senhores, que venhais para a casa do vosso servo passar a noite e lavar os pés. Levantar-vos-eis de manhã cedo e prosseguireis o vosso caminho.» Responderam-lhe: «Não; passaremos a noite na praça.»

3- Mas Lot tanto insistiu que o acompanharam e entraram em casa dele. Preparou-lhes de jantar, mandou cozer pães ázimos, e eles comeram.

4- Ainda não se tinham deitado, quando os homens da cidade, os homens de Sodoma, desde os mais novos até aos mais velhos sem excepção, rodearam a casa,

5- Chamaram Lot e disseram-lhe: «Onde estão os homens que entraram na tua casa, esta noite? Trá-los para fora, a fim de os conhecermos.»

6- Lot veio à entrada da casa, e, fechando a porta atrás de si,

7- Disse-lhes: «Suplico-vos, meus irmãos, não cometais semelhante maldade.

8- Eu tenho duas filhas ainda virgens. Eu vo-las trarei. Fazei delas o que vos aprouver, mas não façais mal a esses homens, porque vieram acolher-se à sombra do meu tecto.»

9- Eles responderam: «Retira-te daí!» E acrescentaram: «Cá está um homem que chegou como estrangeiro e quer agora ser o nosso juiz! Pois bem, vamos fazer-te pior do que a eles.» E, empurrando Lot violentamente, avançaram para arrombar a porta.

10- Mas os dois homens estenderam a mão, meteram Lot dentro de casa e fecharam a porta.

---

<sup>78</sup> ibidem Gn 14,1- 3; pág. 41

<sup>79</sup> ibidem Gn 19: 1-11 pág. 47

11- Feriram de cegueira os homens que estavam em frente da casa, novos e velhos, de tal modo que eles inutilmente se esforçavam por encontrar a porta”.

É interessante notar que uma profecia do profeta Ezequiel menciona que um dia o lago seria capaz de suportar a vida marinha<sup>80</sup>

“Uma nascente no Templo—

1- Conduziu-me para a entrada do templo, e eis que saía água da sua parte subterrânea, em direcção ao oriente, porque o templo estava voltado para oriente. A água brotava da

2- Fez-me sair pelo pórtico setentrional e contornar o templo por fora, até ao pórtico exterior oriental; vi rebentar a água do lado direito.

3- O homem avançou para oriente com o cordel que tinha na mão, e mediu mil côvados; depois fez-me atravessar a água; ela chegava-me até aos tornozelos.

4- Mediu ainda mil côvados e fez-me atravessar a água; ela chegava-me aos joelhos. Mediu ainda mil côvados e fez-me atravessar a água; chegava-me aos quadris.

5- Mediu ainda mil côvados; era uma torrente que eu não conseguia atravessar, porque a água era tão profunda que era necessário nadar. Efectivamente, era uma torrente que não se podia atravessar.

6- E Ele disse-me: «Viste, filho de homem?» E levou-me até à beira da torrente.

7- Quando aí cheguei, eis que à beira da torrente havia grande quantidade de árvores, em cada uma das margens.

8- Ele disse-me: «Esta água corre para o território oriental, desce para a Arabá e dirige-se para o mar; quando chegar ao mar, as suas águas tornar-se-ão salubres.

9- Por onde quer que a torrente passar, todo o ser vivo que se move viverá. O peixe será muito abundante, porque aonde quer que esta água chegar, tornar-se-á salubre; e a vida desenvolver-se-á por toda a parte onde ela chegar.

10- Haverá pescadores nas suas margens; desde En-Guédi até En-Eglaim serão lançadas redes; haverá peixes da mesma espécie que os peixes do mar Grande, e em grande número.

11- Mas os seus pântanos e charcos não serão saneados; serão abandonados ao sal.

12- Ao longo da torrente, nas suas margens, crescerá toda a espécie de árvores frutíferas, cuja folhagem não murchará e cujos frutos nunca cessam: produzirão todos os meses frutos novos, porque esta água vem do santuário. Os frutos servirão de alimento, e as folhas, de remédio.»

Esta profecia, que aludia metaforicamente à transformação do mar “Morto” em mar de “Vida”, já se concretizou, hoje, não com vida marinha, mas devido à extração dos seus produtos, utilizados na indústria farmacêutica e cosmética. O mar Morto é a principal fonte de riqueza para Israel e para a Jordânia.

---

<sup>80</sup> ibidem Ez 47, 1-12 pág. 1417/8

### **Grutas de Qumran**

A descoberta destas grutas deu-se em 1947, quando um jovem pastor procurava uma cabra perdida. Ao entrar numa gruta, viu que estava cheia de jarros. Estes jarros continham um autêntico tesouro, com 190 manuscritos envolvidos em linho, preservados durante por quase 2000 anos, fruto do clima seco do deserto. A descoberta dos famosos manuscritos do mar Morto foi considerada a maior descoberta da arqueologia do séc. XX. Este local, no séc. I d.C., era habitado pelos essênios, um dos grupos religiosos que faziam parte da organização da sociedade judaica. Segundo o historiador Flávio Josefo (37-100 d.C.), na primeira metade do séc. I, havia na Palestina quatro agrupações importantes ligadas ao judaísmo: os fariseus, com cerca de 6000 membros, os saduceus e os zelotes, que surgiram no início do séc. I d.C. e que contavam apenas com algumas centenas de membros, e os essênios, que teriam cerca de 4000 membros. O mesmo historiador adianta que os essênios e os saduceus tinham em Jerusalém e na Judeia circundante os seus principais centros, e que fariseus e zelotes estavam divididos entre Jerusalém e a Galileia. Os essênios isolaram-se neste espaço envolto pelo deserto, nas margens do mar Morto, cerca do ano 150 a.C., e permaneceram aqui até cerca do ano 68-69 d.C., quando tiveram de abandonar o lugar face à invasão dos romanos, que tinham o objetivo de conquistar Jerusalém e destruir o templo. Os essênios acreditavam na profecia de Daniel, que afirmava que o Messias, o Santo dos Santos, anunciado de acordo com a contagem do tempo das Setenta Semanas, deveria coincidir com os primeiros anos da presente era.<sup>81</sup>

“Explicação do Anjo Gabriel –

20- Falava eu ainda, a pedir, a confessar o meu pecado e o do meu povo Israel, a depor aos pés do Senhor, meu Deus, a minha súplica em favor da sua montanha santa;

21- Não tinha terminado esta oração, quando se aproximou de mim, em voo rápido, Gabriel, o ser que tinha presenciado anteriormente em visão; era a hora da oblação da tarde.

22- Para me informar, deu-me as seguintes explicações: «Daniel, vim neste momento aqui, para te esclarecer.

23- Logo que tinhas começado a tua oração, uma palavra foi pronunciada e eu vim darta a conhecer, porque és um homem de predileção. Presta, pois, atenção a este oráculo e procura compreender bem a visão:

24- Setenta semanas foram fixadas ao teu povo e à tua cidade santa para conclusão da infidelidade, para cancelar os pecados e expiar a iniquidade, para instaurar uma justiça eterna, para selar a visão e a profecia e para ungir o Santo dos Santos.

25- Sabe, pois, e compreende isto: após a declara-ção do decreto sobre a restauração de Jerusalém até a um chefe ungido, haverá sete semanas. Depois, durante sessenta e duas semanas,

---

<sup>81</sup> ibidem Dn 9:20-27 pág. 1442

Jerusalém reaparecerá e será reedificada a praça e o muro. Mas tudo isto será feito entre angústias e dificuldades.

26- Após estas sessenta e duas semanas, um ungido será exterminado e ninguém lhe su-ce-derá. A cidade e o santuário serão destruídos por um chefe invasor; ela acabará devas-tada e até ao fim haverá guerra e devastação decretada.

27- Ele concluirá uma sólida aliança com um grande número, por uma se-mana; ao meio da semana fará cessar o sacrifício e a oblação e, sobre o pináculo do templo, estará a abominação devastadora, e isto até que a destruição decre-tada se es-tenda sobre o devastador.”»

As últimas referências que temos dos essênios estão relacionadas com a revolta dos judeus de 132-135 d.C., nesta altura liderados por Simão bar Kokhba. Os manuscritos encontram-se protegidos no Santuário do Livro, em Jerusalém. O maior rolo é o manuscrito do livro do profeta Isaías e tem cerca de 7 m de comprimento.

### **Betel**

Anteriormente, era chamada de “Luz” (Luza) e tinha um antigo santuário cananeu. Foi o local de sepultamento de Débora, ama de Rebeca, a esposa amada de Isaac, avó de José e de Benjamim. Betel que em hebraico, significa "Casa de Deus") é uma cidade cananeia inserida no território da antiga região da Samaria, fica situada 20 km ao norte de Jerusalém. Esta localidade é a mais mencionada na Bíblia, depois da cidade de Jerusalém. Foi neste local que Abraão armou a sua tenda e edificou o seu primeiro altar<sup>82</sup>.

“ Regresso a Betel (28,10-22) –

1- O SENHOR disse a Jacob: «Vai, sobe a Betel e permanece lá; constrói ali um altar ao Deus que te apareceu, quando fugias diante de Esaú, teu irmão.»

2- Jacob disse à família e a todos os que estavam com ele: «Fazei desaparecer os deuses estrangeiros que estão no meio de vós; purificai-vos e mudai de vestes.

3- Preparemo-nos para subir a Betel; construirei ali um altar ao Deus que me atendeu no dia da minha angústia e que esteve comigo nos caminhos por onde andei.»

4- Entregaram então a Jacob todos os deuses estrangeiros que possuíam e as jóias que traziam nas orelhas. Jacob enterrou-as debaixo do terebinto que estava junto de Siquém.

5- E partiram dominados pelo terror divino; as cidades em redor não perseguiram os filhos de Jacob.

6- Jacob chegou, com todos os que o acompanhavam, a Luz, ou seja, Betel, que está no país de Canaã.

---

<sup>82</sup> Ibidem Gn:35,1- 8 pág 73

7- Construiu ali um altar e chamou a esse lugar El-Betel, porque fora ali que o SENHOR Deus lhe aparecera, quando fugia por causa de seu irmão.

8- Entretanto, morreu Débora, ama de Rebeca, e foi enterrada abaixo de Betel, junto de um carvalho, que foi chamado Carvalho dos Prantos

O nome Betel foi atribuído por seu filho Jacob. O local assinala a visão de Jacob, duma escada que atingia o céu, por onde anjos subiam e desciam.<sup>83</sup>

Sonho de Jacob em Betel –

10- Jacob saiu de Bercheba e tomou o caminho de Haran.

11- Chegou a determinado sítio e resolveu ali passar a noite, porque o sol já se tinha posto. Serviu-se de uma das pedras do lugar como travesseiro e deitou-se.

12- Teve um sonho: viu uma escada apoiada na terra, cuja extremidade tocava o céu; e, ao longo desta escada, subiam e desciam mensageiros de Deus.

13- Por cima dela estava o SENHOR, que lhe disse: «Eu sou o SENHOR, o Deus de Abraão, teu pai, e o Deus de Isaac. Esta terra, na qual te deitaste, dar-ta-ei, assim como à tua posteridade.

14- A tua posteridade será tão numerosa como o pó da terra; estender-te-ás para o ocidente, para o oriente, para o norte e para o sul, e todas as famílias da Terra serão abençoadas em ti e na tua descendência.

15- Estou contigo e proteger-te-ei para onde quer que vás e reconduzir-te-ei a esta terra, pois não te abandonarei antes de fazer o que te prometi.»

16- Despertando do sono, Jacob exclamou: «O SENHOR está realmente neste lugar e eu não o sabia!»

17- Atemorizado, acrescentou: «Que terrível é este lugar! Aqui é a casa de Deus, aqui é a porta do céu.»

18- No dia seguinte de manhã, Jacob agarrou na pedra que lhe servira de travesseiro e, depois de a erguer como um monumento, derramou óleo sobre ela.

19- Chamou a este sítio Betel, quando, originariamente, a cidade se chamava Luz.

20- Jacob fez, então, o seguinte voto: «Se Deus estiver comigo, se me proteger durante esta viagem, se me der pão para comer e roupa para vestir,

21- E se eu regressar em paz à casa do meu pai, o SENHOR será o meu Deus.

22- E esta pedra, que eu erigi à maneira de monumento, será para mim casa de Deus, e pagarei o dízimo de tudo quanto Ele me conceder.»

---

<sup>83</sup> ibidem Gn28:10-22 pág 62

## Jerusalém

Jerusalém nasceu para a fé com Abraão, que sai com o seu clã, rumo à Terra Prometida, guiado por uma promessa feita com Deus, para dar o seu testemunho de obediência, quando aceitou sacrificar o seu filho Isaac, no Monte Moriah, algures no séc. XVIII a.C. Porém a primeira referência a Jerusalém data de cerca de 1400 a.C. A ela fazem referência sete das tabuinhas encontradas em Tel El Amarna (Amarna), a capital do Antigo Egito, governada pelo faraó Aknátón. Cidade santa para as três religiões abraâmicas, e apesar de ser a capital de um dos países mais pequenos do mundo, Jerusalém está ligada desde sempre a uma simbologia e a um significado religioso que nenhuma outra cidade do mundo ostenta. Arqueologicamente, os mais antigos vestígios de ocupação humana parecem datar de meados do quarto milénio a.C. e encontram-se na colina Sudeste, na parte Sul da área do templo. Até ao séc. VIII a.C., só esta colina é que terá sido habitada. Desta forma, a cidade seria bastante pequena, em especial se comparada com outras importantes cidades da época, pois não ocuparia uma superfície superior a 12 ha. Até ao séc. XI-X a.C., a cidade esteve na órbita do poder do Império Egípcio, conforme atestam os chamados textos de execração (séculos. XIX-XVIII a.C.), assim como a correspondência diplomática com Amarna, a capital do chamado Faraó herético Akenaton (Amenófis IV). Segundo os relatos bíblicos, a cidade fora conquistada por David.<sup>84</sup>

“David em Jerusalém (1 Cr 11,4-9; 14,1-7)

6- O rei marchou com os seus homens para Jerusalém, contra os jebuseus, que habitavam aquela terra. Estes disseram a David: «Não entrarás aqui; serás repellido até por cegos e coxos.» Isto queria dizer: «Nunca entrarás aqui.»

7- Contudo, David apoderou-se da fortaleza de Sião, que é a Cidade de David.

8- David disse naquele dia: «Quem quiser atacar os jebuseus suba pelo canal e mate esses cegos e coxos, que David despreza. Daí, o ditado: ‘Nem cego nem coxo entrarão no templo.’»

9- David estabeleceu-se na fortaleza e deu-lhe o nome de Cidade de David. Cercou a cidade de muralhas, de Milo para dentro”.

Por volta do ano 1000 a.C., o rei David fez de Jerusalém a sua capital. Porém seria seu filho o rei Salomão a ter o privilégio da construção do primeiro Templo de Jerusalém. Em 597-596 d.C., Jerusalém foi conquistada pelos babilónios, mas é só em 587-586 a.C. que Nabucodonosor destrói a cidade, e leva os mais proeminentes judeus como reféns para a Babilónia. Em 537 a.C. o Rei persa Ciro o Grande decretou o fim do cativeiro dos judeus

---

<sup>84</sup> Ibidem 2 Sm 5: 6-9, pág.433

na Babilónia. Nos séculos seguintes, o domínio sobre a cidade ficou em constante alteração com as forças hegemónicas da região.

Os persas, dentro do seu espírito cosmopolita e tolerante, tornam a confiar o Governo a membros da comunidade que tinha sido levada para Babilónia, fomentando a reconstrução do templo e a retoma dos cultos e ritos locais. Posteriormente, em 331 a.C., Alexandre, o Grande, toma posse de Jerusalém. A cidade passou, após a sua morte, para os Ptolemeus (governantes do Egito), entre 320 e 198, e, depois, para as selêucidas, que fixaram a capital em Antioquia da Síria, até 135. Antíoco IV Epifânio (175-164) tentou helenizar Jerusalém com o apoio, ou mesmo a pedido, da aristocracia da cidade. A resistência foi dura, e teve no seu comando a família dos asmoneus, que libertou a Judeia do domínio selêucida e governou até 63 a.C., data em que Jerusalém passa para domínio romano.

No período do reinado de Herodes, o Grande (40-4 a.C.), dá-se um grande número de obras no templo, do qual resta o chamado Muro das Lamentações, que retinha a Oeste a plataforma onde estava construído o templo. Ontem como hoje, israelenses e palestinos reivindicam a cidade como a sua capital, apesar de Israel manter as suas principais instituições governamentais em Jerusalém. O Estado da Palestina prevê que no futuro aquela venha a ser a sua sede política. Para os membros da comunidade judaica, vivam eles em Israel ou noutra parte do mundo, Jerusalém é o zénite, o centro dos centros, a base do quase mítico Reino de David e de Salomão, o local onde se centrou o culto no Templo de Jerusalém, onde todas as instituições políticas e religiosas da sua cultura tiveram sede. Por isso, os judeus ortodoxos que residem no Bairro Ortodoxo de Mea Shearim não aceitam o atual Estado de Israel e aguardam a vinda do Messias, para darem início à reconstrução do templo.

A curta presença de Jesus de Nazaré em Jerusalém, de apenas três anos, marcou indelevelmente a história da cidade. Foi aqui que Jesus viveu os três dias que teologicamente o caracterizam como Cristo, o Salvador, aquele que, sendo Deus, morreu, ressuscitou e apareceu aos apóstolos e a outros discípulos antes de ascender ao Céu. Em Jerusalém viveram os seus discípulos, Maria e Maria Madalena, e foi aqui que foi formada a primeira igreja liderada pelos apóstolos Pedro, João e Tiago, e que, em 51 d.C., teve lugar o primeiro Concílio de Jerusalém, com a participação de Paulo de Tarso, defensor da abertura da Igreja aos gentios. Nesta época nasceu um clima de revolta constante contra Roma, que se generalizou e intensificou em 66 d.C., o que levou os romanos a destruir o templo e as muralhas no ano 70, sob o comando de Tito.

Os judeus palestinianos voltaram a revoltar-se em 131 d.C. Após esmagadora vitória, em 135 d.C., Adriano reconstruiu a cidade segundo os ditames latinos. É depois da



conversão de Constantino e da entrada do Cristianismo no meio oficial do Império que surgem as construções em memória dos locais por onde Jesus passou, as igrejas para os peregrinos, as hospedarias e os mosteiros, sobretudo depois da visita de S.ta Helena, mãe do Imperador Constantino. Em 638, após o domínio dos persas e dos bizantinos, a cidade rendeu-se ao Califa Omar, o mais poderoso dos Califas muçulmanos. No ano de 1099, os cruzados libertam os locais santos e tornam-se nos novos donos da cidade, que se mantém sob o controlo cristão até 1187, altura em que a cidade é conquistada por Saladino. Em 1517, Jerusalém caiu sob o domínio turco-otomano e permaneceu sob o seu controlo até 1917.

Dada a força do seu simbolismo, a cidade é disputada pelas três religiões monoteístas desde tempos recuados. Vindos de todo o mundo, os judeus e os cristãos acorrem à cidade santa para contemplar os lugares ligados à sua crença. Para os muçulmanos, Jerusalém é a terceira cidade mais santa, depois de Meca e de Medina, pois foi aí que o Profeta foi elevado ao Céu. Apesar de ser considerada sagrada, a história da cidade diz-nos que foi palco de ódio, de desolação e de guerra. Esteve cercada mais de 50 vezes, foi conquistada em 36 ocasiões e destruída em 10 destas.

#### Principais Atrações:

**Muralhas e Portas da Cidade** – Perde-se no tempo da história as primeiras muralhas de Jerusalém. A última reconstrução ocorreu entre 1535 e 1538 d.C. no tempo de Solimão I, o Magnífico, entre 1535 e 1538, quando Jerusalém fazia parte do Império Otomano; circundam a cidade antiga, têm um comprimento de 4018 m, uma altura média de 12 m e a espessura média de 8,5 m. As muralhas continham 34 torres de vigia e 8 portas de entrada, que permitiam o acesso à cidade antiga, que estava dividida em quatro bairros: o Bairro Cristão, o Bairro Arménio, o Bairro Muçulmano e o Bairro Judeu. Em 1981, as muralhas de Jerusalém e a cidade antiga foram classificadas como Património Mundial pela UNESCO. De todas as portas, a mais significativa é a Porta Dourada, ou Porta do Paraíso, do período romano, que está dividida em duas arcadas e que os muçulmanos fizeram fechar. A tradição diz que Jesus passou através desta porta montado num jumento, para a entrada messiânica em Jerusalém:<sup>85</sup>

“ Entrada messiânica em Jerusalém (Mt 21,1-11; Mc 11,1-11; Lc 19,29-40) –

---

<sup>85</sup> Ibidem Jo 12:12-16 pág. 1754

12- No dia seguinte, as multidões que tinham chegado para a Festa, ao ouvirem que Jesus vinha a Jerusalém,

13- Pegaram em ramos de palmeiras e saíram-lhe ao encontro, clamando: «Hossana! Bendito o que vem em nome do Senhor, o Rei de Israel!»

14- E Jesus encontrou um jumentinho e montou nele, conforme está escrito:

15- Não temas, Filha de Sião, olha o teu Rei que chegastado na cria de uma jumenta.

16- Ao princípio, os seus discípulos não compreenderam isto; quando se manifestou a glória de Jesus, é que se lembraram que estas coisas estavam escritas acerca dele; e foi isso precisamente o que lhe fizeram”.

**A Porta Dourada** tinha sido reconstruída pelos bizantinos sobre fundamentos que remontam à época do Rei Salomão. Mai tarde, os muçulmanos fizeram deste espaço um cemitério, para que, no Juízo Final e no dia da ressurreição, os judeus sejam impedidos de entrar pela porta, dado ali se encontrar um cemitério.

**A Porta do Lixo** foi assim chamada porque os cristãos, na época bizantina, tinham o hábito de deixar o lixo nas ruínas da esplanada do Templo, que abre diretamente para a zona onde está o Muro das Lamentações. A porta de Sião, que dá acesso ao bairro judaico, foi construída pelo Sultão Solimão, o Magnífico, em 1541, pois fica em frente do monte Simão, lugar tido tradicionalmente como o da sepultura do profeta David. A porta de Jope está voltada para Jope (Telavive), onde fica o antigo porto de Israel, e foi ampliada em 1898, para permitir a passagem do carro do Imperador Guilherme XI. A porta Nova foi aberta em 1889. A porta de S.to Estevão, ou porta dos Leões, mandada construir por Solimão, o Magnífico, fica próxima do túmulo da Virgem. O nome “porta de S.to Estevão” só lhe foi atribuído na Idade Media, em razão de os cristãos acreditarem que o primeiro mártir da Igreja foi ali apedrejado.

**A porta Nova**, é a única entrada da Cidade Velha que não faz parte do desenho original das muralhas do século XVI. Foi aberta nos dias finais do Império Otomano para permitir aos peregrinos cristãos um acesso mais rápido aos lugares sagrados dentro das muralhas.

**Porta de Damasco** é a mais monumental de todas as portas da cidade antiga é a porta de Damasco, que foi construída sobre as ruínas de outra porta romana. Os árabes chamaram-lhe Bab El Amud (Porta da Coluna), dado que termina com uma estátua do Imperador Adriano, que destruiu Jerusalém e sobre as suas ruínas, em 131 d.C., construiu a nova cidade Élia Capitolina, que foi ocupada por uma colónia romana.

**A porta de Herodes** ostenta uma rosácea por cima do arco. Foi por esta porta que entraram os cruzados em 15 de julho de 1099, quando conquistaram Jerusalém. O nome é-lhe atribuído cerca do ano de 1500, quando os peregrinos cristãos começaram a pensar que a casa no interior das portas era a o palácio do filho de Herodes, o Grande, o que se veio a comprovar não corresponder à verdade.

**Cidadela e Torre de David** – A cidadela de Jerusalém cobre uma área ocupada por três torres, mandadas construir por Herodes em 24 a.C. As torres que defendiam o contíguo Palácio de Herodes não foram destruídas pelas tropas de Tito no ano 70 d.C., por ocasião da destruição do Templo. No séc. XII, a cidadela foi reconstruída pelos cruzados e funcionou como guarnição. Ainda durante a primeira metade do séc. XIII a cidadela foi novamente demolida pelos mamelucos.

Mais tarde, no séc. XIV os turcos restauraram as muralhas e acrescentaram um torreão, que hoje é conhecido como Torre de David e que foi uma base dos ingleses até ao ano de 1948, e depois jordana, até 1967. Hoje, este espaço museológico abriga alguns museus que relatam a história da cidade, assim como alguns espetáculos de som e luz.

**Monte das Oliveiras** – Do alto do Monte das Oliveiras têm-se uma magnífica vista sobre a cidade velha de Jerusalém, em particular sobre a esplanada do templo. Na encosta situa-se o mais famoso cemitério judaico, onde estão sepultados alguns profetas, nomeadamente Egeu, Zacarias e Malaquias, assim como grandes líderes religiosos e políticos do judaísmo. Todos os judeus de Jerusalém preferem ser sepultados aqui, para poderem entrar na Cidade Santa no dia do Juízo Final. A vista abarca o espaço que vai desde o deserto da Judeia até ao mar Morto, incluindo os montes Moab.

**Igreja da Ascensão** – É um local sagrado para cristãos e muçulmanos, fica situada no alto do Monte das Oliveiras e assinala o lugar onde segundo a crença cristã Jesus subiu ao céu.<sup>86</sup>

“Ascensão (Mc 16,19-20; Act1,4-11)

50- Depois, levou-os até junto de Betânia e, erguendo as mãos, abençoou-os.

51- Enquanto os abençoava, separou-se deles e elevava-se ao Céu.

52- E eles, depois de se terem prostrado diante dele, voltaram para Jerusalém com grande alegria.

53- E estavam continuamente no templo a bendizer a Deus.”

---

<sup>86</sup> Ibidem Lc 24, 50-53 pág. 1726

Em finais do séc. IV d.C., uma abastada cidadã romana financiou a construção da igreja original (Basílica Eleona), que foi destruída pelos persas sassânidas, em 614 d.C., e depois reconstruída. Na altura, a par com o Santo Sepulcro, este era o lugar mais sagrado para os cristãos. Entretanto, sofreu nova destruição. No séc. XII, os cruzados reconstruíram-na novamente. Mais tarde, foi destruída pelos muçulmanos. Nesta altura, além dos muros, ficou de pé uma pequena estrutura octogonal de 12 m por 12 m, onde há uma marca na pedra que os piedosos acreditam tratar-se da marca do pé de Jesus, que ali ficou quando ele subiu ao céu. Em 1198, o local foi adquirido por representantes de Saladino, e desde então é propriedade da comunidade muçulmana de Jerusalém.

**Igreja do Pai Nosso** – Foi construída no local onde se encontra uma gruta que se acredita ser o lugar onde Jesus ensinou o Pai Nosso aos seus discípulos.<sup>87</sup>

5-«Quando orardes, não sejais como os hipócritas, que gostam de rezar de pé nas sinagogas e nos cantos das ruas, para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo: já receberam a sua recompensa.

6-Tu, porém, quando orares, entra no quarto mais secreto e, fechada a porta, reza em segredo a teu Pai, pois Ele, que vê o oculto, há-de recompensar-te.

7-Nas vossas orações, não sejais como os gentios, que usam de vãs repetições, porque pensam que, por muito falarem, serão atendidos.

8-Não façais como eles, porque o vosso Pai celeste sabe do que necessitais antes de vós lho pedirdes.» O Pai-Nosso (Lc 11,2-4) –

9-«Rezai, pois, assim: 'Pai nosso, que estás no Céu, santificado seja o teu nome,

10- Venha o teu Reino; faça-se a tua vontade, como no Céu, assim também na terra.

11- Dá-nos hoje o nosso pão de cada dia;

12- Perdoa as nossas ofensas, como nós perdoámos a quem nos tem ofendido;

13- E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do Mal.'

14- Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também o vosso Pai celeste vos perdoará a vós.

15- Se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, também o vosso Pai vos não perdoará as vossas.»

A gruta encontra-se ao lado das ruínas de uma outra igreja, construída em 326 d.C. por incumbência de S.ta Helena, mãe de Constantino. Durante o período das cruzadas a igreja foi restaurada várias vezes. A atual igreja é um mosteiro carmelita, construído em

---

<sup>87</sup> Ibidem Mt 6, 9-13 pág. 1574-5

finais do séc. XIX. Nos seus claustros encontra-se inscrito em painéis de azulejos a oração do Pai Nosso em 60 idiomas.

**Igreja Dominus Flevit** – Fica situada perto do cemitério judaico e é um dos locais com mais significado para os cristãos, pois aqui ocorreram algumas das passagens mais significativas da vida de Jesus. A tradição diz ter sido neste local que Jesus chorou ao prever a destruição do templo. A construção do pequeno templo, desenhado por António Barluzzi no final da década de 30, foi feita sobre as ruínas duma antiga necrópole. Recentemente, as escavações trouxeram à luz numerosos epitáfios escritos em hebraico, aramaico e grego. Da vista sobre a área do antigo templo sobressai o ouro da cúpula da Mesquita de Omar e da Porta Dourada. Do lado direito do portão de entrada, já no espaço da igreja, podemos ver um conjunto de ossários numa gruta que guarda os restos dos membros das primeiras comunidades judaico-cristãs do séc. I d.C. O nome "Dominus Flevit" significa exatamente o Senhor chorou.<sup>88</sup>

“Jesus chora sobre Jerusalém (13, 34-35; Mt 23,37-39) –

41- Quando se aproximou, ao ver a cidade, Jesus chorou sobre ela e disse:

42- «Se neste dia também tu tivesses conhecido o que te pode trazer a paz! Mas agora isto está oculto aos teus olhos.

43- Virão dias para ti, em que os teus inimigos te hão-te cercar de trincheiras, te sitiarão e te apertarão de todos os lados;

44- Hão-de esmagar-te contra o solo, assim como aos teus filhos que estiverem dentro de ti, e não deixarão em ti pedra sobre pedra, por não teres reconhecido o tempo em que foste visitada”.

**Igreja de Santa Maria Madalena** – Caracteriza-se pelas curiosas torres com a abóbada em forma de bolbo. A igreja russa foi construída entre 1885 e 1888, sob a ordem do Czar Alexandre III, que a mandou edificar em memória da sua mãe, Maria Alexandrovna. No seu interior, além dos numerosos e belíssimos ícones, fica o túmulo da grã-duquesa Elisabete Fiodorovna, assassinada em 1918.

**Igreja da Agonia (Igreja das Nações)** – Fica situada na base do Monte das Oliveiras. Foi construída pelos bizantinos no ano de 379 d.C. Mais tarde, foi destruída pelos persas, durante a perseguição que conjuntamente com a comunidade judaica fizeram aos cristãos, nomeadamente no massacre dessa população em Jerusalém. Na época todas as Igrejas de Israel foram destruídas, exceto a Basílica da Natividade em Belém. Em 747 d.C.,

---

<sup>88</sup> Ibidem Lc 19, 41-44 pág. 1713

um terramoto danificou a igreja, que depois foi reconstruída pelos cruzados e consagrada em 1170. O atual templo foi projetado por António Barluzzi em 1924, com fundos provenientes de 16 países, razão pela qual a igreja também é conhecida como Igreja das Nações. Frente ao altar encontra-se uma rocha rodeada por uma coroa de espinhos de ferro forjado; segundo a tradição, este foi o local onde Jesus rezou e se deram os trágicos acontecimentos da prisão de Jesus<sup>89</sup>

“Oração de Jesus em Getsémani (Mt 26,36-46; Lc 22,39-46; Jo 18,1-2) –

32- Chegaram a uma propriedade chamada Getsémani, e Jesus disse aos discípulos: «Ficai aqui enquanto Eu vou orar.»

33- Tomando consigo Pedro, Tiago e João, começou a sentir pavor e a angustiar-se.

34- E disse-lhes: «A minha alma está numa tristeza mortal; ficai aqui e vigiai.»

35- Adiantando-se um pouco, caiu por terra e orou para que, se possível, passasse dele aquela hora.

36- E dizia: «Abbá, Pai, tudo te é possível; afasta de mim este cálice! Mas não se faça o que Eu quero, e sim o que Tu queres.»

37- Depois, foi ter com os discípulos, encontrou-os a dormir e disse a Pedro: «Simão, dormes? Nem uma hora pudeste vigiar!

38- Vigiai e orai, para não cederdes à tentação; o espírito está cheio de ardor, mas a carne é débil.»

39- Retirou-se de novo e orou, dizendo as mesmas palavras.

40- E, voltando de novo, encontrou-os a dormir, pois os seus olhos estavam pesados; e não sabiam que responder-lhe.

41- Voltou pela terceira vez e disse-lhes: «Dormi agora e descansai! Pois bem, chegou a hora. Eis que o Filho do Homem vai ser entregue nas mãos dos pecadores.

42- Levantai-vos! Vamos! Eis que chega o que me vai entregar”.

O mosaico da abside retrata a agonia de Cristo. Podemos ver mosaicos da igreja primitiva bizantina. No jardim exterior contemplam-se várias oliveiras centenárias, algumas delas contemporâneas com Jesus.

**Gruta da Traição** – Assinala o local onde Judas deu o beijo a Jesus. Este espaço foi usado na produção de azeite. Podemos observar vários fragmentos de mosaicos datados dos séculos. IV e V d.C. O local assinala o lugar onde Judas deu o beijo da traição a Jesus<sup>90</sup>.

---

<sup>89</sup> Ibidem Mc 14,32-42 pág. 1655

<sup>90</sup> Ibidem Mc 14,43-50 pág. 1656

**"Prisão de Jesus (Mt 26,47-56; Lc 22,47-53; Jo 18,3-11) –**

43- E logo, ainda Ele estava a falar, chegou Judas, um dos Doze, e, com ele, muito povo com espadas e varapaus, da parte dos sumos-sacerdotes, dos doutores da Lei e dos anciãos.

44- Ora, o que o ia entregar tinha-lhes dado este sinal: «Aquele que eu beijar é esse mesmo; prendei-o e levai-o bem guardado.»

45- Mal chegou, aproximou-se de Jesus, dizendo: «Mestre!»; e beijou-o.

46- Os outros deitaram-lhe as mãos e prenderam-no.

47- Então, um dos que estavam presentes, puxando da espada, feriu o criado do Sumo Sacerdote e cortou-lhe uma orelha.

48- E tomando a palavra, Jesus disse-lhes: «Como se eu fosse um salteador, viestes com espadas e varapaus para me prender!

49- Estava todos os dias junto de vós, no templo, a ensinar, e não me prendestes; mas é para se cumprirem as Escrituras.»

50- Então, os discípulos, deixando-o, fugiram todos.

51- Um certo jovem, que o seguia envolto apenas num lençol, foi preso; mas ele, deixando o lençol, fugiu nu."

**Túmulo da Virgem Maria** – Fica situado no vale de Josafat. Acredita-se que foi neste santuário subterrâneo, construído pelos cruzados sobre uma basílica bizantina, que os apóstolos sepultaram a Virgem Maria. É preciso descer uma longa escadaria com 45 degraus, ladeada por nichos onde se encontravam túmulos reais, para chegar ao Túmulo da Virgem. O túmulo está talhado na rocha e data do séc. I d.C.; a sua cripta tem a forma de uma cruz latina e está decorada com muitos ícones, conforme a tradição ortodoxa cristã.

**Vale do Cédron** – Também é conhecido como o vale da Torrente do Cédron, devido à quantidade de água que ali se concentra repentinamente nos meses chuvosos. É descrito na Bíblia como tendo grande significado. O vale separa as muralhas de Jerusalém do lado do Templo do Monte das Oliveiras. Quando Jesus foi preso, antes da sua crucificação, passou neste vale repleto de monumentos funerários; dos quais se destacam o Túmulo de Zacarias, elaborado numa rocha sólida com uma altura de cerca de 9 m, coroado com uma pirâmide, e o Pilar de Absalão, erguido por Absalão, que não tendo tido filhos construiu este mausoléu para perpetuar o seu nome<sup>91</sup>.

"18- Absalão, quando ainda vivia, mandara erigir para si o monumento que se encontra no Vale do Rei, pois dizia: «Não tenho filhos para perpetuar a memória do meu nome.» E deu o seu próprio nome a este monumento, que se chama, ainda hoje, «Monumento de Absalão.»

---

<sup>91</sup> Ibidem 2 Sam 18, 18 pág.450

**Túnel de Ezequias (Túnel de Siloé)** – Foi escavado na rocha durante o reinado de Ezequias, nos primeiros anos do séc. VIII a.C. Provavelmente, resultou do alargamento de uma caverna pré-existente. É mencionado na Bíblia. O túnel conduzia a água desde a Fonte de Giom até a piscina de Siloé. Foi projetado como um aqueduto, para abastecer a cidade com água em caso de ataque dos inimigos. Os investigadores consideram-no como um feito da engenharia da Antiguidade. A Bíblia relata-nos a construção desta obra: <sup>92</sup>

“ Fim do reinado de Ezequias (2 Cr 32,30-33) –

20- O resto da história de Ezequias, e todos os feitos que realizou, a construção do reservatório e do aqueduto, com o qual levou água a toda a cidade, tudo isso está es-crito no Livro dos Anais dos Reis de Judá.

21- Ezequias adormeceu, juntando-se aos seus pais, e seu filho Manassés sucedeu-lhe no trono “.

**Igreja de Santa Ana** – Quando os cruzados foram expulsos de Jerusalém deixaram mais de 30 igrejas. A de S.ta Ana é de todas a mais bem conservada e é considerada como uma das mais belas joias dos tempos dos cruzados. A sua construção, de estilo românico, data de cerca de 1100 d.C. Foi mandada edificar pela esposa do rei Balduíno I. Segundo a tradição, foi aqui que nasceu Nossa Senhora e que viveram os seus pais, S. Joaquim e S.ta Ana. Esta igreja tinha 120 m de comprimento, 70 m de largura e 8 m de profundidade.

**Piscina Probática de Betesda** – subterrada durante séculos e recentemente escavada pelos padres Brancos, encontra-se ao lado desta igreja. A piscina é venerada pelos cristãos porque foi aí que Jesus curou um enfermo que sofria de paralisia <sup>93</sup>

“5- Estava ali um homem que padecia da sua doença há trinta e oito anos.

6- Jesus, ao vê-lo prostrado e sabendo que já levava muito tempo assim, disse-lhe: «Queres ficar são?»

7- Respondeu-lhe o doente: «Senhor, não tenho ninguém que me meta na piscina quando se agita a água, pois, enquanto eu vou, algum outro desce antes de mim».

8- Disse-lhe Jesus: «Levanta-te, toma a tua enxerga e anda.»

9- E, no mesmo instante, aquele homem ficou são, agarrou na enxerga e começou a andar.”

---

<sup>92</sup> Ibidem 2 Rs 20:20,21 pág. 535/6

<sup>93</sup> Ibidem Jo, 5, 5-9 pág. 1739



**Igreja das Irmãs de Sião** – Nesta igreja há vestígios da antiga pavimentação romana (lithostrotos.). Algumas lajes conservam incisos os sinais que representam o jogo dos dados. Segundo a tradição cristã, os soldados romanos repartiram entre si as vestes de Jesus, tirando-as à sorte com dados. O que é sufragado pelo facto de terem sido descobertos dados semelhantes aos que estão desenhados no lithostrotos.

**Via Sacra** – Trata-se do caminho aproximado que Cristo percorreu com a Cruz desde o Pretório até ao Calvário, onde foi crucificado. As primeiras duas estações situam-se dentro do espaço que na época era ocupado pela Torre de Antónia. As sete estações seguintes distribuem-se por ruelas da cidade que nos conduzem ao Calvário. As últimas cinco estações encontram-se dentro da Igreja do Santo Sepulcro. Os franciscanos organizam todas as sextas-feiras uma Via Sacra. As escavações realizadas no bairro árabe por onde circula a Via Sacra mostraram que apesar de ter havido algumas reconstruções nalguns troços da rua a via mantém o mesmo traçado do séc. I d.C., pois foram descobertas lajes de pedra da rua romana por baixo da rua atual, que agora estão à superfície e visíveis, particularmente na 3.<sup>a</sup> Estação da Via Sacra. As estações da Via Sacra lembram-nos os trágicos acontecimentos relatados nas escrituras.

Jesus é flagelado.<sup>94</sup>

“Jesus é flagelado, coroadado de espinhos e condenado –

- 1- Então, Pilatos mandou levar Jesus e flagelá-lo.
- 2- Depois, os soldados entrelaçaram uma coroa de espinhos, cravaram-lha na cabeça e cobriram-no com um manto de púrpura;
- 3- Aproximando-se dele, diziam-lhe: «Salve! Ó Rei, dos judeus!» E davam-lhe bofetadas.

4-Pilatos saiu de novo e disse-lhes: «Vou trazê-lo cá fora para saberdes que eu não vejo nele nenhuma causa de condenação.»

- 4- Então, saiu Jesus com a coroa de espinhos e o manto de púrpura. Disse-lhes Pilatos: «Eis o Homem!»
- 5- Assim que viram Jesus, os sumos sacerdotes e os seus servidores gritaram: «Crucifica-o! Crucifica-o!» Disse-lhes Pilatos: «Levai-o vós e crucificai-o. Eu não descubro nele nenhum crime.»
- 6- Os judeus replicaram-lhe: «Nós temos uma Lei e, segundo essa Lei, deve morrer, porque disse ser Filho de Deus.»
- 7- Quando Pilatos ouviu estas palavras, mais assustado ficou.
- 8- Voltou a entrar no edifício da sede e perguntou a Jesus: «Donde és Tu?» Mas Jesus não lhe deu resposta.

---

<sup>94</sup> Ibidem Jo 19: 1-16 pág. 1766

- 9- Pilatos disse-lhe, então: «Não me dizes nada? Não sabes que tenho o poder de te libertar e o poder de te crucificar?»
- 10- Respondeu-lhe Jesus: «Não terias nenhum poder sobre mim, se não te fosse dado do Alto. Por isso, quem me entregou a ti tem maior pecado.»
- 11- A partir daí, Pilatos procurava libertá-lo, mas os judeus clamavam: «Se libertas este homem, não és amigo de César! Todo aquele que se faz rei declara-se contra César.»
- 12- Ouvindo estas palavras, Pilatos trouxe Jesus para fora e fê-lo sentar numa tribuna, no lugar chamado Lajedo, ou Gabatá em hebraico.
- 13- Era o dia da Preparação da Páscoa, por volta do meio-dia. Disse, então, aos judeus: «Aqui está o vosso Rei!»
- 14- E eles bradaram: «Fora! Fora! Crucifica-o!» Disse-lhes Pilatos: «Então, hei-de crucificar o vosso Rei?»
- 15- Replicaram os sumos-sacerdotes: «Não temos outro rei, senão César.»
- 16- Então, entregou-o para ser crucificado. E eles tomaram conta de Jesus”.

**A 1.ª Estação** – Retrata o momento em que Jesus é condenado à morte.

**2.ª Estação** – Relembra o momento em que Jesus carrega a cruz. Aqui encontra-se o arco do Ecce Homo. No séc. XVI, os peregrinos começaram a designar o arco com as palavras que Pilatos pronunciou quando apresentou Jesus ao povo. Na realidade, trata-se duma parte do arco triunfal que Adriano mandou construir em 135 d.C., em recordação da conquista de Jerusalém.

**A 3.ª Estação**, trata o episódio em que Jesus cai pela primeira vez, momento assinalado por uma pequena capela construída pelos soldados polacos. A capela pertence

**Na 4.ª Estação** encontramos um pequeno oratório com um baixo-relevo do escultor polaco Zieliensky. A luneta indica o lugar onde Jesus encontrou a Mãe.

**A 5.ª Estação** – Como se pode ler na inscrição em cima da porta duma capela, foi aqui que Simão de Cirene ajudou Jesus a carregar a Cruz até ao Gólgota. Assim contam os três evangelhos sinóticos.

**6.ª Estação** – A igreja arménia-ortodoxa que aqui está, fixa o lugar onde Jesus encontrou Verónica. O véu de seda com o qual a mulher enxugou o rosto de Jesus, e no qual ficaram imprimidos os seus traços, está conservado na Basílica de São Pedro, em Roma, desde o ano de 707. No interior da pequena igreja está o túmulo da santa.

**7.ª Estação** – Aqui, onde a Via Crucis, encontra a barulhenta R. do Bazar, há uma coluna que indica o lugar onde Jesus caiu pela segunda vez.

**8.ª Estação** – A pequena cruz gravada na parede do Convento dos Joanitas faz-nos lembrar do momento em que Jesus consola as mulheres piedosas: “Filhas de Jerusalém, não choreis por Mim, chorai antes por vós mesmas e pelos vossos filhos”.

**9.ª Estação** – Situa-se no exterior do Convento abissínio. O lugar onde Jesus caiu pela terceira vez está assinalado por uma coluna romana que se encontra ao lado da entrada do convento.

**10.ª Estação** – Traz à memória o episódio em que Jesus é despojado das suas vestes.

**11.ª Estação** – Recorda o episódio em que Jesus é pregado na Cruz.

“A caminho do Calvário (Mt 27,32-33; Lc 23,26-32; Jo 19,16-17) - Levaram-no, então, para o crucificar.

21- Para lhe levar a cruz, requisitaram um homem que passava por ali ao regressar dos campos, um tal Simão de Cirene, pai de Alexandre e de Rufo.

22- E conduziram-no ao lugar do Gólgota, que quer dizer ‘lugar do Crânio’.<sup>95</sup>

“Jesus crucificado e escarnecido (Mt 27,34-44; Lc 23,33-43; Jo 19,18-24) –

23- Queriam dar-lhe vinho misturado com mirra, mas Ele não quis beber.

24- Depois, crucificaram-no e repartiram entre si as suas vestes, tirando-as à sorte, para ver o que cabia a cada um.

25- Eram umas nove horas da manhã, quando o crucificaram.

26- Na inscrição com a condenação, lia-se: «O rei dos judeus.»

27- Com Ele crucificaram dois ladrões, um à sua direita e o outro à sua esquerda.

28- Deste modo, cumpriu-se a passagem da Escritura que diz: Foi contado entre os malfeteiros.

29- Os que passavam injuriavam-no e, abanando a cabeça, diziam: «Olha o que destrói o templo e o reconstrói em três dias!

30- Salva-te a ti mesmo, descendo da cruz!»

31- Da mesma forma, os sumos-sacerdotes e os doutores da Lei troçavam dele entre si: «Salvou os outros, mas não pode salvar-se a si mesmo!

32- O Messias, o Rei de Israel! Desça agora da cruz para nós vermos e acreditarmos!» Até os que estavam crucificados com Ele o injuriavam”

**A 12.ª Estação** – Marca o momento em que Jesus morre na cruz<sup>96</sup>

“Morte de Jesus (Mt 27,45-56; Lc 23,44-49; Jo 19,25.28-30) –

33 -Ao chegar o meio-dia, fez-se trevas por toda a terra, até às três da tarde.

34- E às três da tarde, Jesus exclamou em alta voz: «Eloí, Eloí, lemá sabachtáni?», que quer dizer: Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?

35- Ao ouvi-lo, alguns que estavam ali disseram: «Está a chamar por Elias!»

---

<sup>95</sup> Ibidem Mc 15,21-22 pág. 1658;

<sup>96</sup> Ibidem Mc 15; 33-41 pág. 1658

36- Um deles correu a embeber uma esponja em vinagre, pô-la numa cana e deu-lhe de beber, dizendo: «Esperemos, a ver se Elias vem tirá-lo dali.»

37- Mas Jesus, com um grito forte, expirou.

38- E o véu do templo rasgou-se em dois, de alto a baixo.

39- O centurião que estava em frente dele, ao vê-lo expirar daquela maneira, disse: «Verdadeiramente este homem era Filho de Deus!»

40- Também ali estavam algumas mulheres a contemplar de longe; entre elas, Maria de Magdala, Maria, mãe de Tiago Menor e de José, e Salomé,

41- Que o seguiam e serviam quando Ele estava na Galileia; e muitas outras que tinham subido com Ele a Jerusalém.”

**A 13.<sup>a</sup> Estação**, representa o episódio em que Jesus é descido da cruz.

**14.<sup>a</sup> Estação** – Retrata o episódio em que Jesus é sepultado<sup>97</sup>

“Sepultura de Jesus (Mt 27,57-61; Lc 23,50-56; Jo 19,38-42) –

42- Ao cair da tarde, visto ser a Preparação, isto é, véspera do sábado,

43- José de Arimateia, respeitável membro do Conselho que também esperava o Reino de Deus, foi corajosamente procurar Pilatos e pediu-lhe o corpo de Jesus.

44- Pilatos espantou-se por Ele já estar morto e, mandando chamar o centurião, perguntou-lhe se já tinha morrido há muito.

45- Informado pelo centurião, Pilatos ordenou que o corpo fosse entregue a José.

46- Este, depois de comprar um lençol, desceu o corpo da cruz e envolveu-o nele. Em seguida, depositou-o num sepulcro cavado na rocha e rolou uma pedra sobre a entrada do sepulcro.

47- Maria de Magdala e Maria, mãe de José, observavam onde o depositaram.”

**15.<sup>a</sup> Estação** – Relembra o momento da Ressurreição de Jesus. Estas últimas duas estações da Via Dolorosa estão no interior do Santo Sepulcro.<sup>98</sup>

**Aparições de Jesus ressuscitado** (Mt 28,16-20; Lc 24,36-38; Jo 20,19-23; 1Cor 15,3-8) –

9- Tendo ressuscitado de manhã, no primeiro dia da semana, Jesus apareceu primeiramente a Maria de Magdala, da qual expulsara sete demónios.

10- Ela foi anunciá-lo aos que tinham sido seus companheiros, que viviam em luto e em pranto.

11- Mas eles, ouvindo dizer que Jesus estava vivo e fora visto por ela, não acreditaram.

---

<sup>97</sup> Ibidem Mc 15,42-47; pág. 1659

<sup>98</sup> Ibidem Mc 16,1-8; pág. 1660

12- Depois disto, Jesus apareceu com um aspecto diferente a dois deles que iam a caminho do campo.

13- Eles voltaram para trás a fim de o anunciar aos restantes. E também não acreditaram neles.

14- Apareceu, finalmente, aos próprios Onze quando estavam à mesa, e censurou-lhes a incredulidade e a dureza de coração em não acreditarem naqueles que o tinham visto ressuscitado.

15- E disse-lhes: «Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda a criatura.

16- Quem acreditar e for batizado será salvo; mas, quem não acreditar será condenado.

17 Estes sinais acompanharão aqueles que acreditarem: em meu nome expulsarão demónios, falarão línguas novas,

18- Apanharão serpentes com as mãos e, se beberem algum veneno mortal, não sofrerão nenhum mal; hão-de impor as mãos aos doentes e eles ficarão curados.»

**Igreja do Santo Sepulcro** – É o lugar mais sagrado de Jerusalém. No tempo de Jesus ficava fora das muralhas da cidade e era onde tinham lugar as execuções capitais. Chamava-se Gólgota (lugar do crânio), por causa da sua forma arredondada, semelhante a um crânio, e por causa da lenda que contava que o crânio de Adão estava ali sepultado. Em 135 d.C., o Imperador Adriano mandou construir nesta área o Foro e o Capitólio da cidade, lugar de culto da clássica tríada: Júpiter, Juno e Vénus. Em 325, S.ta Helena visitou Jerusalém e foi informada pelo bispo Macário de que, por baixo do Capitólio, se encontrava o Santo Sepulcro. As escavações que a Imperatriz mandou imediatamente iniciar trouxeram à luz o sepulcro de Jesus, que estava quase intacto. Em 335 d.C., o Imperador Constantino inaugurou a primeira igreja construída no local, com cinco naves e uma cripta. Em 614 d.C., a basílica foi destruída pelos persas, tendo sido reconstruída em 629 d.C. Em 1009, o Califa Al Hakim destruiu-a completamente.

Em 15 de julho de 1099, quando os cruzados conquistaram a cidade, a igreja foi profundamente intervencionada e novamente sagrada em 1149. Quando Jerusalém voltou a estar submetida ao domínio islâmico, em 1187, Saladino proibiu a destruição de qualquer edifício religioso associado ao cristianismo. Durante o séc. XIV, o local passou para o controlo de monges católicos e monges ortodoxos gregos. Havia outras comunidades (coptas egípcios e coptas sírios) que queriam ter a possibilidade de gerir o local. Em 1808, o templo sofreu um incêndio que o danificou profundamente. Ao longo da história foi motivo de disputas, por vezes violentas, entre as várias comunidades cristãs. Estes conflitos entre irmãos da mesma fé foram resolvidos por um decreto otomano datado de 1852, o celebre Status Quo, que ainda se encontra em vigor.

Na atualidade, o Santo Sepulcro está entregue às Igrejas Católica Romana, Copta, Arménia, Etíope, Ortodoxa Grega e Síria. Algumas das áreas são administradas em

conjunto. O mais curioso é o facto de a chave da igreja estar entregue a uma família muçulmana, que há várias gerações executa a cerimónia de a abrir e fechar. Ao entrarmos na basílica, imediatamente à direita, encontramos umas escadas que dão acesso ao Calvário (Gólgota); à esquerda encontramos a capela ortodoxa grega, onde sobre um altar de prata e bronze, doado por Fernando de Médicis em 1588, se encontra um buraco na rocha, no qual a cruz onde Cristo morreu foi, supostamente, colocada. É neste espaço sagrado que se encontram a 10.<sup>a</sup>, a 11.<sup>a</sup>, a 12.<sup>a</sup> e a 13.<sup>a</sup> Estações.

No espaço católico podemos observar uma bela imagem de Nossa Senhora das Dores do séc. XVIII, oferta da rainha portuguesa D. Maria I, em 1778. Ao descer-se ao Gólgota, encontra-se uma laje de pedra onde o corpo de Cristo foi depositado depois de ser descido da cruz. Por debaixo da capela ortodoxa grega, encostada à pedra do calvário, encontra-se a denominada capela de Adão, um pequeno espaço onde é visível na abside uma fissura na pedra, que a tradição diz ter sido causada pelo terramoto que se seguiu à morte de Cristo. O espaço mais sagrado encontra-se situado no centro da Rotunda; Jesus Cristo terá sido aqui sepultado dentro de uma pequena estrutura. É também aqui que se lembram as duas últimas estações da Via-sacra.

**O Túmulo de Jesus**, que está a cargo da Igreja Ortodoxa, tem suspensas do teto 43 lamparinas de prata: 13 pertencem aos latinos, 13 aos gregos, 13 aos arménios, e 4 à Igreja Copta. Um ícone de Nossa Senhora esconde uma parte do primitivo túmulo cavado na rocha. Por detrás do Túmulo do Senhor podemos observar uma antiga necrópole, onde estaria sepultado José de Arimateia, um "homem reto e justo" que esperava o Reino de Deus, que era membro do Conselho, e que era o proprietário do terreno onde fica o Sepulcro de Jesus. A Capela de S.ta Helena encontra-se no deambulatório na abside. O acesso feito pelas escadas cujas paredes laterais, cheias de cruces gravadas na pedra, pertencem à basílica do séc. IV, conduz à Capela Inventio Crucis (descoberta da Cruz).

**Túmulo do Jardim** – Também é chamado "Calvário de Gordon", em virtude do arqueólogo que descobriu este lugar, à saída da Porta de Damasco. Este relevo rochoso circundado por um jardim contém um antigo túmulo que muitos cristãos dizem ser o verdadeiro sepulcro de Jesus. Vista de longe, a colina tem realmente a forma dum crânio. Além disso, algumas características, como a presença duma cisterna e duma prensa para uvas, bem como a sua posição junto à porta da cidade, levaram muitos a crer que esta era uma alternativa válida ao Santo Sepulcro. O lugar é mantido por uma associação

beneficente britânica independente e é um ponto de peregrinação para as comunidades das Igrejas Evangélicas.

**Monte Sião** – Eleva-se no extremo Sudoeste da cidade amuralhada e é um espaço sagrado para judeus, cristãos e muçulmanos. Neste lugar encontra-se o Cenáculo, o túmulo do rei David e a Igreja da Dormição.

**Cenáculo** – De construção cruzada é caracterizada por arcos ogivais. No séc. XV, os muçulmanos conquistaram o monte Sião e transformaram a igreja numa mesquita. A entrada neste lugar foi proibida aos cristãos e aos hebreus por quase cinco séculos. É um dos locais mais importantes da fé cristã, onde teve lugar a Última Ceia durante a qual foi instituída a Eucaristia.<sup>99</sup>

“Instituição da Eucaristia –

14- Quando chegou a hora, pôs-se à mesa e os Apóstolos com Ele.

15- Disse-lhes: «Tenho ardentemente desejado comer esta Páscoa convosco,

16- Pois digo-vos que já não a voltarei a comer até ela ter pleno cumprimento no Reino de Deus.»

17 - Tomando uma taça, deu graças e disse: «Tomai e reparti entre vós,

18- Pois digo-vos que não tornarei a beber do fruto da videira, até chegar o Reino de Deus.»

19- Tomou, então, o pão e, depois de dar graças, partiu-o e distribuiu-o por eles, dizendo: «Isto é o meu corpo, que vai ser entregue por vós; fazei isto em minha memória.»

20- Depois da ceia, fez o mesmo com o cálice, dizendo: «Este cálice é a nova Aliança no meu sangue, que vai ser derramado por vós.»

Também foi neste espaço sagrado para os cristãos que Jesus lavou os pés aos apóstolos.<sup>100</sup>

Jesus lava os pés aos discípulos<sup>101</sup> - Lc 24,36-38; Jo 20,19-23; 1Cor 15,3-8)

1- Antes da festa da Páscoa, Jesus, sabendo bem que tinha chegado a sua hora da passagem deste mundo para o Pai, Ele, que amara os seus que estavam no mundo, levou o seu amor por eles até ao extremo.

2 - O diabo já tinha metido no coração de Judas, filho de Simão Iscariotes, a decisão de o entregar.

---

<sup>99</sup> Ibidem Lc 22:14-20 pág. 1718

<sup>100</sup> Ibidem Jo 13: 1-20; pág. 1756

- 3- Enquanto celebravam a ceia, Jesus, sabendo perfeitamente que o Pai tudo lhe pusera nas mãos, e que saíra de Deus e para Deus voltava,
  - 4- evantou-se da mesa, tirou o manto, tomou uma toalha e atou-a à cintura.
  - 5- Depois deitou água na bacia e começou a lavar os pés aos discípulos e a enxugá-los com a toalha que atara à cintura.
  - 6- Chegou, pois, a Simão Pedro. Este disse-lhe: «Senhor, Tu é que me lavas os pés?»
  - 7- Jesus respondeu-lhe: «O que Eu estou a fazer tu não o entendes por agora, mas há-de - não te lavar, nada terás a haver comigo.»
  - 8- Disse-lhe, então, Simão Pedro: «Ó Senhor! Não só os pés, mas também as mãos e a cabeça!»
  - 9- Respondeu-lhe Jesus: «Quem tomou banho não precisa de lavar senão os pés, pois está todo limpo. E vós estais limpos, mas não todos.»
  - 10- Ele bem sabia quem o ia entregar; por isso é que lhe disse: 'Nem todos estais limpos'.
  - 12- Depois de lhes ter lavado os pés e de ter posto o manto, voltou a sentar-se à mesa e disse-lhes:
    - 13- «Compreendeis o que vos fiz? Vós chamais-me 'o Mestre' e 'o Senhor', e dizeis bem, porque o sou.
    - 14- Ora, se Eu, o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros.
    - 15- Na verdade, dei-vos exemplo para que, assim como Eu fiz, vós façais também.
    - 16- Em verdade, em verdade vos digo, não é o servo mais do que o seu Senhor, nem o enviado mais do que aquele que o envia.
    - 17- Uma vez que sabeis isto, sereis felizes se o puserdes em prática.
    - 18- Não me refiro a todos vós. Eu bem sei quem escolhi, e há-de cumprir-se a Escritura: Aquele que come do meu pão levantou contra mim o calcanhar.
    - 19- Desde já vo-lo digo, antes que isso aconteça, para que, quando acontecer, acrediteis que Eu sou.
    - 22 Em verdade, em verdade vos digo: quem receber aquele que Eu enviar é a mim que recebe, e quem me recebe a mim, recebe aquele que me enviou.»
- Jesus nesta sala icónica deu ao mundo um Mandamento Novo<sup>102</sup>.  
O mandamento do amor (Mc 12,28-34; Lc 10,25-28; Jo 13,33-35) –
- 34- Constando-lhes que Jesus reduzira os saduceus ao silêncio, os fariseus reuniram-se em grupo.
  - 35- E um deles, que era legista, perguntou-lhe para o embaraçar:
  - 36- «Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?»
  - 37- Jesus disse-lhe:

---

<sup>102</sup> Ibidem Mt 22,34-40; pág. 1607



Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua mente.

38- Este é o maior e o primeiro mandamento.

39- O segundo é semelhante: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo.

40- Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas."

**Túmulo de David** – Desde o séc. X d.C. que uma lenda conta que o Rei David, depois de ter reinado sobre Israel por 40 anos, foi enterrado neste lugar, que se situa exatamente por baixo do Cenáculo. Na verdade, não há qualquer indicação histórica que aqui repouse o corpo do Rei David. Em 1524, os muçulmanos que veneravam El Nabi Daoud como um grande profeta, transformaram este lugar numa mesquita e proibiram o acesso aos cristãos e aos judeus, situação que se manteve até 1948. Um grande cenotáfio de pedra, coberto por um tecido com a estrela de David, é circundado por vinte e duas coroas de Tora, de prata maciça, que lembram os 22 Reis que sucederam a David no trono de Israel.

**Basílica da Dormição** – Esta bela igreja beneditina foi construída entre 1900 e 1910, em estilo neorromânico e com uma torre abobadada, segundo um projeto de Heinrich Renard. Foi erguida no lugar onde dizem que Nossa Senhora caiu num sono eterno. A cripta da igreja contém a estátua jacente de Maria, que a representa colhida no seu último sono.

**Bairro de Mea Shearim** – Fica situado nas proximidades das muralhas da cidade antiga de Jerusalém. A maioria da comunidade dos judeus ortodoxos vive neste bairro. A concentração dos judeus ortodoxos neste espaço teve início no séc. XIX. Com a guerra de 1948, apesar dos jordanos terem ocupado o território que compreende a cidade velha dentro das muralhas, o bairro Mea Shearim ficou debaixo do controlo de Israel. Dentro do bairro vive-se um ambiente que contrasta com o resto da cidade. A cor predominante do vestuário dos seus habitantes é o preto, sinal de luto pela ausência do Templo. O idioma do bairro é o ídiche, idioma arcaico dos judeus. Os trajos usados pelos homens – casacos e chapéus – diferem conforme o grupo a que pertençam: ultraortodoxos ou ortodoxos modernos. As mulheres não podem usar calças e vestem-se de forma muito modesta e discreta. No bairro, as leis da Tora são escrupulosamente cumpridas, e durante o Shabbat, desde sexta-feira ao pôr-do-sol até sábado ao pôr-do-sol, as ruas são fechadas ao trânsito. O nome Mea

Shearim (cem portas) provém de um versículo do Parashá lido na semana em que a comunidade se estabeleceu, que consta no Génesis<sup>103</sup>:

“12 Isaac fez as suas sementeiras naquelas terras e, no mesmo ano, recolheu cem vezes mais, pois o SENHOR abençoara-o”.

**Cardo Romano** – Está situado no Bairro Judeu e foi edificado no tempo romano. Foi alargado pelos bizantinos durante o séc. IV d.C. Na época fazia a ligação entre as duas igrejas mais importantes de Jerusalém, o Santo Sepulcro, a Norte, e a Basílica de Nea, a Sul, entretanto desaparecida. Esta artéria tinha de largura 12,5 m e mais de 200 m de comprimento, era ladeada por pavimentos com pórticos onde se alojavam as lojas para a atividade comercial. Aparece no famoso mosaico descoberto em Madaba, na Jordânia, datado do séc. VI. No tempo das cruzadas, nos séculos XII e XIII d.C., o Cardo foi transformado em mercado coberto, conforme se constata hoje.

**Casa Queimada** – É um testemunho dos trágicos acontecimentos que ocorreram em Jerusalém quando, no ano 70 d.C., o general Tito, futuro Imperador romano, destruiu o segundo Templo e, cerca de 30 dias depois, incendiou a maior parte da cidade. A Casa Queimada é uma memória viva desse acontecimento. Também é conhecida por Casa de Katros, porque entre os detritos foi encontrada uma inscrição que dizia “Filho de Katros”. Sabe-se que pertencia a uma família da aristocracia sacerdotal. A casa tem uma área total de 55 m<sup>2</sup>, mostra-nos um corredor que dá acesso à cozinha, aos quatro quartos e a uma casa de banho com banho ritual.

**Muro das Lamentações (Muro Ocidental)** – É o local mais venerado pelos judeus e onde estes choram a destruição do templo. A sua altura é de 15 m. Fazia parte da estrutura da plataforma mandada edificar por Herodes, o Grande, quando mandou edificar o segundo templo, que foi destruído no ano 70 d.C., pelo general romano Tito. Este local é considerado como uma sinagoga, e o acesso de homens e de mulheres é feito em separado. Todos têm de ter a cabeça coberta com o quipá para entrar.

**Esplanada do Templo** – Encontra-se aqui a Cúpula da Rocha (Mesquita de Omar), edifício de planta octogonal. Foi mandada edificar pelo Califa Abd Al Malik entre 687 e 692 d.C. É no interior desta mesquita que se encontra um dos locais mais sagrados para o judaísmo, o Monte Mória, que lembra o episódio em que Abraão esteve disposto a sacrificar o seu filho Isaac, como prova de amor a Deus.<sup>104</sup>

---

<sup>103</sup> Ibidem Gn 26,12 pág. 58

"Sacrifício de Isaac -

- 1- Após estas ocorrências, Deus pôs Abraão à prova e chamou-o: «Abraão!» Ele respondeu: «Aqui estou.»
- 2- Deus disse: «Pega no teu filho, no teu único filho, a quem tanto amas, Isaac, e vai à região de Moriá, onde o oferecerás em holocausto, num dos montes que Eu te indicar.»
- 3- No dia seguinte de manhã, Abraão aparelhou o jumento, tomou consigo dois servos e o seu filho Isaac, partiu lenha para o holocausto e pôs-se a caminho para o lugar que Deus lhe tinha indicado.
- 4- Ao terceiro dia, erguendo os olhos, viu à distância aquele lugar.
- 5- Disse então aos servos: «Ficai aqui com o jumento; eu e o menino vamos até além, para adorarmos; depois, voltaremos para junto de vós.»
- 6- Abraão apanhou a lenha destinada ao holocausto, entregou-a ao seu filho Isaac e, levando na mão o fogo e o cutelo, seguiram os dois juntos.
- 7- Isaac disse a Abraão, seu pai: «Meu pai!» E ele respondeu: «Que queres, meu filho?» Isaac prosseguiu: «Levamos fogo e lenha, mas onde está a vítima para o holocausto?»
- 8- Abraão respondeu: «Deus proverá quanto à vítima para o holocausto, meu filho.» E os dois prosseguiram juntos.
- 9- Chegados ao sítio que Deus indicara, Abraão construiu um altar, dispôs a lenha, atou Isaac, seu filho, e colocou-o sobre o altar, por cima da lenha.
- 10- Depois, estendendo a mão, agarrou no cutelo, para degolar o filho.
- 11- Mas o mensageiro do SENHOR gritou-lhe do céu: «Abraão! Abraão!» Ele respondeu: «Aqui estou.»
- 12- O mensageiro disse: «Não levantes a tua mão sobre o menino e não lhe faças mal algum, porque sei agora que, na verdade, temes a Deus, visto não me teres recusado o teu único filho.»
- 13- Erguendo Abraão os olhos, viu então um carneiro preso pelos chifres a um silvado. Foi buscá-lo e ofereceu-o em holocausto, em substituição do seu filho.
- 14- Abraão chamou a este lugar: «O SENHOR providenciará»; e dele ainda hoje se diz: «Na montanha, o SENHOR providenciará.»
- 15- O mensageiro do SENHOR chamou Abraão do céu, pela segunda vez,
- 16- E disse-lhe: «Juro por mim mesmo, declara o SENHOR, que, por teres procedido dessa forma e por não me teres recusado o teu filho, o teu único filho,
- 17- abençoar-te-ei e multiplicarei a tua descendência como as estrelas do céu e como a areia das praias do mar. Os teus descendentes apoderar-se-ão das cidades dos seus inimigos.

---

<sup>104</sup> Ibidem Gn 22; 1-19 pág. 51

18- E todas as nações da Terra se sentirão abençoadas na tua descendência, porque obedeceste à minha voz.»

19- Abraão voltou para junto dos servos, e regressaram juntos a Bercheba, onde Abraão fixou residência”.

Este episódio é considerado como um marco civilizacional, pois ilustra o momento em que terminaram dentro da comunidade os sacrifícios humanos, que passam a ser substituídos por sacrifícios de animais. Era neste espaço que se encontrava o local mais sagrado do templo judaico, o Santo dos Santos. A brilhante cúpula desta mesquita é de alumínio, está revestida a ouro, e é decorada com versículos corânicos. No interior da cúpula pode ler-se: “Esta cúpula foi construída por Abd al Malik, filho de Maruane, chefe dos crentes, no ano de 72”. O edifício tem quatro portais. A fachada está coberta por lajes de mármore, pequenos mosaicos multicolores e por citações do Corão. Este local está carregado de simbologia para os muçulmanos, que o associam à ascensão do profeta Maomé. Maomé terá ascendido ao Céu depois da célebre Jornada Noturna, que levou a cabo montado num Buraq (animal branco, metade burro, metade mula, com asas). Esta jornada teve início em Meca. Os muçulmanos acreditam que o animal deixou uma marca numa rocha que prova a veracidade da história. Na outra extremidade da Esplanada do Templo, podemos ver a Mesquita de Al Aqsa, erigida entre 707 e 709 pelo Califa de Damasco Al Walid. Trata-se de um edifício de grandes dimensões, com cobertura em madeira ricamente trabalhada. Porém, do edifício original pouco resta.

Foi neste local que, em 1951, foi assassinato o Rei jordano, Abdullah, bisavô do atual monarca haxemita. Para alguns historiadores, esta mesquita encontra-se no local onde, no ano de 536 d.C., tinha sido erguida uma basílica em homenagem a Santa Maria por ordem de Justiniano. Na primeira fase do islamismo, o espaço que compreende as duas mesquitas era considerado o mais sagrado, pelo que os primeiros fiéis rezavam voltados para Jerusalém, que mais tarde vai ser substituída por Meca, quando esta passou a ser o local mais sagrado para o Islão. Meca, Medina e Jerusalém são os três lugares mais sagrados para os muçulmanos.

**Parque Arqueológico de Jerusalém** – Situa-se em frente do famoso Arco de Robinson, nome dado a uma escadaria monumental que ligava a Esplanada do Templo à cidade, no canto Sudoeste do monte do Templo. O complexo arqueológico proporciona aos visitantes visitar a cidade gloriosa do passado através de uma projeção de 10 minutos que relata a experiência dos peregrinos quando visitavam o segundo templo. Esta projeção

resulta da aplicação de uma sofisticada tecnologia. Segue-se a visita à zona arqueológica, que inclui a escadaria e a porta da zona Sul, que dava acesso ao interior do templo.

Sinagoga de Jeshurun –É a principal e a maior sinagoga de Jerusalém. Deve o seu nome à maneira poética como Moisés se referia a Israel<sup>105</sup>. E houve um rei em Jechurun, quando se reuniram os chefes do povo e se juntaram todas as tribos de Israel “. A sinagoga fica situada junto à Av. King George.

### **Jerusalém Moderna**

**Knesset** – É o Parlamento de Israel. O atual edifício foi edificado em 1957 pelo barão James Armand de Rothschild. Porém, desde 1949, já havia um parlamento israelense, cujos membros se reuniam em diversos espaços, em Jerusalém e Telavive. O Knesset tem 120 membros e representa o poder legislativo de Israel, que também elege o Governo e o Presidente. Em parte, o edifício ficou famoso graças aos vitrais, obra do famoso artista judeu Marc Chagall.

**Menorá do Knesset** – Está situado em frente à Knesset e é o mais famoso candelabro da cidade. Foi projetado pelo escultor judeu Benno Elkan (1877-1960). Foi construído em bronze, com uma altura de 4,30 m, com uma largura de 3,5 m, e com um peso de 4 t. Há imensas esculturas em bronze que contam a história do povo de Israel, retratam a sua luta pela sobrevivência, desde o exílio até ao retorno à Terra Prometida, e a independência do Estado de Israel, em 1948.

**Museu de Israel** – Foi fundado em 1965 e é a maior instituição cultural do Estado. É considerado um dos maiores museus do mundo consagrado à arqueologia bíblica, com coleções provenientes de África, da América e da Oceânia. As secções principais do museu são as seguintes: Santuário do Livro; Jardim de Arte de Billy Rose; Museu Arqueológico e Maquete do Modelo do Segundo Templo.

No **Santuário do Livro** sobressai a arquitetura do edifício, que difere do restante complexo museológico. No topo há uma enorme cúpula de cor branca, que representa o bem e a luz, e contrasta com o muro de cor negra, que representa o mal, a escuridão e a ignorância. A cúpula é a única parte visível do edifício, a única parte que se eleva da terra. O museu acolhe os manuscritos do mar Morto, encontrados em Qumran, no deserto da

---

<sup>105</sup>Ibidem Dt, 33, 5 26 pág.304

Judeia, em 1948, que foram compilados pela comunidade dos essênios, um grupo de judeus que ali viveu entre o séc. II a.C. e o ano de 68 d.C., altura em que os romanos chegaram. Foram encontrados fragmentos de toda a Bíblia hebraica, exceto do livro de Ester e do livro de Neemias. Os manuscritos incluem livros apócrifos do Antigo Testamento e o livro de regras da comunidade.

**O Jardim de Arte** é composto por várias esculturas pertencentes a artistas contemporâneos e por ruínas de várias e antigas sinagogas. Destaque para o candelabro gravado na pedra, encontrado nas ruínas de Tiberíades.

**O Museu Arqueológico** alberga uma excelente coleção de grande valor museológico, que abrange peças datadas do Paleolítico Inferior, com 500.000 anos. Reúne ainda peças dos períodos bíblicos, romano, bizantino, árabe, cruzado e mameluco. Em 2013, abriu uma secção que expõe peças que nos falam sobre a vida e o legado do Rei Herodes.

**O Modelo do Segundo Templo** é a mais recente atração do museu e retrata-nos a cidade de Jerusalém do séc. I d.C. O modelo reconstrói a topografia e o traçado urbanístico da cidade e do templo até à sua destruição pelos romanos. A maquete é alterada sempre que os arqueólogos fazem novas descobertas.

**Museu de Yad Vashem (Museu do Holocausto)** – Fica situado no sopé do monte Herzl (monte da Recordação). Foi inaugurado em 1953, como memorial oficial de Israel; lembrar os 6 milhões de judeus vítimas do nazismo. O seu nome provém dum versículo bíblico: "E a eles darei a minha casa e dentro dos meus muros um memorial e um nome (Yad Vashem) que não será arrancado" (Is, 56,5). Na atualidade, este complexo museológico é composto pelo Museu da História do Holocausto e vários memoriais, entre outras secções. Destaque para o memorial das crianças, Yad Layeled, dedicado às cerca de 1,5 milhões de crianças vítimas no Holocausto. É uma espécie de caverna escura, com retratos de crianças, onde se projetam através de espelhos milhares de velas em memória das crianças. É impressionante: ninguém deixa de sentir uma forte emoção ao ouvir repetir os nomes das crianças, a sua idade e a sua origem geográfica. Estes dados são prenunciados em inglês e em hebraico. A sala da Memória, o Museu de Arte do Holocausto, o vale das Comunidades, e a sinagoga, são outras secções a não perder. As personalidades não judias que contribuíram para o salvamento de judeus durante o período do Holocausto, com risco das próprias vidas, são aqui honrados com a designação de Justos entre as Nações. Aristides Sousa Mendes é um dos heróis ali honrados. Este monumento, a seguir ao Muro

Ocidental, é o segundo ponto turístico mais visitado em Israel, com mais de 1 milhão de visitantes anuais.

### **Túmulo De Raquel**

O túmulo e o edifício que cobre o túmulo foram construídos cerca do ano de 1620, pelo império otomano. O túmulo foi reconstruído em 1860, por Moses Montefiore. O túmulo de Raquel, a "*mãe de Israel*", encontra-se a meio caminho entre Jerusalém e Belém<sup>106</sup>.

"16- Partiram de Betel, e faltava ainda um pouco de tempo para chegarem a Efrata, quando Raquel deu à luz e o seu parto foi difícil.

17- Durante as dores do parto, a parteira disse-lhe: «Ânimo, porque voltas a ter um filho.»

18- Ora no momento do último suspiro – pois estava a morrer – deu-lhe o nome de Ben-Oni; mas seu pai chamou-o Benjamim.

19- Então Raquel morreu e foi enterrada no caminho de Efrata, que é Belém.

20- Jacob levantou um monumento sobre o seu túmulo: é o monumento do túmulo de Raquel, que ainda hoje existe."

Com a construção do muro construído por Israel, o túmulo ficou integrado no próprio muro, e hoje também é uma sinagoga). Este local também é sagrado para os muçulmanos.

### **Belém**

Encontra-se sobre uma colina rochosa a aproximadamente 800 m de altitude, a cerca de 10 km de Jerusalém, na parte central da Cisjordânia, e é a capital da província de Belém. A primeira referência com o nome da cidade na Bíblia está relacionada com a morte de Raquel Em Belém nasceram outros ilustres protagonistas da história de Israel, como Benjamim, o último dos patriarcas descendentes de Jacob

Foi em Belém que o rei David, foi coroado Rei de Israel e ungido por Samuel,<sup>107</sup>.

"Unção de David –

1- O Senhor disse a Samuel: «Até quando chorarás Saul, tendo-o Eu rejeitado para que não reine em Israel? Enche o teu chifre de óleo e vai. Quero enviar-te a Jessé de Belém, pois escolhi um rei entre os seus filhos.» Samuel respondeu: «Como hei-de ir? Se Saul souber, irá tirar-me a vida.»

---

<sup>106</sup> Ibidem 1 Cr 2,1-8) Gn 35,16-19 pág.73,74

<sup>107</sup> Ibidem 1 Sam 16: 1-,13 pág. 407

2- O Senhor disse: «Levarás contigo um novilho e dirás que vais oferecer um sacrifício ao Senhor.

3- Convidarás Jessé para o sacrifício e Eu te revelarei o que deverás fazer. Darás por mim a unção àquele que Eu te indicar.»

4- Fez Samuel como o Senhor ordenara.

Ao chegar a Belém, os anciãos da cidade saíram-lhe ao encontro, inquietos e disseram: «É de paz a tua vinda?»

5- Ele respondeu: «Sim. Venho oferecer um sacrifício ao Senhor; purificai-vos e acompanhai-me para o sacrifício.» Ele mesmo purificou Jessé e os filhos e convidou-os para o sacrifício.

6- Logo que entraram, Samuel viu Eliab e pensou consigo: «Certamente é este o ungido do Senhor.»

7- Mas o Senhor disse a Samuel: «Que te não impressione o seu belo aspeto, nem a sua alta estatura, pois Eu rejeitei-o. O que o homem vê não importa; o homem vê as aparências, mas o Senhor olha o coração.»

8- Jessé chamou Abinadab e apresentou-o a Samuel, que disse: «Não é este o que o Senhor escolheu.»

9- Jessé trouxe-lhe, também, Chamá. E Samuel disse: «Ainda não é este o que o Senhor escolheu.»

10- Jessé apresentou-lhe, assim, os seus sete filhos, mas Samuel disse: «O Senhor não escolheu nenhum deles.»

11- E acrescentou: «Estão aqui todos os teus filhos?» Jessé respondeu: «Resta ainda o mais novo, que anda a apas-centar as ovelhas.» Samuel ordenou a Jessé: «Manda buscá-lo, pois não nos sentaremos à mesa antes de ele ter chegado.»

12- Jessé mandou então buscá-lo. David era louro, de belos olhos e de aparência formosa. O Senhor disse: «Ei-lo, unge-o: é esse.»

13- Samuel tomou o chifre de óleo e ungiu-o na presença dos seus irmãos. E, a partir daquele dia, o espírito do Senhor apoderou-se de David. E Samuel voltou para Ramá.

O profeta bíblico Miqueias (séc. VIII a.C.) afirmava que Belém era a cidade messiânica. O maior acontecimento que aqui teve lugar foi o nascimento de Jesus”.

Na primeira metade do séc. VI, a cidade foi atacada e saqueada pelos samaritanos, mas foi reconstruída pelo Imperador bizantino Justiniano II. Em 637 d.C., foi conquistada pelo Califa Omar, que garantiu a segurança para visitar os santuários religiosos da cidade. Em 1099, com a chegada e conquista dos cruzados, o seu clero ortodoxo grego foi substituído pelo clero latino, mas os cruzados acabaram por ser expulsos quando a cidade foi capturada por Saladino, Sultão do Egito e da Síria. Em 1250 d.C., as suas muralhas



foram destruídas com a chegada dos mamelucos, e só foram reconstruídas durante o domínio do Império Otomano. Durante a I Guerra Mundial, a cidade foi controlada pelos britânicos e incluída numa zona internacional sob o Plano de Partilha das Nações Unidas para a Palestina. A cidade é habitada por uma das mais antigas comunidades cristãs do mundo, mas devido à crise económica e política dos últimos anos a maioria da comunidade abandonou a cidade.

Principais atrações:

**Basílica da Natividade** – Foi construída em 326 d.C., no tempo do Imperador Constantino, na sequência da presença de S.ta Helena na Terra Santa, quando, no ano de 326, teve conhecimento que por baixo do bosque que era sagrado para os romanos, plantado em honra de Adónis, estava a Gruta Sagrada onde nasceu o Salvador. Surge assim, por cima da gruta da Natividade de Jesus, uma grande basílica com construção poligonal, de 5 naves, precedida por um átrio. No séc. IV, S. Jerónimo (327-420) instalou-se numa gruta contígua à do nascimento de Jesus, onde se dedicou, a pedido do bispo Dâmaso I, à tradução da Bíblia do grego para o latim (Vulgata). Em 531 d.C., no tempo do Imperador Justiniano, a basílica sofreu profundas modificações. A construção poligonal foi substituída por um templo de três absides e o pavimento foi coberto com magníficos mosaicos; a antiga estrutura terá ficado coberta por ladrilhos de mármore, conforme hoje se observa. Ainda no final do séc. VI, ocorre a invasão persa, com a qual todos os templos cristãos da Terra Santa ficam destruídos, à exceção da Basílica da Natividade, por esta ter os magos pintados à entrada do templo, facto que terá levado os persas a pensar que não se tratava de um templo cristão.

Após as cruzadas, os frades menores detiveram a posse plena da basílica, e ali se mantiveram até 1757. Na atualidade, a custódia deste espaço está a cargo dos franciscanos e dos ortodoxos. A Gruta da Natividade encontra-se por baixo da igreja ortodoxa; ocupa uma superfície de 36 m<sup>2</sup>, com 12 m de comprimento e 3 m de largura. O local onde a tradição diz que Jesus veio ao mundo está assinalado com uma estrela de prata de 14 pontas, que representa as 14 gerações míticas desde Abraão até ao nascimento de Cristo, e com uma inscrição latina, onde se lê: "Aqui nasceu Jesus Cristo da Virgem Maria".<sup>108</sup>

---

<sup>108</sup> Ibidem Lc 2,1-6 pág. 1669

"Nascimento de Jesus –

- 1- Por aqueles dias, saiu um édito da parte de César Augusto para ser recenseada toda a terra.
- 2- Este recenseamento foi o primeiro que se fez, sendo Quirino governador da Síria.
- 3- Todos iam recensear-se, cada qual à sua própria cidade.
- 4- Também José, deixando a cidade de Nazaré, na Galileia, subiu até à Judeia, à cidade de David, chamada Belém, por ser da casa e linhagem de David,
- 5- A fim de se recensear com Maria, sua esposa, que se encontrava grávida.
- 6- E, quando eles ali se encontravam, completaram-se os dias de ela dar à luz
- 7- E teve o seu filho primogénito, que envolveu em panos e recostou numa manjedoura, por não haver lugar para eles na hospedaria. “

Em 1881, os franciscanos construíram a Igreja de S.ta Catarina, local de onde é transmitida a Missa do Galo para o mundo inteiro todos os anos no dia 24 de dezembro. Na parte inferior da Igreja, encontram-se as Grutas do Leite, dos Inocentes e de S. Jerónimo. Em 2012, a basílica foi classificada como Património da Humanidade pela UNESCO.

**Campo dos Pastores** – Encontra-se a cerca de 3 km de Belém. Neste espaço existe uma gruta e uma igreja onde há um fresco que representa o nascimento de Cristo Era o local onde os pastores pernoitavam e guardavam os rebanhos quando o anjo lhes apareceu e anunciou o nascimento do Salvador.<sup>109</sup>

“8- Na mesma região encontravam-se uns pastores que pernoitavam nos campos, guardando os seus rebanhos durante a noite.

9- Um anjo do Senhor apareceu-lhes, e a glória do Senhor refulgiu em volta deles; e tiveram muito medo.

11- O anjo disse-lhes: «Não temais, pois anuncio-vos uma grande alegria, que o será para todo o povo:

12- Hoje, na cidade de David, nasceu-vos um Salvador, que é o Messias Senhor.

13- Isto vos servirá de sinal: encontrareis um menino envolto em panos e deitado numa manjedoura.»

14- De repente, juntou-se ao anjo uma multidão do exército celeste, louvando a Deus e dizendo:

15- «Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens do seu agrado.»

16- Quando os anjos se afastaram deles em direção ao Céu, os pastores disseram uns aos outros: «Vamos a Belém ver o que aconteceu e que o Senhor nos deu a conhecer.»

17- Foram apressadamente e encontraram Maria, José e o menino deitado na manjedoura.

---

<sup>109</sup> Ibidem Lc 2, 8-16 pág.1670

- 18- Depois de terem visto, começaram a divulgar o que lhes tinham dito a respeito daquele menino.
- 19- Todos os que ouviram se admiravam do que lhes diziam os pastores.
- 20- Quanto a Maria, conservava todas estas coisas , ponderando-as no seu coração."

Bibliografia Aconselhada nos territórios Autoridade Nacional Palestiniana/Palestina (Franja de Gaza e parte de Cisjordania)

Difusora Bíblica Capuchinhos, Franciscanos Bíblia Sagrada Para o Terceiro Milénio da Encarnação, Difusora Bíblica Fátima (2008).

Moura, Francisco. Viajar pelo Mundo. Lisboa: edição autor (2016).

Pinto, P. & Moura Francisco. Itinerários de Fé Lisboa: Media Livros, Atividades Editoriais SA. 2005

### **Mambré**

Fica situado junto a Hebron. Na época de Abraão neste território existiam vários campos com carvalhos, e muitos habitantes de Canaã eram praticantes da religião animista. (O animismo é considerado a forma mais antiga de religião, quando o ser humano via todas as coisas em seu redor como habitadas por entidades espirituais, e deuses. Embora a visão animística estivesse relacionada obviamente a qualquer elemento da natureza os antigos povos da Mesopotâmia viam o carvalho como uma forma acima dos demais).

Em Manbre assinala-se o inusitado encontro de Abraão com Deus, sob o carvalho de Mambré, quando Abraão, recebe Deus vivo na sua tenda, numa altura em que o patriarca se havia retirado com o seu clã, para as colinas de Mambré Sudoeste da atual Jerusalém.<sup>110</sup>

"Três visitantes misteriosos -

1- O SENHOR apareceu a Abraão junto dos Carvalhos de Mambré, quando ele estava sentado à porta da sua tenda, durante as horas quentes do dia.

2- Abraão ergueu os olhos e viu três homens de pé em frente dele. Imediatamente correu da entrada da tenda ao seu encontro, prostrou-se por terra

3- E disse: «Meu Senhor, se mereci o teu favor, peço-te que não passes adiante, sem parar em casa do teu servo.

4- Permite que se traga um pouco de água para vos lavar os pés; e descansai debaixo desta árvore.

---

<sup>110</sup> Ibidem Gn -18 1-15 pág. 45

5- Vou buscar um bocado de pão e, quando as vossas forças estiverem restauradas, prosseguireis o vosso caminho, pois não deve ser em vão que passastes junto do vosso servo.» Eles responderam: «Faz como disseste.»

6- Abraão foi, sem perda de tempo, à tenda onde se encontrava Sara e disse-lhe: «Depressa, amassa já três medidas de flor de farinha e coze uns pães no borralho.»

7- Correu ao rebanho, escolheu um vitelo dos mais tenros e gordos e entregou-o ao servo, que imediatamente o preparou.

8- Tomou manteiga, leite e o vitelo já pronto e colocou-o diante deles. E ficou de pé junto dos estranhos, debaixo da árvore, enquanto eles comiam.

9- Então, disseram-lhe: «Onde está Sara, tua mulher?» Ele respondeu: «Está aqui na tenda.»

10- Um deles disse: «Passarei novamente pela tua casa dentro de um ano, nesta mesma época; e Sara, tua mulher, terá já um filho.» Ora, Sara estava a escutar à entrada da tenda, mesmo por trás dele.

11- Abraão e Sara eram já velhos, de idade muito avançada, e Sara já não estava em idade de ter filhos.

12- Sara riu-se consigo mesma e pensou: «Velha como estou, poderei ainda ter esta alegria, sendo também velho o meu senhor?»

13- O SENHOR disse a Abraão: «Porque está Sara a rir e a dizer: 'Será verdade que eu hei-de ter um filho, velha como estou?'

14- Haverá alguma coisa que seja impossível para o SENHOR? Dentro de um ano, nesta mesma época, voltarei à tua casa, e Sara terá já um filho.»

15- Cheia de medo, Sara negou, dizendo: «Não me ri.» Mas Ele disse-lhe: «Não! Tu riste-te mesmo.» “

## **Hébron**

Esta situada nas montanhas da Judeia. É uma cidade da Cisjordânia, ocupada por Israel. Hébron ficou famosa por ali estarem sepultados os patriarcas Abraão, Isaac e Jacob.

Foi também neste local que morreu Sara, a mulher de Abraão. Foi outrora uma cidade cananeia com o nome de Quiriate-Arba. Está ligada a muitas cenas bíblicas relatadas no Antigo Testamento. O Rei David refugiou-se em Hébron com as suas mulheres Ainoã, a jezraelita, e Abigail, foi ungido em Hébron e aqui reinou durante sete anos, antes de ser Rei em Jerusalém. Hébron é considerada uma cidade sagrada para as três religiões abraâmicas.

Principais atrações:

**Túmulo dos Patriarcas** – A estrutura atual data do período de Herodes, o Grande, que encerrou a gruta onde segundo a tradição estariam sepultados os Patriarcas e suas esposas (Abraão, Sara; Isaac, Rebeca; Jacób e Lea). O espaço geográfico onde se encontra este edifício icónico para as religiões abraâmicas, foi adquirido pelo Abraão aos hititas que na altura controlavam a região para aí depositar os restos mortais da sua esposa Sara.<sup>111</sup>

Compra de uma gruta sepulcral (47,27-31; 50,7-14) –

- 1- Sara viveu cento e vinte e sete anos. Foi esta a duração da sua vida.
- 2- Morreu em Quiriat-Arbá, a actual Hebron, na terra de Canaã. Abraão foi lá para fazer o funeral de Sara e para a chorar.
- 3- Retirando-se da presença da sua morta, Abraão falou assim aos hititas:
- 4- «Sou estrangeiro e hóspede entre vós; permiti que eu adquira, como propriedade minha, um sepulcro na vossa terra, para que eu possa tirar a minha morta de diante de mim e sepultá-la.»
- 5- Os hititas responderam a Abraão:
- 6- «Escuta-nos, senhor: tu és um príncipe divino entre nós. Sepulta a tua morta no melhor dos nossos sepulcros. Nenhum de nós poderá recusar-te o seu sepulcro, para nele depositares a tua morta.»
- 7- Abraão avançou e, prostrando-se perante o povo daquela terra, os hititas,
- 8- disse-lhes: «Se achais bem que tire de diante de mim a minha morta e lhe dê sepultura, escutai-me e intercedei por mim junto de Efron, filho de Soar,
- 9- Para que ele me ceda, por seu justo preço, a caverna de Macpela, que lhe pertence e está situada no extremo da sua propriedade, de modo que eu seja o dono do sepulcro.»
- 10- Ora Efron estava sentado entre os hititas. E Efron, o hitita, respondeu a Abraão, na presença dos hititas e de todos aqueles que entravam pela porta da sua cidade:
- 11- «Não, meu senhor! Ouve-me. Dou-te a terra e a caverna que nela existe. Ofereço-tas, em presença dos filhos do meu povo; enterra a tua morta.»
- 12- Abraão prostrou-se diante do povo do país
- 13- E, dirigindo-se a Efron, de modo a ser por todos ouvido, disse-lhe: «Rogo-te que me escutes. Dar-te-ei o preço do terreno, aceita-o e, então, sepultarei a minha morta.»
- 14- Efron respondeu a Abraão:
- 15- «Meu senhor, ouve-me. Que representa para mim e para ti um terreno cujo valor é de quatrocentos siclos de prata? Enterra a tua morta.»
- 16- Abraão aceitou as condições de Efron, e pesou-lhe diante dos hititas a prata por ele mencionada, quer dizer, quatrocentos siclos de prata em moeda corrente.

---

<sup>111</sup> Ibidem Gn 23:1-19 pág 52,52

- 17- O terreno de Efron, situado em Macpela, em frente de Mambré, o terreno e a caverna nele existente e todas as árvores que cresciam em redor, dentro dos limites deste terreno,
- 18- Tornaram-se, assim, propriedade de Abraão, diante dos hititas e de toda a gente que entrava pela porta da cidade.
- 19- Depois, Abraão enterrou Sara, sua mulher, na caverna de Macpela, em frente de Mambré, isto é, em Hebron, na terra de Canaã.
- 20- O terreno e a caverna nele situada passaram dos hititas para a posse de Abraão, como propriedade tumular.

A morte e sepultura do Profeta Abraão está relatada no livro do Génesis;112

"Morte de Abraão –

7- Esta é a duração da vida de Abraão: ele viveu cento e setenta e cinco anos.

8- Abraão foi-se extinguindo e morreu numa ditosa velhice; de idade avançada e repleta de dias, foi reunir-se aos seus.

9- Isaac e Ismael, seus filhos, sepultaram-no na caverna de Macpela, situada na terra de Efron, filho de Soar, o hitita, em frente de Mambré,

10- a terra que Abraão adquirira aos hititas. Ali foi sepultado com Sara, sua mulher.

11- Após a sua morte, Deus abençoou Isaac, seu filho, que residia junto do poço de Lahai-Rói".

A estrutura onde repousavam os patriarcas foi protegida por uma muralha que a envolvia. Durante a época bizantina, esta estrutura foi transformada em Igreja. (Mais tarde a devoção popular viria a criar o mito de que nesse mesmo espaço estariam sepultados Adão e Eva). Com a conquista árabe, foi utilizada como mesquita. Mais tarde, na época cruzada, o edifício foi novamente intervencionado, mas acabou por não se converter em igreja, dada a posterior expulsão dos cruzados. Foi com o Governo de Saladino que o edifício se completou, mas como mesquita. Após a guerra de 1967, passou a ser permitida a visita dos judeus. Hoje o espaço é dividido numa parte está uma mesquita e na outra parte está uma sinagoga, tendo cada parte portas de acesso diferentes.

**Mosteiro Grego de São Jorge** – Situa-se a apenas a 2 km de distância de Jericó e é observável daí. Está alcandorado nos penhascos rochosos do Wadi Kelt. É o lar duma comunidade de monges ortodoxos orientais. A sua fundação data de finais do séc. V e é atribuída a John de Tebas. O mosteiro alcançou grande fama no séc. VI, altura em que foi considerado um grande centro espiritual. Na época, à volta do mosteiro, havia vários eremitas que queriam sentir a experiência do deserto e do silêncio, viviam em grutas

---

<sup>112</sup> Ibidem Gn 25:7-11 pág 52-53

próximas de uma caverna onde acreditavam ter estado o profeta Elias, que era alimentado pelos corvos<sup>113</sup>. "Os corvos traziam-lhe pão e carne, de manhã e de tarde, e ele bebia água da torrente". Estes eremitas reuniam-se no mosteiro ao domingo, para participar na eucaristia e comer uma refeição comunal. O nome do mosteiro refere-se ao facto de ali ter vivido, no séc. VI, o mais famoso monge S. Jorge de Coziba. O primeiro edifício foi destruído em 614. É possível visitar o mosteiro, que se alcança através duma ponte pedonal. Mais tarde, no séc. XII, foi restaurado pelos cruzados, mas acabou por ser abandonado com a expulsão dos mesmos da Terra Santa.

O monge grego Kallinikos, em 1878, decidiu ir viver para o mosteiro e iniciou um processo de recuperação, que ficou concluído em 1901, com exceção do campanário, concluído em 1952.

### **Beér Sheva**

É a segunda maior cidade na região sul de Israel, situada no deserto de Negev. Na sua área municipal encontra-se a cidade arqueológica Tel Berseba que foi declarada como Patrimônio Mundial da UNESCO, cuja presença humana remonta a meados do IV milénio a.C. A origem bíblica de Beér Sheva remonta à história dos Patriarcas. Foi aqui que Isaac, estabeleceu uma aliança com Abimelec, rei de Gera, por causa de um poço de água<sup>114</sup>.

"Aliança com Abimélec –

26- Abimélec partiu de Guerar em companhia de Auzat, seu amigo, e de Picol, chefe do seu exército, e foi ter com Isaac.

27- Isaac disse-lhes: «Qual a razão que vos traz até junto de mim, vós que me odiais e me expulsastes da vossa terra?»

28- Eles responderam: «Porque é evidente que o SENHOR está contigo, e dissemos: É indispensável um juramento entre nós e ti. Queremos, portanto, fazer uma aliança contigo.

29- Jura que não nos farás mal algum, assim como nós nunca te maltrataremos e só te fizemos bem, deixando-te partir em paz. Tu, agora, és o abençoado do SENHOR.»

30- Isaac ofereceu-lhes um banquete, e eles comeram e beberam.

31- No dia seguinte, de manhã, ficaram unidos, por juramento, um ao outro; depois, Isaac despediu-os, e eles afastaram-se em paz, da sua presença.

32- Nesse mesmo dia, os servos de Isaac foram dar-lhe notícias acerca do poço que estavam a abrir e disseram-lhe: «Encontrámos água.»

---

<sup>113</sup>Ibidem 1Rs, 17,5-6 pág.495

<sup>114</sup>Ibidem Gn26. 26 a 33 pág. 59

33- Ele deu a esse poço o nome de Cheba. Por isso, é que a cidade se chama Bercheba, até ao dia de hoje”.

Dois dos poços nessa região são muito antigos, e acredita-se que tiveram alguma ligação com os patriarcas. Possivelmente estes foram os mesmos poços que eles e seus servos cavaram. São de forma circular. O mais largo tem 3,8 metros de diâmetro e aproximadamente 20 metros de profundidade.

### **Eilat**

É uma das referências balneares de Israel. Está localizada no Sul do país, no golfo de Eilat, no mar Vermelho, a curta distância de Aqaba, cidade-porto jordana. A cidade é o principal centro de veraneio do país. É famosa pela transparência das suas águas. Vale a pena fazer uma excursão de submarino para poder apreciar toda a beleza dos recifes de corais.

Bibliografia Aconselhada Israel e Autoridade da Palestina

Difusora Bíblica Capuchinhos, Franciscanos. Bíblia Sagrada Para o Terceiro Milénio da Encarnação, Difusora Bíblica Fátima 2008

Vilnay, Zeev, Guia de Israel, La Semana Publishing CO. Box 2427 Jerusalém 1980  
Jerusalém, Keter Publishing House Lda, P.O. 7145 Jerusalém ano 2002

Moshé Yanai, El Mar Muerto, Jericó, Quamran, Ein guedi, Masada, Sdom, Palphot Ltd, P.O.B. 2 Herzlia, Israel ano 1998

Philip, R. Davies; J. Brooke, George, R. Callaway Phillip, Los Rollos del Mar Muerto y su mundo. Alianza Editorial S.A. Madrid, 2002

Pinto, Paulo; Moura Francisco, Itinerários de Fé, Locais Sagrados das Religiosidades, MediaLivros, Actividades Editoriais, Sa, Lisboa 2005

Moura, Francisco. Viajar pelo Mundo. Lisboa: edição autor (2016)

Pinto, P. & Moura Francisco. Itinerários de Fé. Lisboa: Media Livros, Actividades Editoriais SA. 2005

### **Monte Sinai**

Situado em território egípcio, numa cordilheira é conhecido em hebraico como monte Horeb e em árabe, como Jebel Musa, que significa. Monte de Moisés, está situado no sul da península do Sinai. A região é considerada sagrada para as religiões abraâmicas.



## Principais atrações

**Subida ao Monte Sinai.** Destaca-se o pico de granito com uma altitude de 2285 m, que segundo a Bíblia e a tradição judaica é o local onde Moisés recebeu os Dez Mandamentos, as Tábuas da Lei, que ficaram guardadas na desaparecida "Arca da Aliança"<sup>115</sup>

### "Novas Tábuas da lei

1- O SENHOR disse a Moisés: «Talha duas tábuas de pedra, iguais às primeiras e escreverei nelas as palavras que se encontravam nas primeiras tábuas, que tu quebraste.

2- Prepara-te para subires, amanhã cedo, o monte Sinai. Apresentar-te-ás diante de mim no vértice do monte.

3- Que ninguém suba contigo e que ninguém esteja em parte alguma do monte; que não haja nem ovelhas nem bois a pastar nas proximidades.»

4- Moisés talhou, pois, duas tábuas de pedra iguais às primeiras. No dia seguinte de manhã subiu o monte Sinai, como o SENHOR lhe tinha ordenado, e levava na mão as duas tábuas de pedra.

5- SENHOR desceu na nuvem e, passando junto dele, pronunciou o nome do SENHOR.

6- SENHOR passou em frente dele e exclamou: «SENHOR! SENHOR! Deus misericordioso e clemente, vagaroso na ira, cheio de bondade e de fidelidade,

7- Que mantém a sua graça até à milésima geração, que perdoa a iniquidade, a rebeldia e o pecado, mas não declara inocente o culpado e pune o crime dos pais nos filhos, e nos filhos dos seus filhos até à terceira e à quarta geração.»

8- Moisés curvou-se imediatamente até ao chão e prostrou-se em adoração,

9- Dizendo: «Se, entretanto, alcancei graça aos teus olhos, ó Senhor, vem, por favor, caminhar no meio de nós, pois este é um povo de cerviz dura. Mas perdoa-nos as nossas iniquidades e os nossos pecados e aceita-nos como propriedade tua.»

### Renovação da aliança –

10- Deus respondeu: «Vou fazer uma aliança contigo: na presença de todo o povo, realizarei prodígios, como jamais se fizeram em parte alguma, nem em nenhuma nação; e o povo que te cerca há-de ver então a obra do SENHOR, porque espantosas são as coisas que vou fazer por teu intermédio.

11- Ouve com atenção o que hoje te ordeno. Vou expulsar da tua presença o amorreu, o cananeu, o hitita, o perizeu, o heveu e o jebuseu.»

12- Derrubareis os seus altares, quebrareis os seus monumentos e cortareis as suas árvores sagradas".

---

<sup>115</sup> Ibidem EX 34:1-35 pág 154

A glória do Senhor e o rosto de Moisés (2 Cor 3,7-18) –

29- Moisés desceu do monte Sinai, trazendo na mão as duas tábuas do testemunho. Não sabia, enquanto descia o monte, que a pele do seu rosto resplandecia, depois de ter falado com Deus.

30- Quando Aarão e todos os filhos de Israel o viram, notaram que a pele do seu rosto se tornara resplandecente e não se atreveram a aproximar-se dele.

31- Moisés, porém, chamou-os; Aarão e todos os chefes da assembleia foram ter com ele, e ele falou-lhes.

32- Em seguida, aproximaram-se todos os filhos de Israel, aos quais transmitiu todas as ordens que tinha recebido do SENHOR, no monte Sinai.

33- Depois de ter acabado de falar com eles, Moisés cobriu o rosto com um véu.

34- Ao entrar para estar na presença do SENHOR e falar com Ele, Moisés retirava o véu até sair. Então, depois de sair, comunicava aos filhos de Israel as ordens recebidas.

35- Os filhos de Israel viam resplandecer a face de Moisés que, em seguida, tornava a colocar o véu sobre o rosto, até entrar novamente para falar com Deus”.

Ao longo dos séculos, foram sendo construídos sobre o monte e à sua volta vários locais de culto e acumulados tesouros da cultura religiosa. O acesso ao pico, é penoso, realizado a pé ou em burro durante a noite; demora-se cerca de 3/4 horas a atingir o cume, local onde está erigida, uma pequena capela construída em 1934, e, dedicada à Santíssima Trindade, construída sobre as ruínas de uma igreja do séc. XVI, onde se acredita ter existido a sarça-ardente. Trata-se de uma experiência única que remonta ao tempo do Êxodo.

**Mosteiro de Santa Catarina** – é a maior atração da zona. Fica situado no sopé do monte, a uma altitude de 1570 m. As estruturas atuais do mosteiro, datam de 527-547 d.C., época do Imperador Justiniano, mas a construção primitiva deverá ser do séc. III, quando o monge eremita Ammon se instalou no local, sendo logo seguido por devotos discípulos. Este mosteiro-fortaleza é o exemplo perfeito de uma convivência religiosa pacífica, pois na cidadela que compõe o complexo, podemos encontrar dentro dos mesmos muros uma basílica, várias capelas, e uma mesquita. Segundo a tradição, no interior da mesquita encontra-se um manuscrito do Profeta, que pede aos muçulmanos para tratarem bem esta comunidade cristã, uma vez que ele próprio foi ali bem acolhido pelos monges. Talvez seja por causa desta tradição, que estas duas comunidades religiosas se encontrem neste espaço em perfeito convívio ecuménico. O local mais sagrado do recinto é a capela da sarça-ardente, onde supostamente se encontram as suas raízes. A principal igreja do mosteiro é a Basílica da Transfiguração, que ostenta enormes portas de madeira do séc. XI.

A nave central da igreja, é ladeada por seis pilares, onde sobressaem belos ícones bizantinos de santos venerados em cada mês do ano. A iconóstase é do séc. XVII e está repleta de ícones. O teto da abside que se encontra atrás do altar está decorado por um belo mosaico sobre a transfiguração de Jesus do séc. VI d.C. O chão e o teto foram intervencionados no séc. XVIII. Um dos maiores tesouros do mosteiro é a biblioteca, composta por mais de 3000 manuscritos antigos, entre os quais o Códice Siríaco, uma versão siríaca do Novo Testamento datada do séc. V.

## **Cairo**

Situa-se na margem direita do Nilo, no vale do Nilo. A capital do Egito, com cerca de 12 milhões de habitantes, é a maior cidade do continente africano. O Cairo antigo remete-nos para a história romana dos primeiros tempos do cristianismo. O Cairo islâmico é um ex-libris da cidade, fruto das típicas ruas, das suas grandiosas mesquitas e dos bazares onde a azáfama é constante. O centro da cidade é a zona moderna, com belos edifícios neoclássicos característicos da arquitetura do séc. XIX.

Fora do centro, na zona Nordeste, junto ao aeroporto, encontrava-se a antiga Heliópolis, enquanto na zona Oeste encontram-se as eternas pirâmides de Gizé. Na atualidade, esta grande metrópole é povoada por um grande número de egípcios muçulmanos, mas também por coptas, por sírios, turcos, sudaneses, judeus, negros, e pelas fortes antigas colónias, como a italiana, a grega e a inglesa. O seu maior tesouro é o Museu Egípcio. Este museu, - um dos mais conceituados museus do mundo, exhibe peças que testemunham o esplendor da antiga civilização egípcia.

Principais atrações:

**Praça Tahrir (Praça da Liberdade)** – Foi mandada construir pelo vice-Rei Ismael (1863-1879) do Império Otomano. Até essa altura o espaço era um lugar pantanoso, inundado pelas cheias do Nilo. Várias obras de drenagem permitiram a construção desta praça, situada no centro da cidade, perto do Museu do Cairo. A praça e a zona envolvente foram planeadas segundo um estilo europeu moderno, com largas avenidas e zonas arborizadas. A praça é coroada pela beleza da importante Mesquita Omar Makram, onde têm lugar os funerais de Estado, e conjuntamente, pelo vasto edifício estatal Mogamma, (conhecido pelos turistas que necessitam de renovar os seus vistos). A maioria das companhias aéreas e as principais agências de viagens do país têm aqui os seus escritórios.

**Torre do Cairo** – Foi edificada na década de 50 do passado século com uma altura de 85 m. É um local privilegiado que deve ser visitado ao pôr-do-sol. Aqui pode-se assistir, a uma magnífica vista sobre a cidade tendo como fundo o rio Nilo. Do alto da torre, também se avista o termo da cidade e onde o deserto começa, bem como a silhueta das milenares pirâmides.

**Khan El Khalili** – É um dos maiores e mais interessantes bazares do mundo árabe; foi construído no último quartel do séc. XIV e deve a sua origem a Garkas Al Khalili, estribeiro mor do Sultão Barquq. Uma visita a este lugar faz parte do ritual do turista, que aqui se desloca para se perder nas tortuosas e movimentadas ruelas do labiríntico bazar. Artigos têxteis, joias, artesanato local, e as especiarias com o característico cheiro, são alguns dos artigos mais apreciados pelos turistas. A experiência da visita a Khan el Khalili não fica completa sem uma paragem no famoso café Fishawi's, o mais antigo café do Cairo, inaugurado no início do séc. XIX. Fica situado no quarteirão de Midan Al Hussein e está aberto as 24 horas do dia. É um dos locais preferidos dos artistas locais. A decoração das paredes deste espaço é realizada por um notável conjunto de espelhos. Os turistas vulgarmente, aproveitam aqui para retemperar forças, tomar um chá de menta, ou para experimentar o típico sheesha (narguilé), um cachimbo de filtro de água.

**Cidadela (Al Qalaa)** – É um dos pontos turísticos mais populares da cidade. A cidadela, que foi construída na parte alta da cidade em 1176 pelo famoso líder muçulmano Saladino, foi a sede do Governo egípcio durante quase 700 anos. Há um conjunto de importantes construções, como mesquitas, museus e muralhas, que fazem sobressair este espaço na história da cidade. A cidadela é dividida em três áreas, mas a parte mais turística é a zona Sul, onde se situa a Mesquita de Na Nasr Mohammed, cuja decoração dos minaretes segue um estilo persa único em todo o Egito. O seu monumento mais representativo é a Mesquita de Mohammed Ali, que nos lembra a Basílica de Santa Sofia, de Istambul.

**Mesquita de Mohammed Ali** – Marca o contorno da silhueta da zona oriental do Cairo. A mesquita foi mandada construída em meados do séc. XIX pelo governante reformista Mohammed Ali, que é considerado o fundador do Egito moderno. Em 1805, quando ele assumiu o poder, o Egito era uma província atrasada do Império Otomano. Contudo, no momento de sua morte, em 1849, o país já era uma superpotência regional. A imponente mesquita, destaca-se pela enorme cúpula central e pelos dois altos minaretes. O

relógio que se encontra no pátio central da entrada, foi um presente do Rei Felipe da França, em sinal de retribuição pela oferta do obelisco que se encontra na Praça da Concórdia, em Paris. O relógio sofreu danos no transporte e nunca chegou a funcionar. O corpo de Mohammed Ali jaz num túmulo de mármore que está à direita da entrada do amplo salão de orações.

**Mesquita-Madraça do Sultão Hassan** – Datada de 1356. Foi mandada construir pelo Sultão An Nasir Hassan. Este edifício é considerado o melhor exemplo, da arquitetura mameluca no Cairo. O seu comprimento mede 150 m. A mesquita está envolta por muralhas com 36 m de altura. É de salientar o seu minarete, com 68 m de altura, e o seu interior ornamentado de maneira magnífica.

**Museu Egípcio** – Foi criado pelo francês Auguste Mariette em 1858 e instalado no Bairro de Bulaq, num armazém do porto fluvial. Face ao espólio que se ia recuperando das areias do Egito, por manifesta falta de espaço, a primeira coleção de antiguidades foi transferida para estas instalações. Trata-se de um belo edifício de traça clássica, do séc. XIX, situado perto da Praça Midan Tahrir nas margens do Nilo.

É uma visita fundamental para que se possa ter uma ideia global sobre a fantástica civilização egípcia. Os tesouros, que nos são oferecidos nesta viagem ao passado são inúmeros. Aqui estão expostas cerca de 100.000 peças, que se distribuem por cerca de 100 salas - ainda que algumas dezenas de milhares de artefactos, estejam armazenadas por falta de espaço. A exposição está organizada cronologicamente, num critério que foi definido pelo egiptólogo fundador. O andar térreo expõe as grandes esculturas e abrange a história do Egito, desde a época arcaica e proto dinástica, até aos tempos mais recentes: como as épocas persa, grega e romana.

Neste piso merecem destaque os seguintes elementos: a estátua sem olhos do Rei Djoser, que governou o país há cerca de 5000 anos. Esta estátua foi encontrada em Sacará, perto da pirâmide com degraus; as estátuas em tamanho real dos príncipes Rahotep e Nofret, datadas de 2620 a.C., que foram encontradas na sua mastaba; e a estátua de Ka-Aper feita em madeira, cujos olhos são contornados a cobre e quartzo e as córneas são de cristal transparente.

No lado oposto ao da entrada, encontram-se as estátuas colossais de Amen-hotep III e da Rainha Tiye. A sala dedicada a Amarna é imperdível, e remete-nos para o curto reinado de quinze anos do Faraó Akenaton e da sua bela esposa Nefertiti, durante o qual se operou uma autêntica revolução, alterando o paradigma vigente até essa altura na sociedade, quer na arte quer na religião. Nesta sala podemos contemplar várias esculturas,

que observam, um novo estilo, onde o canon, é o das cabeças alongadas e o do ventre saliente.

Quanto à Paleta de Narmer, é uma das maiores atrações do museu e, uma peça importante do Antigo Egito e da história universal. A grande galeria que se encontra no andar da entrada, expõe os sarcófagos líticos dos reinos antigos, assim como as estátuas dos grandes faraós, que caracterizaram a terceira e a quarta dinastia. Estas, legaram ao mundo, as grandes construções das pirâmides das necrópoles menfita, de Sacará e de Gizé. O andar superior está organizado em função da tipologia dos objetos. Neste piso, é de destacar a fantástica exposição de Tutankhamon, que compreende quase 2000 peças, de incalculável valor artístico, como a título de exemplo a famosa máscara funerária de ouro de tamanho real, ou, os sarcófagos em ouro, e o trono de Tutankhamon. O trono real é esculpido em madeira, e está coberto com folhas de ouro e contem embutidos de pedras preciosas e esmaltes. Nas costas do trono podemos ver o seu retrato e o retrato da sua mulher, sob os raios protetores do deus Áton. Estão do mesmo modo representados, tabuleiros de jogo, vários utensílios da caça, leques e alguns shabtis que se encontravam no túmulo inviolável, descoberto em 1922 por Howard Carter no vale dos Reis.

Quanto à sala da joalheria do Antigo Egito, esta, deixa-nos maravilhado com a beleza de muitas peças, entre elas os colares trabalhados em ouro e em lápis-lazúli, que atravessaram mais de 3000 anos de história.

Para visitar a sala das múmias reais, que fica situada no cimo das escadas na zona Sudeste, é necessário um bilhete extra. A sala expõe múmias de vários faraós que se encontram bem conservadas. Destaque para as múmias dos Faraós Tutmés III, Sési I e Ramsés II. Poder estar em frente das múmias destes Faraós que governaram o Egito há mais de trinta séculos é impressionante. Entretanto aguarda-se a finalização da construção do Novo Museu do Cairo, próximo do local das Pirâmides de Gizé, para se poder ver exposto todo o acervo gigantesco, que continua armazenado no museu do Cairo. Depois de sucessivos adiamentos, a inauguração está prevista para o ano de 2019.

**Bairro Copta** – Há provas arqueológicas que comprovam a construção de um forte neste local por ocasião da ocupação persa do Egito (séc. VI a.C.). Os persas construíram um canal em Fustat, que ia do rio Nilo até ao Mar Vermelho. Chamou-se Babilónia, ao povoamento persa em memória da antiga cidade, que hoje faz parte do Iraque. A Babilónia egípcia ganhou alguma reputação cultural e económica, à medida, que a antiga e vizinha cidade de Mênfis perdia importância. O Bairro Copta encontra-se rodeado por muralhas romanas datadas do séc. I d.C. É uma das zonas mais antigas da cidade e o lugar onde se

encontram os locais mais sagrados da cidade tanto para o judaísmo como para o cristianismo.

**Sinagoga de Ben Ezra (Sinagoga El Geniza)** – Embora as lendas locais associam este local ao sítio onde a filha do faraó encontrou o bebé Moisés num cesto, em grande verdade o edifício só foi construído como igreja cristã no séc. VIII d.C. A igreja foi destruída no séc. XI e, no séc. XII o espaço foi entregue ao influente rabino Abraham Ben Ezra, que construiu a sinagoga para servir uma grande comunidade que vivia no Cairo. No séc. XIX, durante uma intervenção ao edifício, foram descobertos numa dependência, centenas de manuscritos em hebraico e em aramaico, muitos deles datados dos sécs. XI e XII. Alguns desses documentos fazem parte do tesouro da sinagoga e outros encontram-se espalhados, por várias bibliotecas em diferentes partes do mundo.

Com a independência do Estado de Israel, ocorrida em 1948, a que se seguiu a Guerra entre o Egito e Israel, a esmagadora maioria dos judeus do Egito regressaram à Terra Prometida e por esse motivo, nos anos 80 os judeus procederam a importantes obras de restauro.

**Igreja de São Jorge** – Esta igreja é dedicada a S. Jorge, que é conhecido no Médio Oriente Cristão como Mar Girgis, um antigo militar romano ao serviço do Imperador Diocleciano, que viveu no séc. III e que foi martirizado por defender o ideal cristão. Desde o séc. X que sempre existiu neste local uma igreja. O atual templo é datado do primeiro quartel do séc. XX, e tem uma forma redonda que nos lembra a antiga torre circular romana, sobre a qual foi construído. Na zona Norte da igreja, podemos ver alguns vestígios da antiga torre romana.

**Igreja de Santa Bárbara** – Foi edificada em memória da jovem mártir Bárbara, que viveu no séc. III e que morreu por querer converter o seu pai à fé cristã. Esta igreja ocupa o espaço onde outrora existiu outra igreja dedicada a S. Ciro e a S. João. O atual templo data do séc. XI e é considerado uma das mais belas igrejas do Cairo. É de destacar, o belo iconóstase em madeira, com embutidos em marfim, datado do séc. XIII.

**Igreja de São Sérgio** – É a mais conhecida igreja cristã de todo o Egito, pois os cristãos do Cairo acreditam que foi neste lugar que a Sagrada Família pernoitou numa gruta por ocasião da fuga para o Egito. Esta antiga gruta é hoje a cripta da igreja. No séc. V foi

construída uma igreja no local, que foi sucessivamente reconstruída por várias ocasiões. A atual estrutura, românica, foi construída entre os séculos X e XII.

**Igreja Suspensa** – É a mais bela de todas as igrejas do Cairo. Está dedicada a Santa Maria e é chamada Igreja Suspensa por ter sido edificada por cima da porta de Água da antiga fortaleza romana da Babilónia. O atual templo data do séc. XI e foi construído sobre as ruínas de anteriores igrejas, a mais antiga das quais data do final do séc. IV.

**Museu Copta** – Foi fundado em 1908 por subscrição popular e foi inaugurado em 1910. Em 1931 passou para a dependência do Estado, o que em muito contribuiu para o seu enriquecimento com várias peças de arte, bem como documentação importante, para o estudo dos primeiros tempos do cristianismo no vale do Nilo.

O museu está instalado num belo edifício, e contém a melhor coleção de artefactos de arte copta do mundo. Os jardins, o teto em madeira do interior e as pinturas do edifício são de grande beleza. Há várias peças dos primórdios do cristianismo copta, onde estão patentes, as influências do Egito faraónico e islâmico. Em alguns artefactos surgem símbolos como ankhs, falcões e Hórus, que nos remetem para o Egito antigo. De realçar também os belos capitéis que pertenceram à antiga catedral de Alexandria, assim como um belo púlpito copta do séc. VI.

O museu também expõe minbars provenientes de várias mesquitas da cidade. No andar superior, podemos admirar várias peças de tecido de seda, assim como bordados requintadamente trabalhados. Os principais tesouros do museu são; o Livro dos Salmos copta, com cerca de 1600 anos, um dos mais antigos livros do mundo, e parte da denominada Biblioteca de Nag Hammadi, descoberta em 1945. Trata-se de uma coleção maioritariamente textos gnósticos do cristianismo primitivo. Os códices contêm textos sobre cinquenta e dois tratados, além de incluírem também três trabalhos pertencentes ao Corpus Hermeticum e um excerto de A República de Platão.

## **Gizé**

Há cerca de 4500 anos o culto dos mortos levou os egípcios a construírem estruturas até aí nunca vistas pela humanidade. As três grandes pirâmides, Quéops, Quéfren e Miquerinos, são obras eternas e que desde sempre maravilharam os seus visitantes. Ficou para a história a famosa frase de Napoleão Bonaparte: "Soldados, pensem que do alto dessas pirâmides, quarenta séculos vos contemplam".



Decerto que os monumentos funerários de Gizé já seriam visitados na Antiguidade. Construídos ainda durante o Império Antigo, no distante terceiro milénio antes da nossa era, na quarta dinastia, são hoje uma das Sete Maravilhas. O planalto de Gizé situa-se a sudoeste do Cairo, numa vasta região arenosa e rochosa. De resto, foi este o local escolhido, por alguns monarcas para ali serem sepultados. A forma piramidal enquadrava-se num grande complexo funerário, onde se encontravam, além das pirâmides, templos, estruturas para receber o corpo do defunto e para o tratar, trajetos processionais, armazéns, instalações para os sacerdotes, instalações para as oferendas que acompanhariam o morto, e outras pirâmides mais pequenas, para sepultar esposas ou príncipes.

Ao longo do tempo estas estruturas foram de alguma forma danificadas. Hoje só restam as pirâmides, que representam os raios solares que caem sobre a terra. No Egito foram construídas cerca de 100 pirâmides.

Principais atrações:

**Pirâmide de Khu-fu (Quéops) (2551-2528 a.C.)** – A maior das pirâmides foi a última morada do Faraó Khu-fu, tem cerca de 2,4 milhões de blocos de pedra, cada um deles com uma média 2,200 kg. Heródoto escreveu que esta obra foi realizada em cerca de 20 anos e que terá contado com uma força de trabalho de cerca de 100.000 operários. Sem dúvida que a expressão "obra faraónica" teve nesta construção a sua génese. Aquando da sua construção, esta pirâmide tinha 145 m de altura, e a sua superfície estava revestida de pedra calcária, que foi retirada durante o séc. XIII para fazer outras construções. Do mesmo modo, estava coberta com placas de ouro – pensa-se que somente junto ao topo – e que brilhavam sobre o céu azul, refletindo o Sol, anunciando e celebrando, o encontro diário com o senhor da Terra.

A atual altura desta pirâmide é de cerca de 135 m. Do imenso complexo de Quéops apenas podemos contemplar a pirâmide, tudo o resto desapareceu, ou foi absorvido por uma aldeia que agora se encontra junto ao rio. As faces desta pirâmide estão perfeitamente orientadas para os pontos cardeais. A maior diferença entre os seus quatro lados, todos com 230 m de comprimento, não ultrapassa os escassos 4 cm.

A câmara do Rei encontra-se no centro da construção, e contém um sarcófago infelizmente sem tampa. No interior da câmara, há ainda grafites datados do tempo da construção, com os nomes dos grupos que construíram a pirâmide. Num do grafiti está escrito: "Quão poderosa é a grande Coroa Branca de Khufu". A primeira violação da câmara pelos caçadores de tesouros deve ter ocorrido cerca de 600 anos, após a construção da pirâmide. Até ao séc. XIX foi a construção mais alta do mundo.

**Museu da Barca Solar** – Fica junto da face Sul da pirâmide de Quéops e abriga a barca, onde o monarca simbolicamente acompanha o trajeto do Sol, no seu percurso diário para a eternidade. A descoberta teve lugar em 1954, na sequência de escavações feitas em várias fossas nas zonas envolventes das pirâmides. Esta barca tem 43,4 m de comprimento e 5,9 m de largura. A nave é formada por 651 elementos e com um total de 1224 peças. Foi construída em madeira de cedro e de acácia, e sem cravos; todas as peças, estavam ligadas mediante um complexo sistema de cordas. A navegação estava assegurada por dois remos. Pensa-se que a embarcação terá sido utilizada por ocasião dos funerais do Faraó.

**Pirâmide de Khafre (Quéfren) (2520-2494 a.C.)** – Tem 136,5 m de altura e 210 m de largura. Parece mais alta que a pirâmide de Quéops, pois foi construída num plano mais elevado. O seu vértice ainda está intacto. A pirâmide encontra-se em bom estado de conservação, e na face Leste ainda é possível ver o templo funerário do complexo. A pirâmide tem duas entradas, a primeira encontra-se a nível do solo, e a segunda, na décima fileira de pedras, que compõem a estrutura da pirâmide. A câmara funerária, a que se tem acesso por duas passagens descendentes, encontra-se escavada na rocha a uma grande profundidade - ao contrário do que sucede na pirâmide do seu pai -, e contém o sarcófago de granito negro do faraó. No exterior do templo funerário ainda existem ruínas de um pequeno santuário e de um pátio.

**Esfinge** – Encontra-se a cerca de 350 m da pirâmide de Khafre e é considerada a mais antiga escultura monumental até agora encontrada no Egito. Trata-se de uma figura esculpida num enorme monólito que se encontrava já no local. As suas dimensões são colossais: com cerca de 20 m de altura e 57 m de comprimento, o rosto mede 5 m de altura e o nariz mede 1,7 m. A Esfinge tem corpo de leão e cabeça humana, e representa o próprio faraó como seu toucado real (coroa rematada com uma serpente). O faraó fazia representar-se por um felino, o que significava que tinha o dever de guardar as pirâmide e o templo. A esfinge tinha a barbicha estilizada, um dos símbolos reais, tendo esta ruído algures nos séculos.

**Templo** – Estava enterrado na areia e foi descoberto em 1852 por Auguste Mariette. Foi considerado erradamente durante décadas o Templo da Esfinge. Trata-se de um templo, do complexo funerário de Quéfren, e servia de entrada para a pirâmide; estava ligado a ela por um grande corredor maioritariamente coberto, e possuía uma planta quadrada e era constituído por um terraço de acesso que tinha duas portas guardadas por

esfinges que se encontram quase destruídas, por um vestíbulo e por uma enorme sala formada por duas galerias, estando a maior das galerias dividida por três naves de cinco pilares cada uma. As paredes estavam decoradas com grandes estátuas do faraó. Uma dessas estátuas, pode ser vista no museu do Cairo.

**Complexo de Menkauré (Miquerinos) (2490-2471 a.C.)** – É a pirâmide mais pequena (102,2 m por 65 m e 104 m de altura). O faraó Menkauré reinou pouco tempo, e por este motivo não teve tempo de concluir a sua pirâmide. O templo, foi terminado à pressa e foram usados materiais de qualidade inferior, como tijolos, o que não era de todo usual. É visível que várias partes ficaram inacabadas, e que os seus revestimentos de granito, não passaram da décima sexta fila de pedras. Todavia, devia ter um aspeto belo, pois estava revestida de granito rosa.

A entrada encontra-se na parte Norte e conduz-nos através dum corredor largo até uma câmara funerária escavada na rocha, com uma profundidade de 6 m. Do mesmo modo encontra-se inacabada. Numa segunda sala há outra câmara funerária onde se encontrou um sarcófago de basalto sem quaisquer inscrições, que estava sumptuosamente decorado, mas que se perdeu num naufrágio durante o séc. XIX, na tentativa de trazer esta relíquia para a Europa.

## **Mênfis**

A antiga capital do Antigo Egito fica situada a cerca de 30 km do Cairo e a curta distância da necrópole de Sacará. Segundo a tradição a cidade foi fundada pelo Rei Menés, o primeiro soberano da primeira dinastia. Foi durante mais de 1500 anos a capital na história do Egito, nomeadamente, do primeiro nomo do Baixo Egito, bem como o local onde se instalou a residência real.

Do mesmo modo tornou-se capital do Egito durante o Período Dinástico Primitivo (2920-2575 a.C.), e durante o Período do Império Antigo (c. 2575-2134 a.C.), e até cerca de 1550 a.C., altura em que se instaurou o Império Novo.

O nome de Mênfis foi-lhe atribuído pelos gregos, pois os egípcios chamavam-lhe Mennufer. A cidade atingiu o seu apogeu durante o período da sexta dinastia, entre os anos de 2323 e 2150 a.C. Os seus monarcas enriqueceram Mênfis ao longo dos séculos, tornando-a uma cidade poderosa e cosmopolita, com grandes construções, principalmente templos e palácios, onde se destacava um templo dedicado a Vulcano.

Segundo o estudo de alguns egiptólogos, na sociedade menfita a mulher gozava de alguns privilégios, pouco comuns na época: podiam circular livremente e fazer os seus

afazeres. Algumas mulheres gozavam inclusivamente de um estatuto superior ao de muitos homens.

Hoje, pouco resta do antigo esplendor da cidade. Na grande esplanada podemos admirar uma esfinge de alabastro, que se encontrava em frente do Templo de Ptah, com características físicas que fazem lembrar o Faraó Amen-hotep II (1427-1401 a.C.), e uma estátua jacente de Ramsés II, com 14 m de altura que está partida pelos joelhos, esta, foi esculpida num único bloco de pedra calcária e está exposta num pequeno museu.

A prova de que Mênfis, mesmo depois de ter perdido o estatuto de capital, foi sempre considerada uma cidade importante, encontra-se numa inscrição dirigida ao deus Ptah, e que está presente no Templo de Abu Simbel. Esta inscrição foi mandada fazer por Ramsés II (1290-1224 a.C.) e diz que este ampliou o Templo de Ptah em Mênfis e que o adornou com ouro e com pedras preciosas.

No séc. V a.C. o historiador grego Heródoto descreveu Mênfis como uma cidade próspera, um centro cosmopolita. Ao que tudo indica declinou, em importância religiosa, quando Teodósio I (379-395 d.C.) decretou que o cristianismo passaria a ser a religião de todo o Império Romano. Finalmente, em 641 d.C., recebeu o golpe de misericórdia com a fundação da nova capital em Fustat, que hoje, está integrada na zona Sul do grande Cairo.

### **Necrópole de Sacará**

Foi a primeira necrópole de Mênfis. Sacará, é a maior necrópole do Egito, como também a que abarca, um período, de utilização mais amplo. Na zona envolvente do complexo funerário, encontram-se estruturas funerárias de um período que se estende desde o ano 3000 a.C. até ao ano de 950 d.C.

O nome "sacará" deriva de "Sokar". Um nome de um deus da mitologia egípcia considerado o protetor da necrópole e que em conjunto, com o deus Ptah e o deus Nefertum, formavam a tríade de Mênfis. As ruínas da necrópole são mundialmente conhecidas, e ponto obrigatório de visita.

Principais atrações:

**Templo**, encontra-se`entrada do complexo, onde se destacm várias colunas colossais que ainda, hoje, sustentam o edifício. Foi aqui que pela primeira vez surgiram na história da arquitetura as colunas embebidas,

**A Pirâmide em Degraus (Dsojer)** foi construída no centro de um enorme recinto, e estava protegida por uma muralha que media de Norte a Sul 544 m, e de Este a Oeste 277 m. Até esta altura os túmulos dos reis do Egito eram feitos em câmaras subterrâneas, construídas em tijolo e cobertas por mastabas. A pirâmide foi construída no séc. XXVII a.C., é um complexo funerário onde repousa o Faraó Djoser. Esta estrutura é uma obra do genial médico e arquiteto Imhotep, vizir do faraó - o único homem, além do faraó, que na época, depois de morto, foi considerado divino. O seu nome encontra-se gravado no pedestal que se encontra no interior do recinto funerário.

A pirâmide é composta por seis mastabas, sobrepostas, e de dimensões decrescentes. No início a pirâmide tinha 62 m de altura, uma base de 109 m por 125 m e estava revestida por uma capa branca de pedra calcária. A câmara funerária do Rei Djoser, que se situa quase no centro da pirâmide, é alcançada por um enorme poço com 27 m de profundidade e com cerca de 7 m de largura. Em volta da câmara funerária, existem quatro galerias unidas por passadiços. Existiam ainda, outras portas, decoradas com o nome de Hórus e do faraó Djoser. No ano de 1843 um dos revestimentos de uma das portas foi transferido para o Museu Egípcio de Berlim.

Em 1928 um grupo de egiptólogos descobriu uma nova câmara - inacabada, com cerca de 20 m de comprimento e ricamente decorada. O arqueólogo francês Lauer descobriu alguns restos da múmia, entre os quais um pé mumificado, que se encontra na Universidade de Medicina do Cairo. O complexo encontra-se rodeado por uma muralha com 10 m de altura, que apresenta catorze portas falsas e uma verdadeira.

Na zona Sul da metrópole, encontra-se ainda a **Pirâmide de Unas** último Rei da quinta dinastia. As câmaras funerárias estão repletas de hieróglifos com orações e hinos que visavam proteger o rei na sua vida além da morte. Estes textos são os mais antigos conhecidos e foram a base do "Livro dos Mortos do Império Novo". Na necrópole menfita encontram-se mais de 200 mastabas em forma de paralelepípedos, cuja dimensão varia de acordo com a importância do proprietário. Destaque para a célebre Mastaba de Ti, o túmulo de um militar da corte de alta patente, que serviu três reis da quinta dinastia.

Com a descoberta deste tesouro, podemos ficar a conhecer a vida quotidiana do Antigo Egito, através das pinturas, que se encontram espalhadas pelas suas paredes. Na última das câmaras encontram-se os melhores relevos. Nas três aberturas que se encontram nas paredes, podemos do mesmo modo, observar uma estátua de Ti.

**Serapeum** – Situa-se a noroeste do complexo de Djoser e é por certeza, o monumento mais enigmático de Sacará, pois era o lugar onde se sepultavam os sagrados bois Ápis, adorados em Mênfis. Estas estruturas tiveram início durante o reinado de Amen-

hotep III (1390-52 a.C.) e foram utilizadas até ao ano 30 a.C. A edificação consiste num conjunto de galerias subterrâneas escavadas a cerca de 12 m de profundidade e divide-se em três grandes salas. O Serapeum principal tem 68 m de comprimento, 3 m de largura, uma altura de 4,5 m, e compreende 24 câmaras laterais talhadas na rocha. Em cada uma das câmaras existia um enorme sarcófago, que continha um corpo mumificado de um touro de Ápis. Estes sarcófagos eram construídos com diferentes materiais: granito negro ou rosado e basalto. O seu peso oscilava entre as 60 e as 80 t. Alguns sarcófagos continham inscrições gravadas.

### 2.39. Dashur

Fica situada a sul de Sacará, e foi usada como necrópole durante o Império Antigo e durante o Império Médio. Aqui encontram-se cinco pirâmides. Três pertencem aos Faraós Amenemhat II, Senuseret III e Amenemhat III. As restantes duas têm cerca de 90 m de altura e são atribuídas ao Rei Seneferu (2575-2551 a.C.), o fundador da quarta dinastia. Devido à dupla inclinação das faces da Pirâmide Arqueada, esta é considerada como a primeira pirâmide perfeita. A Pirâmide Vermelha, ficou assim conhecida devido aos grafitos vermelhos que ali se fizeram.

#### Bibliografia Aconselhada Egito

Touring Club, Egito, Grupo Anaya, S.A., Madrid 2000

Bongioanni Alessandro e Croce, Maria Sole, Museo Egipcio del Cairo, White Star S.p.A. Vercelli Italia, 2006

Paliuras, Atanasios, Convento de Santa Catalina, E. Tzaferis A.E. Glyká Nerá Gracia, 1985

Morkot, Robert, Os Impérios do Antigo Egito, Centralivros, Lda, Lisboa, 2002

Nathan, Fernando, Egypte, Officine Grafiche- Vérone, 1970

Guia American Express, Egito, Dorling Kindersley Limited, Londres 2001

White Star Publishers, Antigo Egito, Arte e Arqueologia, Vercelli-, Italia 2001

Magi, Giovanna, Fabbri, Patrizia, Egito 7000 Anos de Arte e História, Firenze, Italia, 1990

Chalaby, Abbas, Egito, Casa Editrici Bonechi, Firenze- Italia 1989

Difusora Bíblica Capuchinhos, Franciscanos. Bíblia Sagrada Para o Terceiro Milénio da Encarnação, Difusora Bíblica Fátima 2008.

Moura, Francisco. Viajar pelo Mundo. Lisboa: edição autor (2016).

Pinto, P. & Moura Francisco. Itinerários de Fé. Lisboa: Media Livros, Atividades Editoriais SA. 2005

Respostas ao inquérito de várias personalidades ligadas ao Judaísmo, ao Cristianismo, Islamismo, e Comunidade Baha'i, que têm acompanhado o mestrando na sua atividade profissional na longa carreira profissional e que foram convidadas a pronunciarem-se através das respostas a um inquérito, sobre a importância deste Projeto como contribuição para a Paz no Médio Oriente.

## Conclusão

Partindo do princípio, proposto na justificação teórica e, acreditamos, validado ao longo deste trabalho, de que o Turismo é uma atividade que pode ajudar na construção da paz, chegamos a este momento de balanço e temos três campos de conclusões a trabalhar:

1. Por um lado, a exequibilidade de um percurso com base no Caminho de Abraão;
2. Por outro, a franca adesão das lideranças religiosas para levar a cabo esta iniciativa;
3. Por fim, a clara visão de que o turismo pode ser uma ferramenta para o diálogo, por parte dessas mesmas lideranças.

Todos estes pontos são, por assim dizer, partes de um projeto articulado que teve as seguintes fases:

Como primeiro momento, a realização das peregrinações inter-religiosas em 1995 (peregrinação levada a cabo) e 2005 (peregrinação cancelada, como já apresentado antes);

Um segundo momento, no fazer do novo percurso, assente no caminho de Abraão, e redação dos materiais de apoio necessários para o bom desempenho durante a viagem;

Um último momento, com a adesão das comunidades religiosas nacionais.

### Exequibilidade do "caminho"

Uma vez traçado o percurso, que tem como base o caminho de Abraão desde a cidade de Ur até ao Cairo, rapidamente percebemos a variedade de culturas, povos e História com que o guia turístico se debateria. A solução encontrada foi a redação de um largo grupo de textos, de carácter historiográfico, arqueológico e antropológico, que pudessem servir ao profissional como amarra, como documentação de trabalho e

Foi assim que nos lançámos na redação de um verdadeiro roteiro bíblico, valorizando os aspetos culturais e as diferenças, tendo sempre como elemento agregador a dimensão do diálogo, do respeito. Sendo o conhecimento uma peça fundamental para o diálogo e o respeito, sejam os futuros guias deste roteiro, sejam os próprios viajantes / peregrinos, todos eles terão de ter acesso constante a um conjunto sólido e diversificado de



elementos que lhes permitam responder às dúvidas mais frequentes. Deverão ainda ser feitos, de acordo com cada grupo e com base nos materiais aqui apresentados, pacotes de informação a serem geridos pelo guia de acordo com o andamento da viagem.

Naturalmente, trata-se de uma viagem longa, com custos monetários elevados. Mas, acima de tudo, é uma viagem que permite uma verdadeira descoberta do mundo bíblico naquilo em que dele somos herdeiros. Este trilho abraâmico é, sem dúvida, pertinente para judeus, cristãos e muçulmanos, e, ao longo da viagem, deve debruçar-se, sempre que possível, em direção às comunidades destas três fés. Só com esse contacto culturalmente despojado o diálogo é fomentado.

- A auscultação às comunidades religiosas

Se o esquematizar do percurso e a redação dos materiais de apoio resultaram de um trabalho de planificação significativamente solitário, assente na experiência profissional e no conhecimento de muitos dos locais a visitar, a criação das condições para potenciar, de facto, esta viagem como um gesto significativo numa mudança de mentalidades em prole da paz, veio fundamentalmente da relação mantida há longos anos com várias lideranças religiosas.

Mobilizados desde há muito em atividades de diálogo inter-religioso, este grupo de líderes religiosos já conhece, em alguns casos há décadas, o trabalho do candidato, tendo, mesmo, participado na peregrinação que organizámos em finais do século passado.

Naturalmente, estando próximos, quer do autor deste trabalho, quer da própria área de Ciência das Religiões, estes líderes não apresentam respostas completamente isentas às questões que lhes foram colocadas. Mas, exatamente por isso, demonstram ser cidadãos já conhecedores das dificuldades deste tipo de iniciativas, que visam a paz. Talvez por isso mesmo, a qualidade das suas afirmações ganha consistência na experiência e na vontade de diálogo que pautam as suas ações há muitos anos.

-A adesão das lideranças religiosas a esta iniciativa

Com uma História pessoal marcada por muitas visitas à chamada Terra Santa, a adesão a esta iniciativa estava, *a priori*, marcada por uma adesão quase espontânea. Adesão esta fortalecida pelos laços de convivialidade, e mesmo de viagem, entre lideranças e responsável pelo projeto.

Contudo, e por este mesmo grupo de razões, era importante, e de forma completamente livre, auscultar a forma e os conteúdos que estes líderes religiosos dariam a

esta iniciativa e, em especial, se dariam corpo a um movimento interno para tentar alargar esta peregrinação a mais membros das suas comunidades.

As respostas variaram muito em termos de tamanho e espessura das reflexões suscitadas. Por exemplo, Ivone Correia, da Comunidade Bahá'í de Lisboa, foi muito direta:

*"Acho que é uma viagem maravilhosa, talvez um pouco longa, gostaria muito de a fazer e aconselharia os meus amigos a fazê-la"*

Ivone Correia, não só adere, caracteriza como positiva, e vê como possível ser agente de difusão (mas tome-se atenção: "aconselharia os meus amigos a fazê-la", não afirma que o fara junto da sua comunidade religiosa...).

Num registo ainda relativamente curto, Mahommed Abed, Vice-Presidente da Comunidade Islâmica de Lisboa, assume uma posição mais comprometida pois, como afirma:

*"Já fiz [...] uma viagem com estas características no ano de 1995 numa viagem interconfessional em que participaram judeus, cristãos de várias tendências e muçulmanos".*

Assim, afirma, ainda:

*"Nesta proposta de itinerário não só faria a viagem, como também tentaria levar mais pessoas da Comunidade Islâmica e outras pessoas amigas, independentemente das suas fés".*

A adesão e a vontade de comunicar esta peregrinação às suas comunidades é também apresentada pelo Pastor António Canoa, da Igreja Luterana de Portugal:

*"Havendo a oportunidade de fazer essa viagem, não só a faria, bem como a aconselharia, não só, mas também, para os membros da minha comunidade religiosa, pois estaria aconselhando algo enriquecedor."*

Efusivo, Isaac Assor, membro da Comunidade Israelita de Lisboa, afirma:

*"Sim. E aconselharia vivamente!"*

Semelhante comprometimento encontramos por parte de António José Caria Mendes, Presidente da Associação Amizade Portugal-Israel, e membro da Comunidade Israelita de Lisboa. De forma genérica, adere de imediato, afirmando:

*"Acho interessantíssimo o plano de viagem em torno dos Caminhos de Abraão, a tal ponto que seria o primeiro a candidatar-me".*

Mas vai mais longe, afirmando a diferença como parte do fenómeno de conhecimento e diálogo:

"Naturalmente, como Judeu, existem locais que eu não teria interesse particular em visitar. Não por desdém, mas por os considerar "negativos", isto é, porque, a meu ver, fazem parte de uma "mitologia" que não privilegia a inteligência, mas sim o sentimentalismo acrítico. No entanto, por uma questão de interesse cultural e social, não deixaria de o fazer."

Termina com a afirmação da futura difusão entre as comunidades judaicas:

"Sendo ultrapassados, de uma forma inteligente e "diplomática" os problemas políticos ou sociopolíticos subjacentes, estou certo que o presente projeto constituirá um forte apoio à paz na região, pelo que, já me seria possível e constituiria um ato louvável, divulgá-lo e aconselhá-lo vivamente junto das comunidades judias"

Neste caso, ser um projeto vocacionado para a paz é a condição de difusão entre a comunidade. Aliás, passando a análise para o mundo católico, D. José Alves, Arcebispo de Évora, reforça a dimensão de diálogo: pode ser uma interessante ferramenta para o diálogo, até porque tem previstos encontros de cariz ecuménico e inter-religioso."

Sheik David Munir, Íman da Mesquita Central de Lisboa, remata com a afirmação do conhecimento como ferramenta para o diálogo: "*o conhecimento é um caminho até outro e se o outro tem as mesmas raízes, não há conflitos e nem desrespeito.*"

O turismo como fator potenciador do diálogo (o olhar das lideranças religiosas)

Seguindo a afirmação anterior do Sheik David Munir, Ivone Correia, da Comunidade Bahá'í, afirma que:

"Ao fazer-se turismo têm-se vários objetivos em mente, tais como aumentar os conhecimentos acerca de outros povos, do seu património cultural, artístico, histórico e intelectual. Este conhecimento é de importância capital, se não cai-se na triste situação de se pensar que somos superiores aos 'outros' sobre os quais, afinal, quase nada se conhece".

Mahommed Abed reforça a visão afirmando que:

"Permite conhecer no próprio local a religião, a cultura e os costumes dos povos, esbatendo assim as desconfianças e os preconceitos, evitando os mal-entendidos que levam a conflitos, que são frutos da ignorância".

António José Caria Mendes, de forma lapidar afirma:

"O turismo é, nos nossos dias, a arma mais poderosa de encontro de culturas e de diálogo entre povos e civilizações. É, por consequência, o caminho mais curto e seguro para a Paz entre os povos. O turismo

facilita e estimula a compreensão do outro quer como indivíduo, quer como sociedade”.

E isto, centrando a possibilidade do diálogo na dimensão de experiência do turista, porque: *“o turista está ávido de novas sensações, novas experiências e, como tal, aberto à aprendizagem do outro em todos os aspetos”*.

Na mesma senda, o Ptor. António Canoa, afirma, posição em tudo próxima, reforçando, também, essa dimensão experiencial do conhecimento:

“O Turismo é um grande contributo para a cultura de quem o executa. Viajar, visitar outros lugares, não é só conhecer, mas é também aprender, é guardar, para viver e recordar. O contacto com outros lugares, outras culturas, outros costumes, faz-nos pensar, refletir, analisar e tirar conclusões. E isso dá-nos novas visões, novos horizontes, novos conhecimentos, que enriquecem culturalmente”.

D. José Alves, aprofunda este valor da experiência através de uma análise, numa diacronia mais longa:

“O que atualmente se denomina de turismo pode considerar-se como uma continuação do nomadismo primitivo e das peregrinações que se prolongaram ao longo da história do cristianismo até aos nossos dias. Expressam um sentimento muito profundo, arraigado na natureza humana”.

Assim, e retomando as análises dos líderes já antes citados, afirma:

“O turismo, se feito com respeito, servirá, antes de mais para desfazer preconceitos que se arraigaram na mentalidade dos povos ao longo dos séculos, a partir das lutas e desentendimentos que se desencadearam por múltiplas razões e que atualmente já não têm sentido” [...] “[o turismo] fornece elementos para o diálogo, na medida em que cada pessoa, cada país e cada cultura gosta de ver respeitados os seus valores e as suas tradições. Sem os conhecer não é possível respeitá-los. Conhecendo-os e respeitando-os, criam-se condições para o diálogo.”

D Teodoro de Faria, que ao longo da sua vida acompanhou dezenas de grupos de peregrinos em visita à Terra Santa, afirmou:

“O turismo, no bom sentido da palavra, não está longe da peregrinação a lugares santos, porque aproxima os povos destes lugares por onde peregrinou o patriarca Abraão e os povos antigos. O turismo nestes lugares bíblicos é um caminho para a paz, mesmo que não seja nestas terras abençoadas pelos servos de Deus. No Oriente Médio encontramos-nos nas terras onde nasceram as três grandes religiões, hebraísmo, cristianismo e islamismo. Elas estão unidas entre si pelo patriarca Abraão a quem a Bíblia chama o “amigo de Deus”. Para mim, não é possível visitar estes lugares sem levar a Bíblia (Antigo e Novo Testamento) e até o Corão, para compreender a oração dos judeus no Muro das Lamentações, os cristãos, na Basílica da Ressurreição, e os muçulmanos nas mesquitas e no Monte do Templo. As guerras que, infelizmente, tiveram lugar nestes lugares

santos, são pecados da fraqueza humana – que vão contra as leis divinas, que devem aproximar hoje os visitantes para criar um mundo de paz e fraternidade. O diálogo não é um idílio, mas uma conquista que se consegue com humildade e verdade. A humanidade, se não cresce com o diálogo, não evitará as guerras, a dor e a destruição”

D. Teodoro de Faria, sobre a questão colocada da importância da viagem enquanto ferramenta para o diálogo, foi perentório:

“O plano é muito completo e rico, a intenção de participarem pessoas das três religiões é formidável no campo do ecumenismo e da paz, não exclui ninguém desde que seja verdadeiramente humano, e tenha um interesse muito alto por conhecer o vasto mundo da Bíblia e da história da humanidade”. Entusiasmado, e apesar dos seus 85 anos, acrescenta: “Muito gostaria de participar e aconselho a que outros o façam, no caso que ela venha a realizar-se”.

Num horizonte religioso, ainda, católico, o Pe. Delmar Barreiros dá-nos, talvez, a mais lapidar, resumida e rica afirmação da natureza do turismo no campo do diálogo:

“Estando nós num mundo globalizado, nenhum meio haverá mais eficaz do que o turismo para o contacto e absorção de outras culturas, bem como para a possibilidade de diálogo intercivilizacional e para abrir um verdadeiro e frutuoso caminho para a obtenção da Paz. É conhecendo os outros e os outros conhecendo-nos.”

David Munir, referindo-se aos conflitos do Médio Oriente, afirma:

“Só poderá haver diálogo se houver respeito e aceitação do outro e ter uma mente mais aberta e universal. É com o diálogo é que poderemos chegar a Paz, que infelizmente está muito distante no Médio Oriente.”

Desaguamos, com esta declaração de David Munir, no centro nevrálgico da problemática do Turismo Religioso como ferramenta para a paz. Mais que criar linhas de conhecimento, mais que desenvolver uma cultura de conhecimento e, por isso, de fomento da paz, temos aqui a assunção direta de um problema vigente. O turismo, aqui, pode ser paz numa forma ativa, imediata, e não apenas profilática, algo distante porque “apenas” preventiva.

- O turismo na relação com os “visitados”

Se parece relativamente unânime a imagem do turismo religioso como ferramenta para o diálogo e até para a paz, convém perceber os seus riscos e as formas como os contornar ou resolver. Facilmente – e sabemos-lo pela experiência cumulada de muitos anos de trabalho –, o turista pode dar corpo a uma postura ativa, onde as culturas visitadas são minorizadas, gerando assim no local, um ressentimento. Foi no sentido de perceber

sensibilidades e definir estratégias, que os líderes religiosos foram, também, inquiridos acerca desta problemática.

Vários dos nossos inquiridos demonstraram esse receio, tomando nós, aqui, as palavras do Ptor. Jorge Humberto, da Aliança Evangélica Portuguesa:

“Se os turistas no contacto com os habitantes locais, se apresentarem com a presunção de serem possuidores de uma identidade cultural superior, então o choque cultural será inevitável. Para que esta situação não aconteça, é necessário que os turistas sejam pessoas conscientes de que não existem culturas inferiores nem superiores, existem culturas diferentes. É na consciência humilde desta diferença que nasce a empatia, o respeito, a tolerância, mas acima de tudo o desejo de ser enriquecido pelo que é diferente.”

Mahommed Abed secunda plenamente o Ptor. Jorge Humberto, valorizando o respeito pelas tradições dos povos visitados:

“Se ao organizarem-se as visitas houver o cuidado de explicar os costumes e as tradições, e desde que os visitantes tenham sempre o cuidado de respeitarem estes princípios, os turistas nunca serão vistos como invasores, mas sim como amigos e serão testemunhos destas diferentes realidades junto das suas comunidades”

Aprofundando o próprio sentido de “peregrinação”, o Pe. Delmar Barreiros avança uma leitura em todo religiosa ou espiritual para a definição do próprio sujeito:

“Não creio que os grupos de turistas possam ser considerados como invasores. Eles devem ser, pura e simplesmente caminheiros e peregrinos do conhecimento, da novidade, da diferença do outro, desejos de dar e receber.”

Além desta dimensão quase espiritual na postura perante o “caminho”, uma visão profundamente cristã e mística, esta capacidade tem de ser construída:

“Um turista, antes de partir, deve preparar-se para a caminhada. Ir leve e livre, para regressar alegre e feliz. Com desejo de nova caminhada. Sugiro que qualquer líder de grupos de turistas se prepare e prepare os seus grupos para saber acolher e para ser bem acolhido, antes durante e depois da caminhada, ou seja em todo o percurso da viagem.”

Este lado “*metodológico*”, de preparação, no fundo a validação do nosso trabalho aprofundado na redação de conteúdos a distribuir, quer pelos guias, quer pelos visitantes, é também valorizado pelo Pe. Alexandre Bonito, Primaz da Missão Ortodoxa em Portugal, num sentido muito pragmático:

“A informação prévia dos turistas é fundamental, do ponto de vista das tradições locais sociais e religiosas é possível evitar conflitos, os operadores turísticos devem de ter o cuidado de procederem a

informação básica do comportamento adequado, "usos, indumentária e procedimentos corretos".

Terminando:

Entre a mística da viagem e o respeito pelo diferente, passando por uma valorização dos materiais e da preparação, vemos nesta problemática uma complexidade assaz interessante entre pragmatismo e mística.

Do projeto realizado em 1995, passando pelo organizado, mas não realizado em 2005, terminando neste que aqui se apresenta, verificamos vários níveis de conclusão a que temos de dar espaço, no sentido de construtivamente vir, um dia, a efetuar este projeto no Médio Oriente:

- Da auscultação aos líderes religiosos, ficámos ainda mais convencidos do valor intrínseco do projeto "Caminhos de Abraão" como ferramenta para a paz;

Dessa mesma auscultação, saiu reforçada a postura cultural de preparar os grupos para o contacto com a diferença – só com esse cuidado o sucesso pode ter lugar num campo religiosamente complexo;

- Ficou ainda clara a necessidade, para além da postura de respeito para com a diferença, de dar aos guias e aos visitantes materiais culturais que permitam uma boa imersão em conhecimento objetivo e isento;

Por fim, apesar de não se terem apresentado os custos, fiou clara a vontade de grande parte das comunidades religiosas auscultadas de participar e difundir esta viagem.

Resta-nos fazermos votos de que, num tempo relativamente curto, seja possível levar a cabo este projeto, dando o nosso pequeno contributo para o desenvolvimento de um clima de paz e diálogo.

### *Bibliografia*

- Andrade, J. V. Turismo fundamentos e dimensões. São Paulo: Ática, 2000.
- Antiguo Egito, Arte e Arqueologia. (2001). Vercelli: Wite Star Publishers.
- Araújo, L. M. (1959). O Clero do Deus Ámon. Chamusca: Edições Cosmos.
- Auscher, D., Béguerie, P., & Tournus, J. (1966). Itinéraires Bibliques: Voyage au Moyen-Orient. Tours: Les Editions du Cerf.
- Balash, E. (1987). Turquia. Barcelona: Rumbo Laertes S.A.
- Bellamy, A. J., Williams, P., & Griffin, S. (2010). Understanding Peacekeeping. Cambridge: Polity Press.
- Bíblia Sagrada Para o Terceiro Milénio da Encarnação. (2008). Fátima: Difusora Bíblica.
- Blainay, G. (2009). Uma Breve História do Mundo. São Paulo: Editora Fundamento Educacional.
- Blake, C. E., & Edmonds, A. G. (1994). Biblical Sites in Turkey. Istanbul: Redhouse Press.
- Bongioanni, A., & Croce, M. S. (2006). Museo Egipcio del Cairo. Italia: White Star S.Vercelli.
- Burns, R. (1998). Monuments de Syrie - Guide Historique. Damas: Edicion Dummar, B.P.
- Carro, D. (1992). Turquia, Guia del Buen Viajero. Barcelona: Naturart S.A.
- Casule, F. (2004). Arte e História Siria. Florença: Casa Editrice Bonechi.
- Cevallos, M.C.R. (2016). Religious Tourism. National Tourism Guide. Retrieved October 07,
- Chalaby, A. (1989). Egypt. Firenze: Casa Editrici Bonechi.
- Chapter 2. (n.d.). Introduction to Religious Tourism. Retrieved October 07, 2018 from [http://shodhganga.inflibnet.ac.in/bitstream/10603/170387/7/07\\_chapter2.pdf](http://shodhganga.inflibnet.ac.in/bitstream/10603/170387/7/07_chapter2.pdf)
- Clayton, P. A. (1994). Chronicle of the Pharaos. London: Thameos & Hudson.
- Cunha, Licínio (2013) *Ecónomia e Política doTurismo*, Lisboa Lidel- Edições Técnicas, Lda
- D'Amore, L. J. (1988). Tourism-A Vital Force for Peace. *Tourism Management*, 9(2), 151–154.
- Dahler, É. (1996). Os Lugares da Bíblia. Sacavém: Eduções São Paulo.



Diverse Beliefs: Tourism of Faith. Religious Tourism Gains Ground. (2012). Retrieved October 08, 2018 from <http://ficci.in/spdocument/20207/diverse-beliefs-tourism-of-faith.pdf>

Egito, Touring Club. (2000). Madrid: Grupo Anaya, S.A.,.

Egito: Guia American Express. (2001). Londres: Dorling Kindersley Limited.

Erman, A., & Ranke, H. (1976). La Civilization Egiptiene. Paris: Payot.

Ermini, F. (2006). O Princípio da civilização. Barcelona: Folio.

Etter, D. (2007). Situational Conditions of Attitude Change within Tourism Settings: Understanding the Mechanics of Peace through Tourism. Network of the International Institute for Peace through Tourism (IIPT), IIPT Occas. Retrieved from <http://www.iipt.org/educators/OccPap11.pdf>

Galtung, J. (1996). Peace by Peaceful Means: Peace and Conflict, Development and Civilization. London: SAGE Publications.

Gilbert, M. (1995). Atlas de la História Judia. Oxford: Merton College.

Goeldner, C. R., & Ritchie, J. R. B. (2006). Tourism: principles, practices, philosophies (7th ed.). New Jersey: John Wiley & Sons, Inc.

Griffin, K., & Raj, R. (2017). The Importance of Religious Tourism and Pilgrimage:

Guides Blues: Jordanie. (1986). Vanves: Hachette tourisme.

Harding, G. L. (1990). The Antiquities of Jordan. Great Britain: Jordan Distribution Agency.

Haydar, J. H. (2002). Ugarit, History and Archaeology. Damascus.

Honey, M., & Gilpin, R. (2009). Special Report on "Tourism in the Developing World: Promoting Peace and Reducing Poverty. Washington DC: United State Institute of Peace.

<http://eprints.leedsbeckett.ac.uk/4940/6/TheImportanceofReligiousTourismandPilgrimagePV-RAJ.pdf>

[https://www.researchgate.net/publication/328412778\\_The\\_Significance\\_of\\_Religious\\_Tourism](https://www.researchgate.net/publication/328412778_The_Significance_of_Religious_Tourism)

Humphreys, A. (1997). Middle East on shoestring. Lonely Planet.

International Journal of Applied Research, 3(1), 737-740. Retrieved October 08, 2018 from <http://www.allresearchjournal.com/archives/2017/vol3issue1/PartJ/3-4-173-131.pdf>

Jerusalém e a Terra Santa: Guia American Express. (2000). Londres: Dorling Kindersley Limited.

Jerusalém. (2001). Keter Publishing House Lda.

Kelly, I. (2006). Introduction to Peace through Tourism. Retrieved from <http://www.iipt.org/educators/OccPap01.pdf>

Kelly, I. (2006). Peace Through Tourism: A SWOT Analysis. Retrieved from <http://www.iipt.org/educators/OccPap02.pdf>

Kelly, I. (2006). Tourism and the Peace Proposition. IIPT Occasional Paper N<sup>o</sup>10.

Kramer, S. N. (1997). A história começa na Suméria. Mem Martins: Publicações Europa América.

Kung, H. (2010). Islão, Passado, Presente e Futuro. Coimbra: Edições 70.

Litvin, S. W. (1998). Tourism: The World's Peace Industry? *Journal of Travel Research*, 37–63. Retrieved from <http://jtr.sagepub.com/cgi/content/abstract/37/1/63>

Magi, G., & Fabbri, P. (1990). Egito 7000 Anos de Arte e História. Firenze.

Maio, C. a. (2004), Turismo Religioso e Desenvolvimento Local - Religious Tourism and Local Development *Publ. Ci. Hum., Ci. Soc. Apl., Ling., Letras e Artes*, 12 (1) 53-58, jun. 2004

Makarem, H. (1995). Tourist Guide of Syria. Damascus: Agency (SANA).

Möckli, D., & Wenger, A. (2003). Conflict prevention: the untapped potential of the business sector. London: Lynne Rienner Publishers.

Montaner, J.; Antiach, J.; Arcarons, (1998). R. Dicionário de Turismo. Madrid: Síntesis.

Morkot, R. (2002). Os Impérios do Antigo Egito. Lisboa: Centralivros Lda.

Moura, F. (2016). Viajar pelo Mundo. Lisboa: Edição de autor.

Moura, F., & Pinto, P. (2005). Itinerários de Fé. Lisboa: Media Livros, Atividades Editoriais SA.

Nathan, F. (1970). Egypte. Vérone: Officine Grafiche.

Nazmieh, R. T. D. (1987). Jordanie. Terni: Plurigraf Narni.

O Alcorão Sagrado. (1994). Iguaçú: LCE Publicações Eletrónicas. Retrieved from <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/alcorao.pdf>

Paliuras, A. (1985). Convento de Santa Catalina. Glyká Nerá Gracia: E. Tzaferis A.E.

Philip, R. D., Brooke, J., & George, R. (2002). Los Rollos del Mar Muerto y su Mundo. Madrid: Alianza Editorial S.A.

Radhika Kapur The Significance of Religious Tourism

Raina, A. K., & Agarwal, D. S. K. (2004). The essence of tourism development: Dynamics, Philosophy, and Strategies (8th ed.). New Delhi: Sarup & Sons.

Reflecting on Definitions, Motives and Data. *International Journal of Religious*

Richer, X. (1975). Syrie. Boulogne: Editions Delroisse.

Roaf, M. (2004). Mesopotâmia, Grandes Civilizações do Passado. Folio.

Seleccções do Reader's Digest (ed. lit.) (1975). História do Homem: nos últimos dois milhões de anos. Lisboa: Seleccções do Reader's Digest

Seleccções do Reader's Digest (ed. lit.) (1979). Os últimos mistérios do mundo. 1ª ed. Lisboa:

Seleccções do Reader's Digest (ed. lit.) (1985). Ao encontro do Passado. 1ª ed. Lisboa:

Shanthakumari, R. (2017). Challenges and Opportunities of Spiritual Tourism in India.

Sousa, R. (2011). Em busca da Imortalidade do Antigo Egito: Viagem às origens da civilização. Lisboa: Ésquilo.

Tavares, A. A. (1995). Civilizações Pré-clássicas. Lisboa: Universidade Aberta.

Tourism and Pilgrimage, 5(3), 1-8. Retrieved October 07, 2018 from

Turhan, C. (1991). Turquia Puerta de Oriente. Istanbul: STI.

Vilnay, Z. (1980). Guia de Israel (4th ed.). Jerusalém: Ministério de Turismo de Israel.

Vilnay, Z. (1980). Guia de Israel. Jerusalém: La Semana Publishing.

Wurmbrand, M., & Roth, C. (1987). El Pueblo Judio: Quatro mil años de história. Telavive: Editorial Aurora.

Yadin, Y. (1976). Jerusalém Revealed: Archaeology in Holy City. Israel: Exploration Society.

Yanai, M. (2007). El Mar Muerto, Jericó, Quamran, Ein guedi. Masada: Sdom, Palphot Ltd.

## **Anexos**

## Anexo 1- Inquerito

Exmº Senhor

Na esperança de que num futuro próximo, se poder voltar a viajar em segurança pelo Médio Oriente, nomeadamente aos países que são contemplados neste Projeto de Itinerário, o mestrando pretende saber da opinião de V. Ex<sup>a</sup>, sobre a viabilidade de concretização deste projeto, solicitando que responda às seguintes questões:

1- Em abstrato, como considera o Turismo em termos de cultura, diálogo e paz?

2- Poderá o Turismo, se feito com respeito, ser uma ferramenta para o diálogo?

Se sim em que aspectos?

3- Os grupos de turistas podem ser vistos pelos habitantes locais como "invasores" e desrespeitadores. O que sugere para que os turistas não sejam considerados como "criadores de conflitos"?

4- Já se deslocou ao Medio Oriente integrado em grupos turísticos?

Se sim, qual foi a sua impressão global?

5- Já fez viagens acompanhando grupos organizados por Francisco Moura?

Se sim, como caracteriza a sua ação e postura para com os visitados?

5.1- Qual a sua opinião sobre Francisco Moura, como tour leader e na sua relação, para com os que o acompanharam?

6- O viajante desses grupos tem que mais-valias no tipo de acompanhamento e postura do organizador?

7- Acha interessante, como ferramenta para o diálogo, o plano de viagem em torno dos Caminhos de Abrãao?

Se sim, faria essa viagem e aconselhava-a aos membros da sua comunidade religiosa?

8- Declaro que autorizo, o uso e o tratamento das minhas respostas a este questionário para uso do trabalho de relatório do Mestrado em Ciencia das Religiões, da Universidade Lusófona, do Francisco Moura.

Antecipadamente grato pela colaboração.

Atenciosamente

Francisco Moura

**Anexo 2- Resposta ao Inquérito** de personalidades ligadas ao Judaísmo, ao Cristianismo, Islamismo, e Comunidade Baha’i, que têm acompanhado o mestrando na sua atividade profissional na longa carreira profissional e que foram convidadas a pronunciarem-se através das respostas a um inquérito, sobre a importância deste Projeto como contribuição para a Paz no Médio Oriente.

## **Apêndices**

### Apêndice I- Artigos de Imprensa

**Apêndice**

**II-**

**Fotografias**

.....



**Apêndice III Mapas** .....

**Francisco Nunes De Moura**

**“O Caminho de Abraão” Como Contributo Para a Paz entre Judeus, Cristãos e Muçulmanos”**

**ANEXO I  
ITINERÁRIO, QUESTIONÁRIO E RESPOSTAS**

Dissertação apresentada para obtenção do Grau de Mestre no Curso de Mestrado em  
Ciência das Religiões conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e  
Tecnologias.

Orientado Prof Dr. José Manuel Brissos Lino  
Coorientador: Prof. Dr. Paulo Mendes Pinto

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias  
Faculdade de Ciências Sociais Educação e Administração

Versão provisória para defesa pública

Lisboa  
2018

## **Índice**

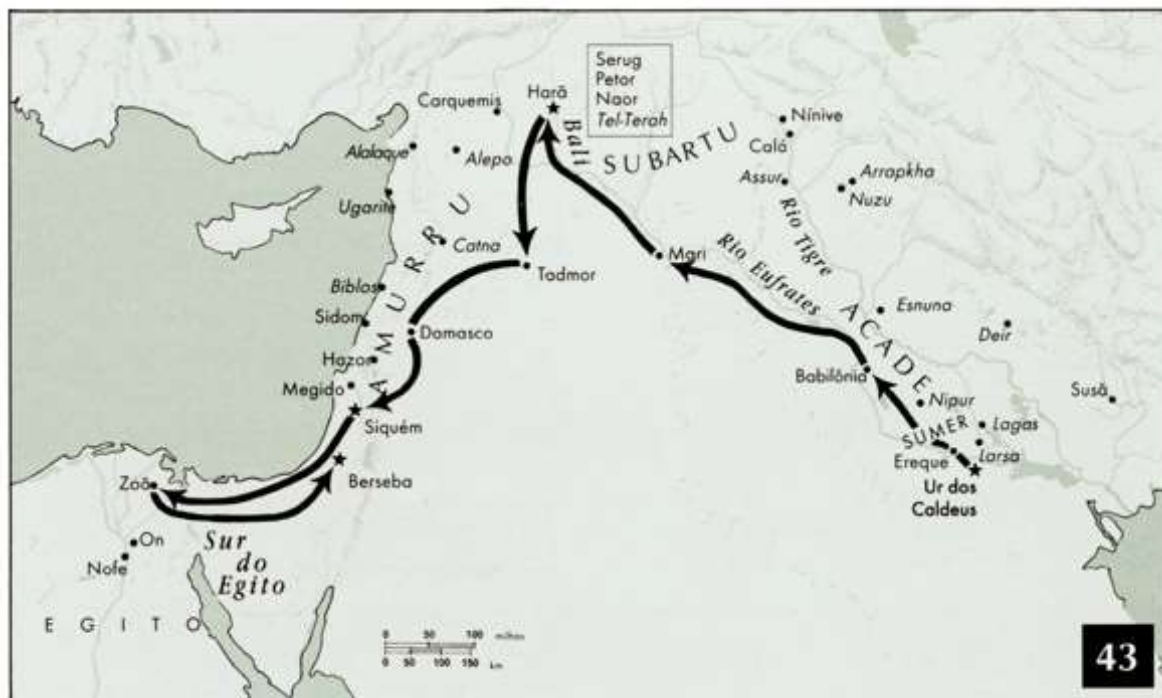
Itinerário .....	II
Questionário .....	XII
Respostas.....	XIV
Dr. Mahommed Abbed.....	XIV
D. Ivone Correia.....	XVIII
Arquiteto António José Aguiló y Fuster Caria Mendes .....	XXII
Exº Senhor D. Gilberto Reis.....	XXVII
Dr. José Alves.....	XXXI
Reverendo António Canoa .....	XXXVI
Dr. Isaac Assor .....	XL
Padre Delmar Barreiros.....	XLIV
Padre Alexandre Bonito .....	XLVIII
Pastor Jorge Humberto .....	LII
Dr. Teodoro de Faria .....	LVI
D. Manuel Madureira Dias .....	LXI
Sheik David Munir .....	LXV

## **Itinerário**

**Relatório e Projeto de Itinerário “O Caminho de Abraão”  
como contributo para a Paz entre judeus cristãos e muçulmanos”**

## Descrição do Itinerário

O itinerário "Caminho de Abraão" liga a cidade de Ur no Iraque ao Cairo, uma distância de 3800 km, percorrido em 19 dias. O percurso atravessa paisagens de rara beleza, alguns trechos emoldurados pelos míticos rios Tigre, Eufrates e Nilo, e contempla além dos locais bíblicos ligados à peregrinação de Abraão, relatados no A.T., como, Ur, Babilônia, Harran, San Urfa, Betel, Siquem, Mont Moriath, Mambre, Hebron, e Beersheba). Outras visitas contempladas neste projeto/itinerário, são marcos da história universal, dos quais destacamos; o templo Göbekli Tepe, datado de há 11 000 anos é considerado como o mais antigo do Mundo, Aleppo, as "cidades mortas" de Dier Mar Musa, Ugarite, Damasco, Bosra, no atual território da Síria. Na Jordânia, além da visita da capital Amman, contempla também, a cidade museu de Madaba, o mítico, Monte Nebo. Já nos territórios de Israel e da Autoridade da Palestina, visitaremos Shechem, Jericó, Jerusalém, Belém, Hebron, Bershava e o Mar Morto. No Egito as visitas começam pelo Monte Sinai, onde se encontra o Mosteiro de Santa Catarina. Esta viagem/peregrinação termina no Cairo, com destaque o museu egípcio, para as Pirâmides de Gizé, e para as ruínas da antiga capital Mênfis, e das suas necrópoles de Sacara e de Dashur. Estes locais são marcos da história da humanidade.



O itinerário "Caminho de Abraão"

## Itinerário Seguindo Os Passos De Abraão

**1º Dia - Lisboa/Bagdad (via cidade europeia)**

Partida do aeroporto de Lisboa via uma cidade europeia. Chegada a Bagdad. Visita panorâmica da cidade e visita ao museu Nacional do Iraque, reaberto em 2015, onde se encontram peças de incalculável grande valor museológico referente aos 7000 anos da longa história da Mesopotâmia. Alojamento no hotel.

**2º Dia - Bagdad / Babilonia (Al –Hillah) – Ur (340 km - 4 H)**

Partida em direção a Babilonia. Visita das ruínas da antiga capital do Imperio Babilónico de Hammurabi e o do Imperio Neo Babilónico, onde se destacam as antigas muralhas, e a Porta de Ishtar, mandada edificar por Nabucodonosor. A visita inclui as ruínas dos palácios do Norte e do Sul, e duma escultura de um leão única relíquia do Imperio babilónico. Continuação para Ur a cidade natal de Abraão. Alojamento

**3º Dia - Ur/ Mari (744 km - 8h40)**

Pela manhã visita das ruínas da antiga cidade com destaque para o Zigurate e para as ruínas da casa que a tradição diz ser do clã de Abraão. Partida para antiga Mari, situada em território Sírio junto ao rio Eufrates na fronteira com o Iraque. Alojamento. Alojamento

**4º Dia - Mari / Dura Europos / Haran (406 km - 6h00)**

Visita das ruínas do antigo Palácio Real, e dos templos com o recinto sagrado dedicados às deusas Ishtar, Ninni-zazá e Shamash, assim como da Porta Monumental, a cisterna e o Terraço Alto Partida. Continuação em direção a Dura Europos, uma das mais importantes cidades da antiguidade, para visitar as ruínas da antiga cidade, sobranceira ao Rio Eufrates, onde se destacam os inúmeros templos dedicados a diversas divindades. Continuação para Haran Alojamento

**5º Dia - Harran /San Urfa /Tell Gobekli / Allepo (380 km - 5h)**

Visita dos locais onde segundo a tradição habitou Abraão quando saiu de Ur, antes de ir para a Terra Prometida. Continuação para San Urfa, onde se destaca a piscina repleta de peixes da carpa que os muçulmanos consideram sagrados pois acreditam ser o lugar onde Abraham foi jogado no fogo por Nimrod. Continuação para a visita de um dos maiores tesouros da arqueologia mundial, recentemente descoberta o templo de Tell Gobekli, considerado o mais antigo do mundo, datado de há cerca de 11 000 anos a.C. Continuação para Allepo. Alojamento

**6º Dia - Alepo / Tellnessin/ Aleppo (40km - 50m)**

Visita da histórica cidade, que faz parte da Lista da UNESCO, como Património da Humanidade, e que outrora chegou a ser considerada como o mais importante centro de comércio entre a Europa e a Ásia. Visita da Cidadela, onde se encontra o antigo palácio Mediável. De tarde visita ao lugar arqueológico de Tellnessin famoso por ali se encontrar a basílica cristã de S Simeão, o estilista, datada do primeiro quartel do séc. V. Regresso a Allepo. Alojamento

**7º Dia - Alepo /Ebla / Ugarite ( Ras Shamra) ( 200 km - 3 h)**

Partida em direção a Ebla, para visita da antiga cidade estado, que ficou famosa para o mundo da arqueologia por ali terem sido encontradas em 1964, cerca de 20 000 tabuinhas, datadas de 2 250 a.C. Visita das muralhas da cidadela e da acrópole. Continuação para Ugarite, antiga cidade fenícia, onde durante o séc. XV a.C., foi inventado o alfabeto composto por 22 consoantes, que permitiu democratizar a escrita. Podemos observar as ruínas do Palácio Real, onde se destacam a Biblioteca do Palácio e a Biblioteca do Templo, a Acrópole e o Bairro Residencial. Alojamento

**8º Dia - Ugarit/Krack Chevalier/ Maalula / Damas (350 km - 4h)**

Partida com destino a Krack Chevalier, onde se ergue a mais imponente fortaleza de todo o Medio Oriente, mandada construir em 1 100 pelo Emir de Allepo, e mais tarde capturado durante a 1ª Cruzada pelo famoso cruzado Tancredo da Galileia. Mais tarde passou para a Ordem dos Cavaleiros Hospitalários. O imponente castelo fica situado num promontório a 650 metros de altitude, e na década de 30 do séc. passado teve importantes obras de restauro. Continuação para Maalula para visitar as antigas igrejas cristas ortodoxas, cuja população ainda conserva a antiga língua aramaica. A viagem prossegue para Damasco. Alojamento

**9º Dia - Damasco**

Dia inteiramente dedicado à descoberta da capital da Síria, a mais antiga cidade do mundo sempre habitável. Esta mítica cidade está ligada ao mítico Monte Cassio, mencionado no Antigo testamento, como o lugar onde se deu a tragédia, que envolveu Abel e Caim. Com uma história impar a cidade está ligada a S. Paulo. Visita da muralha, da Igreja de S. Paulo, Rua Direita, do histórico Mercado de Al Hamidiyya, do Museu Arqueológico, e da Mesquita



Omiada, construída sobre uma antiga igreja cristã, onde o grupo terá uma cerimônia religiosa, rezando pela paz das religiões.

**10º Dia - Damasco / Bosra / Jerash/ Amã (300 km - 5h)**

Pequeno-almoço e partida para Bosra, considerado como o mais importante local do período romano do país depois de Palmira. Visita da zona arqueológica, onde se destaca o famoso Teatro romano, um dos mais bem preservados do mundo. A história de Bosra está também ligada ao profeta Maomé. Continuação para a Jordânia, para visita de uma das joias arqueológicas a antiga cidade de Jerash, (antiga Gérasa), que fazia parte da Decápole romana. Visita do arco de Adriano, do Fórum de planta elíptica, dos vários teatros, do templo de Zeus, do cardo e dos decumanos, e das ruínas de antigas igrejas datadas do séc. V d.C. Continuação para a capital da Jordânia Aman. Alojamento

**11º Dia - Amam / Madaba / Mt Nebo / Betânia/ Nablus (Siquém) / Betel /Ai /Jericó / Mar Morto/ Kum Ram / Betel /Ai/ Jerusalém (160 km - 2h)**

Partida para uma visita panorâmica da cidade de Amam, observando o teatro romano, e o centro da cidade. Visita da cidadela, o núcleo mais antigo da cidade, situada numa colina a 840 metros de altitude. As mais antigas ruínas deste espaço estão datadas do III milénio a.C.

A viagem prossegue para Madaba, cidade bíblica. Visita da Igreja ortodoxa de S. Jorge, para se observar o famoso mapa bizantino, do séc. VI d.C., constituído por cerca de 2 milhões de tesselas, que media cerca de 94 m<sup>2</sup>, onde surge a cidade bizantina de Jerusalém. A poucos quilómetros de distância surge o Monte Nebo, ligado à história de Moisés. Aqui celebraremos uma cerimónia religiosa. Visita do museu e da Igreja de Moisés, onde se encontram magníficos mosaicos, datados da 2ª metade do séc. IV d.C. Após alguns quilómetros, chegaremos até a localidade de Betânia, junto ao rio Jordão, lugar onde recentemente foram descobertas ruínas de várias igrejas cristãs, datadas dos séculos IV e V d.C. que a tradição aponta como o lugar onde Jesus foi batizado por João Batista. Passagem de fronteira para Israel. Continuação para Nablus, (Shjem), situada na Samaria, entre os montes Garizin e Ebal.

Visita do mosteiro ortodoxo onde no interior se encontra o poço que se acredita ser o famoso “Poço de Jacob). A cerca de 2km de distância situa-se a atual aldeia de Askar lugar da bíblica a Siquém, descoberta pelo arqueólogo alemão Ernst Sellin, o local onde o patriarca Abraão ergueu o 1º altar na Terra Prometida de Canaã, junto ao carvalho de Moré. Continuação para Junto do local onde vestígios arqueológicos nos remontam para as bíblicas, Betel e Ai, onde segundo o Gênesis Abraão edificou o segundo altar a Deus na

Terra Prometida. Mais tarde o Profeta revisitou o lugar depois da sua peregrinação no Egito. A próxima paragem será em Jericó, considerada como a cidade amuralhada mais antiga do mundo. O seu tell está datado de há cerca de 9000 anos. Jericó a cidade das Palmeiras, está também ligada à conquista dos Israelitas por Josué, assim como a vários acontecimentos bíblicos ligados à figura de Jesus. Continuação para visitar as Grutas de Kum Ram, descobertas em 1948, onde se encontravam os famosos Manuscritos do Mar Morto, ligados aos Essénios e que se encontram expostos no museu de Jerusalém.

Continuação com destino ao bíblico lugar de Betel que em hebraico, significa "Casa de Deus") antiga cidade cananeia. Esta localidade é a mais mencionada na Bíblia, depois da cidade de Jerusalém. A cidade assinala o local onde Abraão armou a sua tenda e edificou outro altar. Continuação para Jerusalém. Chegada ao Monte Scopus, onde se obtém uma magnífica panorâmica da cidade santa, para as três religiões abraâmicas. Alojamento

### **12º dia - Jerusalém**

Dia inteiramente dedicado à visita dos principais locais religiosos. Iniciamos com a visita do Monte das Oliveiras, onde se observa a mais bela vista sobre Jerusalém, com destaque para as muralhas que envolvem a cidade e para Esplanada do Templo. Visita da Igreja do Pater Noster, do local da Ascensão. Descida a pé junto ao milenar cemitério judaico, com paragem na Igreja Dominus Flevit. Continuação ad descida até à Igreja do Getsémani, também conhecida como a Igreja das Nações. Nos jardins podemos observar oliveiras milenares. Mesmo ao lado encontra-se a Igreja ortodoxa do Tumulo da Virgem e a Igreja da Traição. Visita da Grande Sinagoga de Jerusalém, onde haverá uma cerimónia pela Paz no medio Oriente, presidida pelo Grande Rabino. De tarde visita do Bairro Judeu, que termina com a visita ao mais sagrado local judeu, o Muro das Lamentações. Subindo uma pequena rampa, temos acesso à área do antigo Templo de Jerusalém, onde atualmente se encontra a Cúpula Dourada (Mesquita de Omar). Por debaixo da cúpula encontra-se um dos mais sagrados locais para o judaísmo, o Monte Mória que nos lembra o episódio bíblico em que Abraão estava disposto a sacrificar o seu filho, como prova de amor a Deus. No tempo do Templo foi neste espaço que se encontrava "O Santo dos Santos". No outro extremo da esplanada situa-se a Mesquita de AL Aksa. O conjunto destas duas mesquitas, são para o Islão o terceiro lugar mais sagrado para a Fé Islâmica, depois de Meca e de Medina. Neste espaço sagrado, sob o controle dos muçulmanos, tentaremos organizar uma cerimónia religiosa, na sagrada mesquita de Al Aksa. Continuação para visitar o Monte Sião, com destaque para o Cenáculo, onde Jesus tomou a ultima Ceia, com os Apóstolos, e o denominado Tumulo de David. Regresso al hotel Alojamento

### **13º dia - Jerusalém / Belém / Jerusalém**

Apos o pequeno-almoço, visita a pé dos bairros, Bairro Árabe, e Cristão onde se encontra a Igreja do Santo Sepulcro. Neste local tao especial para os cristãos, será organizada uma cerimónia comunitária, com oração pela Paz, e onde serão convidadas as várias confissões religiosas que se encontram instaladas na Igreja do Santo Sepulcro. Segue-se a visita ao Memorial do Holocausto, onde plantaremos uma árvore em memória desta peregrinação interconfessional. No mesmo local prestaremos uma homenagem ao português Aristides Sousa Mendes, cônsul de Bordéus, que durante a II Grande Guerra Mundial, evitou que mais de 10 000 judeus tivessem sido mortos. Ainda no cemitério nacional, Mount Herzl, visitaremos o cemitério nacional, para prestarmos uma homenagem a Shimon Peres, antigo presidente de Israel, que defendia que a o estabelecimento da paz com os vizinhos árabes e palestinos passava pela subida da qualidade de vida de todos os habitantes de toda a região. O dia termina com a visita do Museu do Livro, onde se encontram os Manuscritos do Mar Morto descobertos em Kum Ram, em 1947. De tarde iremos visitar a Belém para visitar a Basílica da Natividade, a mais antiga construção cristã na Terra Santa, onde se encontra a gruta onde nasceu Jesus. Neste espaço além da Igreja Católica, também visitaremos a Igreja Ortodoxa Regresso ao hotel, jantar e Alojamento

### **14º dia Jerusalém / Manbre / Hebron / Bersheva / Mar Morto / Eilat (350 km - 4,5 h)**

Partida para visitar o Tumulo de Raquel, que hoje está integrado no muro de separação entre Israel e a Autoridade Palestina. Segue-se a visita a Belém particularmente da Igreja da Natividade, a mais antiga construção cristã na Terra Santa, onde se encontra a gruta onde nasceu Jesus. Neste espaço além da Igreja Católica, também visitaremos a Igreja Ortodoxa. Continuação para Mambré que passou para a história como sendo um lugar importante para a sucessão dos patriarcas da fé. Junto a um velho carvalho lembramos o encontro de Abraão com Deus. A manha termina com a visita do Tumulo dos Patriarcas em Hebron onde repousam, Abraão, Isaac e Jacob.

Continuação em direção a Bersheva situada no meio do deserto, e que remonta à história dos Patriarcas relacionado com o conflito por causa de um poço de água entre Abraão e o rei filisteu de Gerar Abimelec, assim como outros episódios bíblicos passados com seu filho Isaac e Jacob. Visita do Tel Be'er Sheva, local arqueológico classificado como Património Mundial da UNESCO, e cujas ruínas os indicam que o lugar foi habitado deste o quarto milénio a.C. Durante o percurso até Eilat vamos poder observar o Mar Morto o local mais baixo da terra. Continuação para Eilat Alojamento

**15º Dia - Eilat / Monte Sinai / Mosteiro Santa Catarina (3 horas - 195km)**

Formalidades de fronteira com o Egito e partida em direção ao Monte Sinai. Chegada e visita ao Mosteiro de Santa Catarina, situado no interior duma fortaleza, onde se encontra uma evocação à Sarça-ardente, ligada a Moisés. Visita da Igreja ortodoxa onde se encontram expostos magníficos ícones. Alojamento. Durante a noite possibilidade de efetuar a subida a pé ao pico de granito com 2285 metros de altitude ao denominado local do Monte Sinai, que segundo a tradição judaica foi o local da Aliança onde Moisés recebeu de Deus os 10 Mandamentos, as Tabuas da Lei, que durante séculos ficaram guardados no desaparecida Arca da aliança. Alojamento no hotel.

**16º Dia - Monte Sinai / Cairo / Cidadela Pirâmides de Gizé (405 km - 5 h)**

Partida em direção ao Cairo. Chegada e início da visita da cidade, com a Cidadela, onde se destaca a mesquita de Mahomed Ali, considerada a mais bela da cidade. Alojamento

**17º Dia - Cairo**

Iniciamos a visita ao Museu do Cairo, que contém a maior e a mais bela coleção egípcia, com destaque para as salas; ligadas aos tesouros encontrados no Tumulo de Tutankammon, do faraó Akneton e da sala das múmias. Visitaremos o Bairro Copta, um dos mais históricos da cidade, onde se destacam; as Igrejas de S. Jorge e de S. Sérgio, onde segundo a tradição pernitoou a Sagrada Família, aquando da sua Fuga para o Egito, a Sinagoga de Bem Ezra, e

o Museu Copta, que conserva muitos tesouros, onde se destaca a denominada "Biblioteca de Nag Hammadi" uma coleção de textos gnósticos do cristianismo primitivo. O dia termina na vista à Necrópole de Gize, para podermos contemplar as famosas Pirâmides de Quéops, Quéfren e Mikerinos. Regresso ao hotel. Alojamento

**18º Cairo / Memphis / Sacara / Dashur / Cairo (80 km -1,30h)**

Partida para visitar as ruínas da mítica cidade de Mennufer antiga capital do Egito, e que os gregos chamaram de Mênfis, fundada pelo Rei Menes 1º soberano da 1ª Dinastia. Podemos admirar uma esfinge em alabastro que se encontra na grande esplanada, e uma estátua jacente gigantesca de Ramsés II. Continuação para a visita à necrópole menfita de Sacará, ponto obrigatório de visita, onde se admiram as primeiras colunas embebidas do antigo templo, mandado pelo genial Himhotep, medico e arquiteto, vizir do faraó. As duas pirâmides de Snoufrou e de Djoser, a famosa pirâmide em degraus, são dois marcos para a história da arquitetura. Após a visita continuação para Dashur, situada um pouco a sul de

Sakara, e que também foi usada como necrópole durante os Impérios Antigo e Médio. Podemos contemplar a Pirâmide Arqueada, considerada como a primeira pirâmide perfeita. Regresso ao Cairo. À noite assistência ao espetáculo de Luz e Som junto à Pirâmide de Quéfren em Gize. Alojamento

**19º Dia - Cairo Lisboa**

Regresso a Lisboa via uma cidade europeia.

## **Questionário**

Questionário que acompanhou o Itinerário para a apreciação dos Entrevistados

Ex<sup>o</sup> Senhor,

Na esperança de que num futuro próximo, se poder voltar a viajar em segurança pelo Medio Oriente, nomeadamente pelos países que são contemplados neste Projeto de Itinerário, o mestrando pretende saber da opinião de V. Ex<sup>a</sup>, sobre a viabilidade de concretização deste projeto, solicitando que responda às seguintes questões:

**1. Em abstrato, como considera o Turismo em termos de cultura, dialogo e paz?**

**2. Poderá ser o Turismo, se feito com respeito, ser uma ferramenta para o diálogo?**

**Se sim, em que aspetos?**

**3. Os grupos de turistas podem ser vistos pelos habitantes locais como "invasores" e desrespeitadores. O que sugere para que os turistas não sejam considerados como "criadores de conflitos"?**

**4. Já se deslocou ao Médio Oriente integrado em grupos turísticos?**

**Se sim, qual foi a sua impressão global?**

**5. Já fez viagens acompanhando grupos organizados por Francisco Moura?**

**Se sim, como caracteriza a sua ação e postura para com os visitados?**

**5.1 Qual a sua opinião sobre Francisco Moura, como tour leader e na sua relação, para com os os que o acompanharam?**

**6. O viajante desses grupos tem que mais-valias no tipo de acompanhamento e postura do organizador?**

**7. Acha interessante, como ferramenta para o diálogo, o plano de viagem em torno dos Caminhos de Abraão?**

**Se sim, faria essa viagem e aconselhava-a aos membros da sua comunidade religiosa?**

Antecipadamente grato pela colaboração. Atenciosamente,

Francisco Moura

**Respostas**

**Dr. Mahommed Abbed**

Vice Presidente da Comunidade Islâmica de Lisboa (C.I.L)



Questionário que acompanhou o Itinerário para a apreciação dos Entrevistados

Ex<sup>o</sup> Senhor Dr. Mahommed Abbed, Vice Presidente da Comunidade Islâmica de Lisboa (C.I.L)

Na esperança de que num futuro próximo, se poder voltar a viajar em segurança pelo Medio Oriente, nomeadamente pelos países que são contemplados neste Projeto de Itinerário, o mestrando pretende saber da opinião de V. Ex<sup>a</sup>, sobre a viabilidade de concretização deste projeto, solicitando que responda às seguintes questões:

**1. Em abstrato, como considera o Turismo em termos de cultura, dialogo e paz?**

R: No âmbito do Turismo Cultural é extremamente importante pois permite conhecer no próprio local a religião, a cultura e os costumes dos povos, esbatendo assim as desconfianças e os preconceitos evitando os males entendidos que levam a conflitos frutos da ignorância.

**2. Poderá ser o Turismo, se feito com respeito, ser uma ferramenta para o diálogo?**

**Se sim, em que aspetos?**

R: sim e como já foi referido no ponto anterior ao termos conhecimento das tradições do "outro" faz com que se estabeleça a confiança necessário que leva ao diálogo e ao respeito mútuo

**3. Os grupos de turistas podem ser vistos pelos habitantes locais como "invasores" e desrespeitadores. O que sugere para que os turistas não sejam considerados como "criadores de conflitos"?**

R: Se ao organizarem-se as visitas houver o cuidado de explicar os costumes e as tradições e desde que os visitantes tenham sempre o cuidado de respeitarem estes princípios, os

turistas nunca serão visto como invasores mas sim como amigos e que serão testemunhos destas diferentes realidades junto das suas comunidades

**4. Já se deslocou ao Médio Oriente integrado em grupos turísticos?**

**Se sim, qual foi a sua impressão global?**

R: Tive uma impressão muito positiva, sendo uma experiência a repetir

**5. Já fez viagens acompanhando grupos organizados por Francisco Moura?**

**Se sim, como caracteriza a sua ação e postura para com os visitados?**

R:-Sim, já fiz muito em particular numa viagem com estas características no ano de 1995 numa viagem inter confessional em que participaram judeus, cristãos de várias tendências e muçulmanos. O promotor Francisco Moura teve o cuidado de nos explicar todos os pormenores da viagem incidindo em particular os costumes e as vivências de cada uma das populações a visitar, para que os visitantes pudessem melhor interagir com a população.

**5.1. Qual a sua opinião sobre Francisco Moura, como tour leader e na sua relação, para com os que o acompanharam?**

R: A minha opinião só pode ser o de realçar o profissionalismo posto pelo Francisco na preparação e na forma como conduziu toda esta visita exemplar que a todos nos marcou e que foi devidamente notada pelos jornalistas que nos acompanharam na viagem.-

**6. O viajante desses grupos tem que mais-valias no tipo de acompanhamento e postura do organizador?**

R: O viajante só tem tudo a ganhar pela forma como o organizador nesta caso particular o Francisco, que prepara este tipo de viagem, visto que tem um grande conhecimento histórico e culturais dos diversos locais que se visita, sendo um grande entusiasta do diálogo inter religioso.

**7. Acha interessante, como ferramenta para o diálogo, o plano de viagem em torno dos Caminhos de Abraão?**

**Se sim, faria essa viagem e aconselhava-a aos membros da sua comunidade religiosa?**

R: Nesta proposta de itinerário não só faria a viagem, como também tentaria levar mais pessoas da Comunidade Islâmica e outras pessoas amigas independentemente das sua fé.

**8. Declaro que autorizo, o uso e o tratamento das minhas respostas a este questionário para uso no trabalho da dissertação do Mestrado em Ciência das Religiões da Universidade Lusófona, do Francisco Moura .**

Nome: Mahomed Abed Gulamo Mahomed

Lisboa, 24 de Junho de 2018

**RESPOSTAS**

**D. Ivone Correia**

Comunidade Bahá'í de Lisboa Portugal

Questionário que acompanhou o Itinerário para a apreciação dos Entrevistados

Ex<sup>o</sup> Senhora D. Ivone Correia, Comunidade Bahá'í de Lisboa Portugal,  
Na esperança de que num futuro próximo, se poder voltar a viajar em segurança pelo Medio Oriente, nomeadamente pelos países que são contemplados neste Projeto de Itinerário, o mestrando pretende saber da opinião de V. Ex<sup>a</sup>, sobre a viabilidade de concretização deste projeto, solicitando que responda às seguintes questões:

**1. Em abstrato, como considera o Turismo em termos de cultura, diálogo e paz?**

R: O objetivo do turismo é a visita a locais, já conhecidos ou não.

Ao fazer-se turismo têm-se vários objetivos em mente, tais como aumentar os conhecimentos acerca de outros povos, do seu património cultural, artístico, histórico e intelectual. Este conhecimento é de importância capital, se não cai-se na triste situação de se pensar que somos superiores aos “outros” sobre os quais, afinal, quase nada se conhece. A experiência diz que ao voltar duma viagem, volta-se sempre muito mais rico, porque se contacta com muita gente, aprende-se sobre os seus problemas, as suas dores, as suas alegrias e fica-se sempre com o sentimento de que as probabilidades de ajudar a promover a paz neste mundo, será tão mais fácil se se puder ter a possibilidade de conseguir uma maior compreensão através da comunicação pessoal. Logo, o turismo é, de facto, o fator mais promissor para fomentar a cultura e propiciar a paz.

**2. Poderá ser o Turismo, se feito com respeito, ser uma ferramenta para o diálogo?**

**Se sim, em que aspetos?**

R. “Se feito com respeito”, quer dizer, sem quaisquer preconceitos, quer de raça, de língua, de credo ou de sexo, o turismo é, realmente, uma excelente ferramenta para o diálogo. Outras sub-ferramentas (se assim se podem chamar) a serem usadas para o diálogo acontecer: 1. A Língua, como não é viável falarmos todas as línguas por onde se viaja, deveria ser criada uma língua auxiliar mundial, que permitisse o contacto direto com todos os povos; 2. Humildade para ouvir o outro e procurar entender as especificidades da sua cultura e diversidade, sem se sentir superior ou inferior, dependendo dos povos; 3. Cortesia para que o “outro” sinta empatia; 4. Apreciação das suas tradições, não apenas como

espectáculo, mas como cultura; 5. Ética para ajudar a construir e não a destruir a sociedade que encontra

**3. Os grupos de turistas podem ser vistos pelos habitantes locais como "invasores" e desrespeitadores. O que sugere para que os turistas não sejam considerados como "criadores de conflitos"?**

R: Respondi acima

**4. Já se deslocou ao Médio Oriente integrado em grupos turísticos?**

**Se sim, qual foi a sua impressão global?**

R: Não

**5. Já fez viagens acompanhando grupos organizados por Francisco Moura?**

**Se sim, como caracteriza a sua ação e postura para com os visitados?**

R: Infelizmente nunca.

**5.1. Qual a sua opinião sobre Francisco Moura, como tour leader e na sua relação, para com os os que o acompanharam?**

R: Como disse, nunca fui a nenhum tour com Francisco Moura mas, pelo convívio que tenho tido com ele ao longo de alguns anos, estou certa de que, com a sua experiência, educação, cortesia, abertura ao diálogo e conhecimentos é, certamente, um tour leader de excelência

**6. O viajante desses grupos tem que mais-valias no tipo de acompanhamento e postura do organizador?**

R: Com um bom organizador, não tem problemas logísticos, ou se aparecerem serão rapidamente sanados; a viagem será um prazer porque o acompanhante está sempre atento às necessidades dos clientes; provoca no grupo uma harmonia que permite gerar amizades, por vezes duradouras; sendo o leader uma pessoa que tenha conhecimento do local, da língua, da cultura e das tradições, proporciona ao cliente adquirir uma riqueza cultural muito mais elevada. Enfim, fará com que o grupo fique com uma recordação maravilhosa da viagem e o grande desejo de fazer mais viagens com ele.

**7. Acha interessante, como ferramenta para o diálogo, o plano de viagem em torno dos Caminhos de Abraão?**

**Se sim, faria essa viagem e aconselhava-a aos membros da sua comunidade religiosa?**

R: Acho que é uma viagem maravilhosa, talvez um pouco longa, gostaria muito de a fazer e aconselharia os meus amigos a fazê-la.

**8. Declaro que autorizo, o uso e o tratamento das minhas respostas a este questionário para uso no trabalho da dissertação do Mestrado em Ciência das Religiões da Universidade Lusófona, do Francisco Moura.**

Junho, 2018

## **RESPOSTAS**

**Arquiteto António José Aguiló y Fuster Caria Mendes**

Presidente da Associação Amizade Portugal-Israel, membro da Comunidade Israelita de Lisboa e da Comunidad Judia de les Illes Balears.



Questionário que acompanhou o Itinerário para a apreciação dos Entrevistados

Ex<sup>o</sup> Senhor Arquitecto António José Aguiló y Fuster Caria Mendes, Presidente da Associação Amizade Portugal-Israel, membro da Comunidade Israelita de Lisboa e da Comunidad Judia de les Illes Balears.

Na esperança de que num futuro próximo, se poder voltar a viajar em segurança pelo Medio Oriente, nomeadamente pelos países que são contemplados neste Projeto de Itinerário, o mestrando pretende saber da opinião de V. Ex<sup>a</sup>, sobre a viabilidade de concretização deste projeto, solicitando que responda às seguintes questões:

**1. Em abstrato, como considera o Turismo em termos de cultura, dialogo e paz?**

R: O turismo é, nos nossos dias a arma mais poderosa de encontro de culturas e de diálogo entre povos e civilizações. É, por consequência, o caminho mais curto e seguro para a Paz entre os povos. O turismo facilita e estimula a compreensão do outro quer como indivíduo, quer como sociedade. O turista está ávido de novas sensações, novas experiências e, como tal, aberto à aprendizagem do outro em todos os aspectos. Tendo como paradigma a “máxima” que: “Não se ensina, aprende-se!”, o turista apenas precisa de alguns bons referenciais aliados a pequenos estímulos afectivos e intelectuais para que o processo de integração e compreensão do mundo do outro se inicie.

**2. Poderá ser o Turismo, se feito com respeito, ser uma ferramenta para o diálogo? Se sim, em que aspectos?**

R: Sim. O turismo pode ser uma ferramenta excepcional para o estabelecimento de diálogos que podem situar-se em áreas muito diversas consoante o ou os interesses do utilizador. Se bem conduzido, o turismo abre uma panóplia infindável de encantos e/ou

fascínios que, pela suas qualidades intelectual e afectiva podem permitir a criação de redes ou estruturas de suporte da compreensão mútua entre o/os indivíduos e a/as sociedades.

**3- Os grupos de turistas podem ser vistos pelos habitantes locais como "invasores" e desrespeitadores. O que sugere para que os turistas não sejam considerados como "criadores de conflitos"?**

R: Sim, podem ser vistos como "invasores" e, piores do que desrespeitadores, "destrutores" "aniquiladores. Para tal, basta que a presença dos turistas se mostre de uma forma arrogante, o que, infelizmente, julgo não ser muito raro. Quando um turista se mostra aos habitantes locais com a arrogância de poder, de qualquer tipo, estabelece-se uma relação de hostilidade, ainda que latente, entre ele, turista e o habitante local. Para obviar esta situação, julgo ser necessário, que o agente turístico que organiza ou orienta a viagem possua conhecimentos sólidos e profundos dos locais a visitar, não só ao nível do monumental, artístico ou paisagístico mas, das populações visitadas, da sua história, dos seus hábitos e costumes para que a todo o momento possa com o ascendente que lhe proporcionam estes conhecimentos atalhar, de forma muito discreta, qualquer suspeita de tensão que possa vir a estabelecer-se entre o visitante e o visitado, individual ou colectivamente.

**4- Já se deslocou ao Médio Oriente integrado em grupos turísticos? Se sim, qual foi a sua impressão global?**

R: Sim, apenas ao Egipto (se se pode considerar Médio Oriente), à Turquia e a Israel. Em qualquer dos casos, nunca tive ou senti o mínimo problema, talvez porque os agentes turísticos que nos acompanhavam eram pessoas de elevado nível intelectual e, portanto, aptos a resolver instantaneamente qualquer problema existente. Por outro lado, quer a população egípcia, quer a turca (embora que menos que os egípcios...) são pessoas muito cordatas e afáveis. Em Israel, naturalmente nunca tive qualquer problema, embora reconheça que existe, por vezes, alguma tensão causada pelo medo. Por três vezes assisti ao desencadear de situações de alarme em que as sirenes nos "empurravam para os abrigos" devido a ataque com mísseis disparados da faixa de Gaza

**5- Já fez viagens acompanhando grupos organizados por Francisco Moura? Se sim, como caracteriza a sua acção e postura para com os visitados?**

R: Nunca fiz nenhuma viagem com Francisco Moura, pelo que não posso caracterizar a sua acção e postura para com os visitados. Porém, conhecendo bem a sua forma de estar e

as suas qualidades intelectuais e afectivas julgo poder afirmar que a sua acção deve ser fortemente positiva no sentido da criação de espaços de compreensão mútua entre turistas e habitantes locais.

**5.1. Qual a sua opinião sobre Francisco Moura, como tour leader e na sua relação, para com os que o acompanharam?**

R: Penso ter dado a resposta na anterior questão. Nunca fiz nenhuma viagem com Francisco Moura.

**6- O viajante desses grupos tem que mais-valias no tipo de acompanhamento e postura do organizador?**

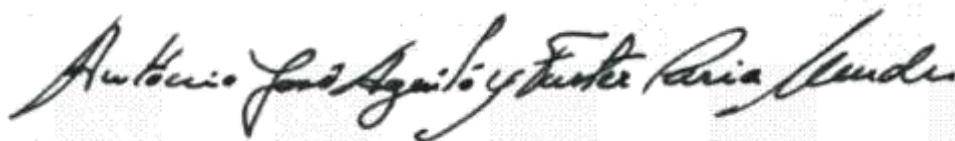
R: Naturalmente, têm a mais valia dos conhecimentos, da experiência, da sensibilidade e do empenho que o organizador depõe na criação e aplicação dos seus actos ou das suas funções.

**7- Acha interessante, como ferramenta para o diálogo, o plano de viagem em torno dos Caminhos de Abraão? Se sim, faria essa viagem e aconselhava-a aos membros da sua comunidade religiosa?**

R: Acho interessantíssimo o plano de viagem em torno dos Caminhos de Abraão, a tal ponto que seria o primeiro a candidatar-me, se pudesse, para o realizar. Naturalmente, como Judeu, existem locais que eu não teria interesse particular em visitar. Não por desdém, mas por os considerar “negativos”, isto é, porque, a meu ver, fazem parte de uma “mitologia” que não privilegia a inteligência mas sim o sentimentalismo acrítico. No entanto, por uma questão de interesse cultural e social, não deixaria de o fazer. Julgo, porém, que o bom senso, o profissionalismo e o conhecimento do Médio Oriente que Francisco Moura possui, permitiria ultrapassar alguns obstáculos que possam subsistir. É o caso delicada situação política de Jerusalém, considerada a terceira cidade santa para os muçulmanos, é, no entanto, a única cidade sagrada para os judeus. Fundada por David, nela se situam as ruínas do único Templo Judaico criado por Salomão de acordo com as instruções divinas. Destruído por Nabucodonosor, reconstruído posteriormente por Herodes, o Grande e, posteriormente, destruído, tal como a própria cidade no ano 70 e.c. pelo exército romano sob a ordem do Imperador Tito. Sendo ultrapassados, de uma forma inteligente e “diplomática” os problemas políticos ou sócio-políticos subjacentes, estou certo que o presente projecto constituirá um forte apoio à paz na região, pelo que, já me seria possível e

constituiria um acto louvável, divulgá-lo e aconselhá-lo vivamente junto das comunidades judias.

**8. Declaro que autorizo, o uso e o tratamento das minhas respostas a este questionário para uso no trabalho da dissertação do Mestrado em Ciência das Religiões da Universidade Lusófona, do Francisco Moura.**



António José Aguiar y Furtado Maria Mendes

Junho, 2018

**RESPOSTAS**

**Ex<sup>o</sup> Senhor D. Gilberto Reis**

Bispo Emérito de Setúbal

Questionário que acompanhou o Itinerário para a apreciação dos Entrevistados

Ex<sup>o</sup> Senhor Ex<sup>o</sup> Senhor D. Gilberto Reis, Bispo Emérito de Setúbal

Na esperança de que num futuro próximo, se poder voltar a viajar em segurança pelo Medio Oriente, nomeadamente pelos países que são contemplados neste Projeto de Itinerário, o mestrando pretende saber da opinião de V. Ex<sup>a</sup>, sobre a viabilidade de concretização deste projeto, solicitando que responda às seguintes questões:

**1. Em abstrato, como considera o Turismo em termos de cultura, dialogo e paz?**

R: Ferramenta importante. Responde ao desejo presente no coração humano de conhecer, de ir mais longe, de buscar e dialogar com outras culturas e pessoas. Tem grande capacidade para o diálogo e a paz na medida em que estas não se podem construir sobre a suspeita, a ignorância, o preconceito. O turismo tem capacidade para ultrapassar estas coisas e para ajudar a descobrir cada pessoa na sua irrepetibilidade e grandeza.

**2. Poderá ser o Turismo, se feito com respeito, ser uma ferramenta para o diálogo?**

**Se sim, em que aspetos?**

R: Sim, na medida em que permite conhecer e ultrapassar o desconhecimento e os preconceitos.

Pode acontecer que o turista admire paisagens, tradições, obras de arte, cidades...mas se esqueça de perguntar pelas pessoas e por cada pessoa. Também pode acontecer que se considerem ‘menos pessoas’ por não terem os mesmos costumes ou desenvolvimento técnico.

È preciso que o turista veja as pessoas na sua riqueza única para lá da floresta...

**3. Os grupos de turistas podem ser vistos pelos habitantes locais como "invasores" e desrespeitadores. O que sugere para que os turistas não sejam considerados como "criadores de conflitos"?**

R: Sobretudo com os grupos organizados pode ser importante uma palavra do guia – no início, talvez, da viagem – a lembrar a necessidade de ser capaz de ver, de descobrir as pessoas e cada pessoa e de a respeitar como ela é; e de compreender a riqueza espiritual dum comportamento ou duma religião ou duma tradição que me possa ser estranha porque diferente da minha mas que ajuda a descobrir a riqueza imensa de cada pessoa.

Não sei se nos programas não poderia aparecer uma palavra a apontar para isso.

Num caso ou noutro até talvez pudesse haver a proposta dum encontro com uma associação cultural local...

**4. Já se deslocou ao Médio Oriente integrado em grupos turísticos?**

**Se sim, qual foi a sua impressão global?**

**Se sim, como caracteriza a sua ação e postura para com os visitados?**

R: Fui em grupos com paróquias e a impressão foi muito boa.

**5. Já fez viagens acompanhando grupos organizados por Francisco Moura?**

**Se sim, como caracteriza a sua ação e postura para com os visitados?**

R: Não há resposta.

**5.1. Qual a sua opinião sobre Francisco Moura, como tour leader e na sua relação, para com os que o acompanharam?**

R: Para lá da admiração e da amizade que tenho pelo Dr. Francisco Moura, procuro ser objetivo ao dizer que é um leader excelente e que dá gosto e proveito ser "conduzido" por ele.

**6. O viajante desses grupos tem que mais-valias no tipo de acompanhamento e postura do organizador?**

R: Além da segurança, a graça de ter ao lado um amigo culto e capaz de, em cada momento, ajudar a ver mais longe e a saber admirar, no meio das visitas, a pessoa, enquanto única, irrepetível e mistério que nos escapa sempre mais.

**7. Acha interessante, como ferramenta para o diálogo, o plano de viagem em torno dos Caminhos de Abraão?**

**Se sim, faria essa viagem e aconselhava-a aos membros da sua comunidade religiosa?**

R: Acho interessante na medida em que permite conhecer a riqueza profunda de cada pessoa para lá da roupagem da cultura que sendo diferente não deixa de ser importante para compreender aquelas pessoas e também os próprios visitantes.

Não tenho comunidade a quem a recomendar, embora a possa recomendar a algum, amigo. Se me for possível, terei gosto em participar.

**8. Declaro que autorizo, o uso e o tratamento das minhas respostas a este questionário para uso no trabalho da dissertação do Mestrado em Ciência das Religiões da Universidade Lusófona, do Francisco Moura .**

R: Gilberto Délio Gonçalves Canavarro dos Reis.



**RESPOSTAS**

**Dr. José Alves**

Arcebispo de Évora

Questionário que acompanhou o Itinerário para a apreciação dos Entrevistados

Ex<sup>o</sup> Senhor Dr. José Alves, Arcebispo de Évora

Na esperança de que num futuro próximo, se poder voltar a viajar em segurança pelo Medio Oriente, nomeadamente pelos países que são contemplados neste Projeto de Itinerário, o mestrando pretende saber da opinião de V. Ex<sup>a</sup>, sobre a viabilidade de concretização deste projeto, solicitando que responda às seguintes questões:

**1. Em abstrato, como considera o Turismo em termos de cultura, dialogo e paz?**

R: O que actualmente se denomina de turismo pode considerar-se como uma continuação do nomadismo primitivo e das peregrinações que se prolongaram ao longo da história do cristianismo até aos nossos dias. Expressam um sentimento muito profundo, arraigado na natureza humana. Neste mundo o ser humano, na sua pátria, sente-se peregrino de uma pátria definitiva. O turismo, actualmente muito incentivado e praticado, corresponde a esse sentimento comum a toda a humanidade. Como tal, permitirá ultrapassar as barreiras que possam ser levantadas por outras circunstâncias que afastam os seres humanos uns dos outros. O turismo dá resposta à sede de conhecimento que habita o ser humano. Alarga os horizontes do conhecimento, esbate as diferenças e proporciona o diálogo com diferentes culturas, línguas e religiões. A partir do conhecimento mútuo, da aproximação e da convivência serena e proveitosa para todas as partes, poderá consolidar-se a paz

**2. Poderá o Turismo, se feito com respeito, ser uma ferramenta para o diálogo?**

**Se sim, em que aspetos?**

R: O turismo, se feito com respeito, servirá, antes de mais para desfazer preconceitos que se arraigaram na mentalidade dos povos ao longo dos séculos, a partir das lutas e desentendimentos que se desencadearam por múltiplas razões e que atualmente já não têm

sentido. A passagem de pessoas de outras culturas pelo próprio território humaniza as relações entre os povos. Permite conhecer o que é importante e o que é típico de cada povo. Fornece elementos para o diálogo, na medida em que cada pessoa, cada país e cada cultura gosta de ver respeitados os seus valores e as suas tradições. Sem os conhecer não é possível respeitá-los. Conhecendo-os e respeitando-os, criam-se condições para o diálogo.

**3. Os grupos de turistas podem ser vistos pelos habitantes locais como "invasores" e desrespeitadores. O que sugere para que os turistas não sejam considerados como "criadores de conflitos"?**

R:O turismo é um meio de ingresso de divisas no país. Contribui para o desenvolvimento do país visitado. Os países com mais turismo são exemplo disso. Logo o turismo economicamente é vantajoso. Os turistas só serão vistos como «invasores» se não respeitarem os habitantes, os monumentos e os valores do país visitado.

Para que os turistas não sejam considerados como «invasores», e «criadores de conflitos» creio que se impõe uma atuação num duplo sentido: fazer compreender aos nativos dos lugares visitados quais são os benefícios económicos, sociais e culturais do turismo; desenvolver nos turistas uma cultura de respeito, de cidadania e de fraternidade em relação aos habitantes dos lugares visitados, a par de uma consideração mais alargada do conceito de património da humanidade. Afinal, tudo o que foi realizado pelos humanos, seja em que lugar for, é património da humanidade. A terra e os aperfeiçoamentos nela introduzidos pertencem à humanidade, em sentido lato.

**4. Já se deslocou ao Médio Oriente integrado em grupos turísticos?**

**Se sim, qual foi a sua impressão global?**

R:Já me desloquei algumas vezes (poucas) ao Médio Oriente. A minha impressão global foi de surpresa, de agrado, de curiosidade e de muita satisfação por poder contactar diretamente com as raízes da cultura da humanidade e da cultura bíblica. Mas, acima de tudo o que mais me impressionou e me encheu de júbilo foi poder visitar os lugares sagrados do cristianismo, onde Cristo viveu, por onde Cristo passou e onde Cristo, o Filho de Deus e de Maria, anunciou a Boa Nova da Salvação, morreu e ressuscitou. A par desses sentimentos de agrado também experimentei uma forte interpelação ao verificar que muitos

dos vestígios do cristianismo foram e em parte ainda continuam a ser apagados, por motivos de fundamentalismo religioso e de intolerância.

## **5. Já fez viagens acompanhando grupos organizados por Francisco Moura?**

### **Se sim, como caracteriza a sua ação e postura para com os visitados?**

R: Sim, fiz duas viagens ao Médio Oriente em grupos acompanhados por Francisco Moura.

Enquanto agente de viagens de turismo considero que tem uma atitude profissional de alto nível, pela forma meticulosa como organizou as viagens e cumpriu os programas, pela assistência que proporcionou aos turistas ao longo de toda a viagem. Em relação aos visitados, fiquei com a impressão de que conhece bem os lugares e a sua história, que desenvolveu um leque de relações privilegiadas com os operadores turísticos locais, com os guias e outros interessados, de forma a relacionar-se com todos num clima familiar e de à vontade. Na forma como se referia aos lugares e aos monumentos visitados, bem como às pessoas com quem contactava sempre entendi que, para lá dos interesses comerciais, também estavam presentes os valores cristãos que induzem ao respeito, à estima e à ajuda dos outros, mesmo dos desconhecidos.

### **5.1. Qual a sua opinião sobre Francisco Moura, como tour leader e na sua relação, para com os que o acompanharam?**

R: A minha opinião é de que Francisco Moura é um profissional de alto nível. Como homem, é dotado de uma personalidade multifacetada, informada por valores cristãos, que fazem dele um bom comunicador, um ser humano afável e próximo, junto do qual nos sentimos bem. Sendo dotado de vastíssima cultura e conhecedor profundo dos lugares visitados, consegue enriquecer e dar mais interesse às visitas. Sempre senti nele uma grande preocupação em acompanhar pessoalmente os grupos, inculcando, dessa forma, maior confiança em cada um dos membros que constituem o grupo. Como tour leader, é competente, dinâmico, eficaz e muito próximo dos grupos.

## **6. O viajante desses grupos tem que mais-valias no tipo de acompanhamento e postura do organizador?**

R:O viajante dos grupos acompanhados por Francisco Moura tem a mais-valia de ser acompanhado por um tour leader de sucesso e com uma vastíssima experiência acumulada ao longo de muitos anos e de muitas viagens por ele organizadas para as mais variadas zonas do globo. Além disso, a sua presença incute confiança pelo saber, pela delicadeza, pela dedicação e, sobretudo, por se tratar de uma pessoa com possibilidade e com capacidade para tomar decisões em cima do acontecimento, quando surgem situações inesperadas.

**7. Acha interessante, como ferramenta para o diálogo, o plano de viagem em torno dos Caminhos de Abraão?**

**Se sim, faria essa viagem e aconselhava-a aos membros da sua comunidade religiosa?**

R:Sem dúvida, acho que a viagem em torno dos Caminhos de Abraão pode ser uma interessante ferramenta para o diálogo, até porque tem previstos encontros de cariz ecuménico e inter-religioso.

Por mim considero-a aliciante, mas não me arriscaria a fazê-la. Creio que seria demasiado cansativa para mim. Se me pedissem conselho, aconselhá-la-ia a pessoas com boa saúde. Uma vez que dezanove dias seguidos e com algumas viagens longas me parece que requerem forte motivação e boa saúde.

**8. Declaro que autorizo, o uso e o tratamento das minhas respostas a este questionário para uso no trabalho da dissertação do Mestrado em Ciência das Religiões da Universidade Lusófona, do Francisco Moura.**

R: José Alves

Évora, 16.06.2018

**RESPOSTAS**

**Reverendo António Canoa**

Igreja Luterana de Portugal

Questionário que acompanhou o Itinerário para a apreciação dos Entrevistados

Ex<sup>o</sup> Senhor Reverendo António Canoa. Igreja Luterana de Portugal

Na esperança de que num futuro próximo, se poder voltar a viajar em segurança pelo Medio Oriente, nomeadamente pelos países que são contemplados neste Projeto de Itinerário, o mestrando pretende saber da opinião de V. Ex<sup>a</sup>, sobre a viabilidade de concretização deste projeto, solicitando que responda às seguintes questões:

**1. Em abstrato, como considera o Turismo em termos de cultura, dialogo e paz?**

R: Sem dúvida alguma que o Turismo é um grande contributo para a cultura de quem o executa. Viajar, visitar outros lugares, não é só conhecer, mas é também aprender, é guardar, para viver e recordar. O contacto com outros lugares, outras culturas, outros costumes, faz-nos pensar, refletir, analisar e tirar conclusões. E isso dá-nos novas visões, novos horizontes, novos conhecimentos, que enriquecem culturalmente. Fazer turismo é viver, é reviver, é adquirir conhecimento, adquirir cultura.

Quanto ao diálogo, o Turismo pode ter duas facetas, a positiva e a negativa, mas isso depende em grande parte da atitude, interesse e empenho de quem faz Turismo. Mas se quisermos ser positivos e ficar só com a faceta positiva, com certeza que um Turismo feito de uma forma respeitosa, amigável e aceitação das culturas, costumes, tradições e moral, muito pode contribuir para o diálogo. E o mesmo poderíamos dizer em relação à Paz. Não é possível estabelecer e viver em paz com quem nos desrespeita, mas havendo Turismo com respeito e interesse pelas culturas locais, com certeza que o Turismo pode ser um contributo para a Paz.

**2. Poderá ser o Turismo, se feito com respeito, ser uma ferramenta para o diálogo?**

**Se sim, em que aspetos?**

R: Esta pergunta, de certa forma já a respondi na pergunta anterior, mas falando ainda de aspetos em que o Turismo possa ser uma ferramenta para o diálogo, o respeito pelo que se visita, seja em termos de culturas, seja em termos pessoais, já pode ser um incentivo ao

diálogo. Esse respeito e admiração positiva podem gerar uma aproximação que facilite o diálogo. Aspectos a levar em consideração neste sentido poderiam ser o respeito, o interesse, a aceitação, onde se vê o outro no seu mundo, um mundo diferente, mas pelo qual há respeito interesse e aceitação.

**3. Os grupos de turistas podem ser vistos pelos habitantes locais como "invasores" e desrespeitadores. O que sugere para que os turistas não sejam considerados como "criadores de conflitos"?**

R: Com certeza que os turistas podem ser vistos não só como invasores, mas também como desrespeitadores e talvez alguns o sejam. Os turistas que produzem nos locais visitados, essas reações, em primeiro lugar precisam se reciclar. Porque mesmo que possa haver essa tendência de ver os turistas como invasores ou desrespeitadores, isso está muito relacionado com o comportamento, pensamento e reação diante do que os turistas veem. Se houver mais reconhecimento, mais apreciação, mais valorização, daquilo com que se tem contacto, se houver mais alteridade, com certeza que isso inibirá os conflitos.

**4. Já se deslocou ao Médio Oriente integrado em grupos turísticos?**

**Se sim, qual foi a sua impressão global?**

R: Não. Ainda não tive essa excelente oportunidade.

**5. Já fez viagens acompanhando grupos organizados por Francisco Moura?**

**Se sim, como caracteriza a sua ação e postura para com os visitados?**

R: Não. Ainda não tive o prazer de viajar em um grupo organizado pelo Francisco Moura, embora pense que seja algo muito bom e enriquecedor

**5.1. Qual a sua opinião sobre Francisco Moura, como tour leader e na sua relação, para com os que o acompanharam?**

R: Ainda não tive oportunidade de viajar com o Francisco Moura, mas já tive oportunidade de participar em eventos com ele e alguns produzidos por ele. O Francisco Moura é aquele



personagem, agradável no trato, para com aqueles que o acompanham ou se juntam a ele. É bom estar com ele. Aprende-se com ele. Ele faz com que aqueles que o acompanham se sintam bem, e parte integrante do grupo. É bom acompanhar o Francisco Moura.--

**6. O viajante desses grupos tem que mais-valias no tipo de acompanhamento e postura do organizador?**

R: Respeito, consideração, fino trato, boa orientação, e uma boa dose de conhecimento das mais diversas culturas

**7. Acha interessante, como ferramenta para o diálogo, o plano de viagem em torno dos Caminhos de Abraão?**

**Se sim, faria essa viagem e aconselhava-a aos membros da sua comunidade religiosa?**

R: Com certeza que acho interessante e importante essa viagem em torno dos Caminhos de Abraão, como uma ferramenta para o diálogo. E sem dúvida alguma, que havendo a oportunidade de fazer essa viagem, não só a faria, bem como a aconselharia, não só, mas também, para os membros da minha comunidade religiosa, pois estaria aconselhando algo enriquecedor.

**8. Declaro que autorizo, o uso e o tratamento das minhas respostas a este questionário para uso no trabalho da dissertação do Mestrado em Ciência das Religiões da Universidade Lusófona, do Francisco Moura .**

R: Com toda a certeza.

## **RESPOSTAS**

**Dr. Isaac Assor**

Membro da Comunidade Israelita de Lisboa, membro do Conselho Consultivo da Rede das Judiarias de Portugal e CEO do Operador Turístico Alegretur .

Questionário que acompanhou o Itinerário para a apreciação dos Entrevistados

Ex<sup>o</sup> Senhor Dr. Isaac Assor- Membro da Comunidade Israelita de Lisboa, membro do Conselho Consultivo da Rede das Judiarias de Portugal e CEO do Operador Turístico Alegretur

Na esperança de que num futuro próximo, se poder voltar a viajar em segurança pelo Medio Oriente, nomeadamente pelos países que são contemplados neste Projeto de Itinerário, o mestrando pretende saber da opinião de V. Ex<sup>a</sup>, sobre a viabilidade de concretização deste projeto, solicitando que responda às seguintes questões:

**1. Em abstrato, como considera o Turismo em termos de cultura, dialogo e paz?**

R: Mesmo em abstrato, é um excelente instrumento para o verdadeiro conhecimento de culturas, e de promoção ao diálogo e Paz. Promovendo não só o desenvolvimento económico que o Turismo certamente irá trazer, como também na compreensão internacional pois colocando em relação diferentes pessoas, diferentes etnias e raças, e tudo isto sem qualquer distinção, irá ajudar sem dúvida ao desenvolvimento de comunidades e de Povos.

**2. Poderá ser o Turismo, se feito com respeito, ser uma ferramenta para o diálogo?**

**Se sim, em que aspetos?**

R: Sim. O turismo é um meio de paz e diálogo entre as civilizações.. Uma vez que o turismo conecta culturas e slogans de turismo para todos, dando prioridade e atenção a todos .

**3. Os grupos de turistas podem ser vistos pelos habitantes locais como "invasores" e desrespeitadores. O que sugere para que os turistas não sejam considerados como "criadores de conflitos"?**

R: Concordo que isto possa ocorrer. Todavia, só poderá mesmo ocorrer aquando de uma má e errada preparação por parte da organização profissional (Agencia de Viagens / Operador Turístico) que organiza a viagem destes grupos. Há que ter a maior atenção na previa informação de hábitos e costumes dos Povos que se visitam.

**4. Já se deslocou ao Médio Oriente integrado em grupos turísticos?**

**Se sim, qual foi a sua impressão global?**

R: Sim. Como destino turístico, o Médio Oriente na sua globalidade, tem bastantes atractivos. A enorme componente histórica, a grande diversidade de Povos, cultura e religião e obviamente uma beleza natural única. Beleza esta não só paisagística.

Não posso, no entanto, deixar de mencionar que infelizmente nos dias de hoje não haver a possibilidade de muitos destes países não se poderem visitar por falta de condições de segurança.

**5. Já fez viagens acompanhando grupos organizados por Francisco Moura?**

Se sim, como caracteriza a sua ação e postura para com os visitados?

R: Sim. Conheço o Francisco Moura faz mais de 25 anos. Conhecimento este que adveio de relacionamento profissional. Tenho que salientar e enaltecer o seu grande profissionalismo.

Que começa sempre pela sua grande preocupação em conhecer todos os aspetos possíveis dos visitados. Pois é sempre sua enorme preocupação não ferir susceptibilidades de estes Povos/Pessoas. Estudando ao pormenor a sua cultura, história, tradições. E passando estas informações aos componentes destes grupos turísticos.

**5.1. Qual a sua opinião sobre Francisco Moura, como tour leader e na sua relação, para com os que o acompanharam?**

R: Grande parte da resposta a esta pergunta já se encontra no ponto 5.

Podendo acrescentar que grande parte daqueles que acompanharam o Francisco Moura em grupos em que ele foi o Tour Leader, voltaram e voltarão a o acompanhar em grupos pois consegue sempre criar , para além de uma imagem de grande profissionalismo , uma relação muito pessoal com cada um dos participantes.

**6. O viajante desses grupos tem que mais-valias no tipo de acompanhamento e postura do organizador?**

R: O viajante, quase que se poderá dizer que, no período que faz esta viagem também faz um pequeno “curso” de história. Pois a informação que lhe é transmitida fica sempre como uma mais valia para vida.

**7. Acha interessante, como ferramenta para o diálogo, o plano de viagem em torno dos Caminhos de Abraão?**

**Se sim, faria essa viagem e aconselhava-a aos membros da sua comunidade religiosa?**

R: Sim. E aconselhava vivamente!

**8. Declaro que autorizo, o uso e o tratamento das minhas respostas a este questionário para uso no trabalho da dissertação do Mestrado em Ciência das Religiões da Universidade Lusófona, do Francisco Moura .**

R: Sim

Junho, 2018

## **RESPOSTAS**

**Padre Delmar Barreiros**

Questionário que acompanhou o Itinerário para a apreciação dos Entrevistados

Ex<sup>o</sup> Senhor Padre Delmar Barreiros

Na esperança de que num futuro próximo, se poder voltar a viajar em segurança pelo Medio Oriente, nomeadamente pelos países que são contemplados neste Projeto de Itinerário, o mestrando pretende saber da opinião de V. Ex<sup>a</sup>, sobre a viabilidade de concretização deste projeto, solicitando que responda às seguintes questões:

**1. Em abstrato, como considera o Turismo em termos de cultura, dialogo e paz?**

R: Estando nós num mundo globalizado, nenhum meio haverá mais eficaz do que o turismo para o contacto e absorção de outras culturas, bem como para a possibilidade de diálogo intercivilizacional e para abrir um verdadeiro e frutuoso caminho para a obtenção da Paz. É conhecendo os outros e os outros conhecendo-nos

**2. Poderá ser o Turismo, se feito com respeito, ser uma ferramenta para o diálogo?**

**Se sim, em que aspetos?**

R: Sem duvida, em todos os aspetos, muito particularmente nos campos cultural, religioso e até comercial. O turismo feito com respeito pode quebrar e derrubar todas as barreiras de raça, cor e credo.

**3. Os grupos de turistas podem ser vistos pelos habitantes locais como "invasores" e desrespeitadores. O que sugere para que os turistas não sejam considerados como "criadores de conflitos"?**

R:- Não creio que os grupos de turistas possam ser considerados como invasores. Eles devem ser, pura e simplesmente caminheiros e peregrinos do conhecimento, da novidade, da diferença do outro, desejos de dar e receber. Um turista, antes de partir, deve preparar-se para a caminhada. Ir leve e livre, para regressar alegre e feliz. Com desejo de nova caminhada. Sugiro que qualquer líder de grupos de turistas se prepare e prepare os seus

grupos para saber acolher e para ser bem acolhido, antes durante e depois da caminhada, ou seja em todo o percurso da viagem.

Procedendo assim evitar-se-ão todos e quaisquer pretextos para conflitos.

#### **4. Já se deslocou ao Médio Oriente integrado em grupos turísticos?**

##### **Se sim, qual foi a sua impressão global?**

R: Sim. Já fui muitas vezes aos países do Medio Oriente com muitos grupos. Posso afirmar que é a área do mundo que mais me prende e encanta. Porquê? Porque sinto aí, tal qual como os meus acompanhantes, um pouco de mim mesmo, muito particularmente, no que toca à minha profissão de fé, o Cristianismo (Catolicismo). Ai sinto as minhas profundas raízes, aí sinto a fraternidade dos meus irmãos, do judaísmo, aí falta a proximidade dos crentes do Islão, aí sou transportado a um sentido de comunhão e unidade perante o mesmo Senhor e Deus. Na

#### **5. Já fez viagens acompanhando grupos organizados por Francisco Moura?**

##### **Se sim, como caracteriza a sua ação e postura para com os visitados?**

R:- Sim tenho acompanhado inúmeras vezes Francisco Moura nos mais variados percursos turísticos, o que considero um raro privilégio, já que o seu profundo conhecimento, a sua grande cultura e o seu alto grau de profissionalismo fazem que os seus acompanhantes se sintam enriquecidos com o seu saber e a sua vivência como turista e como profissional de turismo.

##### **5.1. Qual a sua opinião sobre Francisco Moura, como tour leader e na sua relação, para com os que o acompanharam?**

R: Sou um grande amigo e um grande admirador de Francisco Moura. Conhecemo-nos desde tempo de estudantes na cidade da Guarda. Tenho acompanhado a sua longa e experiente carreira de empreendedor de Turismo. Assim sendo, pode parecer facciosa a minha opinião sobre a sua pessoa. Mas não é. Afirmando convictamente, que no campo do turismo, não encontrei um líder como ele. Na sua profunda modéstia ele não gostará desta afirmação. Contudo, é a realidade



**6. O viajante desses grupos tem que mais-valias no tipo de acompanhamento e postura do organizador?**

Sem dúvida. Direi mesmo que o bom sucesso e os bons frutos para alguém que faça turismo, terá sempre como mais-valia, a postura, a conduta e o saber do organizador da viagem.

**7. Acha interessante, como ferramenta para o diálogo, o plano de viagem em torno dos Caminhos de Abraão?**

**Se sim, faria essa viagem e aconselhava-a aos membros da sua comunidade religiosa?**

R:- Absolutamente. Acho interessantíssimo e maravilhoso o plano de viagem em torno dos Caminhos de Abraão ( que felizmente, já conheço em grande parte). Aconselharei e participarei eu próprio numa próxima oportunidade em que este plano de viagem se concretize.

**8. Autoriza, o uso e o tratamento das minhas respostas a este questionário para uso no trabalho da dissertação do Mestrado em Ciência das Religiões da Universidade Lusófona, do Francisco Moura ?**

R: Sim autorizo plenamente o uso das minhas respostas a este inquérito para o fins desejados por Francisco Moura.

Lisboa, 11 junho 2018

## **RESPOSTAS**

**Padre Alexandre Bonito**

Primaz da Missão Ortodoxa em Portugal

Questionário que acompanhou o Itinerário para a apreciação dos Entrevistados

Ex<sup>o</sup> Senhor Padre Alexandre Bonito, Primaz da Missão Ortodoxa em Portugal

Na esperança de que num futuro próximo, se poder voltar a viajar em segurança pelo Medio Oriente, nomeadamente pelos países que são contemplados neste Projeto de Itinerário, o mestrando pretende saber da opinião de V. Ex<sup>a</sup>, sobre a viabilidade de concretização deste projeto, solicitando que responda às seguintes questões:

**1. Em abstrato, como considera o Turismo em termos de cultura, dialogo e paz?**

R: Sim é um fator de interesse económico, obriga a aprofundar culturas e dialogar, a experiência em certas regiões indica que sem a influência do impacto turístico, os conflitos seriam seguramente mais intensos.

**2. Poderá ser o Turismo, se feito com respeito, ser uma ferramenta para o diálogo?**

Se sim, em que aspetos?

R: Em países como Marrocos ou o Egipto, o turismo é seguramente uma ferramenta para o diálogo, criando pontes de conhecimento mútuo que pressentimos serem hoje um grande travão contra a violência com origem na intolerância religiosa e xenofobia radical.

**3. Os grupos de turistas podem ser vistos pelos habitantes locais como "invasores" e desrespeitadores. O que sugere para que os turistas não sejam considerados como R: "criadores de conflitos"?**

A informação prévia dos turistas é fundamental, do ponto de vista das tradições locais sociais e religiosas é possível evitar conflitos, os operadores turísticos devem de ter o cuidado de procederem a informação básica do comportamento adequado, "usos, indumentária e procedimentos corretos".

**4. Já se deslocou ao Médio Oriente integrado em grupos turísticos?**

**Se sim, qual foi a sua impressão global?**

R: Boa

**5. Já fez viagens acompanhando grupos organizados por Francisco Moura?**

**Se sim, como caracteriza a sua ação e postura para com os visitados?**

R: Não há resposta.

**5.1. Qual a sua opinião sobre Francisco Moura, como tour leader e na sua relação, para com os que o acompanharam?**

R: De grande qualidade, pois não é apenas um “tour leader” mas alguém muito culto que acrescenta muita informação histórica e teológica no caso das peregrinações, mas especialmente a amizade pessoal com os líderes religiosos e turistas.

**6. O viajante desses grupos tem que mais-valias no tipo de acompanhamento e postura do organizador?**

R: A grande experiência em todos os detalhes relacionados com os locais a visitar, o que facilita a fundamental tranquilidade para o viajante que normalmente fica inseguro perante o facto de estar longe de casa em confronto com situações inesperadas.

**7. Acha interessante, como ferramenta para o diálogo, o plano de viagem em torno dos Caminhos de Abraão? Se sim, faria essa viagem e aconselhava-a aos membros da sua comunidade religiosa?**

R: Sim acho interessante, o plano de viagem em torno dos Caminhos de Abraão, lembro o sucesso de uma viagem semelhante organizada pela Prions Leglise, França, em 2012, com uma peregrinação, os caminhos de São Paulo. Sim gostaria de a fazer e aconselhava membros da minha comunidade.

**8. Declaro que autorizo, o uso e o tratamento das minhas respostas a este questionário para uso no trabalho da dissertação do Mestrado em Ciência das Religiões da Universidade Lusófona, do Francisco Moura .**

Naturalmente.

**RESPOSTAS**

**Pastor Jorge Humberto**

Aliança Evangélica Portuguesa

Questionário que acompanhou o Itinerário para a apreciação dos Entrevistados

Ex<sup>o</sup> Senhor Pastor Jorge Humberto, Aliança Evangélica Portuguesa

Na esperança de que num futuro próximo, se poder voltar a viajar em segurança pelo Medio Oriente, nomeadamente pelos países que são contemplados neste Projeto de Itinerário, o mestrando pretende saber da opinião de V. Ex<sup>a</sup>, sobre a viabilidade de concretização deste projeto, solicitando que responda às seguintes questões:

**1. Em abstrato, como considera o Turismo em termos de cultura, dialogo e paz?**

R: Aírton Roriz afirma que a nossa vida é o resultado das pessoas que amamos , dos livros que lemos e das viagens que fazemos. O turismo leva-nos a conhecer outros mundos, outros povos e outras gentes, mas acima de tudo cria a consciência de que o nosso "mundo" é apenas isso , o nosso mundo e que existe mais mundo para além do nosso. O conhecimento do outro confronta-nos com a subjectividade dos costumes , dos valores e das tradições e isso enriquece-nos enquanto seres humanos. É na consciência da subjectividade cultural que se abrem portas para a compressão do outro através do diálogo que neste contexto será sempre promotor da paz.

**2. Poderá ser o Turismo, se feito com respeito, ser uma ferramenta para o diálogo?**

**Se sim, em que aspetos?**

R: O turismo, entre outras vertentes , potencializa o encontro de civilizações. Este tipo de encontro entre desconhecidos, leva necessariamente à descoberta das identidades que se encontram e essa descoberta engloba descobrir as crenças , os valores, as culturas e as tradições . Nesta perspectiva o turismo è um espaço de diálogo por natureza.

**3. Os grupos de turistas podem ser vistos pelos habitantes locais como "invasores" e desrespeitadores. O que sugere para que os turistas não sejam considerados como "criadores de conflitos"?**

R: Se os turistas no contacto com os habitantes locais, se apresentarem com a presunção de serem possuidores de uma identidade cultural superior, então o choque cultural será inevitável. Para que esta situação não aconteça, é necessário que os turistas sejam pessoas conscientes de que não existem culturas inferiores nem superiores, existem culturas diferentes. É na consciência humilde desta diferença que nasce a empatia, o respeito, a tolerância, mas acima de tudo o desejo de ser enriquecido pelo que é diferente.

#### **4. Já se deslocou ao Médio Oriente integrado em grupos turísticos?**

**Se sim, qual foi a sua impressão global?**

R: Sim, já tive esse privilégio e a impressão com que fiquei foi a de que existem um grande desconhecimento acerca desses povos e dessas culturas. Fui assaltado pelo sentimento de que esse conhecimento é potencializado pelo preconceito que se manifesta em várias vertentes: política, social, cultural e religiosa.

#### **5. Já fez viagens acompanhando grupos organizados por Francisco Moura?**

**Se sim, como caracteriza a sua ação e postura para com os visitados?**

R: Não há resposta.

#### **5.1. Qual a sua opinião sobre Francisco Moura, como tour leader e na sua relação, para com os que o acompanharam?**

R: Não há resposta.

#### **6. O viajante desses grupos tem que mais-valias no tipo de acompanhamento e postura do organizador?**

R: Não há resposta.



**7. Acha interessante, como ferramenta para o diálogo, o plano de viagem em torno dos Caminhos de Abraão?**

R: Não há resposta.

**Se sim, faria essa viagem e aconselhava-a aos membros da sua comunidade religiosa?**

R:- Considero uma viagem dessa natureza, fundamental para a compreensão no que existe em comum nas religiões Abraâmicas. O que está na origem de muita tensão e até de alguma hostilidade entre as religiões Abraâmicas é o desconhecimento acerca dos caminhos, lugares e profetas, que são transversais na construção identitária das religiões Abraâmicas . Uma viagem dessa natureza, revela a história , traz luz sobre os percursos e aproxima os corações.

**8. Declaro que autorizo, o uso e o tratamento das minhas respostas a este questionário para uso no trabalho da dissertação do Mestrado em Ciência das Religiões da Universidade Lusófona, do Francisco Moura .**

Junho, 2018

## **RESPOSTAS**

**Dr. Teodoro de Faria**

Bispo Emérito do Funchal

Questionário que acompanhou o Itinerário para a apreciação dos Entrevistados

Ex<sup>o</sup> Senhor Dr. Teodoro de Faria Bispo Emérito do Funchal

Na esperança de que num futuro próximo, se poder voltar a viajar em segurança pelo Medio Oriente, nomeadamente pelos países que são contemplados neste Projeto de Itinerário, o mestrando pretende saber da opinião de V. Ex<sup>a</sup>, sobre a viabilidade de concretização deste projeto, solicitando que responda às seguintes questões:

**1. Em abstrato, como considera o Turismo em termos de cultura, dialogo e paz?**

R: Por experiência própria será muito difícil ser culto sem visitar os lugares do Médio Oriente que constam neste programa e, antes, sem os ter estudado em livros seguros que provocam o desejo de os ver no lugar onde se encontram. A minha experiência de estudo na École Biblique de Jerusalem, onde tinha ótimos professores e visitamos os lugares bíblicos, tínhamos de ir antes da visita para a biblioteca ler e estudar, tomar notas, fazer esquemas e traçar num caderno todas as informações, texto que ainda conservo e me deleito quando o leio. Um dos nossos professores era Pe de Vaux que tinha percorrido todas as grutas do Qumran com beduínos, à procura dos célebres textos que hoje figuram no Museu arqueológico da Jerusalém moderna

**2. Poderá ser o Turismo, se feito com respeito, ser uma ferramenta para o diálogo?**

**Se sim, em que aspetos?**

R: O turismo, no bom sentido da palavra, não está longe da peregrinação a lugares santos, porque aproxima os povos destes lugares por onde peregrinou o patriarca Abraão e os povos antigos. O turismo nestes lugares bíblicos é um caminho para a paz, mesmo que não seja nestas terras abençoadas pelos servos de Deus. No Oriente Médio encontramos nas terras onde nasceram as três grandes religiões, hebraísmo, cristianismo e islamismo. Elas estão unidas entre si pelo patriarca Abraão a quem a Bíblia chama o “amigo de Deus. Para mim, não é possível visitar estes lugares sem levar a Bíblia (Antigo e Novo Testamento) e até o Corão, para compreender a oração dos judeus no Muro das Lamentações, os cristãos na basílica da Ressurreição e os muçulmanos nas mesquitas e no Monte do Templo. As guerras que, infelizmente, tiveram lugar nestes lugares santos, são pecados da fraqueza humana-que vão contra as leis divinas e devem aproximar hoje os visitantes para criar um mundo de paz e fraternidade. O diálogo não é um idílio, mas uma

conquista que se consegue com humildade e verdade. A humanidade se não cresce com o diálogo não evitará as guerras, a dor, a destruição

**3. Os grupos de turistas podem ser vistos pelos habitantes locais como "invasores" e desrespeitadores. O que sugere para que os turistas não sejam considerados como "criadores de conflitos"?**

R:-Como filho de uma terra de turismo, a Madeira, sempre houve respeito e ajuda entre habitantes locais e turistas, embora a maior parte deles fossem ingleses, que não estabelecem facilmente relações de amizade, constituem um mundo à parte, apesar disso, muito lhe devemos, por exemplo, com Madre Wilson que, com a sua caridade e amor pelos madeirenses apagou qualquer ofensa do turista inglês. Certamente que o turismo exige educação de mentalidades e compreensão do povo que se visita. Não me consta, apesar de ter visitado em missão apostólica todos os países onde vivem portugueses, que eles fossem "criadores de conflitos", sem negar que podem aparecer situações por vezes reprováveis. De uma forma geral os portugueses são bem recebidos no estrangeiro, por serem trabalhadores, afáveis, amigos e respeitadores das leis locais. Nem todos os turistas se comportam da mesma maneira, principalmente os jovens, com os divertimentos noturnos

**4. Já se deslocou ao Médio Oriente integrado em grupos turísticos?**

**Se sim, qual foi a sua impressão global?**

R:-Felizmente que por razões de estudo da Sagrada Escritura, estudei em Jerusalém-na École Biblique, e tenho conduzido grupos de visitantes, quase todos os anos, a grande parte dos lugares indicados no Projeto de Itinerário- e de espiritualidade ortodoxa e do Islão. A minha impressão global é a de um enamorado que não se cansa de ver a sua predileta. Não teria conhecimento profundo da Bíblia só com os estudos, exames e textos escritos que fiz em Roma com ótimos professores. Faltava-me tocar com mão e com os olhos a Terra prometida a Abraão- e à sua descendência, e, felizmente, consegui tudo o que queria e suspirava em abundância, devendo muito também aos contactos com o Snr. Doutor Moura, que não era inferior em visitas e conhecimentos da Terra Santa e do mundo onde nasceram os heróis bíblicos. Como bispo diocesano, não me contentei em ensinar o meu povo somente com livros de catequese, mas levei-os a visitarem a Terra Santa e a respirar com os meus pulmões, em Israel, na Jordânia, Egito, Sinai, Síria, Iraque, Líbano, e nos países ortodoxos até à Rússia. Tudo é belo no Oriente Médio, Mas nada suplanta-Jerusalém. Segundo Benjamim Disrael, " a vista e Jerusalém é a história do mundo, é mais do que isso; é a história do céu e a terra." Antigamente foi considerada o centro do mundo, hoje é ainda mais verdade do que nunca, é a cidade ponto de convergência e oração a Deus das

grandes religiões do mundo, hebraísmo, cristianismo e islamismo. É a cidade santa, mas feita de santos e pecadores, penitentes e heróis da santidade. Cidade, povos e religiões que não pertencem a ninguém, somente a Deus. As suas estradas foram sulcadas por patriarcas e profetas, por Abraão, Moisés, David, Isaías, Jesus, Maria de Nazaré, os apóstolos e Maomé.. A Bíblia chama-a a cidade do Grande Rei

## **5. Já fez viagens acompanhando grupos organizados por Francisco Moura?**

### **Se sim, como caracteriza a sua ação e postura para com os visitados?**

R:-Sim, já tive muitas oportunidades desse gênero e ainda continuo a ter. Neste campo, diria que temos almas gemias, embora venhamos de quadrantes diversos. Ele tem qualidades pedagógicas únicas neste campo, sabe comunicar e entusiasmar os grupos, tem paciência para suportar e perdoar as debilidades e mesquinhez de alguns participantes, mas tem uma finalidade de aproximar e respeitar todos os que são judeus ou muçulmanos, ou de qualquer outra profissão religiosa, reconhecendo que é preciso lutar pela exclusão e criar um mundo pacífico, dialogante e culto.

### **5.1. Qual a sua opinião sobre Francisco Moura, como tour leader e na sua relação, para com os os que o acompanharam?**

R: Julgo que já respondi na pergunta anterior. Comigo foi sempre um ótimo tour leader e reconheci nele as qualidades necessárias para o trabalho que exerce. Os participantes dos grupos que organizei e os que fui convidado a participar, estavam entusiasmados e agradecidos pela forma como eram conduzidos e informados sobre as matérias históricas e bíblicas. Embora já tivesse outros tour leaders, nenhum ainda conseguiu suplanta-lo. Não se enganou na sua profissão. Nunca guiou grupo algum que antes não tivesse visitado e estudado essa cidade ou região. Tem ainda uma qualidade que não é frequente, telefona para o diretor de um grupo que organizou mas não participa na viagem, a informar-se se tudo corre bem com o grupo, se todos estão bem de saúde, e se precisa de alguma coisa para quando chegar ao aeroporto do próprio país

## **6. O viajante desses grupos tem que mais-valias no tipo de acompanhamento e postura do organizador?**

R: Falo pelos grupos que organizei, onde havia pessoas de diversa idades, cursos, profissões, desde operários a professores universitários, encontraram nele as mais valias que necessitavam para as viagens, não exigiam mais.

**7. Acha interessante, como ferramenta para o diálogo, o plano de viagem em torno dos Caminhos de Abraão?**

**Se sim, faria essa viagem e aconselhava-a aos membros da sua comunidade religiosa?**

R:-O plano é muito completo e rico, a intenção de participarem pessoas das três religiões é formidável no campo do ecumenismo e da paz, não exclui ninguém desde que seja verdadeiramente humano, e tenha um interesse muito alto por conhecer o vasto mundo da Bíblia e da história da humanidade.

Muito gostaria de participar e aconselho a que outros o façam, no caso que ela venha a realizar-se-. Recordo-me de uma viagem semelhante em que participei quando estudava na École Biblique, durante 31 dias através de toda a Turquia, a antiga Ásia Menor,--para estudar a vida e viagens de São Paulo. Foi admirável, um pouco cansativo devido à dificuldade de alojamentos, num tempo em que a Turquia não estava preparada para o turismo, mas a minha idade de então não causava obstáculo. Oh! tempora, Oh! mores ...-----

-Quanto a esta viagem, o plano está bem delineado, mas dura muito tempo, aconselhava a fazê-lo em duas partes. Além disso não sei se as questões políticas atuais permitiriam a sua realização completa, no caso positivo era um sinal de paz neste mundo oriental, pleno de medos, fomes, raivas e até bombas.. Quanto à minha participação, não sei se o meu médico me permitiria, principalmente durante 19 dias. Além disso precisaria de um participante que me ajudasse na descida de grandes escadarias. O meu voto é que o plano siga em frente e se possa realizar. Que o Bom Deus o permita.

**8. Declaro que autorizo, o uso e o tratamento das minhas respostas a este questionário para uso no trabalho da dissertação do Mestrado em Ciência das Religiões da Universidade Lusófona, do Francisco Moura .**

Teodoro de Faria, diocese do Funchal, Madeira

09 de junho de 2018

## **RESPOSTAS**

**D. Manuel Madureira Dias**

Bispo Emérito do Algarve

Questionário que acompanhou o Itinerário para a apreciação dos Entrevistados

**Exº Senhor D. Manuel Madureira Dias Bispo Emérito do Algarve**

**Na esperança de que num futuro próximo, se poder voltar a viajar em segurança pelo Medio Oriente, nomeadamente pelos países que são contemplados neste Projeto de Itinerário, o mestrando pretende saber da opinião de V. Exª, sobre a viabilidade de concretização deste projeto, solicitando que responda às seguintes questões:**

**1. Em abstrato, como considera o Turismo em termos de cultura, dialogo e paz?**

R: **Em termos de cultura:** É óbvio que um turismo bem conduzido estabelece contactos únicos com terras, artes, costumes, tradições e histórias de povos, que, dificilmente se poderiam encontrar por outras vias. O contacto directo com as formas diversas de cultura é o melhor meio para nos enriquecermos com os valores culturais de outros povos, raças e riquezas de toda a espécie.

**Em termos de diálogo:** Pode haver diálogo oral, escrito, visual, tátil, etc. O Turismo proporciona, no concreto, todos os modos possíveis de diálogo.

**Em termos de paz:** Ninguém pode amar o que não conhece. O caminho da paz tem de colocar o seu centro no amor. Para promover a paz é preciso querer o bem dos outros, pelo menos como queremos o nosso. Ora, o turismo é, potencialmente, uma fonte de conhecimento, condição indispensável para se amar. Vejo o turismo carregado de potencialidades de paz.

**2. Poderá ser o Turismo, se feito com respeito, ser uma ferramenta para o diálogo? Se sim, em que aspetos?**

R: O turismo que quero sublinhar, ao dar esta resposta, é, naturalmente, um turismo que se pauta pelo respeito pelas mais variadas culturas, raças, cores, civilizações, religião, história de cada povo. Neste caso, nem sequer se pode deixar espaço livre para que se possa ter qualquer dúvida sobre o valor do turismo para o diálogo entre os povos. Que melhor forma para por em contacto, línguas, arte, tradição, valores?

**3- Os grupos de turistas podem ser vistos pelos habitantes locais como "invasores" e desrespeitadores. O que sugere para que os turistas não sejam considerados como "criadores de conflitos"?**



R: Não é fácil responder, em abstrato, a esta questão. Apesar disso, arrisco-me a indicar duas sugestões simples:

1ª-Que quem faz turismo seja modesto e simples, para acolher os valores que, para outros povos possam ser positivos, mesmo que, para ele, turista, o não sejam. Tenha uma atitude de quem quer aprender e não de quem dá lições.

2ª-Acolha, com sinceridade, o que nelas há de positivo, e extraia delas o que é bom para crescermos uns com os outros na promoção do melhor bem para quem visita e para quem é visitado

**4. Já se deslocou ao Médio Oriente integrado em grupos turísticos? Se sim, qual foi a sua impressão global?**

R:-Desloquei-me, apenas a Israel. Fui lá por três vezes. Na primeira, fui quase contra a vontade, porque me puseram um bilhete de avião na mão para que eu fosse e não apreciei muito o que vi. Nas outras duas vezes, foi diferente. Quis ir e aproveitei bastante, quer do ponto de vista cultural, quer do ponto de vista religioso, quer mesmo do ponto de vista da fé católica

**5. Já fez viagens acompanhando grupos organizados por Francisco Moura? Se sim, como caracteriza a sua ação e postura para com os visitados?**

R: Sim, fiz: uma a Israel e outra a Itália. Creio que existe um bom espírito em todos os passos da viagem, quer quanto à organização quer quanto aos locais que são visitados, com uma sã pretensão de ajudar a ter uma visão mais exata e clara de tudo o que se encontra no contacto com os locais, quer do ponto de vista cultural quer até do ponto de vista da fé. Sente-se uma grande preocupação com os visitantes e também com a impressão positiva que se deixa ou não aos visitados.

**5.1. Qual a sua opinião sobre Francisco Moura, como tour leader e na sua relação, para com os que o acompanharam?**

R: O que deixei dito no item anterior, aplica-se, por inteiro, à pessoa do sr. Dr. Francisco Moura, pois nas viagens que empreendi, a estes lugares, foi sempre ele quem esteve à frente dos grupos em que estive inserido.

**6. O viajante desses grupos tem que mais-valias no tipo de acompanhamento e postura do organizador?**

R: Não me sinto capaz de dar uma resposta razoável a esta questão

**7. Acha interessante, como ferramenta para o diálogo, o plano de viagem em torno dos Caminhos de Abraão? Se sim, faria essa viagem e aconselhava-a aos membros da sua comunidade religiosa?**

R: Acho-a muito interessante e prevejo que possa vir a ser muito proveitosa, para quem possa fazê-la. Imagino que os seus destinatários possam ser pessoas, física, psíquica e espiritualmente sadias, para que possam enfrentar o desgaste que uma tal viagem supõe. Julgo que uma viagem destas deverá interessar, de modo especial, pessoas que estejam interessadas na Sagrada Escritura e outras pessoas, mesmo de outros credos, que se interessem pelo diálogo inter-religioso.

Quanto a mim, tenho pena de não poder fazer uma viagem destas, mas não tenho a saúde que acho necessário ter, com acima disse.

**8. Declaro que autorizo, o uso e o tratamento das minhas respostas a este questionário para uso no trabalho da dissertação do Mestrado em Ciência das Religiões da Universidade Lusófona, do Francisco Moura.**

R: Sim, desde que seja corrigida alguma coisa que não se ajuste bem à intenção do presente inquérito.

**RESPOSTA**

**Sheik David Munir**

**Íman da Mesquita Central de Lisboa**

## Sheik David Munir Íman da Mesquita Central de Lisboa

Na esperança de que num futuro próximo, se poder voltar a viajar em segurança pelo Médio Oriente, nomeadamente pelos países que são contemplados neste Projeto de Itinerário, o mestrando pretende saber da opinião de V. Ex<sup>a</sup>, sobre a viabilidade de concretização deste projeto, solicitando que responda às seguintes questões:

1. Em abstrato, como considera o Turismo em termos de cultura, dialogo e paz?

O Turismo se for feito como aventura, nada acrescentará ao nosso nível cultural. Podemos conhecer o país, as pessoas, um pouco sobre a cultura, mas nada melhor que seja um turismo cultural. Numa visita cultural há uma preparação, um conhecimento básico que é dado aos participantes e assim torna se muito fácil a compreensão e o respeito.

2. Poderá ser o Turismo, se feito com respeito, ser uma ferramenta para o diálogo?

Se sim, em que aspetos?

Só poderá haver diálogo se houver respeito e aceitação do outro e ter uma mente mais aberta e universal. É com o diálogo é que poderemos chegar a Paz, que infelizmente está muito distante no Médio Oriente.

3. Os grupos de turistas podem ser vistos pelos habitantes locais como "invasores" e desrespeitadores. O que sugere para que os turistas não sejam considerados como "criadores de conflitos"?

- Se for feito com respeito, sem dúvida que é uma ferramenta fundamental para o diálogo. Se quero ser respeitado, tenho que respeitar. O conhecimento das culturas faz com que nos aproximemos delas, compreendemos e é com a compreensão é que haverá abertura e diálogo.

Há casos em que poderão ser considerados como invasores, especificamente nas aldeias e nas pequenas localidades, poderá ser um pouco incomodativo. Muitas das vezes depende de que países são. Se for de um país que está ou que esteve envolvido nos recentes conflitos do médio oriente, poderão não se bem-vindos.

4. Já se deslocou ao Médio Oriente integrado em grupos turísticos?

Se sim, qual foi a sua impressão global?

Não

5. Já fez viagens acompanhando grupos organizados por Francisco Moura?

Se sim, como caracteriza a sua ação e postura para com os visitados?

R: Não

5.1. Qual a sua opinião sobre Francisco Moura, como tour leader e na sua relação, para com os que o acompanharam?

R. Nunca tive essa experiencia

6. O viajante desses grupos tem que mais-valorar no tipo de acompanhamento e postura do organizador?

R: Sim

7. Acha interessante, como ferramenta para o diálogo, o plano de viagem em torno dos Caminhos de Abraão?

Os Caminhos de Abraão é uma ferramenta essencial para que o plano da viagem corra da melhor forma, estamos a falar de Judaísmo, Cristianismo e o Islão. Jerusalém é o lugar sagrado das três religiões Abraâmicas. O conhecimento é um caminho até outro e se o outro tem as mesmas raízes , não há conflitos e nem desrespeito.

Sem dúvida que um dia faria essa viagem e que aconselho os membros da minha comunidade para o fazerem, sermos acompanhados por Os Caminhos de Abraão.

**Francisco Nunes De Moura**

**“O Caminho de Abraão” Como Contributo Para a Paz entre Judeus, Cristãos e Muçulmanos”**

**APENDICE I  
ARTIGOS DE IMPRENSA**

Dissertação apresentada para obtenção do Grau de Mestre no Curso de Mestrado em  
Ciência das Religiões conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e  
Tecnologias.

Orientado Prof Dr. José Manuel Brissos Lino  
Coorientador: Prof. Dr. Paulo Mendes Pinto

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias  
Faculdade de Ciências Sociais Educação e Administração

Versão provisória para defesa pública

Lisboa  
2018

## **Índice**

Estratégia de Paz passa pelo turismo (14 de fevereiro, 1996).....	II
Jornal Público (30 de junho, 2006).....	III
Peregrinação Junta Portugueses de vários credos na Terra Santa .....	IV
Portugueses de várias religiões unem-se para rezar pela paz (18 de fevereiro, 1995) .....	V
Estratégia de Paz passa pelo turismo (14 de fevereiro, 1996).....	VI
Portugueses de várias religiões unem-se para rezar pela paz (18 de fevereiro, 1995) .....	VII

Estratégia de Paz passa pelo turismo (14 de fevereiro, 1996)

14 Cm 2.1.96

# 'ESTRATÉGIA DE PAZ PASSA PELO TURISMO'

Embaixador de Israel

«O Turismo é uma das estratégias do processo de paz em Israel», afirmou o embaixador da nação israelita em Lisboa, para significar que a entrada de pelo menos dois milhões de turistas e peregrinos registados ano após ano no seu país, tendo como destino principal os Lugares Santos do Cristianismo, também ajudam a promover a paz no Médio Oriente.

Desenvolvendo a ideia de que o Turismo em geral e o Turismo Religioso em particular fomentam a concordia pelo seu contributo cultural e material e ainda pelo «conhecimento mútuo que proporcionam entre os povos», Benjamin Gron citou o actual primeiro-ministro de Israel, Shimon Perez, na sua aposta deliberada para estabelecer a paz, com base na entrega e cooperação: «Um alto nível de vida para todos os povos é a melhor garantia de paz na região».

O embaixador de Israel falava como convidado de honra no almoço natalício da empresa de Lisboa, a Professional Tours, especializada em viagens de Turismo Religioso e líder na organização das peregrinações portuguesas à Terra Santa, na presença de dezenas de sacerdotes católicos de várias paróquias do país.

A propósito do projecto de Shimon Perez para consolidação do esforço de paz na região, o qual assenta «na criação de um Mercado Comum similar ao que já existe na Europa», envolvendo naturalmente países como Israel, Egipto, Jordânia e Síria, nação com a qual o processo de paz dá agora passos significativos, Benjamin Gron referiu que esse «novo Oriente Médio pode começar com uma comunidade de Água e do Turismo».

Além, como sublinhou, «o Turismo é dos capítulos dedicados à construção da paz no novo Oriente Médio, pois estabelece a abertura de fronteiras e desenvolve todo um conjunto de infra-estruturas básicas».

**Francisco Moura**  
cidadão da El-Al

«O processo histórico de paz afectou o bom sentido a nossa economia e o nosso turismo», disse Eyal Propper, secretário da embaixada de Israel em Lisboa.

«Nos últimos anos – revelou – cresceu o turismo da Indonésia, Coreia do Sul e de outros países da Ásia.

Homens de negócios e peregrinos viajam cada vez mais a Israel, pois abateram-se muitas barreiras turísticas em relação a uma nação com cinco milhões de habitantes, sem matérias-primas ou grandes recursos minerais, mas onde os produtos para a economia interna e exportação são elaborados a partir dos homens – a única matéria-prima que possuímos».

Quanto às relações entre Portugal e Israel, Eyal Propper destacou o seu incremento significativo e a abertura de um escritório português em Telaviv e de um escritório israelita em Lisboa.

Por seu lado, Salvador Kadosh, director em Portugal da companhia de transportes aérea israelita, El-Al, agradeceu à Professional Tours ter colocado Israel na primeira linha do Turismo Religioso, ao longo dos seus quase cinco anos de existência como agência de viagens.



«A El-Al instituiu um prémio para os organizadores da maior peregrinação anual a Israel, que este ano coube ao padre Agostinho França, director da revista Família Cristã, o qual juntou elevado número de pessoas na Peregrinação Interconfessional à Terra Santa, onde rezaram pela paz no Oriente Médio», disse ainda Salvador Kadosh.

O missionário comboniano Afrânio Pinto, director da revista «Além Mar», foi também distinguido com um prémio da El-Al por ter sido o jornalista que mais noticiou Israel. O prémio Dedicção coube à Professional Tours, recebido pelo seu director e sócio fundador Francisco Moura, um agente de turismo que já levou mais de 50 mil peregrinos à Terra Santa. «A El-Al já considera Francisco Moura um cidadão daquela grande terra, Israel», sublinhou o director da transportadora aérea. «pelo que, a partir de hoje, é considerado cidadão da El-Al».

Francisco Moura agradeceu: «Na Europa rica, certos países baixaram o turismo para Israel em períodos críticos, como a Guerra do Golfo. Portugal, não. Padres portugueses, a maioria de paróquias distantes, continuaram a organizar conatos peregrinações à Terra Santa, sem o mínimo temor ou desânimo» – revelou, para declarar que os portugueses souberam levar a Israel e aos Santos Lugares uma bandeira de paz encimada pelo Clero do nosso país».

«Assim, a Professional Tours orgulha-se de aparecer como uma ponte entre o mundo católico e o mundo judaico e poder contar com os padres portugueses que, nas suas paróquias, organizam autênticas embaixadas de paz em honra dos povos que formam o Oriente Médio».

O padre Dâmaso, celebrado pelas suas palestras na Rádio Renascença, abençoou o almoço, que decorreu no Pátio Alfacinha, e deu a todos as Boas-Festas.

N. G.



Francisco Moura com o prémio de «Cidadão da El-Al», atribuído por Salvador Kadosh, director da companhia aérea israelita

Embaixador de Israel: «O Turismo é essencial ao processo de paz no Oriente Médio»



23 Jun 2006



Francisco Nunes de Moura, Turismo Religioso e a sua viagem

Um obreiro do Turismo Religioso

# ESTE HOMEM JÁ TRANSPORTOU MAIS DE 40 MIL PEREGRINOS

Turismo Religioso que reúne mais de 40 mil peregrinos anuais em Portugal - salienta - a sua importância, não só para o segmento turístico da indústria turística.

## Trabalhar com as Paróquias

Francisco Nunes de Moura, obreiro do Turismo Religioso, afirma que este segmento turístico tem vindo a ganhar importância crescente em Portugal, não só pelo seu contributo económico, mas também pelo seu papel na promoção da paz entre judeus, cristãos e muçulmanos.

De regresso a Lisboa, em 1972, foi a origem de uma nova abordagem turística em Portugal. Ao longo dos anos, desenvolveu o seu trabalho em várias paróquias, sempre em colaboração com os sacerdotes locais.

Francisco Nunes de Moura, obreiro do Turismo Religioso, afirma que este segmento turístico tem vindo a ganhar importância crescente em Portugal, não só pelo seu contributo económico, mas também pelo seu papel na promoção da paz entre judeus, cristãos e muçulmanos.

De regresso a Lisboa, em 1972, foi a origem de uma nova abordagem turística em Portugal. Ao longo dos anos, desenvolveu o seu trabalho em várias paróquias, sempre em colaboração com os sacerdotes locais.

Uma das razões do sucesso desta iniciativa de viagens espirituais em Turismo Religioso tem no trabalho com as paróquias locais. A colaboração com os sacerdotes é fundamental para o sucesso destas iniciativas.

Uma exemplo é Torre Santa, onde em 1972, para além do trabalho de Turismo Religioso, foi criada a Associação de Turismo Religioso, que tem vindo a desenvolver o seu trabalho em várias paróquias.

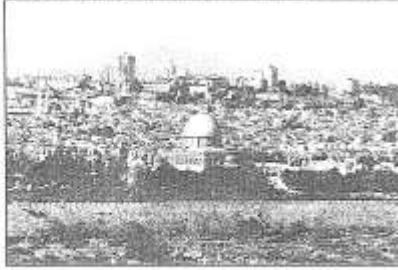
## Preparar a tempo as peregrinações

Uma das razões do sucesso desta iniciativa de viagens espirituais em Turismo Religioso tem no trabalho com as paróquias locais. A colaboração com os sacerdotes é fundamental para o sucesso destas iniciativas.

Terá sempre uma presença muito forte no futuro. A importância deste segmento turístico vai continuar a crescer, não só em Portugal, mas também em outros países.

Este trabalho tem vindo a ganhar importância crescente em Portugal, não só pelo seu contributo económico, mas também pelo seu papel na promoção da paz entre judeus, cristãos e muçulmanos.

Francisco Nunes de Moura, obreiro do Turismo Religioso, afirma que este segmento turístico tem vindo a ganhar importância crescente em Portugal, não só pelo seu contributo económico, mas também pelo seu papel na promoção da paz entre judeus, cristãos e muçulmanos.



Na para-olimpíada e hoje a Torre Santa, obreiro do Turismo Religioso mais de 15 mil peregrinos



As peregrinações são um fenómeno muito antigo e que tem vindo a ganhar importância crescente em Portugal, não só pelo seu contributo económico, mas também pelo seu papel na promoção da paz entre judeus, cristãos e muçulmanos.

## Os caminhos da fé

O Turismo Religioso atrai o seu fiel de milhões de peregrinos anuais. Este trabalho tem vindo a ganhar importância crescente em Portugal, não só pelo seu contributo económico, mas também pelo seu papel na promoção da paz entre judeus, cristãos e muçulmanos.

Peregrinação Junta Portugueses de vários credos na Terra Santa

## Peregrinação junta portugueses de vários credos na Terra Santa

No Bosque de Jerusalém será plantada uma árvore que ficará como memória desta viagem

ANTÓNIO MARUJO

Um encontro com o patriarca latino de Jerusalém e com comunidades judaicas e islâmicas, visitas ao templo e aos jardins da Comunidade Bahá'i em Haifa (Norte de Israel), à Grande Sinagoga de Jerusalém e ao Jardim do Túmulo, da Comunhão Anglicana. Estas são algumas das iniciativas previstas para uma invulgar "peregrinação interconfessional pela paz e tolerância entre os povos" que, entre 5 e 12 de Setembro, levará à Terra Santa duas centenas e meia de portugueses cristãos (católicos e protestantes), judeus, muçulmanos e bahá'is.

A peregrinação foi ontem

apresentada em Lisboa e incluirá ainda visitas às mesquitas de Omar e Al Aqsa, ao Muro das Lamentações e a alguns dos lugares mais importantes ligados à vida de Jesus Cristo.

Uma homenagem a Aristides Sousa Mendes está também prevista. Durante a II Guerra Mundial, o cônsul português em Bordéus (Sul de França) concedeu 30 mil vistos a pessoas que fugiam ao nazismo e, com esse gesto que lhe mereceria o castigo ordenado por Salazar, evitou que mais de 10 mil judeus tivessem sido mortos.

Na visita ao Memorial do Holocausto, o grupo português plantará, no Bosque de Jerusalém, uma árvore que ficará como memória desta peregrinação.

A iniciativa é diferente das clássicas peregrinações a Israel e à Terra Santa por incluir lugares não ligados apenas ao cristianismo, especialmente o católico, mas também lugares

importantes das outras religiões para as quais as terras de Israel e da Palestina são simbólicas. Essa mesma ideia é vinculada por Francisco Moura, da Geotur. Foi esta empresa, que tem no turismo religioso um importante segmento de actividade, que teve a ideia da peregrinação, congregando à sua volta representantes das diferentes comunidades religiosas.

Na apresentação da iniciativa, Isaac Assor, da Comunidade Judaica de Lisboa, afirmou que "é nas bases que se começa a cimentar o diálogo inter-religioso". Moahamed Abe, da Comunidade Islâmica, afirmou que o exemplo de convivência inter-religiosa em Portugal é positivo. E Mário Mota Marques, da Comunidade Bahá'i, diz que uma peregrinação como esta é importante para contactar as comunidades religiosas locais - os cristãos, citou, vivem neste momento sérias

dificuldades, entalados entre sociedades maioritariamente judaicas ou islâmicas.

As peregrinações e as viagens têm também importância do ponto de vista turístico: há dois anos, o patriarca latino, Michel Shabah, de Jerusalém, mandou uma carta a todos os bispos católicos a pedir que retomassem as visitas à Terra Santa. Para ajudar a revitalizar a economia e, dessa forma, atenuar o desemprego e as graves carências que se verificam sobretudo entre palestinianos.

O turismo religioso movimentará pelo menos 20 mil pessoas por ano, em Portugal, diz Francisco Moura, que admite não haver números exactos sobre o fenómeno. No entanto, o sector "é um dos que mais têm crescido em todo o mundo" e está mesmo a descobrir novas rotas e itinerários - Santiago de Compostela ou a Turquia são alguns dos destinos com grande crescimento. ■

Portugueses de várias religiões unem-se para rezar pela paz (18 de fevereiro, 1995)

Circa de 200 portugueses, oriundos de quatro comunidades religiosas, deram-se às mãos na primeira peregrinação conjunta já realizada no mundo. Objectivo: rezarem pela paz definitiva entre os Povos. Destino: três países - Israel, Egito e Jordânia --, todos do Médio Oriente onde está o berço das três grandes religiões monoteístas.

Judeus, muçulmanos, evangélicos e católicos saíram de Lisboa rumo a Israel, a bordo de um avião da companhia israelita «El-Al». O primeiro ponto alto desta grande peregrinação interconfessional foi o Monte Sinai (Egito), do cimo do qual Moisés viu a face de Deus e recebeu os Dez Mandamentos.

Da varanda de um hotel situado no grande vale do Sinai, os peregrinos oraram pela paz mundial, cada um em obediência aos seus ritos mas com uma única intenção -- a tolerância entre os povos. Muçulmanos egípcios residentes na área do Sinai juntaram-se, orando a Alá, seu Deus, ao comover-se com o conteúdo cetero do preceito que envolveu um dos pontos da Terra marcada pela história e simbologia das religiões que acreditam num Deus único.

Momento alto da ida ao Sinai foi a ascensão nocturna da sua serra e difícil montanha, a meta a que subiu Moisés. Dos 200 peregrinos, 80 atreveram-se ao tremendo esforço, com a nota de entre eles se contavam pessoas com 75 anos. Três horas a trepar. A última parte da montanha significa ter de galgar mais de 3.000 degraus em pedra. Chegaram ao cimo 50 peregrinos, entre os quais se destacaria uma portuguesa emocionada: «Consegui! E tenho um aperto maior...»

Do Egito passaram à Jordânia. De barco, pelo Mar Vermelho, com partida de Nevefém e chegada ao porto de Aqaba, cidade bíblica. As orações pela paz não esmoreceram a bordo. Já em terras jordanas, uma visita à Petra, antiga cidade dos Nabateus, toda esculpida nas rochas, que se visita a cavalo ou de camelo, tal a sua extensão. A portuguesa Ana Azavedo, de fé católica, estava no sétimo capital nabateu a cantar louvores a Deus. E a cantar esteve entre as três horas de romagem a um dos santuários da civilização palestiniana. No Monte Nebo, aquele elevado e ermo sítio onde Moisés, depois de 44 anos a conduzir as tribos de Israel do Egito para a Terra Prometida, viu a face de Deus e recebeu os Dez Mandamentos, os peregrinos participaram numa oração colectiva no planalto de onde se descortinam, nos longos, as silhuetas de vales e montes da Galilea e do Mar de Tiberíades...

Homenagem a Jerusalém

Em Israel, a primeira etapa consistiu na invenção deste enorme lago tão fluído por episódios bíblicos, em cuja margem Cristo iniciou os milagros e pescou os primeiros apóstolos, casa de Cafarnaum, onde vivia Pedro, também visitada.

No Monte Sopus, fronteiro às muralhas surpreendentes de Jerusalém -- a quando das três grandes religiões monoteístas --, «a peregrinação corria-se em recolhido silêncio, numa saudação especial aos 3.000 anos da Cidade Santa», prestes a comemorar-se, bem como os três milénios que já passaram sobre a vida e os feitos do Rei David, como assinava o organizador da viagem, Francisco Moura, da agência de viagens de Lisboa, «Professional Tours».

A agência de viagens israelita «Belmar» apoiou toda a peregrinação no terreno e nela esteve representada por um dos seus directores, Guertion Lino.

Para além de visitas aos pontos mais significativos de Jerusalém, momentos de muita intensidade religiosa foram vividos por todos os peregrinos nas orações colectivas pela paz e tolerância realizadas nas mesquitas árabes do

PORTUGUESES DE QUATRO RELIGIÕES ORARAM EM COMUM PELA PAZ



O grupo de 200 portugueses de quatro confissões religiosas, unidos pela intenção da paz entre os povos, junto de Igreja do Santo Sepulcro, em Jerusalém

El-Aksa e de Omar e, ao lado, já no campo sagrado dos Judeus, junto ao «Muro das Lamentações». Os cristãos evangélicos visitaram o Jardim do Túmulo, lugar de recordações inesquecíveis para a sua fé.

Instantes de profunda comoção os vividos por todos no Museu do Holocausto, erguido em Israel em memória das vítimas do nazismo, seis milhões de judeus, homens, mulheres e crianças. Deceitados sem remédio em nome do ódio e do racismo -- os inimigos da paz. O canto comovido de um rabino fez-se ouvir no mais íntimo e mesmo silêncio.

Também o português de origem e fé judaica, Isaac Assor, cantou ao longo da peregrinação conjunta belos salmos em louvor do seu Deus, Yavé, e da herança cultural hebraica.

«A viagem foi um êxito», salienta Francisco Moura, profissional de Turismo Religioso que averba no activo a organização de dezenas de peregrinações aos lugares santos e se orgulha de ter levado à Terra Santa mais de 50 mil peregrinos portugueses.

«Durante a peregrinação interconfessional, domos ao mundo um testemunho bem português de tolerância e convivência pacífica entre fiéis de grandes confissões religiosas que quiseram unirse para pedir, com a emoção e verdade, a paz entre os povos», acrescenta.

Os portugueses foram recebidos pelo flabião do Grande Sinagoga (Jerusalém), apareceram com destaque nos principais noticiários da televisão e em todos os jornais da Jordânia e para, despedida, foram obsequiados com um almoço de despedida oferecido pelos Ministérios do Turismo e dos Negócios Estrangeiros do Israel.

«O grupo plantou quatro árvores no Bosque de Jerusalém, uma por cada religião envolvida nesta viagem da paz», revela Francisco Moura.

Novela Granada

16.7.95 Cm 23

A mais antiga 'Tora' de volta a Israel

Destoberta na Síria

A "Tora", a "Ditila Judaica", esquecida página por página por imigrantes judeus da Síria, tem estado a ser levada de volta para Israel, segundo um jornal do país.

O "Aleppo Codex" ou "Ketor Aram Tsavot" em hebraico foi escrito em Tiberíades há mil anos. Esta é a primeira vez que se conhece que um "Antigo Testamento" foi produzido em forma de livro e não em rolos, disse um especialista da Universidade Bar-Ilan de Telavive.

O especialista disse que esta foi também considerada a mais acurática e gramaticalmente perfeita "Tora" encontrada.

Crê-se que o livro teria sido encontrado em Jerusalém pelo Cruzado, no século XII e vendido aos judeus na Almazandra, no Egito, onde o filósofo judeu Maimonides estudou o conteúdo alguns dos mais importantes trabalhos religiosos.

Consequentemente foi encontrado um caminho para fazer chegar à comunidade judaica de Aleppo no Norte da Síria. Dois guardas e livro muito cuidadoso, raramente permitindo aos estrangeiros ver aquela preciosidade.

Os judeus de Aleppo disseram às autoridades sírias que o livro foi perdido quando a sua sinagoga foi queimada nas manifestações antijudaicas depois das Nações Unidas votarem o estabelecimento do Estado de Israel, em 1947.

Cerca de dois terços do livro, 295 páginas, foi levada para Israel em circunstâncias ainda misteriosas, nos anos 60.

As páginas que faltam foram enviadas para a paz pelos imigrantes judeus da Síria, como disse o jornal.

Na primeira página do livro, um pregoeiro amarelado com líbia manuscritas e notas em pé de página.

Segundo o especialista da Universidade de Telavive, bem seria que este livro ficasse disponível à comunidade científica, e que seria um incentivo para a reconstituição da "Ditila Judaica".



Estratégia de Paz passa pelo turismo (14 de fevereiro, 1996)

18.2.95 Cm 13

'Peregrinação vai dar exemplo ao Mundo'

# PORTUGUESES DE VÁRIAS RELIGIÕES UNEM-SE PARA REZAR PELA PAZ

Centenas de portugueses de cinco comunidades religiosas, nomeadamente judeus, muçulmanos e cristãos (entre estes, ortodoxos, católicos e evangelistas), participam, de 21 a 23 de Junho próximo, na «Peregrinação Interconfessional pela Paz e Tolerância».

Éis uma iniciativa inédita em Portugal e no Mundo, a unir féis de diferentes confissões com assento no nosso país numa jornada de oração pela paz a terras do Médio Oriente, onde se encontram as raízes das grandes religiões monoteístas.

Para lançar a ideia, o seu autor, o padre jesuíta Agostinho França, director da revista de inspiração católica «Família Cristã», promoveu uma Conferência de Imprensa no «Alis Park Hotel», em Lisboa.

A seu lado, o padre ortodoxo Alexandre Bonito, Mahomed Abed, da Comunidade



De participantes na Conferência de Imprensa, a contar da esquerda: Francisco Moura, católico, Alexandre Bonito, padre ortodoxo, Agostinho França, padre católico, Mahomed Abed, da Comunidade Islâmica, e Isaac Assor, de fé judaica.

## 'Trilhar os caminhos de Abraão e Moisés'

O padre católico Agostinho França assinala o porquê «de nos tornarmos peregrinos às portas do terceiro milénio».

«Para iniciarmos os caminhos de Abraão, nosso pai na fé, a quem Deus prometeu uma descendência mais numerosa que as areias das praias do mar. Enraizados na fé no mesmo Deus, Judeus, Cristãos e Muçulmanos são a descendência de Abraão».

A propósito da peregrinação conjunta aos lugares santos de Israel, Egipto e Jordânia, «lugares de Abraão e de Moisés», assinala: «A Oração ao mesmo Deus em que acreditamos pode avivar em nós maiores sentimentos de ligação e de fraternidade».

Como sacerdote católico, recorda o ano em curso como o da Tolerância, vontade expressa por João Paulo II que também lançou «a ideia de preparar encontros históricos tanto em Belém, Jerusalém e no Sinai, lugares de grande valor simbólico, para manifestar o diálogo com os Hebreus e os Iáts do Islão, como encontros com representantes das grandes religiões do mundo neutras cidades».

«Algumas centenas de portugueses de confissões judaica, cristã e muçulmana vão peregrinar em comunidade para testemunhar ao mundo o jeito de ser português: na convivência pacífica, na tolerância e na amizade», disse o sacerdote.

Isaac Assor, do confissão judaica, salientou que «a ideia da peregrinação o alegria, pois pode ser partilhada por todas as grandes religiões».

«A religião judaica prima pelo amor ao próximo. No caso desta viagem, nunca será demais realçar a importância de Jerusalém para nós, simbolizada pelo Muro das Lamentações, o Segundo Templo, o Túmulo do Rei David e o Museu do Holocausto».

Francisco Moura, católico, enfatizou a tolerância dos portugueses para com todos os povos e religiões, «base da própria peregrinação portuguesa que pode ser exemplo para o mundo e revelar «haver já todo o apelo do mundo católico e das restantes Comunidades religiosas em Portugal».

A organização tem em mente realizar em Lisboa um festival gastronómico participado por todas as Comunidades envolvidas na peregrinação.

## Ano da Revelação para os Ortodoxos

O padre Alexandre Bonito, representante em Portugal do Metropolitano Jerónimo Esauca de Polónia Ecuménico de Constantinopla para França, Espanha e Portugal, refere que «entre as montanhas sagradas, a do Monte Sinai é a mais venerada por todos as religiões». «Sobre o seu cume, Deus revelou a Lei a Moisés».

«A cidade de Jerusalém foi na terra o palco em que se projectou a vida de Nosso Senhor Jesus Cristo em companhia do seu discípulo. A Igreja de Jerusalém é a mais antiga das Igrejas Cristãs».

«A nossa Santa Igreja Ortodoxa não é um simples espectador diante de tudo o que se passa no mundo contemporâneo e não se desvia das aflições que se deparam ao homem do fim do segundo milénio depois de Jesus Cristo. Com um zelo inafegável, ela propõe-lhe a esperança da vida, o optimismo do Evangelho, a percepção do poder do amor e a sensação da presença do Deus».

Para os ortodoxos, este ano é o da Revelação, assim proclamado por Bartolomeu, o Santo Patriarca de Constantinopla, «apelando a todos os que celebram o Deus revelado a concelbrar, cada um na medida das suas possibilidades, esta grande Festa e este aniversário sagrado para o conjunto da Igreja Cristã».

A ideia da peregrinação interconfessional, nascida em Portugal do modo simples ou sem interfeições de épulas religiosas, mereceu-lhe o comentário: «Os portugueses têm uma grande capacidade ecuménica, abrangente, que pode dar exemplo a outros encontros e caminhadas de fé. A fé é a razão da unidade entre os homens».

islâmica de Lisboa, e Isaac Assor, português de ascendência e fé judaica, além do Francisco Moura, autoridade em Turismo Religioso, que disse garantir «todo o apoio organizativo e logístico a esta grande Peregrinação pela Paz e Tolerância entre os Povos».

Os peregrinos partirão de Lisboa a bordo da companhia azulada pelos Masquinos Corbolicianos, «Família Cristã», «Edições São Paulo», «Agência Ecclésia» e a publicação «Al-Furqan», da Comunidade Islâmica de Lisboa.

A organização foi entregue à «Professional Tour», especializada em viagens de carácter religioso aos lugares do mundo onde remetem testemunhos de fé.

Três países para a Paz

Os peregrinos portugueses visitarão três países de fé e fascínio Palestin: Israel, Jordânia e Egipto, com paragens obrigatórias em lugares sagrados. Aí, rezarão em comum, cada um segundo o seu rito ou com total salvaguarda das suas identidades religiosas.

Tal espírito imanado e tolerante pode ser compreendido pelo itinerário: Monte Sinai e Mosteiro Ortodoxo de Santa Catarina (Egipto); travessia do Mar Vermelho até Agabá (Jordânia), com visitas à sua Mesquita; visita na Jordânia, visitas e orações em Petra, Madaba, Monte Nebo, Amã e Jerash.

Entrada em Kafarnaum (Israel), com paragens na antiga Sinagoga e na casa onde se creu ter nascido o apóstolo Pedro, sem esquecer a Igreja de Multiplicação dos Pães e dos Peixes e a Igreja de Tabga.

Viagem em barco pelo Mar da Galileia, cenário dos primeiros prodígios e pregação do Cristo; continuação para Nazareth, com visita à Igreja Ortodoxa, Mesquita e Basílica da Anunciação.

Já no Monte Scopus, fronteira às muralhas de Jerusalém, uma saudade especial à consorte cidade-santuário de grandes religiões que oram a um só Deus, conhecida desde os tempos bíblicos por «Cidade Santa».

Em Israel, a peregrinação interconfessional completa-se no Monte das Oliveiras, Igreja da Ascensão e do Púlpito Noster, descida a pé pelo Cemitério Judaico, ida à Igreja Ortodoxa do Túmulo da Virgem, Monte Silo, Corcovão, Túmulo do Rei David e Igreja da Damação. E ainda: maquete do Segundo Templo, Grande Sinagoga e Museu do Holocausto, que recorda os seis milhões de Judeus vítimas do Nazismo.

Os peregrinos plantarão uma árvore por intenção da Paz e Tolerância entre os Povos no bosque de Jerusalém.

A viagem prossegue em Jerusalém: passagem pelo Muro das Lamentações (sob o ponto de vista simbólico, a mais importante Sinagoga do povo judeu) e pelas Mesquitas Muçulmanas de Omar e Al Aqsa, pelo Santo Sepulcro e Jardim do Túmulo, este pertencente à Igreja Evangélica.

Terminou em Belém, na Igreja Ortodoxa de Justino e Igreja Católica de Santa Catarina. Está prevista uma Conferência Interconfessional em Jerusalém.

O Secretariado da Peregrinação está aberto a inscrições, através dos telefones: (01)7271461, 7271437, 7271545. Fax: (01)-7271066.

Texto: Novak Granado  
Foto: Pedro Catarino

## 'Vamos às vossas orações e vocês vão às nossas'

Para Mahomed Abed, da Comunidade Islâmica de Lisboa, «a religião muçulmana tem como base a liberdade do indivíduo em optar pela fé que quiser». «Nenhum homem é senhor de outro homem. Senhor é unicamente Deus. Servo é o homem apenas de Deus».

«Daí provém o nome da religião muçulmana, Islâmica, que significa obediência, sub-

missão à vontade do Deus. Os muçulmanos, islâmicos, são aqueles que se submetem às ordens e mandamentos do Deus, vindos através do Profeta Muhammad» (Mecme).

«A pedra angular no Islão é a fraternidade humana. De o Profeta: Não se completará a fé do muçulmano até que ele deseje para o seu semelhante o que deseja para si mesmo».

«Em Jerusalém surgiram os Profetas conclamando os homens para o Bem e para a Adoração de um só Deus. O Profeta Muhammad disse: Não se viaja em romarias sendo para três mesquitas: Al Haram (Makkah), Meca; Mesquita (Medina); e Al Aqsa (Jerusalém); Makkah é Meca».

«A primeira Qibla (direcção orientada durante as Orações) foi a mesquita de Al Aqsa; posteriormente, passou a ser Meca. O episódio 71, chamado de Viagem Noturna do Profeta Muhammad e sua ascensão aos céus está ligado a Jerusalém e à mesquita de Al Aqsa, onde foi celebrada uma oração conjunta com todos os profetas anteriores, entretanto ressuscitados, para expressarem a unidade e a identificação de todas as mensagens divinas».

«O Alcorão Sagrado, na surata 21, versículo 71, chama a Jerusalém Terra Abençoada por Deus e, na surata, 4, versículo 21, Terra Sagrada».

Quanto à peregrinação conjunta, Mahomed Abed salientou aos elementos das outras confissões presentes na Conferência de Imprensa: «Nós vamos às vossas orações e vocês às nossas».

Portugueses de várias religiões unem-se para rezar pela paz (18 de fevereiro, 1995)

Circa de 200 portugueses, oriundos de quatro comunidades religiosas, deram-se às mãos na primeira peregrinação conjunta já realizada no mundo. Objectivo: rezarem pela paz definitiva entre os Povos. Destino: três países - Israel, Egito e Jordânia --, todos do Médio Oriente onde está o berço das três grandes religiões monoteístas.

Judeus, muçulmanos, evangélicos e católicos saíram de Lisboa rumo a Israel, a bordo de um avião da companhia israelita «El-Al». O primeiro ponto alto desta grande peregrinação interconfessional foi o Monte Sinai (Egito), do cimo do qual Moisés viu a face de Deus e recebeu os Dez Mandamentos.

Da varanda de um hotel situado no grande vale do Sinai, os peregrinos oraram pela paz mundial, cada um em obediência aos seus ritos mas com uma única intenção -- a tolerância entre os povos. Muçulmanos egípcios residentes na área do Sinai juntaram-se, orando a Alá, seu Deus, ao comoverem cores de preces que envolveu um dos pontos da Terra marcado pela história e simbologia das religiões que acreditam num Deus único.

Momento alto da ida ao Sinai foi a ascensão nocturna da sua sã e difícil montanha, a metros a que subiu Moisés. Dos 200 peregrinos, 80 atreveram-se ao tremendo esforço, com a nota de entre eles se contavam pessoas com 75 anos. Três horas a trepar. A última parte da montanha significa ter de galgar mais de 3.000 degraus em pedra. Chegaram ao cimo 50 peregrinos, entre os quais se destacaria uma portuguesa emocionada: «Consegui! E tenho um aperto misto...»

Do Egito passaram à Jordânia. De barco, pelo Mar Vermelho, com partida de Nevefith e chegada ao porto de Aqaba, cidade bíblica. As orações pela paz não esmoreceram a bordo. Já em terras jordanas, uma visita à Petra, antiga cidade dos Nabateus, toda esculpida nas rochas, que se visita a cavalo ou de camelo, tal a sua extensão. A portuguesa Ana Azavedo, de fé católica, estava no velho capital nabateu a cantar louvores a Deus. E a cantar esteve entre as três horas de romagem a um dos santuários da civilização palestiniana.

No Monte Nebo, aquele elevado e ermo sítio onde Moisés, depois de 44 anos a conduzir as tribos de Israel do Egito para a Terra Prometida, viu a face de Deus e recebeu os Dez Mandamentos, os peregrinos participaram numa oração colectiva no planalto de onde se descortinam, nos longos, as silhuetas de vales e montes da Galileia e do Mar de Tiberíades...

**Homenagem a Jerusalém**

Em Israel, a primeira etapa consistiu na invenção deste enorme lago tão lido por episódios bíblicos, em cuja margem Cristo iniciou os milagres e pescou os primeiros apóstolos, casa de Cafarnaum, onde vivia Pedro, também visitada.

No Monte Sion, fronteiro às muralhas suptencientes de Jerusalém -- a quando das três grandes religiões monoteístas --, «a peregrinação concluiu-se em recolhido silêncio, numa saudação especial aos 3.000 anos da Cidade Santa», prestes a comemorar-se, bem como os três milénios que já passaram sobre a vida e os feitos do Rei David, como assinava o organizador da viagem, Francisco Moura, da agência de viagens de Lisboa, «Professional Tours».

A agência de viagens israelita «Belmar» apoiou toda a peregrinação no terreno e nela esteve representada por um dos seus directores, Guertion Lino.

Para além de visitas aos pontos mais significativos de Jerusalém, momentos de muita intensidade religiosa foram vividos por todos os peregrinos nas orações colectivas pela paz e tolerância realizadas nas mesquitas árabes do

# PORTUGUESES DE QUATRO RELIGIÕES ORARAM EM COMUM PELA PAZ



O grupo de 200 portugueses de quatro confissões religiosas, unidos pela intenção da paz entre os povos, junto de Igreja do Santo Sepulcro, em Jerusalém

El-Aksa e de Omar e, ao lado, já no campo sagrado dos Judeus, junto ao «Muro das Lamentações». Os cristãos evangélicos visitaram o Jardim do Túmulo, lugar de recordações inesquecíveis para a sua fé.

Instantes de profunda comoção os vividos por todos no Museu do Holocausto, erguido em Israel em memória das vítimas do nazismo, seis milhões de judeus, homens, mulheres e crianças. Decepidos sem remédio em nome do ódio e do racismo -- os inimigos da paz. O canto comovido de um rabino fez-se ouvir no mais íntimo e mesmo silêncio.

Também o português de origem e fé judaica, Isaac Assor, cantou ao longo da peregrinação conjunta belos salmos em louvor do seu Deus, Yavé, e da herança cultural hebraica.

«A viagem foi um êxito», salienta Francisco Moura, profissional de Turismo Religioso que averba no activo a organização de dezenas de peregrinações aos lugares santos e se orgulha de ter levado à Terra Santa mais de 50 mil peregrinos portugueses.

«Durante a peregrinação interconfessional, domos ao mundo um testemunho bem português de tolerância e convivência pacífica entre fiéis de grandes confissões religiosas que quiseram unirse para pedir, com a emoção e verdade, a paz entre os povos», acrescenta.

Os portugueses foram recebidos pelo flabião do Grande Sinagoga (Jerusalém), apareceram com destaque nos principais noticiários da televisão e em todos os jornais da Jordânia e para, despedida, foram obsequiados com um almoço de despedida oferecido pelos Ministérios do Turismo e dos Negócios Estrangeiros do Israel.

«O grupo plantou quatro árvores no Bosque de Jerusalém, uma por cada religião envolvida nesta viagem da paz», revela Francisco Moura.

Novela Granada

16.7.95 Cm 23

## A mais antiga 'Tora' de volta a Israel

**Destoberta na Síria**

A «Tora», a «Bíblia Judaica», começada página por página por imigrantes judeus da Síria, tem estado a ser levada de volta para Israel, segundo um jornal do país.

O «Aleppo Codex» ou «Ketor Aram Tsavot» em hebraico foi escrito em Tiberíades há mil anos. Esta é a primeira vez que se conhece que um «Antigo Testamento» foi produzido em forma de livro e não em rolos, disse um especialista da Universidade Bar-Ilan de Telavive.

O especialista disse que esta foi também considerada a mais acurática e gramaticalmente perfeita «Tora» encontrada.

Crê-se que o livro teria sido encontrado em Jerusalém pelo Cruzado, no século XII e vendido aos judeus na Almazandra, no Egito, onde o filósofo judeu Maimonides estudou o conteúdo alguns dos mais importantes trabalhos religiosos.

Consequentemente foi encontrado um caminho para fazer chegar à comunidade judaica de Aleppo no Norte da Síria. Dois guardas e livro muito cuidadoso, raramente permitindo aos estrangeiros ver aquela preciosidade.

Os judeus de Aleppo disseram às autoridades sírias que o livro foi perdido quando a sua sinagoga foi queimada nas manifestações antijudaicas depois das Nações Unidas votarem o estabelecimento do Estado de Israel, em 1947.

Cerca de dois terços do livro, 295 páginas, foi levada para Israel em circunstâncias ainda misteriosas, nos anos 60.

As páginas que faltam foram enviadas para a pátria pelos imigrantes judeus da Síria, como disse o jornal.

Na primeira página do rúbrico viria reproduzida a primeira página do livro, um pergaminho amarelado com três colunas manuscritas e notas em pé de página.

Segundo o especialista da Universidade de Telavive, bem seria que este livro ficasse disponível à comunidade científica, e que seria um incentivo para a reconstituição da «Bíblia Judaica».

**Francisco Nunes De Moura**

**“O Caminho de Abraão” Como Contributo Para a Paz entre Judeus, Cristãos e Muçulmanos”**

**APENDICE II**

**FOTOGRAFIAS DO IITINERÁRIO SEGUNDO OS PASSOS DE ABRAÃO**

Dissertação apresentada para obtenção do Grau de Mestre no Curso de Mestrado em Ciência das Religiões conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Orientado Prof Doutor José Manuel Brissos Lino

Coorientador: Prof. Dr. Paulo Mendes Pinto

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias  
Faculdade de Ciências Sociais Educação e Administração

Lisboa

2018

## **Índice**

1º Dia - Bagdade, Iraque .....	II
2º Dia - Babilónia (Al –Hillah), Iraque.....	II
3º Dia - Ur, Iraque .....	IV
4º Dia - Mari / Dura Europos, Síria .....	VI
5º Dia - Harran / San Urfa / Tell Gobekli / Allepo, Síria.....	VIII
6º Dia - Tellnessin / Aleppo, Síria .....	X
7º Dia - Alepo / Ebla / Ugarite (Ras Shamra), Síria.....	XI
8º Dia - Ugarit / Krack Chevalier / Maalula / Damas, Síria .....	XIII
9º Dia - Damasco, Síria .....	XVI
10º Dia - Damasco / Bosra / Jerash/ Amã .....	XVIII
11º Dia - Amam / Madaba / Mt Nebo / Betânia / Nablus (Siquém) / Betel / Ai / Jericó / Mar Morto / Kum Ram / Betel /Ai / Jerusalém .....	XX
12º dia - Jerusalém.....	XXIV
13º dia - Jerusalém .....	XXIX
14º dia Jerusalém /Belèm/ Manbre / Hebron / Bersheva / Mar Morto / Eilat.....	XXXIII
15º Dia - Eilat / Monte Sinai / Mosteiro Santa Catarina .....	XXXVII
16º Dia - Monte Sinai / Cairo / Cidadela Pirâmides de Gizé .....	XXXIX
17º Dia - Cairo .....	XL
18º Cairo / Memphis / Sacara / Dashur .....	XLVI



**1º Dia - Bagdade, Iraque**



Cidade de Bagdad – 2004

**2º Dia - Babilónia (Al –Hillah), Iraque**



Muralhas da Babilónia - 2004



**FRANCISCO NUNES DE MOURA “O CAMINHO DE ABRAÃO” COMO CONTRIBUTO PARA A PAZ ENTRE JUDEUS, CRISTÃOS E MUÇULMANOS”**



Porta de Ishtar - Babilónia - 2004



Detalhe Porta de Ishtar - Babilónia



Escultura de um leão, única relíquia do Imperio Babilónico - 2004

**3º Dia - Ur, Iraque**



Zigurate Ur (vista exterior) - 2004

**FRANCISCO NUNES DE MOURA "O CAMINHO DE ABRAÃO" COMO CONTRIBUTO PARA A PAZ ENTRE JUDEUS, CRISTÃOS E MUÇULMANOS"**



Ruínas atribuídas ao Clã de Abraão, Ur - 2004



Zigurate Ur (vista interior) – 2004



**4º Dia - Mari / Dura Europos, Síria**



Ruínas do antigo Palácio Real - Mari, Síria (2004)



Ruínas do antigo Palácio Real, Mari Síria- 2004



Mari II - 2004

**5º Dia - Harran / San Urfa / Tell Gobekli / Aleppo, Síria**



Casas Colmeia - Haran, Síria



Lago Sagrado , - San Urfa, Turquia



**FRANCISCO NUNES DE MOURA "O CAMINHO DE ABRAÃO" COMO CONTRIBUTO PARA A PAZ ENTRE JUDEUS, CRISTÃOS E MUÇULMANOS**



Gobekli Tape, Turquia



Cidadela - Aleppo, Síria

**6º Dia - Tellnessin / Aleppo, Síria**



Telnessin, Síria



**7º Dia - Alepo / Ebla / Ugarite (Ras Shamra), Síria**



Cidadela - Ebla, Síria



Palácio Real Ugarite (vista exterior), Síria



Palácio Real Ugarite (vista interior), Síria

8º Dia - Ugarit / Krack Chevalier / Maalula / Damas, Síria



Ras Shamra - Ugarit, Síria



Krack Chevalier I, Síria



**FRANCISCO NUNES DE MOURA "O CAMINHO DE ABRAÃO" COMO CONTRIBUTO PARA A PAZ ENTRE JUDEUS, CRISTÃOS E MUÇULMANOS**



Krack Chevalier II, Síria



Maalula, Síria

**FRANCISCO NUNES DE MOURA "O CAMINHO DE ABRAÃO" COMO CONTRIBUTO PARA A PAZ ENTRE JUDEUS, CRISTÃOS E MUÇULMANOS"**

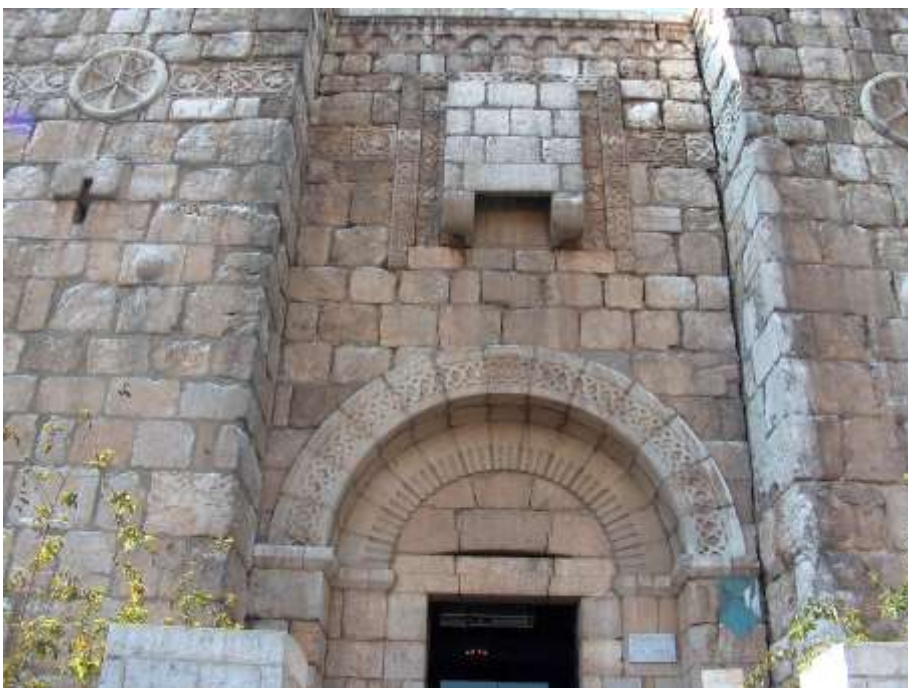


Mosteiro S. Sergio, Maalula, Síria

**9º Dia - Damasco, Síria**



Ruínas Romanas na Rua Direita - Damasco, Síria



Muralha anexa á Igreja S. Paulo - Damasco, Síria





Mesquita Omíada - Damasco, Síria

**10º Dia - Damasco / Bosra / Jerash/ Amã**



Museu Arqueológico - Damasco, Síria



Teatro romano de Bosra, Síria



**FRANCISCO NUNES DE MOURA "O CAMINHO DE ABRAÃO" COMO CONTRIBUTO PARA A PAZ ENTRE JUDEUS, CRISTÃOS E MUÇULMANOS"**



Jerash - Jordânia



Jerash - Jordânia

**FRANCISCO NUNES DE MOURA “O CAMINHO DE ABRAÃO” COMO CONTRIBUTO PARA A PAZ ENTRE JUDEUS, CRISTÃOS E MUÇULMANOS”**

**11º Dia - Amam / Madaba / Mt Nebo / Betânia / Nablus (Siquém) / Betel / Ai / Jericó / Mar Morto / Kum Ram / Betel / Ai / Jerusalém**



Teatro Romano - Amam, Jordânia



Mapa Bizantino na Igreja S. Jorge - Mabada, Jordânia

**FRANCISCO NUNES DE MOURA "O CAMINHO DE ABRAÃO" COMO CONTRIBUTO PARA A PAZ ENTRE JUDEUS, CRISTÃOS E MUÇULMANOS"**



Monte Nebdo, Jordânia



Betânia, Jordânia



Siquem entre os montes Garazim e Ebal, Israel



Jerico, Palestina





Mar Morto



Grutas de Kum Ram

**12º dia - Jerusalém**



Vista panorâmica de Jerusalém



Igreja Dominus Flevit, Jerusalém

**FRANCISCO NUNES DE MOURA “O CAMINHO DE ABRAÃO” COMO CONTRIBUTO PARA A PAZ ENTRE JUDEUS, CRISTÃOS E MUÇULMANOS**



Mesquita de Omar, Jerusalém



Igreja do Getsêmani, Jerusalém





Túmulos de Absalão e Zacarias, Jerusalém



Porta Dourada, Jerusalém



**FRANCISCO NUNES DE MOURA “O CAMINHO DE ABRAÃO” COMO CONTRIBUTO PARA A PAZ ENTRE JUDEUS, CRISTÃOS E MUÇULMANOS**



Túmulo da Virgem, Jerusalém



Jardim das Oliveiras ,Jerusalém

**FRANCISCO NUNES DE MOURA "O CAMINHO DE ABRAÃO" COMO CONTRIBUTO PARA A PAZ ENTRE JUDEUS, CRISTÃOS E MUÇULMANOS"**



Muro das Lamentações



Muro das Lamentações



**13º dia - Jerusalém**



Santo Sepulcro Jerusalém



Encontro ecuménico, Jerusalém

**FRANCISCO NUNES DE MOURA "O CAMINHO DE ABRAÃO" COMO CONTRIBUTO PARA A PAZ ENTRE JUDEUS, CRISTÃOS E MUÇULMANOS"**



Encontro ecuménico, Jerusalém



Via Sacra - Calçada romana, Jerusalém

**FRANCISCO NUNES DE MOURA "O CAMINHO DE ABRAÃO" COMO CONTRIBUTO PARA A PAZ ENTRE JUDEUS, CRISTÃOS E MUÇULMANOS**



Via Sacra - Calçada romana, Jerusalém



Igreja do Santo Sepulcro, Jerusalém



**FRANCISCO NUNES DE MOURA "O CAMINHO DE ABRAÃO" COMO CONTRIBUTO PARA A PAZ ENTRE JUDEUS, CRISTÃOS E MUÇULMANOS"**



Igreja do Santo Sepulcro, Jerusalém



Cenáculo, Jerusalém

14º dia Jerusalém /Belém/ Manbre / Hebron / Bersheva / Mar Morto / Eilat



Campos de Belém



Túmulo de Raquel, Belém

**FRANCISCO NUNES DE MOURA "O CAMINHO DE ABRAÃO" COMO CONTRIBUTO PARA A PAZ ENTRE JUDEUS, CRISTÃOS E MUÇULMANOS**



**Belém**



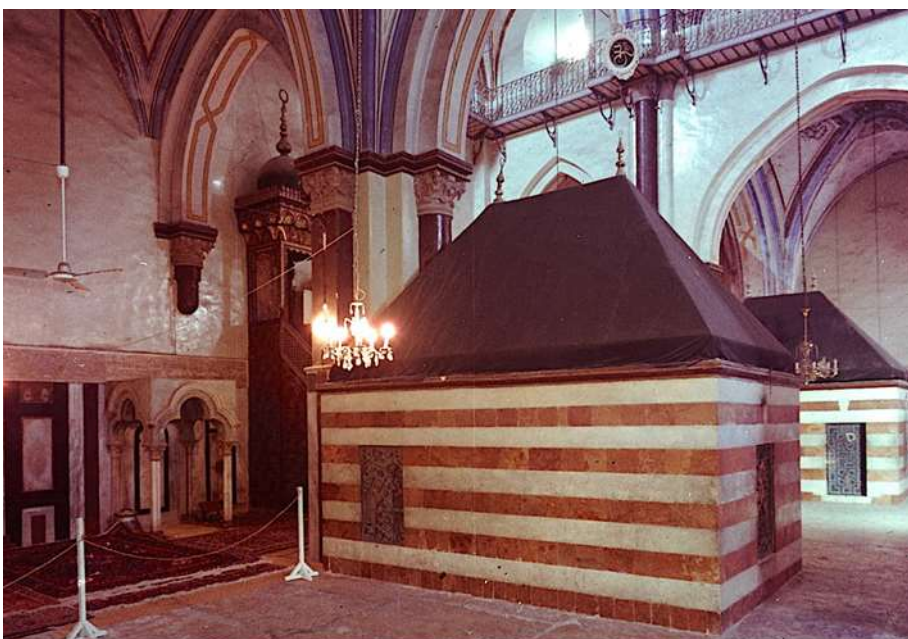
**Igreja Natividade, Belém**



**FRANCISCO NUNES DE MOURA “O CAMINHO DE ABRAÃO” COMO CONTRIBUTO PARA A PAZ ENTRE JUDEUS, CRISTÃOS E MUÇULMANOS**



Igreja Natividade, Belém



**Túmulo dos Patriarca- Hebron**



Mar Morto

**15º Dia - Eilat / Monte Sinai / Mosteiro Santa Catarina**



Mosteiro de Santa Catarina, Monte Sinai



Mosteiro de Santa Catarina, Monte Sinai





Mosteiro de Santa Catarina, Monte Sinai

**16º Dia - Monte Sinai / Cairo / Cidadela Pirâmides de Gizé**



Monte Sinai



Cidadela Pirâmides de Gizé

**17º Dia - Cairo**



Museu Copta, Cairo



Museu Copta, Cairo

**FRANCISCO NUNES DE MOURA "O CAMINHO DE ABRAÃO" COMO CONTRIBUTO PARA A PAZ ENTRE JUDEUS, CRISTÃOS E MUÇULMANOS"**



Museu Copta, Cairo



Museu Egípcio, Cairo





Múmia Ramsés II - Museu Egípcio, Cairo





**Túmulo de Tutankammon - Museu Egípcio, Cairo**



Museu Egípcio, Cairo



O Escriba - Museu Egípcio, Cairo

**FRANCISCO NUNES DE MOURA “O CAMINHO DE ABRAÃO” COMO CONTRIBUTO PARA A PAZ ENTRE JUDEUS, CRISTÃOS E MUÇULMANOS**



**Manuscrito - Museu Copta, Cairo**

**18º Cairo / Memphis / Sacara / Dashur**



Esfinge Mênfis



Sakara





Pirâmide de Djoser Sakkara



Templo Sakara



Templo Sakara



Gizé

**FRANCISCO NUNES DE MOURA “O CAMINHO DE ABRAÃO” COMO CONTRIBUTO PARA A PAZ ENTRE JUDEUS, CRISTÃOS E MUÇULMANOS**



Pirâmide de Quéfren, Gize



Templo da Esfinge, Gizé ( lateral )

**FRANCISCO NUNES DE MOURA "O CAMINHO DE ABRAÃO" COMO CONTRIBUTO PARA A PAZ ENTRE JUDEUS, CRISTÃOS E MUÇULMANOS"**



Esfinge e Pirâmide de Kefren



Esfinge, Gizé ( lateral )





Esfinge, Gizé ( costas )



Pirâmide de Quéops, Gizé



Museu da Barca Solar – Faraó Keops



Pirâmide Dahshur, Egito



Dahshur, Egito

**Francisco Nunes De Moura**

**“O Caminho de Abraão” Como Contributo Para a Paz entre Judeus, Cristãos e Muçulmanos”**

**APENDICE III**

**MAPAS**

Dissertação apresentada para obtenção do Grau de Mestre no Curso de Mestrado em Ciência das Religiões conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Orientado Prof Dr. José Manuel Brissos Lino

Coorientador: Prof. Dr. Paulo Mendes Pinto

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias  
Faculdade de Ciências Sociais Educação e Administração

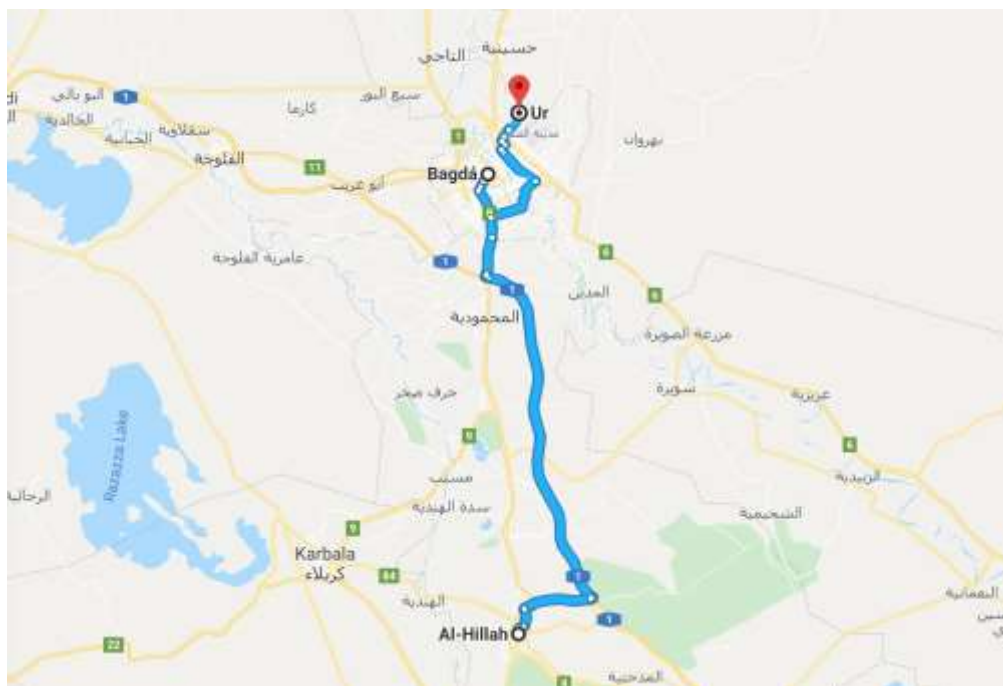
Lisboa

2018

## Índice

2º Dia - Bagdade / Babilónia (Al –Hillah) / Ur .....	II
3º Dia - Ur / Mari .....	II
4º Dia - Mari / Dura Europos / Haran.....	III
5º Dia - Harran /San Urfa / Tell Gobekli / Alepo .....	III
6º Dia - Alepo / Tellnessin/ Alepo .....	IV
7º Dia - Alepo / Ebla / Ugarite (Ras Shamra).....	IV
8º Dia - Ugarit / Krack Chevalier / Maalula / Damas.....	V
9º Dia - Damasco .....	V
10º Dia - Damasco / Bosra / Jerash/ Amã .....	VI
11º Dia - Amam / Madaba / Mt Nebo / Betânia/ Nablus (Siquém) / Betel / Ai /Jericó / Mar Morto / Kum Ram / Betel / Ai / Jerusalém .....	VII
12º dia - Jerusalém.....	VII
13º dia - Jerusalém.....	VIII
14º dia - Jerusalém / Belém / Mambré / Hebron / Bersheva / Mar Morto / Eilat.....	VIII
15º dia - Eilat / Monte Sinai / Mosteiro Santa Catarina.....	IX
16º dia - Monte Sinai / Cairo / Cidadela Pirâmides de Gizé.....	IX
17º dia - Cairo.....	X

**2º Dia - Bagdade / Babilónia (Al –Hillah) / Ur**



(340 km - 4h)

**3º Dia - Ur / Mari**



(744 km - 8h40)

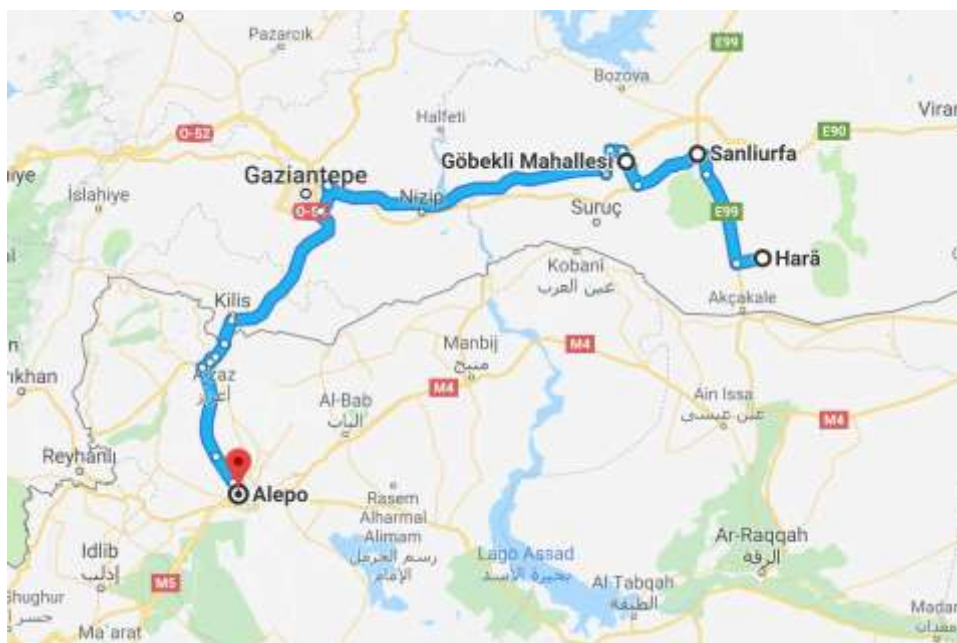


4º Dia - Mari / Dura Europos / Haran



(406 km - 6h)

5º Dia - Harran /San Urfa / Tell Gobekli / Alepo



(380 km - 5h)

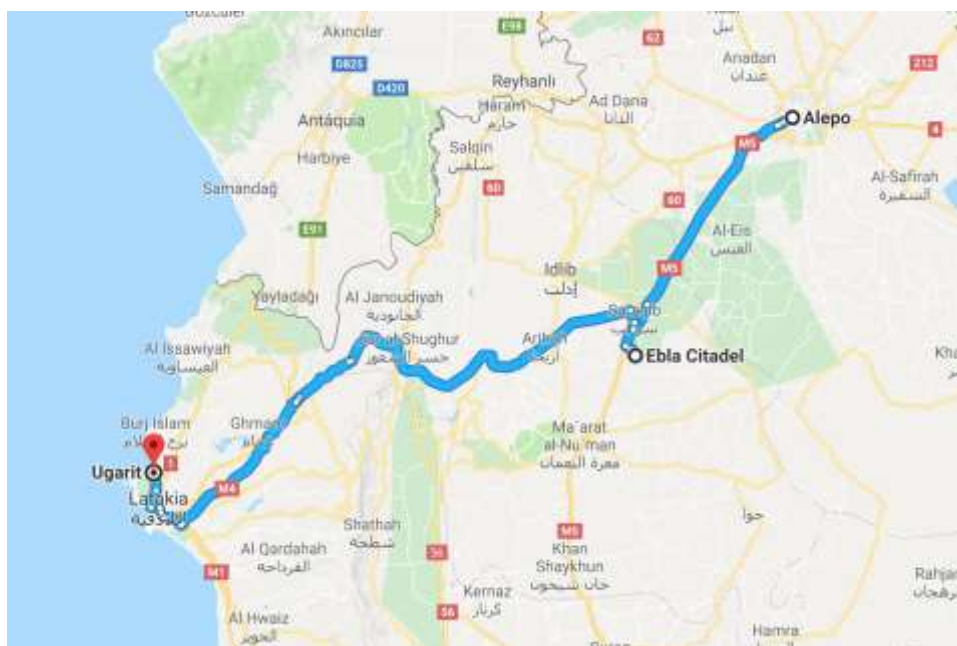
**FRANCISCO NUNES DE MOURA “O CAMINHO DE ABRAÃO” COMO CONTRIBUTO PARA A PAZ ENTRE JUDEUS, CRISTÃOS E MUÇULMANOS”**

**6º Dia - Aleppo / Tellnessin/ Aleppo**



(40km - 50m)

**7º Dia - Alepo / Ebla / Ugarite (Ras Shamra)**



(200 km - 3h)



8º Dia - Ugarit / Krak Chevalier / Maalula / Damas



(350 km - 4h)

9º Dia - Damasco

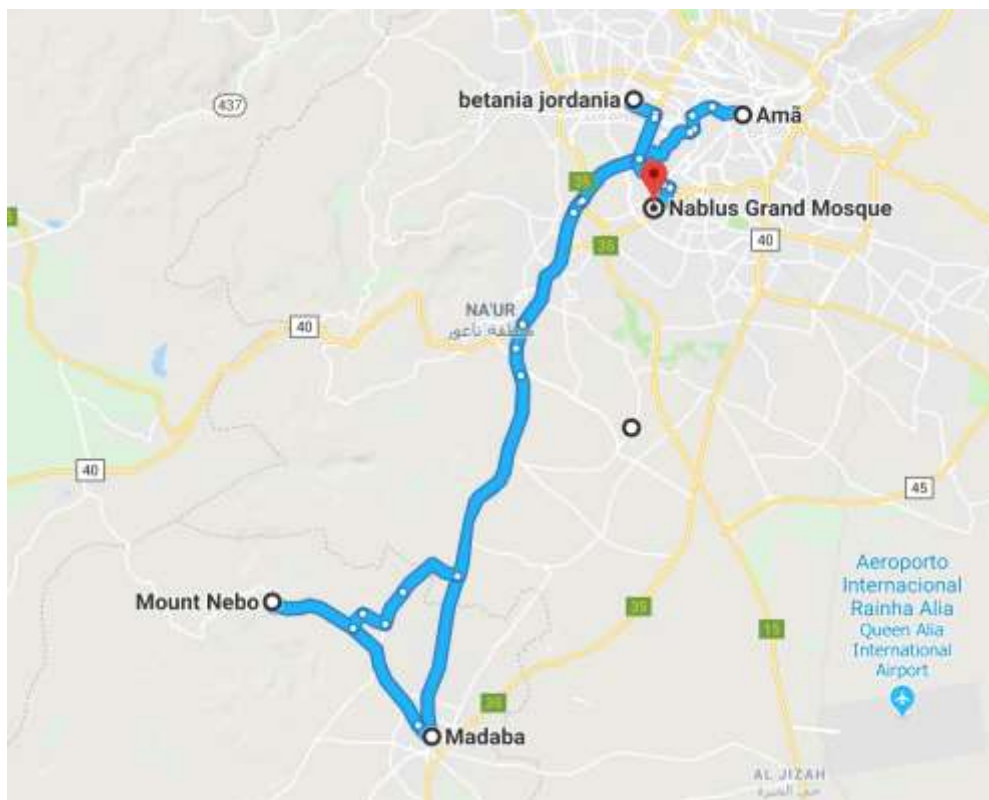


10º Dia - Damasco / Bosra / Jerash / Amã



(300 km - 5h)

**11º Dia - Amã / Madaba / Mt Nebo / Betânia/ Nablus (Siquém) / Betel / Ai / Jericó / Mar Morto / Kum Ram / Betel / Ai / Jerusalém**



(160 km - 2h)

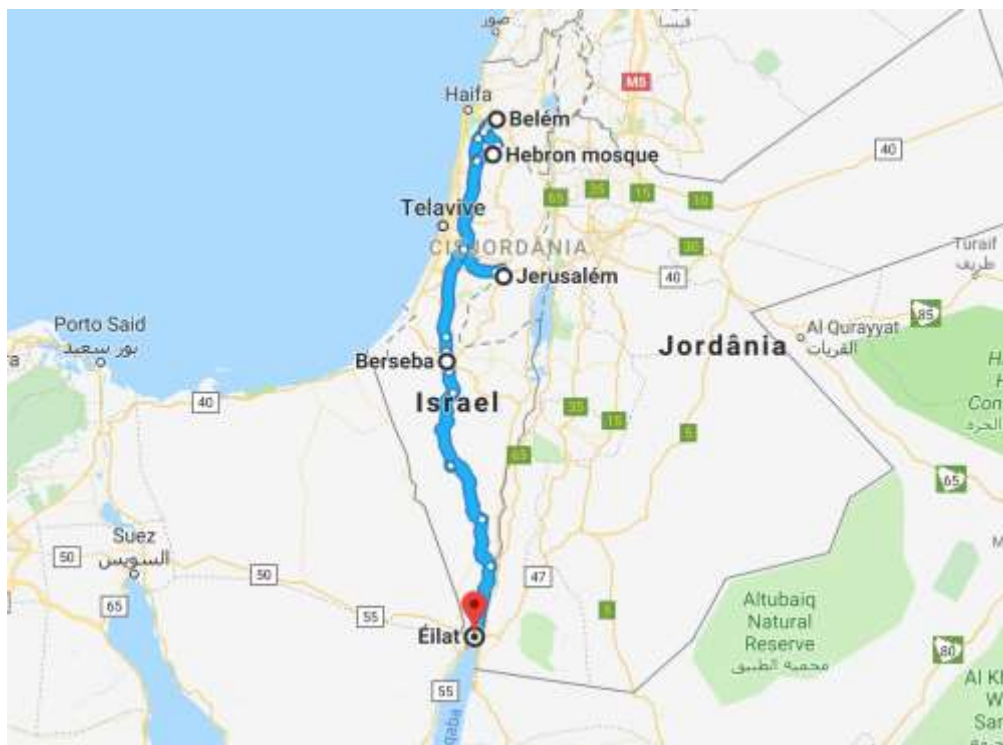
**12º dia - Jerusalém**



**13º dia - Jerusalém**



**14º dia - Jerusalém / Belém / Mambré / Hebron / Bersheva / Mar Morto / Eilat**



(350 km - 4,5h)



**15º dia - Eilat / Monte Sinai / Mosteiro Santa Catarina**



(195km - 3h)

**16º dia - Monte Sinai / Cairo / Cidadela Pirâmides de Gizé**



(405 km - 5h)

17º dia - Cairo

